UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE – PPGEDUC

Janaína Bastos Alves

TRADIÇÕES DE ORALIDADE CONSTITUTIVAS DE SABERES E VALORES ANCESTRAIS TRANSMITIDOS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ

Salvador
2018

Janaína Bastos Alves

TRADIÇÕES DE ORALIDADE CONSTITUTIVAS DE SABERES E VALORES ANCESTRAIS TRANSMITIDOS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, do Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito.

Salvador
2018

Universidade do Estado da Bahia

Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

Alves, Janaína Bastos.
Tradições de Oralidade constitutivas de Saberes e Valores Ancestrais transmitidos no Terreiro de Candomblé Ilê Asé Iji Atí Oyá : / Janaína Bastos Alves.-- Salvador, 2018.
178 : il.

Orientador: Gilmário Moreira Brito
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, 2018

1. Ancestralidade. Candomblé. Ensinamentos. Saberes. Tradições Orais. I. Brito, Gilmário Moreira II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I.

CDD: 371

TERMO DE APROVAÇÃO

TRADIÇÕES DE ORALIDADE CONSTITUTIVAS DE SABERES E VALORES ANCESTRAIS TRANSMITIDOS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ

JANAÍNA BASTOS ALVES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 16 de agosto de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil

Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Doutorado em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

Profa. Dra. Delcele Mascarenhas Queiroz
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Dedico este trabalho à minha avó Iraci Apolônia Bastos (in memorian), pessoa de axé, e ao meu avô Olavo Pereira Bastos (in memorian) que me ensinaram a caminhar pelas veredas do bem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao nosso Pai Deus/Olorum por ter me concedido esta conquista, por ter me fortalecido, encaminhado e inspirado. Sem a presença Dele eu não conseguiria. Bem como agradeço aos Orixás, ancestrais divinizados que certamente me conduziram a um entendimento da religião Candomblé, e permitiram adentrar em vosso mundo sagrado.

Minha infinita gratidão à minha Mãe Solange Bastos Alves, mulher GUERREIRA, devotada à família, minha preciosa, que me orienta, me conduz, me educa e me fortalece com seu amor tão puro. Ao Meu Pai Luiz Alberto Pena Alves pelo amor, incentivo e encorajamento. Agradeço a todos os membros da minha família Bastos, parentes, agregados, pessoas tão especiais que sonharam o meu sonho comigo e me deram total suporte para prosseguir na luta pela realização.

Minha gratidão especial a comunidade do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, Mãe Obá, Ekedi D'Oxum, às Iaôs, aos Ogãs, Abiãs, sujeitos desta pesquisa que me receberam de braços abertos me oferecendo o axé que lhes são próprios, ajudando a desenvolver cada página deste trabalho, especialmente às crianças por terem me ensinado que a construção e disseminação dos conhecimentos e saberes independem da idade cronológica e que aprendemos sempre uns com os outros. Agradeço a todo povo de Axé, as comunidades de Candomblé que vêm perpetuando a religião dos Orixás da melhor forma possível, tentando preservar suas tradições.

Agradeço à minha família religiosa do Centro Espírita Viana de Carvalho pelo apoio, pelas vibrações positivas, pelo respeito que tiveram a esta pesquisa e incentivo indispensável.

Grata à Secretária Acadêmica do PPGEduC que tem uma equipe excelente, com profissionais maravilhosos que dão suporte total à nós discentes. Minha eterna gratidão a todas as pessoas queridas que de alguma forma contribuíram para a concretização desse trabalho, seja com orações, sugestões, apoio e incentivo. Citar nomes torna-se uma tarefa difícil, visto que a lista é longa e corro o risco de faltar com alguém. Então me reservo a abranger esse agradecimento a cada amiga e amigo que fazem parte dessa realização.

Muito Obrigada!

“A tradição oral baseia-se em uma certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo. Para situá-la melhor no contexto global, antes de estudá-la em seus vários aspectos devemos, portanto, retomar ao próprio mistério da criação do homem e da instauração primordial da Palavra: o mistério tal como ela o revela e do qual emana.”

(BÂ, 2010, p. 169)

RESUMO

Esta pesquisa trata da transmissão e difusão de saberes e valores construídos no Candomblé Ilê Asé Iji Atí Oyá numa religião de matriz africana cujos ensinamentos ritualísticos e regras de convivência são organizados e disseminados com base nas tradições de oralidade preponderantes em sua constituição. A investigação constatou que oralidade é um elemento essencial no referido complexo religioso, visto que, foi desta forma que os preceitos, as liturgias e os fundamentos próprios da religião foram difundidos e mantidos desde a sua instituição no Brasil. Neste sentido, os representantes do Candomblé vêm respeitando tradicionalmente a instrumentalização oral para disseminar os saberes ancestrais, que também são concretizados no exemplo prático e na observação. Vale ressaltar que nos pautamos para efetivação desta pesquisa, na metodologia da História Oral com base em Joutard (2000), Khoury (2001) e Portelli (1997), (2000), fizemos uma pesquisa de campo com inspiração etnográfica baseados em Geertz (2014) e Severino (2007), bem como utilizamos os estudos de Aguiar (2007), Bastide (1989), Luz (2000), Machado (s/d), Prandi (2001), (2002), Póvoas (2007), Santos (2010), (s/d), Verger (1997) entre outros, para embasar nossa pesquisa no que se refere ao Candomblé. Com base no referencial teórico que tivemos conhecimento, o Candomblé teve sua construção em nosso país sob um sistema escravista de opressão, sendo também um elemento de resistência dos negros escravizados pelo direito de professarem sua fé e crenças. Foi através de uma escrava alforriada que a religião se constituiu em solo brasileiro, passando a ser uma reelaboração do culto africano. Os princípios do Candomblé são baseados nas nações que os dividem: Ketu de origem Iorubá, Angola pertencente aos povos bantos e a nação Jeje oriundos dos Fon. Nesta pesquisa, investigamos o universo Ketu porque trata da nação gênese e da orientação do campo pesquisado, o Ilê Asé Iji Atí Oyá. Entre os participantes do Candomblé os valores, saberes, conhecimentos, crenças e costumes religiosos gerados a partir das manifestações e dos contatos com Orixás são mantidos, são os verdadeiros pilares da religião, seus adeptos seguem seus ensinamentos e se encarregam de mantê-los e difundi-los com base na tradição. A educação e os ensinamentos no Terreiro se processam de forma singular, pautados nas recomendações determinadas pelas divindades, mediadas pelas Ialorixás, Ekedis e demais responsáveis com base na oralidade que é a linguagem principal constitutiva.

Palavras-Chave: Ancestralidade. Candomblé. Ensinamentos. Saberes. Tradições Orais

ABSTRACT

This research deals with the transmission and diffusion of knowledge and values constructed in the Candomblé Ilê Asé Iji Atí in a religion of African matrix whose ritualistic teachings and rules of coexistence are organized and disseminated based on the orality traditions preponderant in their constitution. The investigation found that orality is an essential element in this religious complex, since it was in this way that the precepts, liturgies and foundations of religion were disseminated and maintained since its establishment in Brazil. In this sense, the representatives of Candomblé have traditionally respected the oral instrumentalization to disseminate the ancestral knowledge, which are also concretized in the practical example and observation. It is worth mentioning that in the methodology of Oral History based on Joutard (2000), Khoury (2001) and Portelli (1997), (2000), we conducted an ethnographic-inspired field research based on Geertz (2014) and Severino (2007), as well as the studies by Aguiar (2007), Bastide (1989), Luz (2000), Machado (s/d), Prandi (2001), (2002), Póvoas (2010), (s / d), Verger (1997), among others, to support our research regarding Candomblé. Based on the theoretical framework that we have known, Candomblé was built in our country under a slave system of oppression and is also an element of resistance of blacks enslaved by the right to profess their faith and beliefs. It was through a freed slave that the religion became Brazilian soil, becoming a reworking of the African cult. The principles of Candomblé are based on the nations that divide them: Ketu of origin Yoruba, Angola belonging to the Bantu peoples and the Jêje nation from the Fon. In this research, we investigate the Ketu universe because it deals with the genesis nation and the orientation of the researched field, Ilê Asé Iji Atí Oyá. Among the Candomblé participants, the values, knowledge, beliefs and religious customs generated from the manifestations and contacts with Orixás are maintained, they are the true pillars of the religion, its followers follow its teachings and are in charge of maintaining them and spread them based on tradition. The education and teachings in Terreiro are carried out in a singular way, based on the recommendations determined by the deities, mediated by the ialorixás, ekedis and others responsible based on orality that is the main constitutive language.

Key-words: Ancestrality. Candomblé. Knowledge. Oraltradition. Teachings

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Quadro das produções do Estado de Conhecimento.....26
Quadro 2 Quadro das Categorias.....127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADQN – Associação Domingo Queiroz do Nascimento

FA – Frequência Aproximada

PPGEduC – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

UC – Unidade de Contexto

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UR – Unidade de Registro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 O CANDOMBLÉ E SUA TRADIÇÃO ORAL: UM ESTADO DO CONHECIMENTO 22

3 CANDOMBLÉ: ORIXÁS, RITUAIS E A PREDOMINÂNCIA DA TRADIÇÃO ORAL 47

3.1 RESISTÊNCIA E LUTA PELO DIREITO À FÉ RELIGIOSA EM NOVO CONTEXTO DE VIDA 48
3.2 O COTIDIANO DO CANDOMBLÉ: RESPONSABILIDADE E PERTENCIMENTO À FAMÍLIA DE ORIXÁ 57
3.3 ORIXÁS E PROCEDIMENTOS SAGRADOS: DESCENDÊNCIA E IDENTIDADE DOS ADEPTOS 64

4. EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO DE VALORES E DIFUSÃO DOS SABERES ANCESTRAIS NO CANDOMBLÉ 72

4.1 ENSINAMENTOS DOS ANCESTRAIS DIVINIZADOS: SABERES E VALORES COMPARTILHADOS ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO COM OS ORIXÁS 75
4.2 O PROCESSO EDUCATIVO DOS PRECEITOS RELIGIOSOS DO CANDOMBLÉ 83
4.3 A NATUREZA É VIVA E A PALAVRA TEM PODER 91
4.4 VALORES AFRICANOS PRESERVADOS PELO CANDOMBLÉ 98

5 ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ: A FÉ RELIGIOSA E O COMPROMISSO COM OS ENSINAMENTOS ANCESTRAIS 105

5.1 A FUNDAÇÃO DO TERREIRO E OS FUNDAMENTOS NA ORALIDADE 105
5.1.1 COMPROMISSO COM OS ENSINAMENTOS DOS ANCESTRAIS E AÇÕES SOCIAIS: PROPAGAÇÃO DO LEGADO SAGRADO NO TERREIRO ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ 112
5.2 O POVO DE SANTO: ADULTOS E CRIANÇAS NA TRANSMISSÃO DE SABERES NO TERREIRO ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ 117
5.3 RESPEITO, PERTENCIMENTO E APRENDIZAGEM TRANSMITIDOS PELA TRADIÇÃO ORAL NO TERREIRO ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ 123

CONSIDERAÇÕES FINAIS 141

REFERÊNCIAS 144

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A EKEDI 147

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MÃE OBÁ 151

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM IAÔ DE OXOSSI.....156

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ABIÃDE IEMANJÁ.....159

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE IEMANJÁ.....162

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE OXALÁ 164

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE NANÃ.....166

APÊNDICE H – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE XANGÔ 168

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO.....170

ANEXO 2 – ORAÇÃO FEITA NO TERREIRO 178

1 INTRODUÇÃO

As diversas instituições sociais têm importante participação no processo de construção e disseminação de conhecimentos entre os indivíduos, educando e formando valores humanos, favorecendo com isso a socialização e continuidade do legado da sociedade. Assim também é o Candomblé, instituição que como as demais, também se encarrega de ensinar e propagar os saberes e as instruções oriundos dos ancestrais divinizados, em uma dinâmica ritualística. Diversas são também as formas que facilitam o aprendizado dos sujeitos, dentre as quais está a oralidade, característica primaz das religiões de matriz africana, utilizada como ferramenta de transmissão e difusão das concepções, crenças, valores e preceitos da referida religião. Esta pesquisa surge então, com intenção de investigar como se processam os ensinamentos dentro do Terreiro de Candomblé, em que momento a aprendizagem acontece e qual é o principal método utilizado.

A presente pesquisa analisa as tradições orais constitutivas do Candomblé e sua predominância na transmissão, construção e difusão de saberes e conhecimentos da religião. Nossa investigação objetiva problematizar através de analise os procedimentos de educação e formação de valores que são construídos através da oralidade, bem como conferir o conjunto ritualístico, os preceitos, e a forma como os adeptos vivem a referida religião. Intentamos ainda, acompanhar o cotidiano do Terreiro escolhido como *lócus* da pesquisa, o Ilê Asé Iji Atí Oyá, situado no bairro Engenho Velho de Brotas em Salvador, conferindo a convivência entre os participantes do culto aos Orixás, para verificar como o aprendizado é efetivado através da oralidade e a partir das instruções religiosas o que concebem como valores humanos indispensáveis à sua formação.

A escolha do *lócus* da pesquisa se deve à aproximação ao Terreiro, anterior à entrada na faculdade quando trabalhava como assistente em uma confeitaria, ministrando oficinas de culinária nas diversas instituições comunitárias e empresas. Em momento oportuno houve a solicitação do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, que se ocupa também de trabalhos sociais, através da sua Associação Domingos Queiroz do Nascimento, que dá suporte à comunidade onde está localizado. Na ocasião pude conhecer o agrupamento religioso e me interessei pelo serviço social desenvolvido, pela forma como tratavam os adeptos da religião, bem como os não integrantes do culto, moradores do Engenho Velho de Brotas. Percebi durante as oficinas, a

preocupação e o compromisso dos fundadores do Terreiro em contribuir de alguma maneira para a formação educacional dos seus participantes, e dos residentes do bairro.

A partir da minha inserção no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no ano de 2010 percebi que a educação não se limita ao espaço formal de ensino e está em toda parte. Isso despertou meu interesse em investigar o processo educacional que ocorre dentro do Candomblé e sua colaboração para a formação de valores humanos em seus adeptos. Assim, foi construída uma pesquisa monográfica no ano de 2013 sobre esse tema e seu desdobramento está se dando no Mestrado PPGEduC – UNEB – LPq1, com foco nas tradições orais como forma de transmissão de conhecimentos. Embora estejamos investigando também a educação e formação de valores construídos na referida religião, nosso foco principal é a oralidade, instrumento peculiar de transmissão dos saberes ancestrais e dos preceitos religiosos. A tradição oral é uma das características marcantes do culto aos Orixás e sua utilização como ferramenta de instrução é interessante para a pesquisa, por tratar de formas e procedimentos de disseminação do saber.

Durante a construção e desenvolvimento da nossa pesquisa atentamos para a maneira pela qual investigaríamos a constituição oral do Candomblé, como dividiríamos as seções e quais procedimentos adotaríamos para efetuação do nosso projeto. Decidimos dividir a dissertação em cinco seções a partir da introdutória. Tivemos a intenção de discorrer sobre a instituição do Candomblé em nosso país e os seus procedimentos próprios com base nos teóricos utilizados e com as informações reveladas pelo *lócus* da pesquisa, o Ilê Asé Iji Atí Oyá. Portanto, todas as afirmações aqui apresentadas se baseiam nos estudiosos da religião, alguns praticantes como a Ialorixá Stella Santos, Pierre Verger, entre outros teóricos que vivenciaram e vivenciam o Candomblé e também nos sujeitos da pesquisa. Ressalvamos que alguns termos que utilizamos são comumente utilizados pelos adeptos da religião e pelo referencial teórico. Assim, temos “axé”, poder do Orixá (VERGER, 1997, P. 44), uma possível tradução de “asé” que significa força, energia, poder (SANTOS, 2010, P.89); “povo de Orixá” (MACHADO, S/D, P. 113) e “povo de santo” (PRANDI, 2001, P. 19) que são os seguidores da religião Candomblé; “ancestrais divinizados” é o mesmo que Orixá (VERGER, 1997, P. 18); “zelador ou zeladora” o mesmo que Babalorixá e Ialorixá, ou seja, Pai e Mãe de santo (VERGER, 1997, P. 44), entre outras denominações referentes ao complexo religioso.

A segunda seção, intitulada “O Candomblé e sua tradição oral: um estado do conhecimento”, no qual, como o próprio título sugere, fizemos um estado do conhecimento,

conferindo os trabalhos desenvolvidos a partir do ano 2000, sobre a temática da tradição oral do Candomblé. Na terceira seção desenvolvemos um estudo sobre a constituição do Candomblé no Brasil, precisamente na Bahia, para conferir a nação Ketu, que é também a do Terreiro pesquisado, o Ilê Asé Iji Atí Oyá. Com título "Candomblé: orixás, rituais e a predominância da tradição oral" nessa terceira seção fizemos uma investigação sobre a construção da religião de matriz africana no nosso país com a chegada forçosa dos africanos trazidos em regime de escravização. Nesse sentido, o Candomblé é entendido como resistência à opressão e como forma de propagação do legado religioso africano sendo reelaborado para a realidade brasileira no decorrer do tempo. Na quarta seção cujo título é "Educação, formação de valores e difusão dos saberes ancestrais no Candomblé" conferimos o processo de educação e formação de valores no cotidiano da religião, o modo como são efetivados os ensinamentos dos ancestrais, o que seus adeptos concebem como valor. Verificamos ainda, a importância da palavra e da natureza para o povo de santo. Na quinta seção "Ilê Asé Iji Atí Oyá: a fé religiosa e o compromisso com os ensinamentos ancestrais" nos encarregamos em discorrer sobre o *lócus* da nossa pesquisa com a análise de dados, apresentando o Terreiro e o convívio entre seus integrantes, conferindo as tradições orais na transmissão de conhecimentos no referido local.

Em se tratando da metodologia, refletimos e assim escolhemos o que viabilizaria a realização da nossa pesquisa de forma coerente e o que facilitaria nossa investigação, pois, para que um projeto seja construído e se efetive da melhor maneira possível, é indispensável que a escolha metodológica seja compatível com o próprio objeto a ser pesquisado. Para Quivy e Campenhoudt (1992, p. 13) "importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e pôr em prática um dispositivo para elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho." Essa afirmação nos sugere o cuidado ao adotar o método de investigação que oriente o desenvolvimento da pesquisa. Por isso optamos pela abordagem qualitativa, de História Oral. Trata-se de um estudo exploratório, com procedimento de observação de campo e que também segue uma inspiração etnográfica. O instrumento utilizado para coleta de dados é a entrevista semiestruturada que nos permite dialogar de forma mais abrangente com os sujeitos pesquisados.

A investigação científica requer estudo, seriedade e esforços por parte do pesquisador que empreende exercício minucioso para realização do trabalho. Como investigamos as tradições orais do Candomblé e sentimos a necessidade de conhecer sua realidade, bem como

de seu povo ser ouvido, escolhemos no conjunto metodológico a História Oral. Essa prática vem sendo utilizada por pesquisadores que se encarregam de investigar sujeitos, cotidiano, vozes e memórias que construíram um legado, e que facilita a investigação no que tange os relatos e narrativas orais. Sendo a oralidade uma ferramenta de propagação das trajetórias de vidas, saberes e conhecimentos de determinados povos, se faz necessário exercícios de escuta e atenção à fala dos indivíduos participantes da pesquisa. Isto é, as pessoas envolvidas como sujeitos da pesquisa são imprescindíveis e suas elocuções favorecem a investigação.

Diante da importância de ouvir as vozes que revelam acontecimentos sociais, a História Oral surge para possibilitar que as ocorrências sejam contadas pelos indivíduos que de alguma forma fazem parte de tais práticas. Então, é dispensada total atenção às narrativas de sujeitos que têm algo para contar, que trazem consigo casos da vida de seus antecessores, de sua comunidade ou que lhes são próprios. É dessa maneira que situações, tradições, momentos, circunstâncias, fatos e experiências são revelados. Muitas dessas falas, sequer havia tido a oportunidade de se fazerem ouvir e essa é também a função da História Oral. Assim concordamos com Joutard (2000):

> A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos, ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os “derrotados”. Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da sua história. (p. 33)

A assertiva de Joutard condiz com a condição delegada também aos adeptos do Candomblé que por muitos anos tiveram seus direitos subtraídos, tanto de expressar sua fé como de se fazerem ouvir. Esses religiosos construíram e propagaram seu legado sagrado através da tradição oral, mas suas falas pouco tiveram repercussão. Contudo, mesmo tendo pouca possibilidade de fala, continuaram compartilhando seus saberes se valendo da oralidade, perpetuando dessa forma, o aspecto tradicional que lhes é valioso, o oral. Assim, a premissa de Joutard (2000) converge com a realidade que investigamos na nossa pesquisa, na qual os sujeitos têm oportunidade de relatar suas vivencias e experiências, outrora negadas. Assim a História Oral nos é interessante, porque essa metodologia dá voz aos sujeitos, respeitando o que lhes é peculiar, a fala. Portelli (2000, p. 70) assinala que: “[...] devemos insistir no fato de que, para ter uma comunicação oral, é preciso que as pessoas falem umas com as outras.” Essa afirmação é confirmada por indivíduos e agrupamentos que valorizam o aparato oral.

Diante de tal premissa, refletimos sobre a pesquisa em História Oral, no que diz respeito sua elaboração e desenvolvimento. Para iniciar a investigação com os sujeitos pesquisados é importante principiar uma conversa, um diálogo que favoreça a confiança e segurança desses que podem sentir-se constrangidos durante a coleta de dados. É imprescindível nesse exercício que o individuo seja respeitado e valorizado, é uma questão de ética e compromisso, pois suas impressões são relevantes e sua participação faz a pesquisa acontecer. Sobre isto, concordamos com Portelli (1997, p. 17), que "o respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral.".

Esse entendimento em Portelli (1997) é fundamental, visto que estamos lidando com seres humanos e as narrativas podem remeter às lembranças que acionam o emocional, por isto, o cuidado com quem está sendo pesquisado é indispensável, nossa postura, enquanto pesquisadores, é de assegurar os sujeitos envolvidos. Como assinala Portelli (1997, p. 21) "isso significa que, quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo." Assim, é importante que o contato seja confiável para ambas as partes, especialmente para quem está sendo pesquisado.

A prática da História Oral resgata a importância das comunidades tradicionalmente orais. Com o advento da escrita, as sociedades passaram a construir suas histórias através de registros grafados, e pouco foi dado relevância aos relatos oralmente revelados. Todavia, há de se entender que os indivíduos que difundem conhecimentos e histórias através da fala têm singular valor para o tecido social, afinal são seres sociais. Dessa forma, a escuta de suas vivências dão margem a uma dinâmica que não se limita às letras, mas valoriza o que os sujeitos têm pra falar. Essa reflexão carece de maior desenvolvimento e notoriedade nas investigações científicas. Quanto a isto, Khoury (2001, p. 92) ressalta:

> Pensando essa oralidade historicamente constituída e situada, observamos que, numa sociedade na qual a cultura letrada exerce um papel hegemônico, articulada ao domínio da escrita, ainda temos refletido pouco sobre o papel da oralidade na constituição dos processos e dos sujeitos sociais.

Khoury salienta a necessidade de entender o valor da oralidade nos relatos sociais e na construção da história, como também o papel dos pesquisadores da História Oral nesse contexto social. Dar voz a povos que por muito tempo ficaram excluídos, como nos asseverou Joutard, é valorizar seus conhecimentos, as suas construções, experiências e vivências. Isto porque esses indivíduos têm de fato importante contribuição a ser prestada à investigação

científica. Um fator importante que envolve a oralidade e precisa ser esclarecido é acerca da veracidade dos fatos relatados. Quando pesquisamos indivíduos e comunidades de tradições orais, não temos a garantia se o que está sendo dito é fato, é fantasioso, se é uma invenção do imaginário ou uma lembrança guardada na memória. Contudo, o decorrer da pesquisa orienta as impressões e percepções dos pesquisadores diante dos relatos coletados. É o convívio com o objeto e sujeitos da investigação que indicará sua procedência sem com isso gerar conclusões precipitadas a respeito de sua fidedignidade.

> Fontes orais são aceitáveis, mas uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso não há "falsas" fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filosófico e verificação fatual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas "erradas" são ainda psicologicamente 'corretas", e que esta verdade pode ser igualmente importante quanto registros factuais confiáveis. (PORTELLI, 1997, p. 32)

Com base na assertiva de Portelli, vemos que os relatos orais são relevantes e a credibilidade que lhe é dada dispensa desconfiança nos fatos. Os participantes da pesquisa são indagados a dizerem suas "verdades" e assim o fazem. Por isso o autor ressalva que não há falsas fontes orais, e que afirmativas "erradas" são diante disto, aceitas como confiáveis. O cuidado que o pesquisador da História Oral deve ter envolve também essa concepção de confiabilidade nas narrativas recebidas. É importante destacar que os conhecimentos e construções narrados pelos indivíduos, os relatos de suas vidas são objetos valiosos, visto que, com essas informações pesquisas são desenvolvidas e se tornam públicos os testemunhos narrados, convertendo-os em elementos para a ciência. Com a oralidade os indivíduos assumem seus lugares na sociedade e se fazem ser notados, mostrando que têm relevantes impressões a serem conhecidas. Assim é construída a história dos povos de tradição oral, e é dessa forma que essa metodologia contribui com as pesquisas científicas.

Outro procedimento adotado nesta pesquisa é a observação com inspiração etnográfica que nos possibilita um convívio mais próximo com os sujeitos pesquisados e permite que entendamos melhor estes, que conheçamos suas experiências e vivencias. Ressalvamos que nossa investigação científica não pode ser considerada uma etnografia, visto que não nos ocupamos efetivamente de tal procedimento, afinal o convivo com o objeto e os sujeitos da pesquisa não foi aprofundado, devido o avançar do tempo. Todavia, nos ocupamos de procedimentos próprios da etnografia de explorar (na medida do possível), coletar e analisar dados. Com a abordagem etnográfica temos conhecimento mais detalhado dos sujeitos no

processo do cotidiano. Essa abordagem nos favorece por nos colocar em contato com as situações e ocorrências do *lócus* pesquisado e por isso se fez indispensável, tal inspiração, no nosso trabalho. Severino certifica que:

> A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhando com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com abordagem qualitativa. Utiliza-se do método etnográfico, *descritivo* por excelência. (SEVERINO, 2007, p. 190)

Diante da afirmativa acima, entendemos a importante contribuição da etnografia na investigação científica, por isso nos inspiramos nessa abordagem, porque seu caráter explicativo e descritivo nos ajuda a compreender melhor os sujeitos que pesquisamos e nosso objeto de estudo. Creswell (2010, p. 37) contribui com nosso entendimento sobre estudo etnográfico e destaca que "etnografia é uma estratégia de investigação em que o pesquisador estuda um grupo cultural intacto em um cenário natural, durante um período de tempo prolongado, coletando principalmente dados observacionais e de entrevista." Adotar tal procedimento, contudo, requer atenção e cuidado para não resultar em equívocos, por exemplo, o manter distancia ou ter aproximação ao que está sendo pesquisado não é necessariamente o que vai contribuir com a investigação. Ao pesquisar uma comunidade, de Candomblé, nos aproximamos de suas experiências, de suas realidades, mas não necessariamente implica ser um deles ou nos tornar um deles para lhes compreender, bem como, a distância poderia resultar no entendimento vago, como nos adverte Geertz:

> Limitar-se a conceitos de experiência-próxima deixaria o etnógrafo afogado em miudezas e preso em um emaranhado vernacular. Limitar-se aos de experiência-distante, por outro lado, o deixaria perdido em abstrações e sufocado com jargões. A verdadeira questão – a que Malinowiski levantou ao demonstrar que, no caso de "nativos", não é necessário ser um deles para conhecer um – relaciona-se com os papéis que os dois tipos de conceitos desempenham na análise antropológica. Ou, mais exatamente, como devem estes ser empregados, em cada caso, para produzir uma interpretação do *modus vivendi* de um povo que não fique limitada pelos horizontes mentais daquele povo – uma etnografia sobre bruxaria escrita por uma bruxa – nem que fique sistematicamente surda às tonalidades de sua existência – uma etnografia sobre bruxaria escrita por um geômetra. (GEERTZ, 2014, p. 62)

Com a contribuição do autor acima vemos o quanto é indispensável que o pesquisador ao se valer da etnografia tenha consciência do seu papel como investigador, que não deve confundir sua ligação com o campo pesquisado, seja de distanciamento ou de aproximação. Se de um lado, ao ter proximidade com o objeto de estudo pode se afogar em miudezas como afirma Geertz (2014), por outro, ao se distanciar pode se perder em uma compreensão

inconsistente. A pesquisa etnográfica está para facilitar o entendimento do que está sendo pesquisado, colocando o pesquisador em cotidianidade com o sujeito pesquisado.

Outra característica que Geertz (2014) nos chama a atenção é para o caráter observador do pesquisador na etnografia. Perceber os sujeitos da pesquisa não é tarefa fácil, mas é possível, basta que tente compreender os envolvidos e as mensagens que estão passando, também os seus comportamentos. Observar é papel primordial no estudo etnográfico e se o investigador adota tal procedimento é por entender sua colaboração na pesquisa e se assim concebe é importante que siga sua natureza.

> A meu ver, o etnógrafo não percebe – principalmente não é capaz de perceber – aquilo que seus informantes percebem. O que ele percebe, e mesmo com bastante insegurança, é o "com que", ou "por meios de que" ou "através de que" (ou seja lá qual for a expressão) o que os outros percebem. Em país de cegos, que, por sinal, são mais observadores que parecem, quem tem um olho não é rei, é um espectador. (GEERTZ, 2014, p. 63)

Diante da concepção de Geertz, podemos inferir que a etnografia não dispensa o exercício da observação e que o investigador que observa tem maior capacidade de percepção e compreensão do que está sendo investigado. Embora não consiga ter o entendimento de quem vive o fato pesquisado – seus sujeitos – pode ter apreensão do que está sendo mostrado, dito e revelado. Por ter significativa importância na investigação que envolve comunidades, agrupamentos e comportamentos distintos, adotamos também a observação com inspiração etnográfica, pois entendemos que sua característica tem relevante influência para a realização do nosso estudo.

Na construção de nossa pesquisa atentamos também para o arcabouço teórico que pudesse alicerçar nosso entendimento e fundamentar nossas informações. Por isso, escolhemos estudiosos que se debruçaram em pesquisar o Candomblé, bem como os que tratam das tradições orais, da educação, da formação de valores, do cotidiano e também de metodologia e investigação científica. Para falar sobre a religião de matriz africana, oralidade, educação e formação de valores no Candomblé encontramos base em AGUIAR (2007), BÂ (2010), BASTIDE (1989), BONVINI (2001), CAPUTO (2012), CONRADO (s/d), GAUDENZI (2008), LUZ (2000), MACHADO (s/d), PRANDI (2001) (2002), PÓVOAS (2007), ROSÁRIO (1989), SANTOS (2010) (s/d), SERRANO e WALDMAN (2007), SETUB (2009), SILVA (2003), SILVEIRA (2004), SIQUEIRA (s/d), SOUZA (2005), VERGER (1997). Ao tratar da divisão da religião em nações contamos com CASTRO (1981), LIMA (1974), PARÉS (2007). No que se refere à educação em contexto geral, nos

embasamos em BRANDÃO (1992). Referente ao cotidiano e aos valores humanos nos pautamos nos conceitos de HELLER (1989) e ainda sobre valores e crença temos CERTEAU (2014). Para fundamentar nosso trabalho metodologicamente temos BARDIN (1977), CAMPOS (2007), CRESWELL (2010), GEERTZ (2014), JOUTARD (2000), KHOURY (2001), PORTELLI (1997), QUIVY E CAMPENHOUDT (1992),SEVERINO (2007).

Nossa pesquisa se baseia nos teóricos e nos sujeitos da pesquisa, como já mencionamos, sem com isso inferir generalizações, mas apenas na tentativa de discorrer o máximo possível sobre o tema, de forma abrangente e com sustentação nos indivíduos que vivenciam e/ou se dedicaram a estudar a temática por nós investigada. Não é nossa intenção tomar as afirmações aqui como verdades absolutas e incontestáveis, nem generalizar o que tivemos acesso sobre o Candomblé e as tradições orais como únicos e totalizantes. Ao contrário, sabemos que as práticas ocorridas em um Terreiro podem diferir de outros, e que embora elas tenham padrões parecidos podem não ser os mesmos. Todavia, quando tratamos de algumas características como próprias do Candomblé, é por que sua procedência é comumente vista e vivenciada entre os adeptos da religião e até mesmo pelos teóricos como constitutivas do complexo religioso. Nosso trabalho traz suas peculiaridades respeitando as afirmações dos seus adeptos e as asseverações do referencial teórico, tentando dialogar com nossas impressões durante a observação de campo.

2 O CANDOMBLÉ E SUA TRADIÇÃO ORAL: UM ESTADO DO CONHECIMENTO

A temática envolvendo as religiões de matriz africana vem ganhando sistematicamente espaço nos meios acadêmicos. É possível conferir sua evidencia nas produções de pesquisas, na proposição de temas e investigações que versam sobre a importância de um estudo rigoroso de tais manifestações, seja no seu cunho eminentemente cultural ou mesmo na sua faceta religiosa. O Candomblé, por exemplo, tem sido foco de pesquisadores que buscam informações na tentativa de contribuir com o melhor conhecimento da referida instituição religiosa. Herança do povo africano, que para a Ialorixá Stella Santos (s/d) tudo leva a crer que aqui no Brasil essa religião foi criada aos moldes da família africana ideal, o Candomblé pode ser conferido em algumas pesquisas acadêmicas/cientificas.

Na tentativa de contextualizar a nossa investigação, fizemos um mapeamento nos anais e periódicos científicos, das produções que envolvem a temática do Candomblé. Contudo, nosso recorte é sobre a tradição oral, bem como a transmissão de saberes e compartilhamento dos conhecimentos entre adeptos da referida religião, e ainda como se processa a educação e formação de valores nos Terreiros. Por esse motivo, focamos esses aspectos mencionados para o levantamento das pesquisas já publicadas.

Esta seção se encarrega, enquanto delimitação de método de análise, de mostrar o que já foi estudado e revelado a respeito do tema, e assim expor um referencial bibliográfico que contribua com pesquisas vindouras. O objetivo do método denominado estado da arte ou estado do conhecimento é realizar através de revisão bibliográfica uma busca do que tenha sido exposto sobre um determinado tema de área específica. A partir da revisão da literatura temos acesso a trabalhos que se aproximam do nosso tema específico, conhecendo assim os resultados obtidos, com a possibilidade de dialogo entre as produções. Sobre o método, Creswell (2010) nos afirma que:

> A revisão da literatura cumpre vários propósitos. Compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àquele que está sendo realizado. Relaciona um estudo ao dialogo maior e contínuo na literatura, preenchendo lacunas e ampliando estudos anteriores. Proporciona uma estrutura para estabelecer a importância do estudo e também uma referencia para comparar resultados com outros resultados. Todas ou algumas dessas razões podem ser as bases para a revisão da literatura acadêmica em um estudo. (CRESWELL, 2010, p. 51)

A relevância de construir um estado do conhecimento e/ou estado da arte se dá porque esse método permite a busca por produções que tenham características parecidas com as que

estamos estudando. Quanto mais obtemos conhecimento do tema que estamos pesquisando e conferimos o que tem sido trabalhado da temática, podemos refletir acerca de outras perspectivas que não são necessariamente a que estudamos, mas que ampliam nossos estudos. Isso nos permite uma extensão do assunto pesquisado em outros vieses e acrescenta maiores informações que serão valiosas ao nosso entendimento e formação intelectual. Saber o que tem sido publicado sobre o Candomblé, especialmente no que tange a tradição oral se faz relevante para a abrangência do conhecimento do referido tema. Por isso, recorrer ao referencial bibliográfico favorece nossa pesquisa. Quando nos propomos fazer um trabalho de caráter acadêmico/cientifico, é imprescindível que nos cerquemos de informações robustas que adensem nossa produção.

Uma investigação que tenha no seu escopo produção que contemple estado do conhecimento contribui com a possibilidade de conhecer as teorias que têm embasado as pesquisas anteriores. Tais contribuições são mais perceptíveis quanto: a metodologia empregada por outras pesquisas, os procedimentos efetivados, quais discussões estão sendo feitas, bem como aponta o que ainda falta ser refletido. Portanto, a busca por trabalhos já feitos norteia-nos a verificar o que está posto e o que carece de atenção.

Outro ponto a ser destacado para a construção do estado do conhecimento é a releitura crítica bibliográfica selecionada dentro do universo investigado. É imprescindível que tenhamos um acervo com livros, artigos, produções acadêmicas, escolhidos criteriosamente de acordo com o objeto de estudo. Isso facilita acesso ao que foi feito dentro do tema que pretendemos estudar. Ter uma espécie de banco de dados bibliográfico ajuda na escolha pelos trabalhos que discutem o mesmo tema pelo qual nos propomos pesquisar. Moura (2004) nos informa que:

> A produção de um trabalho científico, como se sabe, tem como ponto focal o estabelecimento dos objetivos de pesquisa. São os objetivos que determinam o posicionamento inicial do pesquisador. Estabelecidos os objetivos é forçoso reconhecer o aspecto cumulativo do conhecimento científico, ou seja, é necessário tomar como base os avanços já realizados e, por que não, as limitações dos estudos anteriormente dedicados ao tema. Por esta razão é quase impossível pensar uma monografia, uma dissertação, uma tese ou outro trabalho acadêmico ou científico sem a necessária revisão de literatura. (MOREIRA, 2004, p. 22)

Entender o objetivo do estado do conhecimento e seguir o passo a passo para a sua elaboração ajuda o trabalho do pesquisador. Não se trata apenas de mapear trabalhos temáticos de uma determinada área de estudo, mas de uma minuciosa busca por informações pertinentes e relevantes ao tema. É ainda o esforço por sistematizar e organizar os conteúdos

encontrados para que assim possa construir uma pesquisa de qualidade. Tal procedimento resulta numa tentativa de também poder servir como posterior colaboração do conhecimento científico.

O estado de conhecimento/estado da arte é também chamado de revisão bibliográfica, já que recorre-se ao acervo bibliográfico para substanciar o trabalho. Seja qual for à denominação adotada, é relevante que compreendamos sua utilização para o pesquisador que comprometido com o conhecimento científico prima por estudar um referencial teórico que tenha proximidade com seu tema estudado. Assim, o estudioso ganha em informações, conhecimentos e consequentemente em qualidade. Uma produção acadêmica/cientifica requer sustentação teórica no sentido de qualificar o estudo e o desenvolvimento do que está sendo proposto. Continuando com Moreira (2004) temos a seguinte informação sobre revisão:

> Serve para posicionar o leitor do trabalho e o próprio pesquisador acerca dos avanços, retrocessos ou áreas envoltas em penumbra. Fornece informações para contextualizar a extensão e significância do problema que se maneja. Aponta e discute possíveis soluções para problemas similares e oferece alternativas de metodologias que têm sido utilizadas para a solução do problema. (MOREIRA, 2004, p. 23)

Como já mencionado, a temática do Candomblé tem tido um reconhecido espaço nos campos acadêmico-científicos. É possível conferir produções sobre tal temática em periódicos como Afro-A'sia (ISSN 1981-1411), Revista da Faeeba, tanto no formato impresso como eletrônico (ISSN 0104-7043 / ISSN 2358-0194), Revista Brasileira de História das Religiões (ISSN 1883-2850 on-line), entre outros veículos. Os artigos e reflexões desenvolvidas por pesquisadores que se interessam pela temática da religião de matriz africana prestam relevante contribuição para esta pesquisa. Encontramos um acervo bibliográfico sobre o tema com enfoques diversos: o transe e a possessão; a festividade; a comida dos orixás, mas o que interessa nesta pesquisa é conhecer as publicações que se referem às tradições orais no Candomblé. Tal religião tem suas peculiaridades e este ponto a ser tratado aqui, torna-se instigante por não ser o convencional método de transmissão do conhecimento através da escrita. Não é proposta deste trabalho confrontar oralidade e escrita, mas, observar/verificar a tradição oral tão própria na religião.

Como afirmado anteriormente, no sentido de dotar o trabalho de um contexto bem detalhado, fizemos um levantamento objetivo em periódicos, em anais com trabalhos publicados sobre a temática que envolve o Candomblé e as tradições orais. No processo de busca deparamo-nos com um considerável número de produções com esse tema. Tivemos

acesso a diversos trabalhos sobre a religião de matriz africana, pois são muitas as abordagens com diferentes recortes. Contudo, poucos tratam especificamente do objeto deste estudo que é a tradição oral como constituinte do Candomblé. Poucos também abordam ancestralidade, aprendizagens, educação, transmissão de conhecimentos, saberes e valores no cotidiano da referida religião, elementos que interessam à nossa pesquisa. Por esta razão foram escolhidas sete produções que se aproximam mais da temática. Com perspectivas próprias, as publicações trazem cada uma, sua colaboração para o estudo sobre a religião dos Orixás.

Os artigos que analisamos nesta pesquisa datam a partir dos anos 2000, e as localidades variam entre as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, dentre os quais os estados Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Com enfoques distintos do tema Candomblé e tradição oral, os autores fazem abordagens que ampliam nosso conhecimento e instrumentalizam nossas perspectivas para tratar do assunto. Vale ressaltar que em algumas publicações constavam explicitadas a metodologia adotada por seus autores enquanto outros não evidenciaram e também alguns justificaram o motivo da produção.

As publicações escolhidas, por ordem cronológica, foram: "**Candomblé: memória e transmissão cultural em uma comunidade religiosa de matriz africana**" com autoria de Milena Xibile Batista e Osvaldo Martins de Oliveira, publicada em 2011 nos Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES. A segunda datando também do ano de 2011 é "**Notas sobre o aprendizado no Candomblé**" de Miriam C. M. Rabelo e Rita Maria Brito Santos e foi publicada pela Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. A terceira, do ano de 2012 é "**A experiência mística e as religiões de tradição oral – o caso do Candomblé**" por Volney J. Berkenbrock, publicada na PLURA Revista de Estudos de Religião. A quarta publicação, do ano de 2014, é "**Tradição oral e novas tecnologias no Candomblé da metrópole**" de Ivete Miranda Previtalli com publicação na Revista Brasileira de História das Religiões. A quinta, publicada em 2014 pela ARTEFACTUM – Revista de estudos em Linguagens e Tecnologias é "**Griô mãe de santo: narrativas orais, "performance transportada" e metamorfose do corpo**" de autoria de Marlucia Mendes da Rocha e Ângela Lacerda Santos. A sexta publicação analisada data do ano de 2015 com publicação na Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade, é "**As marcas da diáspora negra na oralidade do Candomblé baiano**" de Leandro Alves de Araújo. E a sétima, apresentada em 2016, no I Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido-CONDIS, é "**A transmissão oral nos Terreiros**

de Candomblé: memória e história do povo descendente de africanos em Juazeiro-Ba" por Maria Rosa Almeida Alves e Kleyton Gualter Oliveira Silva.

Para encontrar tais publicações utilizamos o critério das palavras-chave que são conceitos inerentes a esta pesquisa: ancestralidade, aprendizagem, Candomblé, conhecimento e tradições orais. O processo de busca eletrônica na rede priorizou na escolha de publicações que se aproximassem da temática da presente pesquisa. Na tentativa de apresentar uma visualização apropriada construímos um quadro indicando as produções escolhidas:

QUADRO DAS PRODUÇÕES DO ESTADO DE CONHECIMENTO				
AUTOR / TITULAÇÃO **Milena Xibile Batista:** Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Espírito Santo. **Osvaldo Martins de Oliveira:** Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense e Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina.				
TEMÁTICA	**PALAVRAS-CHAVE**	**TÍTULO**	**VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO**	**LOCAL/ANO**
Candomblé	Candomblé- oralidade- transmissão cultural- identidade.	Candomblé: memória e transmissão cultural em uma comunidade religiosa de matriz africana	Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES	Espírito Santo/ 2011
AUTOR / TITULAÇÃO **Miriam C. M. Rabelo:** Professora Doutora (PhD) do Departamento de Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, FFCH/UFBA. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Ciências Sociais e Saúde (ECSAS/UFBA). **Rita Maria Brito Santos:** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, FFCH/UFBA. Cientista Social. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Ciências Sociais e Saúde (ECSAS/UFBA).				
TEMÁTICA	**PALAVRAS-CHAVE**	**TÍTULO**	**VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO**	**LOCAL/ANO**
Candomblé	Aprendizado- Candomblé- Educação da atenção- corpo- sensibilidade.	Notas sobre o aprendizado no Candomblé	Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade	Bahia, 2011
AUTOR / TITULAÇÃO **Volney J. Berkenbrock:** Doutor em Teologia pela Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, Alemanha. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.				
TEMÁTICA	**PALAVRAS-CHAVE**	**TÍTULO**	**VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO**	**LOCAL/ANO**
Candomblé	Mística- Tradição oral- Candomblé- Transe.	A experiência mística e as religiões de tradição oral – o caso do Candomblé	PLURA Revista de Estudos de Religião	Minas Gerais, 2012
AUTOR / TITULAÇÃO **Ivete Miranda Previtalli:** Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de sociologia e membro do NDE da Faculdade de Pedagogia - F.V. - UNIESP. Membro do Grupo de Pesquisa Identidades Plurais e Representações Simbólicas - UFABC. Autora do livro Candomblé: agora é angola. São Paulo, Editora Annablume - Petrobrás. 2008.				
TEMÁTICA	**PALAVRAS-CHAVE**	**TÍTULO**	**VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO**	**LOCAL/ANO**
Candomblé	Candomblé- oralidade- internet.	Tradição oral e novas tecnologias no	Revista Brasileira de História das Religiões	São Paulo, 2014

		Candomblé da metrópole		
AUTOR / TITULAÇÃO **Marlucia Mendes da Rocha:** Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa cruz (UESC), Ilhéus-BA. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. **Ângela Lacerda Santos:** Mestranda do Programa Pós Graduação em Letras: Linguagens e Representações – UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz. Integrante do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Interações Sociais – linha de pesquisa: Poéticas da Oralidade.				
TEMÁTICA	**PALAVRAS-CHAVE**	**TÍTULO**	**VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO**	**LOCAL/ANO**
Candomblé	Memória- identidade-oralidade-performance.	Griô mãe de santo: narrativas orais, "performance transportada " e metamorfose do corpo	ARTEFACTUM – Revista de estudos em Linguagens e Tecnologias	s/l, 2014
AUTOR / TITULAÇÃO **Leandro Alves de Araújo:** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – Pós-Crítica, da Universidade do Estado da Bahia.				
TEMÁTICA	**PALAVRAS-CHAVE**	**TÍTULO**	**VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO**	**LOCAL/ANO**
Candomblé	_____	As marcas da diáspora negra na oralidade do Candomblé baiano	Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade	Bahia, 2015
AUTOR / TITULAÇÃO **Maria Rosa Almeida Alves:** Graduada em Letras/Português e suas Literaturas pela Universidade Estadual da Bahia-UNEB Campus IX; possui Especialização em Cultura e História Afrobrasileira pelo Instituto Segmentum e é Mestranda em Educação Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA – UNEB Campus III. **Kleyton Gualter Oliveira Silva:** Licenciado em Ciências Sociais pela UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco; Mestrando em Educação Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA – UNEB Campus III.				
TEMÁTICA	**PALAVRAS-CHAVE**	**TÍTULO**	**VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO**	**LOCAL/ANO**
Candomblé	África – identidades – memória ancestral – oralidade.	A transmissão oral nos Terreiros de Candomblé: memória e história do povo descendente de africanos em Juazeiro-Ba	I Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido-CONDIS	Bahia, 2016

Quadro 1: Apresentação das produções escolhidas

A primeira publicação a ser examinada como já explicado, é "**Candomblé: memória e transmissão cultural em uma comunidade religiosa de matriz africana**". De autoria de Milena Xibile Batista e Osvaldo Martins de Oliveira o artigo é um ensaio de um projeto realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo e teve como objetivo compreender o processo de formação da identidade das comunidades de Terreiro tratando a tradição oral como elemento demarcador dessa construção. Utilizando a metodologia da etnografia/observação participante, os autores discorrem sobre a peculiar oralidade e sua importância na transmissão da cultura e religião afrobrasileira.

Dentre os diversos pontos relevantes tratados no texto de Batista e Oliveira, está a afirmativa de que os mais velhos são os detentores dos saberes e segredos no Candomblé. No caso específico do Terreiro estudado identificaram a Ìyalòrisà Rita D'Òsún como uma dessas detentoras, ou seja, em seu ilê, a transmissão dos saberes e conhecimentos são transmitidos a partir dela. Com isso, fica claro que para o povo de santo os mais velhos são referências a serem respeitadas, pois com eles se aprende numa troca mutua de confiança e responsabilidade. Vale ressaltar que no Candomblé a denominação "mais velhos" pode se referir não apenas a idade cronológica do sujeito, como também a idade de iniciação, embora, neste caso esteja tratando da idade biologia. Vemos em Machado (s/d, p. 110) que, "todos os "mais velhos" são responsáveis pelos "mais novos". E todos os "mais novos" desejam e confiam nos ensinamentos dos "mais velhos"".

Em se tratando de tradição oral, da transmissão de saberes e conhecimentos efetivados pela fala, percebemos que o papel dos mais velhos é indispensável. É no convívio com os mais velhos que se faz a propagação do legado religioso, e a confiança neles torna o processo de ensino-aprendizagem prazeroso. Então, a oralidade se configura como aliada dos detentores dos saberes ancestrais e viabiliza sua transmissão, que através dos mais velhos ganha força e é carregada de axé. Quanto a isto, Santos (2010) explica:

> É fundamental o conhecimento transmitido de maneira oral. E não só pela manutenção da tradição, nem pelo guardar dos mistérios, mas, principalmente, porque o conhecimento passado por um mais velho está cheio de emoções, sentimentos e, consequentemente, Àse. (SANTOS, 2010, p. 90)

Além da transmissão dos saberes e conhecimentos através dos mais velhos, Batista e Oliveira assinalam que as tradições orais são responsáveis também pela construção da identidade dos adeptos do Candomblé. Ao passar de uma geração para outra seus costumes e saberes, o povo de santo constrói suas marcas e traços culturais em um ritmo continuo de desenvolvimento no axé. Isso acontece com a observação e as práticas diárias, em contato com seus transmissores, os mais velhos.

> O Candomblé, religião de matriz africana, foi criado e é recriado até a atualidade pela transmissão de suas tradições e ritos pela oralidade. A tradição oral nas comunidades de Terreiro é um dos elementos demarcadores da construção da sua identidade. Os Terreiros de Candomblé desenvolvem uma organização interna a partir do aprendizado hierarquicamente transmitido pelos mais antigos, considerados os mais sábios e detentores dos segredos. (BATISTA e OLIVEIRA, 2011, p. 8)

Esse primeiro artigo analisado revela que a contribuição da tradição de oralidade para conservação da memória dos ritos, da hierarquia e da transmissão dos saberes para os

seguidores das religiões de matriz africana é imprescindível. Desse modo, valer-se da memória é algo recorrente entre os sujeitos do Candomblé para transmitir o conhecimento e legado cultural externo, compartilhar o que tem guardado em suas lembranças. Em uma dinâmica de transmissão a partir da hierarquia, das comunicações gestuais e observações, todo o conhecimento é compartilhado. Esse dinamismo se perpetua na passagem do tempo, na verdade, sobrevive ao tempo. Isso porque a comunicação oral também é um dos fatores que favorece tal compartilhamento, embora a memória seja um dos traços fundamentais para esse compartilhar.

Em comunidades que se utilizam da tradição oral para a transmissão de saberes a memória individual e coletiva é instrumento indispensável. Ao recorrer à memória, uma atividade dinâmica no Candomblé, seus adeptos remontam ao que já lhe fora dito, ensinado e exemplificado. Recorrem ao que aprenderam e vivenciaram nas práticas cotidianas do Terreiro. Há nesse contexto um exercício constante de preservação do que foi apreendido, cujo movimento vai da individualidade para a coletividade em um processo que estimula a memória a agir de forma permanente instrumentalizada pela oralidade. Por isso a memória coletiva é relevante, ela apreende, preserva e revela os ensinamentos e fenômenos ocorridos entre o grupo. Assim, vemos em Bastide (1989) que:

> A memória coletiva só se manifesta quando todas as instituições ancestrais foram, de antemão, preservadas. As lembranças estão de tal forma colhidas na trama das relações interpessoais, dos grupos constituídos ou das reuniões de pessoas que só sobrevivem na medida em que esses fenômenos sociológicos atual em caráter permanente. (BASTIDE, 1989, p. 338)

Uma das observações feitas pelos autores do texto e que corrobora com Bastide (1989) é justamente a preservação da memória no acolhimento das lembranças e das práticas vividas que sobrevivem ao tempo. Nesse exercício de preservação, através da tradição oral são consumadas a transmissão cultural e construção da identidade, e o povo de santo perpetua e propaga os saberes ancestrais ao comunicarem-se. Em uma troca de aprendizagens que partem dos mais velhos aos mais novos no axé é que o conhecimento se difunde.

> Na história dos diversos agrupamentos negros no Brasil, eles conservaram na memória e transmitiram saberes, costumes, tradições e modos de vida que extrapolaram o tempo e o espaço, perpassando por mais de quatro séculos desde que os primeiros africanos aqui chegaram. Vale ressaltar que esse processo de transmissão cultural se deu através da oralidade. (BATISTA e OLIVEIRA, 2011, p. 21)

Quando os autores desse primeiro artigo analisado discorrem sobre a conservação e transmissão dos saberes, costumes, tradições e legado cultural através da tradição oral, nos convidam a refletir sobre a importância desse elemento tradicional, para a manutenção da cultura afrobrasileira. Em uma troca de conhecimentos e experiências entre brasileiros e africanos aqui trazidos sob regime de escravização, difundiu-se a tradição de oralidade. Vale enfatizar que essa tradição é responsável por recuperar e perpetuar os diversos aspectos da vida dos seres humanos que se valem dela. Nesse sentido, Bâ (2010, p. 169) pontua que "a tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos.".

O texto de Batista e Oliveira ajudou-nos a compreender como se constrói a identidade nas comunidades de Terreiro, e a utilização das tradições orais nesse processo, bem como a importância da memória coletiva nesse espaço. Quanto ao referencial bibliográfico da primeira produção analisada, embora conste uma variedade significativa, destacamos os que tangem a religião Candomblé. Dentre eles estão Juana Elbein dos Santos, Pierre Verger, Raul Lody, Reginaldo Prandi, e Roger Bastide. Nomes relevantes nas pesquisas que envolvem as religiões de matriz africana.

Nossa segunda proposta de análise é o artigo "**Notas sobre o aprendizado no Candomblé**" de Miriam C. M. Rabelo e Rita Maria Brito Santos que teve como objetivo examinar o processo de educação no Candomblé e a dinâmica desse aprendizado. As autoras fizeram uma pesquisa de campo em Terreiros de Candomblé em Salvador, com observação das atividades e tiveram a entrevista como instrumento. Encontram-se nesse texto informações importantes sobre como se processa a educação no Terreiro, bem como sobre a atenção prestada ao que está sendo ensinado, exercício indispensável para que o conhecimento seja transmitido e a aprendizagem seja efetivada.

A religião Candomblé tem suas peculiaridades, fato já mencionado na presente pesquisa, e o artigo de Rabelo e Santos traz parte das características peculiares das comunidades de Terreiro. Encontramos nesse texto um fator relevante para o nosso estudo que é o processo de educação, de ensino-aprendizagem entre o povo de santo, que se configura na atenção que os adeptos da referida religião têm que prestar para que de fato os saberes sejam compartilhados e apreendidos.

> Nos Terreiros a "educação da atenção", que gradativamente transforma os participantes em membros experientes, dá-se de muitas formas e em situações diversas: festas, consultas, conversas, atividades práticas como cozinhar, tratar

> bichos, arrumar o barracão, preparar oferendas. (RABELO e SANTOS, 2011, p. 189)

As autoras sugerem que em todas as práticas realizadas no Terreiro o requerimento mais importante é a atenção dos sujeitos que vão realizar as atividades e tarefas pertinentes da religião, visto que seus participantes são os responsáveis por fazerem com que a dinâmica aconteça. Sem a devida atenção do que está sendo ensinado através da oralidade e dos movimentos ritualísticos, o conteúdo pode se perder. No Candomblé é possível vivenciar o aprendizado durante uma reunião entre os membros, no processo de iniciação ou nos rituais e até mesmo nos festejos. De acordo com Rabelo e Santos (2011, p. 190) “em grande medida os rituais são espaços privilegiados de aprendizado no Candomblé.”.

É importante destacar que nesse segundo artigo a oralidade não é objeto de investigação, mas sim o processo de aprendizagem dentro da religião. Isto se relaciona com o interesse dessa pesquisa, por esse motivo concebemos relevante manter dialogo com esse texto. Como já foi explicado, priorizamos analisar para esta seção publicações que se ocupam da temática do Candomblé e as tradições orais. Contudo, nossa pesquisa também observa a educação e a transmissão de conhecimentos, saberes e valores dentro da referida religião, observando de forma cautelosa sua efetivação através da mediação e do compartilhamento oral. Faz-se necessário para nosso estudo conhecer como o aprendizado acontece dentro da comunidade de axé e isso favorece nossa compreensão do tema pesquisado. Nesse artigo é possível conferir ainda, o contato entre os adeptos do Candomblé e os Orixás, entidades que direcionam e orientam todo o movimento do Terreiro.

> Parte importante do aprendizado no Candomblé diz respeito à convivência com os orixás. Embora não seja acessível a todos os adeptos a possessão é o modo por excelência pelo qual os Orixás se fazem presentes entre as pessoas e interagem com elas. (RABELO e SANTOS, 2011, p. 191)

As referidas autoras identificam que nas práticas religiosas do Candomblé um elemento fundamental é a convivência com os Orixás. Uma pesquisa que trate dessa religião, em algum momento faz menção aos Orixás, pois são eles os seus seres reverenciados, e no Terreiro tudo acontece com recomendação desses ancestrais divinizados. A comunidade de santo tem aproximação com suas entidades e comparam suas características com as deles, pois vivem em concordância com suas deidades. É nesse convívio que a aprendizagem é favorecida, é, pois, com as relações construídas entre os participantes do Terreiro e destes com os Orixás que a dinâmica do conhecimento é efetivada, a interação acontece.

Quando Rabelo e Santos tratam da importância dos Orixás no aprendizado do Candomblé, nos revelam um fator a ser refletido que é a transmissão dos saberes através desses ancestrais. No Candomblé, segundo os adeptos e autoridades do Terreiro da nossa pesquisa, Ilê Àse Iji Atí Oyá, nada acontece sem orientação dos Orixás. São eles os principais responsáveis pelos acontecimentos e pelo funcionamento da casa, em que os participantes são apenas seus instrumentos. Vale ressaltar que as entidades são tidas como os influenciadores da personalidade humana, ou seja, se revelam no comportamento dos filhos e filhas de santo, assim, podemos conceber que a aprendizagem nos Terreiros e as atitudes do povo de santo têm forte relação com os Orixás. Eles são também consultados para resoluções da vida de seus seguidores. Sobre isto Póvoas (2007) fala que:

> Os orixás, divindades africanas a quem se dirige o culto, também são como arquétipos da personalidade humana, servindo de base para processos terapêuticos, entre fiéis, adeptos e simpatizantes do Candomblé, nos quartos de consulta e nos rituais de iniciação. (PÓVOAS, 2007, p. 204)

Conforme a afirmação de Póvoas é possível compreender que há uma relação íntima entre os adeptos do Candomblé com os Orixás e isto propicia não apenas a aprendizagem, mas favorece uma ligação de socorro e de aconselhamentos que os seguidores dessa religião buscam, seja nos jogos de consultas, nas rodas, nos rituais diversos dentro do Terreiro. Contudo, independente do interesse de cada participante nas buscas por orientações um conhecimento é transmitido, uma lição é dada e assim apreendida. Em cada prática, a todo o momento é possível que aconteça um novo aprendizado e/ou um reforço ao que já havia sido instruído. Assim sendo, observa-se que no convívio do Terreiro, os procedimentos diários e a comunicação entre os participantes são fontes de saberes e aprendizagens. Os mais velhos e os mais novos ensinam uns aos outros numa troca recíproca de conhecimentos, como assegura Santos (s/d), Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá:

> A cada dia acontece uma lição de vida. Aprende-se tudo, a comunicação com os mais velhos, com os mais novos, o trabalho em grupo fazendo o que gosta e o que não gosta; e, sobretudo aprende-se o gosto pela vida numa estreita relação com o orixá. (SANTOS, s/d, p.63)

Refletindo as palavras de Santos, acabamos por receber uma lição de vida, pois aprender no exercício constante do fazer o que não gosta e o que não gosta é no mínimo uma atividade que nos ensina a conviver com o outro e com as nossas próprias resistências. É na prática diária dos afazeres ao qual nos submetemos que experimentamos aprendizagens, afinal nem sempre aprendemos apenas com o que gostamos, mas de tudo é possível tirar uma lição e muitas vezes a experiência se torna prazerosa com as práticas cotidianas.

Esse Segundo artigo analisado levantou questões importantes para nossa reflexão acerca do Candomblé, especialmente no que diz respeito o convívio com os Orixás e o processo de ensino-aprendizagem através destes. No texto de Rabelo e Santos foi confirmado o aprendizado processual nas práticas dentro das casas de axé. O referencial teórico que trata da religião de matriz africana utilizado no trabalho teve Gisele Binon Cossard, Luciana Duccini, Márcio Goldman, Reginaldo Prandi e Roger Bastide.

A terceira publicação analisada é de Volney J. Berkenbrock, intitulada como "**A experiência mística e as religiões de tradição oral – o caso do Candomblé**" que faz um recorte acerca da vivencia mística na experiência religiosa do Candomblé. Nesse artigo o objetivo é refletir sobre o assentamento do Orixá como um vestígio pelo qual se pode ter algum acesso à experiência religiosa vivida no momento da iniciação. É proposta também do autor verificar a vivencia na religião de matriz africana a partir da tradição oral, diferente das demais doutrinas que têm a escrita como registro. O assentamento do Orixá ao qual o autor se refere é um ritual sagrado da religião. Não identificamos nessa produção os passos metodológicos adotados para sua construção, tão pouco de que resulta tal pesquisa.

Em seu texto de Berkenbrock expressa que as práticas no Terreiro são bem particulares e diversas. Assim, o autor busca responder uma questão instigante, que é a importância da experiência religiosa para os estudos das religiões, uma experiência que ele caracteriza como enigmática. Por se tratar das práticas e vivencias de uma religião mítica, oral e pautada no convívio com as entidades, torna-se enigmática para os estudiosos, cujas referências epistemológicas estão ancoradas em concepções racionalistas difundidas por tradições e culturas escritas. Talvez seja por isso que o autor faz essa observação quando se refere dessa forma à experiência religiosa e sua relevância. No referido trabalho Berkenbrock afirma que "nas tradições orais, as memórias individuais são fatores decisivos na preservação e transmissão cultural" (p.101), e reflete sobre a possibilidade de experienciar e conhecer o legado religioso através da oralidade, destacando que:

> Na tradição oral, a transmissão do conhecimento se dá no um a um. O transmitir a religião é um ato que passa pela memória de cada indivíduo, mesmo que possa haver diversos indivíduos envolvidos no processo. Mas o conteúdo a ser transmitido depende do que cada indivíduo transmite de sua memória. (Berkenbrock, 2012, p. 101)

Com base nas palavras de Berkenbrock teremos mais uma vez a confirmação da importância da tradição oral e da atuação da memória para a transmissão dos saberes e

conhecimentos no Candomblé, bem como a relevância da contribuição de seus participantes. Fica entendido que a participação coletiva favorece a perpetuação e propagação dos saberes ancestrais em que o compromisso e a responsabilidade são de todos os envolvidos no processo de aprendizagem. É com a oralidade que se transmite conhecimento, valores, costumes e todos os participantes têm a incumbência de repassar o que já foi aprendido para as gerações posteriores. Deve haver nesse movimento a articulação da memória coletiva no qual cada integrante colabora a partir das suas aquisições. Nesse sentido, Bastide (1989, p. 340) ratifica que "em suma, podemos dizer que a memória coletiva é memória de grupo, mas com a condição de acrescentarmos um seu aspecto, o de ser memória articulada entre os membros desse grupo." Vemos então, o quanto é significativa a cooperação grupal na manutenção da tradição oral e da memória dentro do Terreiro.

Ainda neste texto observamos que o autor se refere à inexistência de livros sagrados no Candomblé e por esse motivo verifica que a experiência mística na tradição oral torna-se tarefa que requer, sobretudo, o despir-se de uma visão limitada ao registro escrito. Ele faz minuciosa investigação sobre os vestígios deixados pelas tradições orais que dão acesso ao estudo da religião de matriz africana. Perceber a mística no contexto ritualístico do Candomblé foi possível na iniciação dos adeptos, no assentamento do Orixá que o autor diz ser um elemento interpretativo da experiência mística. Nesse artigo, a investigação não deixou de ser feita mesmo com a ausência de registros escritos da religião, mas se configurou e se concretizou na verificação de um aspecto peculiar do Candomblé, que é o ritual de assentamento. O que poderia causar estranhamento a indivíduos de fora do contexto religioso foi para Berkenbrock uma característica a ser pesquisada.

Nesse artigo é enfatizado também o papel do indivíduo como guardião da referência religiosa oral. É fato o valor da palavra nas religiões de matriz africana, e não somente a palavra tem poder e valor como também os que estão encarregados de transmitirem o conhecimento através da oralidade. Pressupõe-se com isso que o ato da fala requer cuidado e respeito tanto de quem profere como o que está sendo dito, afinal, nada pode ser dito à toa, irresponsavelmente para não interferir na credibilidade dos sujeitos envolvidos com a religião. Corroborando com essa assertiva sobre a valoração da palavra no Candomblé, Silveira (2004, p. 22) assevera que "para o povo de santo, a palavra tem valor especial e o homem é o resultado daquilo que através dela imprime.". Tal indicação certifica quão valiosa é a fala oral

e o que dela se revela. Nessa ação, fala e escuta, ganham corporeidade e dinamizam as relações no Terreiro.

> Na tradição oral, o indivíduo é o guardião da referência religiosa e a sua transmissão é feita de indivíduo para indivíduo, de corpo para corpo. A corporeidade – com tudo o que ela compõe – é central para as tradições orais. O indivíduo histórico concreto é ao mesmo tempo guardião e transmissor. Se nas tradições religiosas do livro, a palavra escrita ocupa um lugar de autoridade, e lugar este que é estático e ligado ao texto e não ao indivíduo, nas tradições orais, esta autoridade está ligada por um lado à palavra falada e por outro a quem fala esta palavra. Não basta a palavra falada: sua autoridade advém de quem a profere. (Berkenbrock, 2012, p. 101-102)

Ao observar a experiência mística nas tradições orais do Candomblé o autor pontua a vivência religiosa de matriz africana numa perspectiva peculiar, que, embora não se baseie em registro escrito, apresenta igual relevância. Esse tipo de observação instiga também a curiosidade e/ou desejo de conhecer como acontecem os fenômenos dessa experiência. Possibilita ainda, verificar os ritos como lugares concretos na religião dos Orixás, em que se revela a dependência mútua entre a individualidade e a coletividade que correspondem à oralidade no que se evidencia a conservação e transmissão dos valores entre o povo de santo. O acervo teórico de Berkenbrock tem os nomes de Juana Elbein dos Santos, Reginaldo Prandi, e do próprio autor no que se refere a religião Candomblé.

O próximo artigo a ser analisado é "**Tradição oral e novas tecnologias no Candomblé da metrópole**" de Ivete Miranda Previtalli, que é o resultado da pesquisa que a autora realizou entre os anos de 2009 e 2011 para elaboração do projeto de Doutorado sobre o Candomblé de Angola em São Paulo. A autora objetivou analisar os discursos de pais e mães de santo sobre o uso de novas tecnologias pelos adeptos da religião em relação com a oralidade. A pesquisa investigou acerca da tradição oral e o advento das novas tecnologias da informação, em um ambiente que é, por excelência, regido pela oralidade para a transmissão do conhecimento e processo de aprendizagem. A autora analisou ainda, a desterritorialização do conhecimento pela comunicação no ciberespaço e inovação tecnológica, sua adesão entre os adeptos do Candomblé.

Dentre os pontos destacados na pesquisa de Previtalli, está a introdução da escrita nos Terreiros paulistas através de cadernos de reza, receitas de ebós, cantigas, apostilas e livros. Em espaço no qual a oralidade se perpetua por entre gerações e sobrevive ao tempo, conceber registros escritos é uma inovação conceitual a ser refletida. Dentre os aspectos inquiridos pela autora está o recurso tecnológico da informação que circula por entre os diversos indivíduos que estão inseridos em contexto da informatização. Com o surgimento de novas ferramentas

tecnológicas e seu uso cada vez mais consolidado nas sociedades, os adeptos do Candomblé não ficariam isentos dessas informações e aparelhos. Porém, a aquisição das novas tecnologias passou a ter um feito inquietante para as autoridades dos Terreiros, e é isso que o artigo também explicita.

> Na conversa com os sacerdotes pesquisados, notei que utilizavam a internet para divulgar seus Terreiros, fazer pesquisas e para estarem inseridos em uma rede de relações. Contudo, os pais e mães de santo também tinham reservas ao uso desse meio de comunicação. (PREVITALLI, 2014, p. 278)

De acordo com a elucidação da autora, as Ialorixás e os Babalorixás também se permitem o uso da internet com o objetivo de divulgarem a religião e entreterem com demais adeptos, mas o que lhes inquietam talvez seja a má utilização do instrumento tecnológico, a exemplo de expor um bem secreto, ou até mesmo a perda da tradicional oralidade como pratica da manutenção do Candomblé. Como já apontado, as tradições orais nesse espaço religioso são preponderantes, não há livros ou quaisquer manuscritos que sejam efetivamente pertencentes à religião, como escrituras para ensinamentos de seus dogmas e rituais.

É ponto pacífico que na comunidade de santo todo ensino-aprendizagem e preservação de seus preceitos foram ao longo dos tempos vigorados através da fala oral. Por isso mesmo, o trabalho da autora ajuda a entender, como as novas tecnologias e a escrita têm sido introduzidas e repercutidas no Candomblé. É sabido que a religião sempre se valeu da oralidade e do constante ato de presenciar nas práticas do Terreiro como transmissão dos conhecimentos e saberes religiosos. Previtalli (2014, p. 276) pontua que “em uma cultura de tradição oral, como a do Candomblé, independente a que nação pertença, é por intermédio do incansável ato de presenciar que se faz o aprendizado”. Todavia, a popularização dos sistemas de informação e tecnologia chegou à religião, direcionada a principio como forma de interação e estudo, constando como conteúdo religioso na web. Corroborando com a autora, Freitas assevera que:

> Com a popularização da rede mundial de computadores e configurado como religião universal, o Candomblé logo passou a constar entre os conteúdos veiculados pela internet, possibilitando a troca de informações sobre a religião até então resguardada pelo sólido sistema hierárquico. Neste, o segredo, as prescrições e proibições constituíam a base sólida de um conjunto de crenças em que a aprendizagem deve ser adquirida através da participação empírica e, depois de muitos estágios, transformada em conhecimento organizado. Como religião fundamentada pela tradição oral, o segredo determina a autoridade postular do culto. (FREITAS, 2014, p. 28)

O enunciado de Freitas (2014) consolida com Previtalli e revela o sistema hierárquico e a preservação dos segredos próprios do Candomblé, bem como instalação da religião no mundo virtual. Analogicamente a autora do artigo analisado reflete sobre as trocas de informações do Candomblé através da internet, que tem extrapolado a transmissão oral. Ao investigar os Terreiros paulistas, Previtalli levanta essa questão, o que é permitido ou não pelas autoridades hierárquicas que zelam pela religião. Ela compartilha os dados de sua pesquisa, e dentre os quais está o relato de uma mãe de santo entrevistada, em que é possível ter uma percepção de como é vista a tecnologia da informação dentro da casa de santo para a sacerdotisa do axé: 'Hoje vamos ter filhos da Internet. Hoje se ensina a tirar ebó na internet. O sujeito aprende a tirar ebó na Internet. Mas, que mão sagrada está tirando este ebó? Qual o tom da fala? Qual o preceito da pessoa antes de tirar este ebó'. (2014, p. 278)

Diante do relato é factível perceber uma insatisfação ou podemos dizer preocupação na fala da entrevistada quanto ao uso "indevido" da internet para ensinamentos dos preceitos e rituais próprios do Candomblé e que em muitos Terreiros, é tido como segredos do axé. Todavia, segundo Previtalli, não há uma ressalva por parte dos sacerdotes no que diz respeito aos filhos de santo se utilizarem da tecnologia, especialmente se for para divulgar a religião. Não há uma proibição quanto ao uso da ferramenta tecnológica, quaisquer que sejam. Apenas existe uma preocupação em preservar o legado religioso e as tradições próprias do Candomblé.

> Entretanto, essas críticas não se devem ao uso da internet por adeptos do Candomblé, mas pela maneira como se constroem os sentidos das tecnologias, pois se a internet é utilizada para divulgar o Candomblé não há problemas, mas não pode, segundo essa mãe de santo, tornar público o que faz parte do segredo e da tradição. Da mesma forma, a escrita e as gravações podem ajudar no processo de aprendizado, mas também podem causar desconforto para a tradição do Candomblé. (PREVITALLI, 2014, p. 179)

De fato, as preocupações declaradas pela autora do texto com base nas falas das autoridades do Candomblé são pertinentes, pois o que pode ajudar em divulgação e talvez reconhecimento da religião através das redes sociais, pode também induzir a equívocos, a exemplo da perda da tradição oral, ou da revelação dos segredos do axé que são sagrados para o povo de santo. Foi possível observar nesse artigo como a inserção da tecnologia está acontecendo nos Terreiros de São Paulo e o cuidado que seus zeladores têm com a preservação da religião. A autora contou com um referencial teórico sobre o Candomblé respaldado por Reginaldo Prandi e Terezinha Bernardo.

O quinto artigo observado tem como autoras Marlucia Mendes da Rocha e Ângela Lacerda Santos, com titulo **“Griô mãe de santo: narrativas orais, “performance transportada ” e metamorfose do corpo”**. As autoras fizeram uma analise teórico-crítica sobre as narrativas orais no contexto do Candomblé, tomando a oralidade como registro da memória, conferindo também a importância da griô mãe de santo. Não foi explicitado no texto o que originou a pesquisa. Porém, as pesquisadoras enfatizaram o desejo de com este estudo favorecerem para a valorização da narrativa e da performance da referida religião por meio da discussão de dados da memória e da história.

O texto traz considerações a respeito da ação dos agentes sociais no quadro de preservação da memória e da identidade do povo de santo bem como a valorização dessa prática cultural. As autoras tiveram como objetivo analisar a forma como as griôs expressam oralmente os registros da memória, no intuito de desvendar as simbologias e as representações das vivências de uma comunidade religiosa, em cuja memória culmina na aquisição da identidade. Inclusive, as autoras tratam a palavra griô como de caráter universal, característica das pessoas que se valem da oralidade para transmitirem conhecimento e saberes.

> A palavra griô, nessa discussão, é entendida como expressão de caráter universal, ou seja, abrange não apenas uma fração da cultura popular, como também designa a todos os cidadãos (reconhecidos pela comunidade) que se ocupem da propagação dos saberes e fazeres da tradição oral, conduzidos de geração em geração com a finalidade de garantir a ancestralidade e a identidade do seu povo. Segundo o projeto de Lei nº 1.786/2011, no Brasil, os griôs podem ser inseridos nas seguintes categorias: pajé, mãe e pai de santo, maracatuzeiro, brincante, contador de histórias, tocador, cantador, rezador, parteira, capoeirista, artesão, entre outros. (ROCHA e SANTOS, 2014, p. 2)

De acordo com as autoras do artigo e tomando como base a Lei por elas citada, os griôs são todos que se apropriam da oralidade para difundir conhecimentos, propalar ensinamentos manter os costumes de seu povo, partilhando seus saberes entre gerações. Rocha e Santos afirmam ademais, que as griôs são também agentes da resistência que os adeptos do Candomblé vivenciaram para permanecer professando sua fé, e no texto são ressaltados os aspectos culturais e históricos dos antepassados do povo afrobrasileiro que lutou para continuar a trajetória religiosa dos ancestrais divinizados. Como já mencionado, as autoras discorrem sobre a conservação e a representação identitária correspondente do próprio espaço do Candomblé construído no cotidiano com as práticas rituais. Essa reflexão acerca da construção da identidade dos sujeitos pertencentes à religião de matriz africana se faz pertinente, mediante a singularidade com que se configura a vivência no Terreiro, e por ser um convívio religioso que descende das tradições africanas, da fusão entre Brasil e África.

A análise feita sobre as mães de santo, chamadas de griôs na produção de Rocha e Santos, evidencia a importante missão que essas mulheres de axé têm na propagação da religião. Autoridades que são, responsabilizam-se por manterem viva a cultura afro-religiosa que compõe o Candomblé, e convidam seus participantes a terem igual responsabilidade. De acordo com Machado (s/d, p. 112) "o griô é um contador de histórias, um modelo de mestre ancestral. Ainda hoje contar história é uma forma de "ensinar" do povo nagô". Aprendemos com isso que a transmissão de saberes ancestrais são missões e compromissos da comunidade de santo e que os griôs são os facilitadores do conhecimento. Além das griôs, no Terreiro, todos são autores do saber mediados pelos Orixás.

Rocha e Santos destacam no artigo que nas rodas, nos rituais de iniciação, nas práticas em geral é possível ver traços de uma herança afrobrasileira de luta pelo espaço sagrado e pelo direito de viver da própria fé. Seus aspectos religiosos baseiam-se no resultado de um enfrentamento social e da divergência cultural num contexto de escravização que combatia os cultos aos Orixás, como se fossem práticas impertinentes e não sagradas. As autoras fazem importante reflexão ao enunciarem que "os Terreiros de Candomblé têm sua origem explicada na relação dos ex-escravos, homens libertos, a partir do final do séc. XVIII, com a cidade e a situação econômico-social dos que ali viviam" (2014, p.3). Por esse motivo, a resistência de seus adeptos foi o sustentáculo para que permanecessem com sua liturgia, mantendo inclusive, seu diferenciado costume.

> Os Terreiros de Candomblé são espaços litúrgicos da religiosidade de matriz africana que permitem a inserção de performances profanas por representarem historicamente uma forma de resistência cultural e de coesão social. São espaços que possuem características próprias e se referem a uma organização social hierarquizada e com diversificado padrão de comportamento. (ROCHA e SANTOS, 2014, p. 3)

Refletindo sobre a premissa das autoras ficamos diante de um quadro social no qual a fé religiosa foi hostilizada e necessitou do vigor de seus seguidores para se instalarem com suas peculiaridades, valendo-se das tradições orais para darem continuidade ao seu legado religioso-cultural. É evidente que a oralidade é um dos instrumentos de construção e transmissão de saberes no Candomblé, pois é através da fala, a partir das griôs que os filhos de santo aprendem e exercitam também a memória para conservação e cultivo da tradição religiosa. No Terreiro a dinâmica de fala-escuta-memorização faz parte da vivência do grupo.

É sabido que nós, seres humanos, somos divergentes e resultantes da orientação que tivemos das instituições a que pertencemos. Cada sociedade conduz seu povo com base nas

suas diferenciadas tradições, nas quais umas se valem da escrita, outras da oralidade e assim nos comportamos diversificadamente. Com as religiões acontece de igual forma, cada uma vai se apropriar do que lhe é tradicional para se manterem, e no caso do Candomblé a oralidade é constante. Aliás, as tradições orais são primordiais para povos que delas se orientam, há até quem a conceba como indispensável e superior à escrita.

> Há povos que se servem da linguagem escrita para fixar o passado; mas acontece que essa invenção matou a memória entre os homens: eles já não sentem mais o passado, visto que a língua escrita não pode ter o calor da voz humana. (DJIBRIL TAMSIR NIANE, 1982, P. 65, APUD, SERRANO E WALDMAN, 2007, P. 145)

A concepção de Niane talvez seja "radical" ou "imperiosa", mas é de se fazer uma ressalva por se tratar de um escritor e historiador africano, precisamente da Guiné, que dedicou-se ao estudo do griô e das tradições orais. É justo que ele sairia em defesa da oralidade por ter convivido com esta tradição durante sua vida, concebendo nela um bem relevante e indispensável. Todavia, nossa proposta não avalia, tão pouco mensura, se o veiculo oral é superior ou inferior ao da escrita, apenas dissertamos sobre a importância que as tradições orais têm para o Candomblé. Tratamos dessa característica da religião na intenção de conhecer sua efetivação e contribuir com os estudos sobre esta.

Seguindo com a reflexão do artigo de Rocha e Santos, as autoras fazem a relevante afirmação que "nesse espaço de estabilidade carregado de objetos sagrados, que é o Terreiro de Candomblé, a mãe-de-santo conta, reconta e canta o passado com vestes tradicionais para fiar a memória religiosa do seu povo". (2014, p. 4) Isso nos inculca que valendo-se da memória e da tradição oral as griôs fazem a religião acontecer e permanecer, essa é a forma pela qual as autoridades religiosas de matriz africana difundem seu legado. O referencial teórico do texto, no que tange o Candomblé contou com Ruy C. Póvoas.

O sexto artigo observado é de Leandro Alves de Araújo, intitulado "**As marcas da diáspora negra na oralidade do Candomblé baiano**", resultado da sua pesquisa de mestrado que fez um recorte sobre a cultura religiosa afrobrasileira. Nesse texto o autor objetivou analisar a dualidade entre a oralidade e a escrita no processo de formação cultural e aceitação do Candomblé, no qual ele percebeu uma ligação com a diáspora ocorrida no Brasil e que deixou marcas na identidade negra afrobrasileira.

Araújo discute que a tradição oral originária do continente africano foi sujeitada pelo estabelecimento hegemônico da escrita nas sociedades ocidentais, o que também influenciou a

resistência à aceitação da oralidade como transmissão do conhecimento. Por ser o Candomblé uma religião tradicionalmente oral, de matriz africana, foi também relegado ao processo diaspórico pelo qual o autor se refere. É fato histórico que há no ocidente uma concepção de supremacia da escrita em detrimento da fala, um ponto de vista que sugere a inferioridade de sociedades orais, de que somente há cultura nas comunidades letradas.

> Sabemos que a tradição ocidental, radicalmente, estabelece o princípio de que onde não há escrita, não existe cultura. Tal assertiva encontra respaldo na famigerada expressão "Pré-história", estabelecida pelos estudiosos ocidentais na tentativa de estabelecer um marco (a escrita) para o início da história (recente) da conferida civilização. Tal termo evidencia uma ideologia comprometida com o etnocentrismo europeu, deixando à margem toda herança oral das sociedades não-letradas. (ARAUJO, 2015, p. 259)

É real, e bem podemos constatar em nosso meio social o etnocentrismo europeu que relega inferior valor ao que não lhe é próprio, e conferimos no artigo de Araújo essa dualidade entre cultura oral e cultura escrita em um contexto religioso. Similar a analise do autor, Ki-Zerbo (1999, p. 20) ao tratar da tradição oral africana questiona que "não é de resto, a tradição oral cronológica e logicamente anterior à escrita? No princípio era o verbo. E depois a tradição oferece por vezes pontos de referência comprovados". O problema é que culturalmente passou-se a valorizar o surgimento da escrita enquanto a oralidade foi inferiorizada. Com semelhante pensamento a respeito da serventia da instrução oral Vansina (2010, p. 140) ressalva que "a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade". Reconhecemos o valor e relevância da escrita, porém, uma competência não anula a outra. Ao contrário, as sociedades orais construíram sua cultura de forma sólida e vêm se perpetuando com o passar do tempo.

O autor se incumbe de investigar essa dissensão entre os dois veículos de transmissão do conhecimento e o faz pelo viés da religião. Assim como nos demais artigos observados em que seus autores se encarregaram de versar sobre o Candomblé, fica evidente nesse a importância da tradição oral para construção e difusão dos conhecimentos e execução da aprendizagem. Portanto, é indispensável nas comunidades que vivem tradicionalmente da oralidade, a responsabilidade de perpetuar o seu legado através da fala entre as gerações.

Entender o que é tradição, especialmente em comunidade que vive sob tal regime, nos ajuda a compreender seus costumes e as influencias que regem seus comportamentos. Passando por consecutivas gerações, as tradições permanecem vivas, se perpetuam e os indivíduos envolvidos realizam um constante esforço em dar-lhe continuação. Assim é com a

tradição oral que se mantém com o passar do tempo sendo compartilhada de geração para geração.

> Tudo que uma geração pratica em costumes, adquiridos e reinventados, através da comunicação oral, por meio de rituais, usos e mitos passados de uma para outra, contextualizado para uma civilização, é chamado de tradição. É a transferência da herança cultural. Por meio da fala, a sabedoria ancestral é resguardada e tributada a uma enunciação pontual, que podemos denominar "tradição oral". (ARAUJO, 2015, p. 259)

O papel da memória também tem destaque na produção observada, pois, todo o legado cultural, os saberes e valores praticados e perpetuados pela tradição oral dependem da conservação e preservação da memória de seu povo. Assim é no Candomblé, que revela em suas manifestações, rituais, e práticas diárias o instrumento oral e a memorização. Lembrar-se do que é dito, explicado e exemplificado no Terreiro, para os adeptos da religião, sugere um estimulo psíquico e a conservação se dará mediante absorção do que fora ensinado. Para Bastide (1989, p. 343) "as lembranças, sendo fatos psíquicos, necessitam para se conservar de uma base duradoura, ligadas a uma matéria permanente". Isso revela o exercício de manter o conjunto de informações e práticas latentes pelo fomento da memória.

Com o incremento da tradição oral a memorização é exercitada. Araújo faz uma relação dessa peculiaridade do povo de santo com a oralidade africana, já que o Candomblé descende dessa matriz e traz consigo a herança afrodescendente no cultivo da fé. Dando continuidade à devoção herdada da África, os participantes do culto aos Orixás comungam com parecidas práticas de veneração às divindades com base no ritual oral. Dessa forma há uma sustentação da memória e também da própria crença, que se reconstitui de modo parecido ao que outrora fora ensinado pelos africanos trazidos ao Brasil em situação de escravização. Aos moldes do que se implantou da religião africana em terras brasileiras, os seguidores dos Orixás perenizam o Candomblé.

> Destarte, percebe-se que são profundas as marcas da oralidade africana nos Candomblés da Bahia. A voz e a performance sugerem pistas e, não obstante, recontam, através de narrativas, gestos e modos de vida, a grandiosidade desta herança; ou dito de outra forma: "A palavra corta, fere, modela, modula. A palavra perturba, enlouquece, cura ou simplesmente mata. Ela eleva ou abaixa segundo sua carga, ela excita ou acalma a alma". (Provérbio Bantu). (ARAUJO, 2015, p. 264)

O autor expõe na máxima bantu o quanto é impactante e de suma magnitude a palavra proferida, figurando o trecho citado ao acontecimento da religião, ao funcionamento do Terreiro, que prima por respeito ao que é dito, ensinado e praticado. No texto de Araújo tivemos acesso a um recorte sobre a resistência negra brasileira e os vestígios da diáspora que

recai sobre o Candomblé, e também a dualidade entre escrita e oralidade. Foram tecidas considerações relevantes entre as similaridades que envolvem africanos e brasileiros, sobretudo, no que se refere à tradição oral e os enfrentamentos pelos quais passaram e continuam passando para terem seus direitos garantidos. Vemos na referida produção, teóricos referenciais do Candomblé: Juarez Xavier e Pierre Fatumbi Verger.

O ultimo artigo observado é "**A transmissão oral nos Terreiros de Candomblé: memória e história do povo descendente de africanos em Juazeiro-Ba**" de Maria Rosa Almeida Alves e Kleyton Gualter Oliveira Silva. É um fragmento do projeto de pesquisa que os autores desenvolveram para o Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA/UNEB Campus III. Com interpelação na pesquisa em estudos culturais, discorre sobre a cultura do povo de santo e a tradição oral como instrumento da memória e do compartilhamento do saber. Foi feita uma etnografia de abordagem fenomenológica, observando as práticas em um Terreiro da Bahia que, assim como os inúmeros espalhados pelo Brasil, seguem mantendo a tradição oral como difusora da cultura afro-religiosa. Esse texto reafirma a oralidade como forma de transmissão de rituais e conhecimentos ancestrais na prática do Candomblé.

Na produção de Alves e Silva deparamo-nos com um estudo sobre a memória coletiva dos povos negros africanos e afrobrasileiros e a oralidade como mecanismo disseminador da própria memória, da cultura e da identidade desses povos. Conferimos ainda acerca do valor da palavra falada pelas referidas sociedades, bem como a comunidade do Candomblé. É visto para tanto, que a transmissão oral é um veículo potencializador da manutenção da memória ancestral, que vai além da preservação ou do esquecimento, mas corporifica as lembranças coletivas dos sujeitos envolvidos. A memória é, por tanto, indispensável ao veículo fonador, por ser o arquivo do que foi vivenciado. Para Bastide (1989):

> O estudo da memória coletiva não deve, pois, compreender apenas a explicação dos fatos de conservação e de esquecimento, mas também a explicação da metamorfose das lembranças coletivas, em particular, das imagens dos deuses, compreendidas que estão na corrente da consciência grupal. (BASTIDE, 1989, p. 347)

A consciência grupal de que o autor citado menciona, exprime a meticulosidade da comunidade de axé em relação ao salvaguardar dos ensinamentos ancestrais. Esse resguardo e manutenção dos saberes compartilhados no Candomblé são vistos no artigo de Alves e Silva que tratam também das informações ritualísticas passadas de uma geração para a outra, numa dinâmica que envolve memória, preservação e laços com a ancestralidade.

No texto em questão, Alves e Silva se encarregam de referenciar a África na participação da construção cultural brasileira**,** reconhecendo o Candomblé como instituição que se constitui através da herança e influência africana. Trata do acervo cultural, do conjunto de saberes trazidos por africanos escravizados, constituidores da cultura afrobrasileira e do culto ancestral. Dessa maneira, a referida religião é como uma reinvenção de práticas religiosas dos africanos, em que é possível o mantenimento de rituais e elementos míticos a partir da transmissão oral.

> Esse conjunto de dispositivos identitários e culturais trazidos pelos povos africanos sobreviveram, de certa maneira, graças à reinvenção de suas práticas religiosas como o Candomblé, e continuam resistindo de forma majoritária nos Terreiros, onde ainda se pratica o yorubá, onde ainda é possível a manutenção de rituais e elementos míticos a partir da transmissão oral. (ALVES e SILVA, 2016, p. 6)

O que os autores nos afirmam acima pode ser visto em Terreiros que comissionam manter as tradições religiosas o máximo possível de acordo com seu surgimento no Brasil com elementos africanos. Ainda há uma preocupação em preservar os rituais iniciados nos primeiros Candomblés constituídos. Isso inclusive pode ser conferido na fala da Ekedi D'Oxum do Ilê Àse Iji Atí Oyá – *lócus* da nossa pesquisa – que declarou durante nossa investigação a intenção e o esforço em conservar a base dos seus antecessores. Mesmo havendo uma reelaboração do Candomblé com o passar dos anos, persiste o intento em mantê-lo consolidado próximo à forma como foi fundado.

Consideramos importante para nosso trabalho um aspecto tratado na publicação analisada que é a abordagem sobre o mérito da oralidade para o povo africano e o povo de santo. Fica registrado, assim como nos outros artigos que tratam da cultura africana, afrobrasileira e do Candomblé que a palavra tem relevância para sua população. Tais comunidades que se estabelecem a partir da tradição oral empregam confiança total no que é dito, e consequentemente comportam-se com referencia nos detentores da palavra. Por isso mesmo são constituídos como povos tradicionalmente orais.

Através do esforço individual e coletivo em preservar as tradições orais como ferramenta de transmissão e manutenção dos conhecimentos ancestrais, como instrumento de difusão dos ensinamentos vivenciados no Candomblé que os adeptos conseguem exaltar seus costumes e práticas. Em se tratando de oralidade, sua excelência entre o povo de santo recupera e propaga o contato com a herança africana existente na religião, que mesmo sem

registros escritos conseguiu ter continuidade e permanece em dias atuais a promover a cultura afro-religiosa. Quanto a isto, Bonvini atesta que:

> Podemos de fato considerar a tradição oral, atestada no Brasil como um incomparável sucesso de uma vontade individual e coletiva de se impor a um meio particularmente hostil, pois os negros conseguiram salvaguardar suas crenças e sensibilidades, e continuar eles mesmos, apesar de tudo, e, melhor ainda, tornar suas crenças atrativas aos olhos daqueles que, por sua cultura, são os descendentes diretos de seus antigos mestres. Daí a proliferação atual dos cultos afro-brasileiros, verdadeiros centros culturais africanos no Brasil. (BONVINI, 2001, p. 41)

Com base em Bonvini fica evidente o impulso dos negros afrobrasileiros em defender suas origens e continuar sua tradição. Em um movimento de resistência e lutas constantes os seguidores do Candomblé travaram enfrentamento pelo direito de cultuar seus Orixás, e, além disso, a dinâmica em conservar e prosseguir com a tradição oral difundindo seus conhecimentos foi intento significativo na história do referido povo.

Seguindo com a análise do artigo de Alves e Silva, os autores destacaram ademais que a concretização da transmissão oral depende também da memória, já que o exercício e constância desta repercutem na disseminação da religião e contagia a comunidade. No texto foi visto que toda fala tem um guardião que se responsabiliza por transmitir os conhecimentos, saberes e valores próprios de sua gente, de seus ancestrais por entre as gerações.

> Para a tradição africana, a fala é considerada divina, tendo uma importância crucial para a educação, a transmissão de valores e da própria história. A memória de quem utiliza a oralidade para transmitir conhecimentos é muito ampla. Os guardiões da tradição oral africana (os “domas”) detêm o conhecimento transmitido pela tradição oral de sua comunidade. (ALVES e SILVA, 2016, p. 8)

Seria redundante comentar da afirmação acima a relevância da memória e da tradição oral entre povos africanos e afrobrasileiros, pois no decorrer desta seção evidenciamos essas peculiaridades importantes desses povos e, sobretudo suas preponderâncias na religião afrobrasileira. Na sétima publicação observada foi possível verificar a ligação África/Brasil e a consequente influencia dessa relação na constituição do Candomblé. Alves e Silva fizeram uma abordagem sobre as tradições orais do culto aos ancestrais divinizados e dos africanos, a importância da memória como mantenedora dos saberes a serem transmitidos oralmente e os traços culturais que envolvem os dois povos. O referencial teórico no que tange o foco do referido trabalho contou com José Beniste, Muniz Sodré, Pierre Fatumbi Verger, Reginaldo Prandi e Roger Bastide.

Os sete artigos analisados para a construção desta seção trouxeram importantes contribuições sobre o Candomblé e sua tradição oral. Na tentativa de examinar trabalhos sobre a temática proposta nesta pesquisa, fizemos uma revisão de publicações sobre o que tem sido tratado referente ao tema para que tivéssemos também uma dimensão do que ainda precisa ser pesquisado com rigor cientifico. Destacamos que as produções aqui observadas contaram com um referencial teórico recorrente nos estudos sobre religião de matriz africana, mas enfatizamos também um acervo teórico dentre muitos, que concebemos como indispensável na pesquisa que envolve a África são eles, Hampanté Bâ, Jan Vansina e Ki-Zerbo. É visto em muitas pesquisas acerca do Candomblé uma referência ao continente africano e por isso esses três nomes tornam-se importantes.

Construir o estado de conhecimento, e/ou estado da arte, fez-se relevante nesta pesquisa, pois contribuiu para o nosso estudo com informações e dados importantes. Nossa intenção foi oferecer ao leitor um material pelo qual possa também fazer levantamentos sobre o tema, que de alguma maneira lhe seja útil. Com a revisão da literatura temos acesso a um acervo que facilita nossos estudos e de certa forma contribui para o nosso entendimento sobre uma área específica do conhecimento.

Os artigos aqui analisados oportunizaram a verificação de abordagens no que tange a temática do Candomblé e sua tradição oral, cada um com recortes próprios, que também favoreceram esta produção. Consequentemente, as análises dessas publicações facilitam nossa compreensão sobre diferentes percepções abordadas de um mesmo tema. Contamos com as ponderações particulares de cada autor e pudemos fazer nossas inferências mediante tais argumentações.

3 CANDOMBLÉ: ORIXÁS, RITUAIS E A PREDOMINÂNCIA DA TRADIÇÃO ORAL

Uma produção que se encarrega de investigar religiões de matriz africana, no caso do presente texto, o Candomblé, tem a oportunidade de abordar os elementos que lhe deram origem. O foco desta pesquisa é a tradição oral, elemento constituinte da referida religião, como instrumento para educação e formação de valores dos seus adeptos e sua repercussão na sociedade. Entendemos ser relevante conhecer a história da sua constituição no Brasil, sua origem, a dinâmica que lhe sustenta desde o surgimento, e, sobretudo, discorrer sobre os Orixás, entidades reverenciadas nos Terreiros.

O Candomblé estimula o interesse acadêmico de investigação, independente de qual nação pertença. Nossa demarcação pelo Candomblé Ketu não se deu por pura preferência, nem para privilegiar e/ou destacar uma nação. Nesta seção nos encarregamos em discorrer sobre o mundo do Candomblé Ketu, por esta ser a nação do Terreiro que escolhemos como objeto de pesquisa, o Ilê Asé Iji Atí Oyá. Por este motivo, nossa investigação não abrange estudos sobre outras nações, como Jeje, ou Angola, embora esses dois grupos também despertem igual interesse de pesquisa.

Na tentativa de promover melhor entendimento sobre o assunto proposto, nos empenhamos em examinar a temática da nossa pesquisa, discutindo o que é a religião Candomblé, de onde surge, do que resulta. Cercamo-nos de informações relativas ao núcleo religioso para o embasamento do nosso estudo no que tange as tradições orais e a forma como se processa a dinâmica de ensinamentos e aprendizagens no culto aos Orixás. O contexto histórico de sua formação e da sua propagação é relevante, pois nos informa sobre a religião facilitando a percepção quanto ao desenvolvimento litúrgico no Ilê Asé Iji Atí Oyá.

Há muito que investigar sobre o culto aos Orixás e nossa pesquisa não daria conta de abranger sua totalidade. Contudo, como o conhecimento não se esgota, nem estagna, estamos apenas dando nossa contribuição ao estudo sobre o Candomblé e sua predominância na tradição oral. Estudar essa religião nos permitiu aproximação a um mundo de mistérios, segredos, ressalvas, mas, nem por isso intocável. Assim, acessamos um universo mágico de liturgia, de cânticos, performances, rituais e aspectos peculiares propagados pelos seus adeptos através da oralidade.

3.1 RESISTÊNCIA E LUTA PELO DIREITO À FÉ RELIGIOSA EM NOVO CONTEXTO DE VIDA

De inicio, quando nos debruçamos em pesquisar o Candomblé, logo somos remetidos a África, já que a religião tem sua matriz nesse continente e foi com a entrada dos africanos em terras brasileiras que tivemos acesso ao mundo dos ancestrais divinizados. Diante disto, percebemos que para compreender o referido núcleo religioso é preciso voltar no tempo e estudar sua origem na herança deixada pelos africanos no Brasil quando aqui foram trazidos em condição de escravizados. Foi sob regime escravocrata de luta e resistência que o Candomblé se estabeleceu em nosso país.

Ao chegarem a nosso território, vindo de diversas partes do continente africano, a população escravizada trouxe consigo um legado cultural e religioso que foi difundido no convívio com os nativos brasileiros. Vitimados violentamente pela brusca ruptura de vida em suas terras de origem, o povo da África chega ao Brasil sem perspectiva do que lhes é reservado no Novo Mundo. Todavia, na continua luta por manter suas crenças e convicções, introduz uma nova manifestação religiosa herdada de sua cultura. Em situação de opressão e violência física e simbólica é que se recria a religião que reverencia os Orixás. Referente a isto, Siqueira (s/d, p.66) discorre que "É nesse contexto sociocultural e político que surgem os Terreiros de Candomblé. Expressão religiosa de origem africana, trazida pelos africanos escravizados, recriada no Brasil em tempos de resistência à escravidão e colonização.".

Com base na afirmativa de Siqueira, apreendemos que o Candomblé foi implantado em nosso país em um contexto de repressão e de hegemonia resultante da colonização europeia. Todavia, mesmo em situação desfavorável, de proibição da fé para os escravizados, a religião se consolidou e se estabeleceu em terras brasileiras, ganhando uma proporção que sobrevive até os dias atuais, sendo reafirmado pelos afrobrasileiros. Embora ainda passe por todo tipo de intolerância, o culto aos ancestrais divinizados permanece sendo professado por seus adeptos que continuam resistindo à opressão histórica. Vale lembrar que tal coibição da manifestação religiosa foi imposta às diversas religiões afrobrasileiras, sobre isto, Aguiar (2007) pontua:

> As religiões afro-brasileiras por sua vez não apenas deixam de ser alcançadas pela liberdade religiosa, dado a continuarem não reconhecidas como religião, como também sobre elas se abate uma enorme repressão que as mantém ou as empurra para a clandestinidade e para uma existência que se disfarça como pode. (AGUIAR, 2007, p. 13)

A assertiva acima reforça informações acerca da implantação do Candomblé no Brasil e a continuidade disfarçada que os afrobrasileiros tiveram que se valer para cultuarem suas divindades. Se não tinham a liberdade concedida para vivenciarem sua fé, direito que lhes deveria ser garantido, inventavam estratégias para manterem o legado sagrado pelo qual tinham herdado. Para os afrobrasileiros que seguiram os cultos aos Orixás a clandestinidade imposta dava continuidade ao regime opressor da escravização, herdavam também a repressão que seus ancestrais sofreram. Se na atualidade o Candomblé continua sofrendo perseguição de um estigma histórico, no período da sua constituição em território Brasileiro era mais severa a impertinência. Aguiar (2007, p. 17) prossegue com o esclarecimento sobre a rejeição e negação imputada aos negros no professar da fé e informa que as "crenças de escravos descendentes não eram reconhecidas como tais nem gozavam de liberdade religiosa, tendo sido durante todo o Brasil Colônia e Imperial, desrespeitados e perseguidos.".

A luta pela continuidade da fé religiosa condizia com a mesma que ocorria quando o Candomblé foi instituído no Brasil por volta do século XVIII. Bem no inicio da sua constituição e por longo período, era nos encontros às escondidas que os escravizados se organizavam e se permitiam entrar em contato com o mundo sagrado. Independente da opressão que estavam sofrendo, era imprescindível para eles manterem a ligação com o que lhes era precioso. Para os africanos a fé religiosa era de suma importância para lhes manter firmes na luta pela liberdade e pela vida, era uma questão de honra e de pertencimento às suas origens. Então, mesmo relegados à escravidão, os negros, em um ato de resistência, outorgavam a si próprios o direito de professar sua crença.

A construção do Candomblé no Brasil resulta, portanto, da necessidade de persistência do povo negro no culto da sua religião e ancestralidade. O que se constituiu em nosso país é um corolário da luta travada ainda na senzala, para a preservação da fé e propagação do que acreditaram ser sagrado, os seus deuses. Mesmo chegando de diversas partes da África, os africanos se aproximavam independente das etnias a que pertenciam. Neste sentido, se religavam cada vez mais em solo brasileiro e espalhavam a fé que lhes sustentava. Quanto a isto Póvoas afirma que:

> Os negros escravos, desde a senzala tiveram na religião um espaço de resistência. Até mesmo em pleno vigor do regime escravocrata, um modelo de culto foi-se delineando, a partir de núcleos religiosos formados por negros libertos, de origem nagô. Com o tempo, esse modelo foi-se definindo, até tornar-se hegemônico e o culto aos Orixás espalhou-se pelo Brasil. (PÓVOAS, 2007, p. 203)

Referente à asserção de Póvoas, constatamos a necessidade dos negros em encontrarem na religião os elementos para manterem consigo o legado da África. Nesse sentido, os africanos além de se adaptarem forçosamente a um novo convívio com habitantes que não eram do seu continente – os brasileiros – depararam-se com os seus, embora de outra parte da África, reconhecendo-se entre si. Isso favoreceu a construção de uma identidade comum. Destituídos do direito de regressar às suas nações, mas lutando pela liberdade e pela própria vida, formaram um novo agrupamento. Dessa forma, reorganizaram um novo convívio no qual puderam vivenciar suas lembranças e origem africana, reafirmando a porção simbólica e imaginária que trouxeram incutidas em suas consciências e em sua percepção de mundo. Serrano e Waldman explicam tal fato:

> É importante assinalar que o homem africano, deslocado do seu continente para o "novo mundo" na condição de escravo, achou-se em um novo espaço, em uma nova condição humana, em natureza completamente desconhecida e com "outro" a servir de referencial para relações inteiramente novas, diferentes das conhecidas no continente de origem. Entretanto, mesmo despojado de todos os seus bens materiais, arrancado da sua rede familiar e dos seus espaços ancestrais, mantém-se portador de imaginário próprio, de carga simbólica agora fundamental para sua reorganização, visando a domesticar uma natureza nova, restabelecendo um novo cosmos no seu universo temporariamente desestruturado. (SERRANO E WALDMAN, 2007, p. 142)

Na afirmação dos autores acima fica evidente o esforço dos africanos em se reestruturarem em novo ambiente e, sobretudo, a necessidade em resgatarem de dentro de si, a sua cultura original. A labuta não era apenas contra a escravidão, mas a favor de manter vivo o legado africano e tudo o que lhes remetia à África. Então, lutava-se contra a hegemonia dos brancos, combatia-se a introjeção de uma convicção que não lhe era própria, imposta pelos colonizadores. E em estimulo constante reavivava as crenças, especialmente no contato com seus compatriotas aqui aportados no mesmo contexto de escravizados.

Em similar entendimento, Silva (2003, p. 158) contribui com nosso estudo ao destacar que "a importação continuada de escravos fazia com que a África reinjetasse permanente a sua gente e, com ela, os seus valores no Brasil." Assim, entendemos que no caso do Candomblé, foi essa vinda constante de africanos para nosso país que fortaleceu seu culto, mesmo que sendo reelaborado para uma nova realidade afrobrasileira. Enquanto resistiam à escravidão e ao despotismo do branco colonizador, os negros escravizados introduziam suas convicções, inclusive a fé religiosa no Novo Mundo. O autor continua asseverando que:

> O processo de acomodação cultural do africano era, assim, continuamente interrompido. Em vez de render-se de todo à maneira de viver do branco, um ijebu

> escravizado fortalecia-se em suas crenças e em seus costumes a cada desembarque de um navio vindo de Lagos, e enriquecia-se ao contato com africanos de outras origens. (SILVA, 2003, p. 158)

Estudar o Candomblé a partir do contexto histórico da chegada dos africanos no Brasil nos permite compreender, inclusive, a sua divisão em nações. A vinda dos negros não era uniforme de uma parte da África, como já explicado, mas chegavam de diferentes países do continente. Eram inúmeras as etnias que ancoravam em território brasileiro no desembarque dos navios negreiros, contendo línguas diversas, concepções e valores peculiares das diferentes regiões africanas. Verger (1997, p. 22) ressalta que "disso resultou, no Novo Mundo, uma multidão de cativos que não falava a mesma língua, possuindo hábitos de vida diferentes e religiões distintas." Isso nos incute o porquê do Candomblé ser repartido por nações.

Antes mesmo de avançar na compreensão sobre a divisão da religião em nações distintas, continuamos nossa averiguação acerca de sua fundação no Brasil. São recorrentes as afirmativas de que o Candomblé se instituiu em nosso país mediante o movimento repressor da escravidão em que indivíduos arrebatados de suas pátrias experimentaram as angustias de viver e sobrevier em árida configuração a que foram relegados. A prática religiosa nesse sentido fazia parte da perseverança e do ímpeto de prosseguir com a fé que lhes era originária, ou seja, os africanos traziam consigo o ânimo religioso que não podia ser abortado pela servidão imposta. Aliás, é importante destacar que a instalação do culto religioso não foi algo premeditado, mas sim imprevisto diante das condições em que os escravizados foram sujeitados, como assinala Verger:

> A presença dessas religiões africanas no novo mundo é uma consequência imprevista do tráfico de escravos. Escravos estes que foram trazidos para os diferentes países das Américas e das Antilhas, provenientes de regiões da África escalonadas de maneira descontínua, ao longo da costa ocidental, entre Senegâmbia e Angola. Provenientes, também, da costa oriental de Moçambique e da ilha de São Lourenço, nome dado época a Madagascar. (VERGER, 1997, p. 22)

A fala de Verger acentua o entendimento já consolidado de que o Candomblé faz parte de uma nova proposta e/ou necessidade dos africanos em reproduzir no Brasil suas crenças, que o referido autor afirma em outras palavras, ter sido circunstancial. Sendo assim, se já não podiam retornar ao seu continente de origem, e não mantinham contato com os seus familiares e pares, a alternativa era estabelecer no Novo Mundo uma maneira de continuar suas vidas o mais próximo da realidade que viviam na África. Corroborando com tal reflexão e auxiliando nosso estudo, Bastide (1989, p. 85) assegura que "a religião, ou as religiões afro-brasileiras

foram obrigadas a procurar nas estruturas sociais que lhes eram impostas “nichos” por assim dizer, onde pudessem se integrar e se desenvolver.” Surgiam assim novas proposições religiosas oriundas da crença africana.

O Candomblé tem características tão próprias que não faltam atributos a serem estudados e nossa pesquisa confere sua formação e propagação mediadas pela tradição oral. Contudo, para avançar em nossa investigação é imprescindível que conheçamos a origem do nome dado, da natureza e constituição desta religião, e ainda sua procedência e estruturação em convívio social brasileiro. Desde a sua denominação à forma como foi implantada ao longo do tempo, esta manifestação religiosa oferece aspectos diversos a serem averiguados. Em relação ao termo usado conferimos em Verger que:

> A palavra Candomblé, que designa na Bahia as religiões africanas em geral, é de origem bantu. É provável que as influências das religiões vindas de regiões da África situadas nas imediações do equador não se limitem apenas ao nome das cerimônias, mas tenham dado aos cultos gêge e nagô, na Bahia, uma forma que os diferencia, em certos pontos, dessas mesmas manifestações na África. (VERGER, 1997, p. 31)

Respaldados pela premissa de Verger, compreendemos que a denominação dada ao culto afrobrasileiro não se limitou à nação Bantu por ter lhe originado, mas se consolidou entre as demais nações existentes. Portanto, os Jeje e Ketu também atendem por igual designação. Todavia, nossa inquietação vai além e busca conhecer o significado, reside também na etimologia do termo que denomina a religião e encontramos em Castro, resposta para nossa indagação:

> O termo CANDOMBLÉ, averbado em todos os dicionários portugueses para designar genericamente os chamados cultos afro-brasileiros na Bahia (como macumba no Rio de Janeiro, e Xangô em Recife), vem do etmo banto “kàn-dóm-íd-é” ou “kà-n-dómb-éd-é” ou, mais frequentemente “kà-n-dómb-él-é”, ação de *rezar*, de *orar*, derivado nominal deverbal de “kulomba / kudomba”, *louvar*, *rezar*, invocar, analisável a partir do protobanto “kò-dómb-éd-á”, *pedir pela intercessão* de (os deuses). Logo CANDOMBLÉ é igual a *culto*, *louvor*, *reza*, *invocação*, ou local de culto, sendo o grupo consonantal “bl” uma formação brasileira, de vez que não existe nenhum grupo consonantal (CC) em banto. (CASTRO, 1981, p. 60)

Diante da contribuição de Castro, fica claro que o termo refere-se ao ato de orar, rezar, invocar, de conectar com as divindades. Pelo próprio nome sugere espaço destinado para adoração, oração e conexão com as deidades invocadas, local de devoção e culto às entidades. Então o Candomblé é isto, ação de reunir-se, religar-se com os ancestrais divinizados, de estabelecer vínculo com os seres divinos. Todavia, o ato de devotamento aos deuses revela peculiaridades inerentes à religião de matriz africana, a começar pela sua constituição com

base nas tradições orais, a ausência de registros escritos revela a idiossincrasia do grupo religioso.

Instalados no território brasileiro, os negros africanos difundiam aos poucos seus costumes e cultura, e também fundiam-se às expressões culturais brasileiras. O Candomblé faz parte desse encontro entre África e Brasil e ganha proporções à medida que o sentimento de pertencimento religioso culmina entre os povos afrobrasileiros. A presença africana em solo brasílico ofereceu ao nosso país a oportunidade de conhecer um princípio religioso que acessa o mundo sagrado dos ancestrais e que se pauta nessa ligação para se comportar em convivo social.

É pertinente dizer que os africanos trouxeram consigo a bagagem cultural e religiosa que lhes acompanhou em solo brasileiro. A cada nova chegada dos negros de diversas localidades da África, vinha também o conjunto de procedimentos e comportamentos que influenciaram a nova aquisição religiosa, e foram trazidas também as tradições reafirmadas de geração para geração. Vieram os povos Bantus, os Jejes e os Nagôs, constituindo assim as nações do Candomblé. Verger declara:

> Desde muito cedo, ainda no século XVI, constata-se na Bahia a presença de negros bantu, que deixaram a sua influência no vocabulário brasileiro. Em seguida, verifica-se a chegada de numerosos contingente de africanos, proveniente de regiões habitadas pelos daomeanos (gêges) e pelos iorubás (nagôs), cujas rituais de adoração aos deuses parecem ter servido de modelo às etnias já instaladas na Bahia. (VERGER, 1997, p. 22)

Com base na asseveração de Verger, vemos que a chegada dos africanos ao Brasil data do século XVI, porém, a implantação do Candomblé na Bahia acontece tempos depois, já no século XVIII quando o primeiro Terreiro Ketu é edificado. A história conta que o Terreiro da Casa Branca é o pioneiro na prática religiosa de matriz africana em terra brasileira, mais precisamente baiana. Foi instalado a princípio no bairro da Barroquinha, sob comando da Ialorixá africana alforriada que atendia pelo nome de Iyá Adetá. Há controvérsia, entretanto, sobre a identidade da primeira Ialorixá do Terreiro, aparece o nome de Yia Akalá como precursora e Iyanassô Oká como segunda mãe de santo. Independente de quem tenha sido de fato a fundadora do referido Terreiro, os nomes dessas três mulheres aparecem com igual importância na sua história e começa a partir daí a propagação do culto aos Orixás.

O pioneirismo do Terreiro da Casa Branca oportuniza a implantação de outros Terreiros na Bahia e pelo Brasil, assegurando sua relevância na história do Candomblé. O

respeito devotado à primeira comunidade de axé introduzida no espaço territorial baiano é frequentemente citado e reverenciado nas publicações acadêmicas, visto que fora nesse ambiente que tiveram início as manifestações religiosas de culto aos ancestrais divinizados. Pertencente à nação Ketu o Candomblé de Iyá Adetá, Yia Akalá e Iyanassô Oká, também conhecido como Ilê Axé Iyá Nassô Oká, deixou seu legado e segue propagado pelos filhos de santo encarregados de dar continuidade ao culto. Atualmente sua instalação é na Avenida Vasco da Gama, Bairro de Engelho Velho em Salvador.

> Estabelecido no final do século XVIII e início do século XIX, atrás da Igreja da Barroquinha, o Terreiro da Casa Branca foi o primeiro grande Candomblé da Bahia e do Brasil. Suas origens remontam ao primeiro culto doméstico à Oxóssi, instalado pela mãe-de-santo africana alforriada Iyá Adetá, na Barroquinha. (SETUB/SUSET[1], 2009, p. 53)

Com o passar do tempo outros Terreiros foram inaugurados e na Bahia se concentra grande parte dos Candomblés erigidos no Brasil. Alguns Terreiros se definem como descendentes diretos do Ilê Axé Iyá Nassô Oká, seguindo suas práticas. As ações e os procedimentos vivenciados nos espaços religiosos são derivados e são identificados de acordo com sua origem. Parés (2007, p. 101) assegura que "como acontece até hoje no Candomblé, as nações se dividiam e se diferenciavam por meio de diversos elementos como língua, cantos, dança e instrumentos, especialmente os tambores". Essa afirmação denota que as diferenças que caracterizam a religião em Bantu, Ketu ou Jeje, fazem parte de um conjunto de ações, de posturas e variações linguísticas que compõem as diversificadas comunidades de santo. Conforme o autor,

> De igual modo, as práticas de caráter religioso conhecido como calundus, e depois como Candomblés, foram um dos espaços de contraste e diferenciação dos limites das diversas nações africanas. Tanto é assim que o conceito de nação foi, aos poucos, sendo limitado ao âmbito dessas práticas religiosas e das congregações organizadas em torno delas. (PARÉS, 2007, p. 101.)

As nações correspondem a diferentes povos do continente africano e preservam suas características lexicais. Os Jejes, por exemplo, comunicam-se pela língua *fon* do Daomé, já a língua bantu designa o Congo ou Angola, enquanto que o iorubá correspondente do Benin e Nigéria faz parte dos Nagôs, Ketu e Ijexá. Essas diferenciações linguísticas identificam cada nação que também variam nos cânticos, procedimentos e até mesmo na denominação dos cargos ocupados e na identificação das entidades.

[1] Secretaria de Turismo da Bahia / Superintendência de Serviços Turísticos.

Há uma variação nos termos empregados para reconhecer os ancestrais que no caso do Candomblé Jeje são identificados como Voduns, na nação Angola são chamados de Inquinces e entre os adeptos do Ketu são reconhecidos como Orixás. Em relação aos postos sacerdotais temos no Jeje Humbono e Humbondo; para a comunidade de Angola são Mameto e Tateto ou Tata e no Ketu são Ialorixá e Babalorixá, esses nomes definem as mães de santo e pais de santo respectivamente.

A identificação por nações indica logo o pertencimento da comunidade de axé, a origem do povo que o erigiu e distingue seus adeptos. Isto revela que, embora a religião de matriz africana tenha um mesmo nome genericamente chamado de Candomblé, sua distinção em nação o diferencia, desde a língua adotada, bem como as dinâmicas ritualísticas. Os primeiros representantes do movimento religioso deram continuidade aos procedimentos rituais e à identidade linguística que acompanham os seguidores nos dias atuais. A divisão por nação define a identidade do Terreiro e como assevera Lima (1974), vai além de uma implicação política, passando a ser uma acepção religiosa.

> A nação, portanto, dos antigos africanos na Bahia foi aos poucos perdendo sua conotação política para se transformar num conceito quase exclusivamente teológico. *Nação* passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos Terreiros de Candomblé da Bahia, este sim, fundado por africanos *angolas*, *congos*, *jejes*, *nagôs*, sacerdotes iniciados de seus antigos cultos, que souberam dar aos grupos que formaram a norma dos ritos e corpo doutrinário que se vêm transmitindo através dos tempos e a mudança nos tempos. (LIMA, 1974, p. 77)

Como o Terreiro que pesquisamos, Ilê Asé Iji Ati Oyá é de origem Ketu, nosso recorte nessa seção, como já explicado se volta para os povos dessa nação, que também são conhecidos como iorubá. Em alguns estudos sobre a religião de matriz africana é possível encontrar menções acerca da nação designando o seu povo com essa denominação (iorubá), identificando-os pela língua correspondente, que também são geralmente reconhecidos como nagôs.

Entre os povos iorubás estão os grupos étnicos de Oió, Ketu, Ijexá, Egbabo e os Nagôs, este último também nominado “Anago”, “Nago”, “Anagonu ou Anagô”. Contudo, mesmo havendo as variações no agrupamento iorubá, no Candomblé sua maior representação é de Ketu, e vale ressaltar que é comum nominar o povo de Ketu como povo Nagô. Nessa nação a apropriação linguística é logo salientada e dessa forma fica explicita a origem a que pertence, embora pesquisadores pouco familiarizados com a questão lexical tenham a

necessidade de conferir o pertencimento do Terreiro já no início da pesquisa para que fique claro esse detalhe peculiar. Lima esclarece a identificação da comunidade iorubá:

> Os grupos étnicos iorubá que vieram para o Brasil eram geralmente chamados de *nagôs*. Pesquisas etnográficas e historiográficas têm mostrado a diversidade desses grupos, de que nos ficaram os etnônimos mais correntes, Oió, Ketu, Ijexá, Egbabo, em documentos de trafico e registros de venda de escravos, nascimento e morte. (LIMA, 1974, p. 73)

O Candomblé Ketu é também reconhecido como quantitativamente preponderante na Bahia, sendo assim tido como de maior legitimidade ritualística. Lima (1974) enfatiza que esse ideal de pureza ritual pode ser explicado pelo fato dos Nagôs terem sido os últimos a se introduzirem no Brasil. Para esse antropólogo, tal fato justifica que este grupo tenha se projetado com maior efervescência. Em relação à chegada do povo Nagô, Narcimária Luz (2000) aponta que se deu nos fins do século XVIII e início do século XIX, período em que o primeiro Candomblé é instalado na Bahia. É sabido que o primeiro Terreiro é de origem Ketu, o Terreiro da Casa Branca, como já asseveramos anteriormente. Mesmo depois do exposto podemos afirmar e realçar que as nações Jeje e Angola têm indispensáveis e importantes participações na construção e propagação da religião no país.

Fica evidenciado que, a definição do Candomblé por nação revela o modo de proceder dos adeptos. No Ketu, todas as ações, costumes, conceitos éticos e estéticos, liturgia, língua e estrutura hierárquica são pautados na herança iorubá. Designando o povo do atual Daomé e Nigéria, pertencentes de uma região conhecida como Yorubaland, (Luz, 2000), todo complexo comportamental e ritualístico provem dessa cultura. Quando indagamos no inicio da nossa pesquisa, sobre a que nação pertence o Ilê Asé Iji Ati Oyá, a Ekedi da casa nos afirma ser Ketu, assegurando que toda a sua constituição corresponde à origem iorubá. Isso categoriza todo o propósito do Terreiro, as atividades e posicionamentos vivenciados.

A nação Ketu é praticamente predominante nos Candomblés da Bahia, correspondendo o culto aos Orixás. Essa predominância muitas vezes impacta no tratamento como as pessoas de fora do axé costumam utilizar os termos iorubás, “generalizando” a religião como se apenas houvesse uma nação. É comum ouvir pessoas se referindo aos ancestrais pela denominação de Orixás, como se esse termo fosse único, ou chamar mãe de santo de Ialorixá, talvez isto seja explicado pelo fato da nação Ketu ser prevalecente.

> Na Bahia, a cultura Ketu é preponderante e foi reconstituída com os mesmos traços institucionais dos valores de sua origem e isso também só foi possível porque,

> durante o tráfico escravista, veio para cá uma elite sacerdotal-política e famílias tradicionais africanas. (LUZ, 2000, p. 96)

As palavras de Luz sugerem a importância que teve o fluxo escravagista e sua constituição na construção de um determinado panorama cultural. O fato de ter vindo uma elite de sacerdotes e representantes políticos iorubá foi favorável para a nação Ketu se tornar preponderante, mesmo em contexto de escravização. Ou, em outra perspectiva e mais comumente aceita, o predomínio se deu pelo fato de terem sido os últimos a aportarem no Brasil e ainda, em outra visão, por serem os primeiros a instalarem o Candomblé em espaço físico brasileiro, na Bahia.

Vimos até então, a reelaboração da fé religiosa dos africanos trazidos ao Brasil e resultando na religião que conhecemos pelo nome de Candomblé. Tivemos conhecimento que seu estabelecimento foi alicerçado pela resistência e luta dos negros que aqui chegaram em situação de escravizados. Conferimos a divisão do culto religioso por nações e a predominância do Ketu na Bahia. Nas partes que se seguem damos continuidade ao estudo da religião afrobrasileira e das peculiaridades envolvendo as ações pertinentes do povo de santo.

3.2 O COTIDIANO DO CANDOMBLÉ: RESPONSABILIDADE E PERTENCIMENTO À FAMÍLIA DE ORIXÁ

O Candomblé representa uma das construções religiosas africana no Brasil de grande relevância, que resulta da resistência dos povos africanos e afrobrasileiros, derivado da fé nos ancestrais e da necessidade de pertencimento e posicionamento religiosos dos referidos povos. Estabelecido por divisão em nações, e vivenciando os ensinamentos originários de seus grupos étnicos, a constituição religiosa segue os procedimentos herdados dando continuidade ao legado religioso de comportamentos e atitudes próprias.

Como nossa pesquisa investiga um Candomblé Ketu, utilizamos os termos correspondentes desta nação, conferindo o conjunto de ações que os qualifica. Depois de discorrer sobre o contexto histórico de sua edificação no Brasil, mais precisamente na Bahia, nos debruçamos em conferir os aspectos inerentes ao culto afro-religioso, que reverencia os Orixás e identifica-se com essas entidades, agindo conforme suas determinações. A forma como os adeptos do Candomblé conduzem suas vidas indica o pertencimento religioso que os orienta.

O Candomblé Ketu descende do povo iorubá, como já mencionamos, e por isso todas as suas ações indicam tal origem. Os iorubás têm uma maneira muito própria de pensar, de agir e de conceber a vida. Para eles tudo o que existe no mundo resulta dos seres divinos, concebem que a vida humana tem descendência das divindades, por esse motivo devotam fé e adorações aos ancestrais divinizados. Com essa concepção religiosa, esse agrupamento étnico se baseia na crença de que a origem da vida é de procedência sagrada. Bastide (1989, p. 86), citando Frobenius, nos informa que "a ideia fundamental do sistema religioso iorubá é a concepção segundo o qual todo homem descende de uma divindade (...) todos os membros de uma família descendem da mesma divindade". Essa convicção sugere que os seres humanos fazem parte do universo sagrado por serem seus descendentes e a ligação com os ancestrais pode ser consequência dessa descendência.

Prandi (2001, p. 18), assinala que "para os iorubás antigos, nada é novidade, tudo o que acontece já teria acontecido antes". Isso nos revela que se todo homem descende das divindades e todo acontecimento teria ocorrido antes, o que vivenciamos atualmente é apenas uma continuidade dos antepassados. Essa visão, de certa forma, justifica a crença e devotamento do povo de santo aos seus Orixás, valida a entrega com que a comunidade de axé dedica suas vidas aos ancestrais divinizados, especialmente quando os tratam como "Mães e Pais", pois é comum nos Terreiros ouvir seus adeptos se referirem às entidades de forma filial. Não apenas as Ialorixás e os Babalorixás são concebidos assim, mas a todo o momento escutamos "minha mãe Iemanjá", "meu pai Oxóssi", e igual reverência aos demais Orixás, nas falas dos seguidores do Candomblé.

A propriedade com que os adeptos da religião afrobrasileira lidam com suas divindades é de tal maneira consolidada e intensa que para eles nada acontece sem que haja a interseção, interferência e influencia dos seres sagrados. Por esse motivo consultam os Orixás para decidirem e conduzirem suas vidas, numa relação de confiança que impregna os Terreiros de Candomblé. Entre a comunidade de axé nada acontece inadvertidamente, e por isso toda decisão e atitude devem ser refletidas com a mediação das deidades. Para fazer a conexão e favorecer a comunicação, as mães e os pais de santos são os responsáveis mais apropriados, embora, cada indivíduo tenha ligação espiritual com seus Guias.

Outra concepção peculiar do Candomblé é o de pertencimento a uma família de laços espirituais e religiosos. Nos Terreiros as pessoas se tratam com um grau de parentesco que não tem a ver com a consanguinidade, mas estabelece vínculo familiar de igual relevância.

Como já vimos, na concepção dos iorubás, somos descendentes dos ancestrais divinizados e nossos antepassados continuam vivos conosco, essa crença confirma uma ligação familiar que transcende aos laços genéticos e ganha corporeidade no convívio do Terreiro, nos rituais, nas trocas de experiências e vivências cotidianas. A partir do momento que um indivíduo passa a fazer parte da religião dos Orixás, mesmo não sendo ainda iniciado, já é acolhido e recebido como membro da família extensiva religiosa. Verger assegura que:

> A religião dos Orixás está ligada à noção de família. A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabelecera vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o travão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização o poder, asé, do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada. (VERGER, 1997, P. 18)

Quando Verger trata o Candomblé como família numerosa indica o que de fato acontece nos Terreiros, uma extensão familiar que não se finda, pois sempre chega novos integrantes para fazerem parte da conjunção de parentesco nos Orixás. O tratamento entre o grupo religioso, expressa uma ligação de irmandade, filiação, em que as mães e pais de santo são responsáveis por conduzir os filhos da casa. Igualmente, todos os membros são incumbidos de orientar uns aos outros, dependendo do grau de experiência na religião, assim os mais velhos no axé – não necessariamente na idade cronológica – conduzem os mais novos. Essa dinâmica se aproxima do cotidiano da família consanguínea, em que os adultos ensinam e educam as crianças.

Identificado pelos seus seguidores como uma segunda família, o Candomblé é visto também como instituição onde se encontra amparo e acolhimento. As pessoas que procuram os Terreiros, também vão em busca de aceitação, atenção, respeito, de um tratamento que talvez esteja carecendo, ou não tenha encontrado e/ou identificado em outros espaços. Quanto a isto Siqueira (s/d, p 67) sugere que “as pessoas buscam e encontram no Candomblé esperança e solidariedade que lhe são negados no cotidiano da vida”. Tal indicação pode ser vista nas observações que fizemos no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, que recebe diariamente crianças e adolescentes da comunidade do Engenho Velho de Brotas, oferecendo-lhes educação, orientação moral, cuidados e alimentação, mas não apenas essa ação social faz parte desse Candomblé, como também o tratamento receptivo e respeitoso para com os que ali chegam.

A ligação entre o povo de santo é fortalecida pelo sentimento de pertencimento a um núcleo para eles sagrado, vivenciado desde a infância ou em idade adulta dependendo de quando adentram o Candomblé. Pertencer à família religiosa dos Orixás lhes faz de certa forma, acreditar na proteção e providencia espiritual dos seus ancestrais divinizados, e conduz um comportamento distinto que origina a comunidade de axé. Por exemplo, desenvolvem uma concepção de união, solidariedade e comunhão com as divindades e com o grupo, compartilhada por todos os membros do Terreiro, que sentem estarem seguros ao serem encaminhados pelos seus Guias. Semelhante a isto, Serrano e Waldman sustenta que:

> Os laços que unem os indivíduos que têm *consciência de pertencimento* a uma linhagem ou clã afirmam-se com base em diversas práticas sociais, consolidando um forte sentimento de solidariedade. Essa consciência aprofunda-se a partir dos *ritos de iniciação* que ocorrem desde a mais tenra idade, processando-se a construção *eu coletivo.* Nessa esfera, o indivíduo encontra proteção contra qualquer vicissitude ou perigo vindo "de fora" do seu grupo, amiúde associados com os estranhos. (SERRANO e WALDMAN, 2007, p. 130)

Todavia, é importante destacar que os adeptos do Candomblé não excluem-se do convívio em sociedade por sentirem-se seguros no Terreiro e por acreditarem fazerem parte de uma família religiosa distinta. Ao contrario, levam para o contato social os aprendizados consolidados no seio da religião para além da comunidade de santo. Partilham com os diversos indivíduos com quem têm convivência as crenças e convicções que lhes são próprias, propagando assim os ensinamentos e preceitos pertencentes ao seu núcleo religioso. O sentimento de pertença ao reduto familiar dos ancestrais divinizados lhes ampara viver em sociedade com maior harmonia e discernimento.

Sendo espaço litúrgico, de procedimentos rituais, festas, performances e cânticos reverenciais aos Orixás, o Candomblé, como as demais religiões, também se encarregam do acolhimento aos que o procuram. Os filhos de santo encontram nessa nova família a continuidade de uma vida social, em comunidade, na qual a responsabilidade e o respeito são fatores indispensáveis ao bom funcionamento da organização religiosa, e esses valores imprescindíveis devem fazer parte de suas vidas repercutindo para além do cotidiano do Terreiro. Tudo o que é ensinado e vivenciado na casa de axé, deve ser levado para os diversos ambientes pelos quais seus seguidores tenham acesso, fazendo assim, a propagação da religião.

No Candomblé não se ensina para a vida no Terreiro, mas para a convivência no mundo, é desse jeito que o cotidiano acontece, nesse local religioso em que os indivíduos

interagem e compartilham de seus sentimentos, desejos, aspirações, frustrações, conquistas e ideais. Heller (1989, p. 17) afirma que "a vida COTIDIANA é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico". De fato, não há como escapar da cotidianidade vivendo em sociedade, visto que o individual e o coletivo se misturam e as trocas de experiências favorecem a interação com o outro. As características humanas são muitas vezes reveladas no cotidiano das relações entre os indivíduos, e no núcleo religioso não é diferente, existe uma vida cotidiana protagonizada pelos seus participantes.

> A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, suas paixões, ideias, ideologias. (HELLER, 1989, p. 17)

Fazer uma ressalva sobre a vida cotidiana se fez importante na nossa pesquisa visto que o Candomblé vive o cotidiano. No Terreiro, os indivíduos vivem cotidianamente os preceitos próprios da religião, em uma dinâmica grupal de inter-relações na qual todos cooperam com o cumprimento das atividades. Pelo fato de se pautar na orientação dos ancestrais divinizados, seguir calendário ritualístico e se dispor a atender as solicitações de seus adeptos ou dos que lhe procuram, a cotidianidade nesse espaço não é linear. O Candomblé nem sempre segue uma rotina de acontecimentos programados; podem ocorrer situações corriqueiras, como também atos inusitados, diariamente. O importante para os candomblecistas é seguir correspondendo os princípios religiosos, podendo haver similaridades de ações em determinados dias e em outros, eventos imprevistos, porém, tudo é conduzido organizadamente respeitando o curso do Terreiro.

O cotidiano no Candomblé é participativo, sempre em conformidade com todos os indivíduos envolvidos e cada um tem responsabilidade por uma determinada ação dentro do Terreiro, com cargos hierárquicos que organiza e dinamiza seu funcionamento. Cada adepto age individualmente, por ser responsável por alguma ação, e ao mesmo tempo atua no coletivo, ou seja, há uma participação individual onde cada um responde por si, ao passo que também é grupal em que todos respondem e trabalham pelo grupo geral. Essa prática nos foi confirmada pela Ekedi D'Oxum do Ilê Asé Iji Atí Oyá durante as observações, que existe o compromisso particular e o geral, assim é a cotidianidade que Heller (1989, p. 20) evidencia, "a vida cotidiana é a vida do individuo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico".

Na família o cotidiano é construído pelo individual e pelo coletivo, assim também é no Candomblé que se configura como complexo familiar para seus adeptos. Nessa extensiva família os ensinamentos são transmitidos e compartilhados a partir das tradições orais e dos exemplos praticados hierarquicamente, em um continuo de geração para geração. É através da oralidade que os exercícios do Terreiro são orientados, desenvolvidos e difundidos. Como numa família tradicional, o povo de santo se ramifica, assim como suas concepções e ações, mantendo a tradição pela qual foi constituído.

Descendente de matriz africana o Candomblé herdou um traço peculiar dos africanos que é a preponderância da oralidade. Conservando a cultura e a habilidade que lhe foi orientada desde seu surgimento, a comunidade seguidora dos Orixás interage no processo de ensino-aprendizagem através da tradição oral. Esse costume se manifesta nos rituais, festejos, performances, toques dos atabaques, em toda liturgia do Terreiro, que de certa forma preserva o legado religioso africano, no caso do Ketu, sustenta a herança iorubá.

> A tradição oral, no universo africano e afro-brasileiro, revela uma dimensão criadora e ancestral, uma vez que os costumes, os valores e a memória são revividos, por exemplo, em cada cantiga, dança, ritual e narrativas que expressam nossas marcas culturais. (SOUZA, 2005, p. 87)

A afirmativa acima condiz com o que de fato observamos no Candomblé, um exercício constante e habitual em manter viva a tradição oral e tudo que remeta às suas origens. No cotidiano do Terreiro a oralidade é o elemento que conduz o conjunto de ações vivenciadas pelo povo de santo, que executa todas as atividades no empreendimento da fala e das práticas rituais, seja em atividades programadas ou eventuais. É com a prática oral que a religião se estabelece e permanece nos dias atuais, dando seguimento aos ensinamentos ancestrais, vivenciados e difundidos por seus adeptos.

No cotidiano do Terreiro não há livros nem apostilhas que ensinem a liturgia do Candomblé, é no professar das palavras e no executar das tarefas que os membros aprendem e posteriormente ensinam. Essa dinâmica de tradição oral compartilha as orientações dos Orixás instrumentalizados pelos sacerdotes primeiramente e em seguida, numa experiência de troca pelos demais participantes da família religiosa. Ialorixás e Babalorixás conduzem na fala e na prática e os filhos de santo concretizam e dão seguimento. São essas as peculiaridades do povo de santo que revelam os aspectos culturais e os costumes herdados dos africanos.

Da matriz africana, o Candomblé obtém forte apelo na tradição oral, e no sentimento religioso. O povo iorubá que deu origem à nação Ketu vive em comunhão com o sagrado, com os ancestrais e com tudo que os eleve a um estilo de vida em comunhão com os seus deuses. Tanto é assim, que estudiosos do culto aos Orixás observam o valor que a religião tem para seu povo, a exemplo, Gaudenzi (2008, p. 18) assevera que "com relação ao grupo nagô-iorubá, aqui no Brasil representado devidamente pelos Candomblés Ketu, pode se afirmar que o elemento central de sua vida é a religião. Em todas as coisas eles são religiosos.". Tal afirmação é condizente com o comportamento das pessoas que ao entrarem em contato com a religião passam a viver em consonância com os preceitos religiosos, como costumam dizer, nascem para uma nova vida, a vida do axé.

O nascer para uma nova existência firmada pela devoção aos Orixás faz com que os adeptos do Candomblé exercitem os ensinamentos de seus Guias e pratiquem ações diversas do que antes faziam. Se o adepto anteriormente à entrada na religião tinha os registros escritos como fonte principal de aprendizado e transmissão de conhecimento, a partir de seu ingresso no Terreiro aprende-se através da oralidade, da observação, das práticas rituais e até mesmo do silêncio. São atributos próprios que fazem parte do cotidiano e que indicam sua descendência africana, especialmente no que tange a tradição oral, principio habitual e ativo nas relações do Terreiro.

> Os textos orais são estreitamente ligados às atividades dos "Terreiros". O seu ensinamento também, pois faz parte das "ciências de iniciação", cujo objetivo final é aprender a entrar em relação apropriada com as forças que sustentam o mundo visível e podem ser colocadas a serviço da vida. O ensinamento da tradição oral, apesar de se efetuar de uma maneira não sistemática, faz assim parte dos conhecimentos que se revelam indispensáveis aos iniciados e que, uma vez adquiridos, podem sempre ter utilizações práticas. (BONVINI, 2001, p. 44)

Bonvini disserta sobre a importância dos textos orais para a comunidade do Candomblé indicando o momento da iniciação, e a relação pertinente que a comunicação oral estabelece com as energias invisíveis fruídas pelos ancestrais divinizados. Todavia, os indivíduos não iniciados, conhecidos como os Abiãs na religião, já são familiarizados com a oralidade, alicerçados pelas práticas corriqueiras e as ocorrências de cunho extraordinário. Seja qual for o evento a ser consumado, de procedência simples ou singular seu principio se dá no exercício da tradição oral.

A nação Ketu, assim como as demais, resistiu ao sistema opressor e difundiu no Brasil a religião de culto aos ancestrais respaldados pela oralidade. Embora nos dias atuais a escrita

tenha predominância na nossa sociedade – e admitimos sua relevância – a tradição oral continua sendo a exclusiva forma de propagação do Candomblé. O passar do tempo não influenciou o complexo religioso a perder suas tradições, mesmo com as novidades que de certa forma foram incorporadas pelos adeptos do Candomblé, como vimos na seção anterior, em relação ao advento das tecnologias da informação, é fato que há um cuidado em preservar o costume religioso.

A vida religiosa do povo iorubá, mas precisamente do Candomblé Ketu, tem aspectos diversos a serem observados e um fato remete a tantos outros. Por exemplo, a história de sua constituição remete à luta contra a hegemonia escravocrata, o convívio no Terreiro revela um cotidiano similar ao de uma família e a tradição oral indica ação. Há muito ainda o que discorrer sobre a religião dos Orixás, e mesmo não tendo a pretensão de esgotar o assunto, até porque não daríamos conta, temos algumas propriedades do culto aos ancestrais divinizados a serem destacadas. As linhas vindouras darão continuidade à nossa investigação.

3.3 ORIXÁS E PROCEDIMENTOS SAGRADOS: DESCENDÊNCIA E IDENTIDADE DOS ADEPTOS

Ao dar seguimento no estudo sobre o Candomblé Ketu é indispensável que verifiquemos o principal elemento que conduz o povo de santo: Os Orixás. Absolutamente nada acontece no Terreiro sem a devida orientação destes seres divinizados que são cultuados, reverenciados e respeitados pelos seus seguidores, ou melhor, pelos seus filhos. Na comunidade de santo todas as ocorrências provém do direcionamento dado pelo Orixá principal da casa, e todos os membros da família religiosa seguem suas instruções no decorrer de suas vidas, em convívio social para além do Terreiro, não se limitando ao espaço litúrgico.

No Ilê Asé Iji Atí Oyá, durantes as observações, houve um acontecimento que nos chamou a atenção, e revelou o quanto os ancestrais são respeitados e são as verdadeiras autoridades do Candomblé. O fato é que quando interagindo com as crianças do Terreiro em momento de recreação, assobiei na tentativa de utilizar da onomatopeia e imitar o som de um avião, fui surpreendida pelo incomodo dos pequenos que me circundavam. Os meninos ao meu redor se entreolharam em um gesto que denotava desconforto, e embora eu tenha percebido a situação, continuei com os assobios, até que um deles, encorajado talvez pelo respeito aos Orixás, me repreendeu respeitosamente, dizendo que não era permitido assobiar naquele espaço. Fiquei intrigada e perguntei o motivo, o garoto tentou me responder com suas palavras simples, correspondente de uma criança com quatro anos de idade, que ali não era

permitido por causa do santo. Logicamente indaguei a Ekedi D'Oxum, que sorrindo, achando graça da atitude do integrante mirim, me explicou que era uma recomendação de Omolu, o Orixá principal do Terreiro.

Esse fato ocorreu logo no inicio das observações e fomentou nossa investigação em relação à educação e formação de valores no Candomblé, à nossa indagação de como se processa o aprendizado e quais são os ensinamentos transmitidos na relação do povo de santo. Acerca do processo educativo próprio da religião veremos na seção posterior, mas relatar essa ocorrência nesta parte da pesquisa se fez necessário para exprimir a importância que é dada aos Orixás. Isto confirma que são essas deidades que na verdade conduzem o funcionamento do complexo religioso através das Ialorixás e dos Babalorixás, entre outras personalidades hierárquicas. Os ancestrais divinizados são as bases que sustentam e fortalecem os Terreiros.

Os Orixás estão para seus adeptos como pais e mães espirituais e, portanto, como se obedece a um progenitor, igualmente se respeita as entidades de axé. A orientação dos ancestrais divinizados é como o direcionamento de uma mãe e um pai que tenta conduzir seus filhos pelos caminhos que lhes assegure uma qualidade de vida. Vimos que é costume entre o povo de santo referir-se aos seus Orixás com filiação, garantindo-lhes a "maternidade" e "paternidade" de suas vidas, então, nada mais justo que corresponder aos seus ensinamentos, afinal, são essas deidades as responsáveis por governar o mundo e a vida humana, conforme concebem o povo iorubá.

> Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os Orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, também chamado de Olofim em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana. (PRANDI, 2001, p. 20)

Diante da contribuição do autor acima, é possível compreender a relação de confiança que os adeptos do Candomblé depositam nos seus Orixás, visto que foram estes que receberam do Ser Supremo a responsabilidade de guiar suas vidas. É importante destacar que a condução não se restringe ao convívio no Terreiro, mas para a sociedade como um todo. Isso indica que a governança das entidades de axé foi delegada por um Ser Superior, os iorubá denominam Olorum, e que mediante isto, tudo que se processa no Terreiro tem procedência sagrada, digna de respeito e devotamento.

Entregar a vida nas mãos dos ancestrais divinizados é atitude que para os participantes do Candomblé só lhes favorecem, e demonstra pertencimento, pois, acreditam que é dos

Orixás que os seres humanos descendem. É possível então, inferirmos, que existe uma ascendência divina na criação humana, e nesse sentido, o sociólogo Prandi (2001, p. 24), ratifica que "os iorubás acreditam que homens e mulheres descendem dos orixás, não tendo, pois uma origem única e comum, como no cristianismo. Cada um herda do Orixá de que provém suas marcas e características, propensões e desejos [...]". Assim, entendemos que as atitudes humanas são sugestionadas e dirigidas pelas forças ancestrais.

Os Orixás, no Candomblé, exercem sobre seus filhos o poder de guiá-los e influenciar suas vidas de forma a conviverem em harmonia consigo, com o próximo, e em sociedade. Todavia, estes seres divinizados dependem de seus descendentes para se comunicarem com o mundo corpóreo e fazerem a conexão entre as duas dimensões, Céu e Terra, ou como os iorubá chamam, Òrum e Àiyé. É no momento da possessão, também conhecido como transe, que as divindades se comunicam com os encarnados dando-lhes orientações e recebendo destes as manifestações honrosas de gratidão e devotamento.

Os filhos de santo que têm o privilegio da possessão ou transe, são conhecidos como elégùn, pessoa destinada à incorporação dos Orixás, que "emprestam" temporariamente seus corpos para serem "montados" por seus santos de cabeça, ou Orixás. No momento da manifestação são as entidades que saúdam sua comunidade, dançam, recebem as oferendas de seus adeptos e transmitem o axé, e/ou força imaterial, invisível que emana nos Terreiros. Outra forma de comunicação e orientação dos ancestrais é no jogo de búzios, embora existam outras ações próprias da religião. Os elégùns se sentem honrados por poderem servir de instrumentos aos seres divinizados e assim viabilizar a comunicabilidade com suas deidades.

> O orixá é uma força pura, àsè imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. Esse ser escolhido pelo orixá, um de seus descendentes, é chamado seu elégùn, aquele que tem o, privilégio de ser "montado", gùn, por ele. Torna-se o veículo que permite ao orixá voltar a terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram. (VERGER, 1997, p. 19)

Diante da elucidação de Verger percebemos o quanto é importante tanto para os adeptos como para suas entidades o momento da possessão. Como podemos constatar, nessa ação há uma favorável troca de benefícios e honrarias entre as partes envolvidas. Enquanto os participantes disponibilizam seus corpos para a elevada utilização, os ancestrais divinizados vêm em Terra distribuir suas energias e irradiar o axé que lhes é próprio. Dessa forma há um contato físico e espiritual que liga o humano ao divino temporariamente mediante fenômeno do transe, que demonstra ainda o grau de entrega e responsabilidade assumido no Candomblé.

Nem todos os adeptos do Candomblé são elégùn, porém, isso não lhes tira o contato com os Orixás, pois eles também são seus filhos e têm igual relevância no Terreiro. Os participantes que não incorporam têm diversos cargos, como por exemplos, Ogã para os homens, Ekedi para as mulheres, funções confiadas aos membros da religião que têm iguais responsabilidades e importância na família religiosa. Geralmente essas pessoas são incumbidas de organizarem o funcionamento da casa correspondendo a um cargo hierárquico, apesar de todos os integrantes desenvolverem ações pertinentes ao bom andamento do núcleo religioso.

O convívio com os Orixás se dá a todo o momento no Terreiro, não necessariamente em dias rituais ou nos xirês (festa das entidades). Como no Candomblé nada é fortuito e tudo tem relação direta com os ancestrais, o cotidiano da religião se estabelece na "presença" invisível das divindades que a todo instante são reverenciadas e consultadas pelos seus seguidores, algumas vezes sem que haja o transe. Contudo, é importante salientar que os Orixás não devem ser consultados indevidamente, para atenderem aos caprichos ou queixas de seus adeptos, na verdade estão a serviço do Ser Supremo para orientar os humanos nas suas reais necessidades. Portanto, a interação com as entidades acontece em diversas situações, com ou sem a possessão, ou jogo de búzios. Por exemplo, a ligação se dá no simples fato de passar pela porta da casa de cada orixá e render-lhe reverência, ou no ato de colher as folhas da natureza e pedir-lhe licença, como vimos durante as observações no Ilê Asé Iji Atí Oyá.

O respeito e cuidado que os devotos do Candomblé rendem aos Orixás são indispensáveis na manutenção da religião, pois foi a partir da fé e resistência, bem como do ato de cultuar seus ancestrais que o agrupamento religioso de matriz africana foi implantado no Brasil. Cada participante do Terreiro tem uma finalidade e ação a ser desenvolvida, respondendo pelo chamado das entidades e atendendo as solicitações e encaminhamentos de ordem sagradas. Vale lembrar que, por haver um convívio baseado na constituição de uma família de axé, os participantes cooperam entre si, cada um com importante contribuição e assim toda comunidade religiosa colabora com a movimentação do espaço.

É recorrente a informação que no Terreiro todos os membros agem para manter a religião consolidada e isso pode de fato ser visto nas observações que fizemos. No Ilê Asé Ijí Ati Oyá, todos os filhos da casa, iniciados ou não, desenvolvem relevante desempenho nas tarefas próprias do Candomblé para que a casa permaneça funcionando e dando continuidade ao legado que lhes fora deixado pelos ancestrais, (tanto os divinizados, como os da família

consanguínea que iniciaram o culto nesse Terreiro). No Candomblé a participação de cada componente do grupo é indispensável, porém as Ialorixás e os Babalorixás têm intensa responsabilidade pelo desenvolvimento de todo funcionamento do complexo religioso. Por terem o mais elevado cargo hierárquico, e serem as principais pessoas a responderem pelo seu Terreiro as mães e pais de santo são encarregados de cuidarem de tudo, mesmo recebendo o auxilio de toda comunidade do axé. Verger (1997) indica que:

> A responsabilidade do culto repousa sobre o pai ou a mãe de santo, correspondentes aos nomes de origem ioruba, babalorixá ou Ialorixá. São chamados também de ¨zelador¨ ou ¨zeladora¨, termos equivalentes aos de ¨babalaxé¨ ou ¨ialaxé¨, pai ou mãe encarregados de cuidar do ¨axé¨, do poder do orixá. (VERGER, 1997, p. 44)

Diante do registro de Verger fica explicito que o cargo de Ialorixá e Babalorixá deve ser assumido por pessoas responsáveis, pois cuidar do axé dos Orixás requer prudência, cautela, desprendimento e respeito. Conduzir um Terreiro é tarefa honrosa, mas que exige entrega e sabedoria de seu encarregado, visto que repousam no responsável pelo comando da casa religiosa as principais atividades do culto. O autor acima citado assegura que “se a pessoa for chamada a tornar-se filho de santo, caberá igualmente ao pai ou mãe de santo a tarefa de levar a bom termo a sua iniciação, e preparar o assento de seu orixá individual [...]”. Ou seja, são os zeladores de santo quem primeiramente cuidam das divindades dos filhos da casa, e dos seus próprios ancestrais, cujo funcionamento do Terreiro acontece mediante orientação do Orixá principal do Terreiro.

As ações próprias da religião dos Orixás exigem disciplina de todos os participantes, bem como atenção e entrega, pois no convívio do Terreiro é imprescindível que haja a cooperação de todos os integrantes, mas com total alerta para que não se perca a finalidade das tarefas. As atividades são executadas com apuro e atenção seguindo a orientação dos ancestrais e para isso deve haver o entendimento do que está sendo solicitado e então executado. Cada ato reivindica concentração, disposição e ainda observação com posterior prática, é dessa forma que o Candomblé se ergue com o passar do tempo, cujo ensinamento é através das tradições orais.

Nas práticas cotidianas é que os adeptos do Candomblé aprendem como tornarem-se verdadeiros membros do Terreiro e seguidores da religião, dignos de pertencimento ao culto aos ancestrais. Se não correspondem com as exigências religiosas ou não se dispõem a colaborarem com o núcleo religioso, consequentemente é porque não estão aptos para fazerem parte do grupo. Os Orixás estão para servir de Guias para humanidade, mas, em contrapartida,

caberá aos humanos fazerem sua parte para elevação própria e contribuição com seu próximo, e com o seu espaço físico. É sabido que todas as instituições sociais necessitam do envolvimento e colaboração de todos os seus participantes para dar certo e ter continuidade.

O poder conferido aos Orixás faz com que seguidores do Candomblé lhes respeitem, mas não por exercer um poder castigador e sim beneficiador, pois a busca das pessoas à religião é por cuidados, atenção, soluções práticas de seus problemas. Os indivíduos que procuram a comunidade religiosa vão atrás dos aconselhamentos das entidades e é no acolhimento dos Terreiros que encontram ânimo para suas vidas, e ainda identificam-se como pertencentes da família religiosa, descendentes dos ancestrais divinizados. Este sentimento de pertencimento pode talvez ser explicado, como bem vimos, pelo fato de se associar uma descendência humana aos Orixás, nesse sentido, Gaudenzi (2008) afirma que:

> É importante notar que os mitos revelam que os Órisá foram os ocupantes originais da Terra até a sua criação, e que foi deles que os atuais ocupantes derivam, dando a entender que as divindades não são mais do que Ancestrais Divinizados, pois os mitos revelam que eles são frequentemente ajustados às atividades humanas na Terra. (GAUDENZI, 2008, p. 29)

Entendemos que a descendência designada aos ancestrais divinizados induz um ímpeto de confiança dos filhos de santos por seus Orixás, e por esse motivo dão seguimento ao Candomblé com seu devotamento e fé. O sentimento de pertencimento à família de axé, a identificação com as divindades e com todo o grupo influencia as atitudes de seus adeptos e as ações que assumem dentro do Terreiro. Somente sentindo em si as energias das entidades e confiando nas suas existências, sobretudo, terem consigo a crença de que são derivados de seu axé, faz com que os pertencentes da religião afrobrasileira se entreguem aos seus direcionamentos.

Os Orixás além de terem sido delegados a governar os humanos, conduzindo-os a viverem em sociedade, são também responsáveis pelos elementos da natureza, do reino mineral e até animal, ou seja, a tudo que compõe o mundo (PRANDI, 2002). A ligação do Candomblé com estes elementos se deve a isto, à representação que as entidades divinizadas têm como seres que correspondem cada aspecto. Assim, a figura do ancestral Ogum é associada aos metais, Oxum às águas doces, Iemanjá aos mares e oceanos, Xangô ao fogo, Iansã aos raios, Oxóssi à caça, Ossain às matas, entre outros exemplos referentes às deidades. Com isto, os adeptos do Candomblé consagram e honram também a natureza.

> Os Orixás cultuados no Brasil são cerca de vinte. Segundo os ensinamentos do Candomblé, cada orixá é responsável por uma porção do mundo, zelando por uma parte específica da natureza e controlando aspectos do ser humano e das relações sociais. Assim, um certo orixá cuida do raio, outro da chuva, outros do mar, das colheitas, do comércio, das relações amorosas, do equilíbrio emocional, da justiça etc. Os seguidores dos Orixás creem também que cada ser humano é descendente ou filho espiritual de um determinado orixá, de quem herda características físicas e de personalidade, assim como herda traços dos pais biológicos. (PRANDI, 2002, p. 58)

Ao ganharem conhecimento do Orixá "dono" de suas cabeças e identificarem-se com suas características, os integrantes do Candomblé passam a viver suas vidas em consolidação e interação com estes. Tudo passa a ter significado relacionado aos ancestrais divinizados, os gostos, a alimentação, as vestes e até a preferência por determinada cor sugere conexão com as divindades. Por exemplo, é comum nas sextas-feiras vestir branco em homenagem a Oxalá, Orixá mais velho; passar a comer ou deixar de comer determinado alimento por causa da sua entidade; ou deixar de vestir uma cor para não desagradar seu santo. Todas as ações são referenciadas aos seres divinos como atitudes sagradas a serem consumadas.

Segundo Prandi (2002), o mundo dos Orixás é constituído por cerca de vinte entidades. Algumas delas são Exu, o mensageiro e guardião das porteiras, das ruas; Oxalá, deus da criação, o mais velho e mais respeitado, que também é conhecido como Oxalufã, o grande pai dos Orixás; tem Oxaguiã, também conhecido como o Oxalá jovem; Ogum, o deus da guerra, dos metais, das tecnologias; Oxóssi, o caçador, está relacionado à fartura; os Ibejis/Erês são representações das crianças, deuses gêmeos, das traquinagens infantis; Nanã é a deusa da lama, dos pântanos da terra. Temos ainda Omolu/Obaluaê que protege da varíola, das pestes e das moléstias, é um grande sábio; Oxumaré, deus do arco-íris é representado pela serpente; Ewá é a guardiã dos segredos, deusa das fontes; Ossain é o curandeiro, deus das folhas; Xangô é o deus do trovão, está relacionado à justiça; Obá, a deusa dos rios é a protetora do lar. O universo sagrado segue ainda com Iansã/Oiá (Oyá), a deusa guerreira dos raios, dos ventos e das tempestades; Oxum é a mãe das águas doces, é deusa da fertilidade, do amor e do ouro; Logum Edé é também relacionado à caça e a pesca; e Iemanjá é a deusa dos mares e oceanos, está relacionada à maternidade, é a grande mãe dos Orixás.

A crença de que os humanos herdam as características dos seus Orixás de cabeça é inevitável no convívio do Terreiro, e assim o comportamento, gostos, atitudes em geral são associadas à descendência de santo. No Candomblé, os filhos de santo vivem impregnados pelo sentimento de pertencimento aos seus ancestrais e confiam em seus aconselhamentos, como também agem em consolidação com suas características. Dessa forma, um aspecto da

personalidade de um indivíduo logo é relacionado ao perfil do seu Orixá. Por exemplo, é comum assegurar a impetuosidade dos filhos de Iansã e a brandura dos filhos de Oxum a essas divindades, bem como a bravura dos filhos de Ogum a este Orixá, são os arquétipos (PÓVOAS, 2007) que identificam os filhos de santo com suas divindades.

Essa base reconhecida como arquétipo revela a confiança que alimenta os adeptos do Candomblé, e também supre os simpatizantes, que se conduzem a partir das orientações dos Orixás. As pessoas procuram o Candomblé em busca de alivio para suas dores, soluções, e ânimo para prosseguirem suas vidas, e isso só acontece mediante a segurança que têm nos ancestrais divinizados. A relação que é desenvolvida na religião Candomblé é de troca, de compartilhamento, de respeito mútuo, de solidariedade entre os membros do Terreiro e os que lhe batem a porta.

Repartido em nações o Candomblé se instituiu originário de suas etnias e a comunidade iorubá designou o povo Ketu de onde surgiu o Ilê Asé Iji Atí Oyá, *lócus* da nossa pesquisa. Essa denominação étnica tem aspectos interessantes que confirmam a descendência africana no Brasil, tais como as tradições orais, o sentimento de pertencimento familiar aos Orixás, a convicção de que tudo que existe no mundo já havia existido sendo apenas uma continuação dos ancestrais. Que por sua vez, são tidos como os Governantes do mundo atendentes da missão destinada pelo ser Supremo Olorum.

Tivemos conhecimento da importância dos ancestrais divinizados na vida de seus filhos, e suas influências sobre o mundo. O contato com os Orixás permite a conexão com o sagrado, com as energias elevadas, com o axé. Fazer parte do Candomblé é participar de um universo que envolve natureza, liturgia, ritmos, cânticos, danças, pertencimento à família ancestral, entrega e devoção. A religião de matriz africana conserva os aspectos de sua descendência e dá continuidade ao seu legado, sem deixar perder os princípios que o norteia.

Como vimos, o Candomblé teve sua instituição no Brasil em um contexto de resistência, de bravura e da necessidade dos negros praticarem sua fé, mesmo submetidos ao regime escravocrata. Foi na crença religiosa que conseguiram enfrentar a hegemonia do colonizador, e a forçosa retirada de seu continente africano. Contudo, preservaram consigo a presença da fé nos ancestrais divinizados e após luta pela libertação, erigiram a religião reelaborada da que comungavam em suas pátrias, dando assim continuidade ao legado afro-religioso em novo solo territorial.

4. EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO DE VALORES E DIFUSÃO DOS SABERES ANCESTRAIS NO CANDOMBLÉ

Com a intenção de investigar como se processa a educação, a difusão do conhecimento e a formação de valores no cotidiano do Candomblé apresentamos nessa seção uma abordagem sobre a forma pela qual seus adeptos são ensinados. Vale ressaltar que não queremos de forma alguma generalizar nossa pesquisa, que não estamos afirmando que todos os Terreiros de Candomblé têm igual prática na disseminação de seus preceitos. Contudo, nos baseamos nos teóricos, estudiosos da referida religião, e, sobretudo, nos sujeitos da pesquisa, que afirmam ser ponto consolidado os princípios pelos quais os ensinamentos são ensinados. Pesquisar a referida religião é tarefa instigante visto que nesta religião, segundo seus praticantes investigados, e referencial teórico, não constam registros escritos e todos os acontecimentos relacionados à liturgia religiosa são oriundos da comunicação com os Orixás. No *lócus* da nossa pesquisa, o Ilê Asé Iji Atí Oyá, tivemos a informação da Ekedi D'Oxum, que nada acontece sem a orientação dos ancestrais divinizados, pois são eles que instruem e ensinam como se proceder na religião e no mundo. De acordo com esta crença, é através da ligação com as entidades que a comunidade de santo vive e dá seguimento aos ensinamentos transmitidos de geração para geração.

As leituras, observações de campo e informações adquiridas com os participantes do Ilê Asé Iji Atí Oyá nos conduziram a identificar algumas características interessantes do Candomblé, que revelam os sentidos desta manifestação religiosa. Dentre alguns aspectos estão a sua ligação com os elementos da natureza e o valor empregado à palavra, que são traços marcantes. Outros fatores são valorosos, tais quais as performances nas rodas de santo; os rituais sagrados; os cânticos litúrgicos; a forma como acontece a iniciação na religião, entre tantos procedimentos peculiares. Outra singularidade que tivemos conhecimento foi que o silêncio também ensina, aliás, todas as ações fazem parte do processo de ensino-aprendizagem na religião.

Conforme as informações obtidas nas observações de campo, com os participantes do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, no Candomblé as lições são transmitidas no decorrer do dia, na dinâmica que envolve o grupo, em cada acontecimento. Assim, tivemos o esclarecimento no *lócus* da pesquisa, que os filhos de santo e frequentadores do Terreiro devem ficar atentos a tudo o que é dito e quando não dito exemplificado. Tudo deve ser aproveitado pelos participantes que aprendem cotidianamente, a todo o momento, em diversas circunstâncias, no

convívio com seus pares e seus Orixás. Todavia, não há um processo linear de ensino-aprendizagem com planejamentos elaborados, como requer uma escola regular que é orientada por planos, diretrizes, normas, regulamentos e portarias definidas pelo sistema nacional. Diferindo também de algumas religiões que também têm procedimentos elaborados e planejados, pré-definidos. No Terreiro, as ocorrências são variadas, podem não estarem previstas, e até mesmo suscitar nova lição que poderá beneficiar toda a comunidade de axé. Segundo a Ekedi D'Oxum, no complexo religioso de matriz africana nenhuma ocorrência é inútil, todas as eventualidades são tidas como fatores propícios ao aproveitamento de um ensino, pode-se resultar em uma nova lição.

A formação de valores presentes no processo de ensino-aprendizagem da religião é constante e acontece no momento em que está sendo ensinado um procedimento próprio do Candomblé, assim ocorre no Ilê Asé Iji Atí Oyá. Por isso que valores como respeito à natureza e ao próximo; o cumprimento das responsabilidades; honra aos ancestrais e aos mais velhos; compromisso com a palavra firmada entre outros, são construídos e exercitados no cotidiano do Terreiro e levados para o convívio social externo. Foi observado durante a pesquisa de campo no referido *lócus*, que na educação religiosa se aprende a comungar com os seres sagrados, com os reinos vegetais, animais e minerais; com os afins e os adversários, e tudo em consolidação com as tradições orais.

Para melhor compreensão acerca do que é valor nos baseamos nos pressupostos de Heller (1989, p. 4): "Em primeiro lugar, que entendemos por valor? Tudo aquilo que faz parte do ser genérico do homem e contribui, direta ou indiretamente, para a explicação desse ser genético.". Assim, entendemos que os valores direcionam os seres humanos e explicam seu posicionamento na sociedade em que vivem. A construção e propagação de um saber e um valor orientam o individuo a se comportar no cotidiano com seu próximo. A autora ainda sugere que "[...] pode-se considerar valor tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento daquelas componentes essenciais [...]". Diante do enunciado, compreendemos que os valores são bens imateriais que interferem na evolução humana.

É importante investigar o que sustenta e influencia os indivíduos a seguirem determinados padrões de vida e passarem a se comportar conforme tais normas. Para que uma pessoa absorva o que lhe é apresentado como valor e o conceba com relevância a ponto de viver a partir disso, é possível que esteja pautado em algum sentimento, algo que dê sentido

para sua existência. No caso do Candomblé, no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, foi observado que o os valores podem ser explicados com base na fé e na confiança que seus integrantes devotam aos ancestrais. Outros fatores certamente justificam as inclinações dos comportamentos humanos, mas, na tentativa de entender o que torna um valor imprescindível no cotidiano da comunidade de axé continuamos com a concepção de Heller:

> [...] a fé e a confiança desempenham na vida cotidiana um papel muito importante que nas demais esferas da vida. Isso não significa, de modo algum, que a fé e a confiança sejam aqui *mais intensas* que em outros campos: a fé religiosa costuma ser mais intensa e mais incondicional, assim como a confiança tem significação mais intensa e emocionalmente maior na ética ou na atividade política. O que queremos dizer é que esses dois sentimentos "ocupam mais espaço" na cotidianidade, que sua função mediadora torna-se necessária em maior numero de situações. (HELLER, 1989, p. 33)

Entendemos a concepção de Heller como uma dentre as possíveis respostas, para a construção de valores no cotidiano do Candomblé, visto que, seus adeptos o seguem por conta da fé nos ancestrais e a confiança nestes e nos mais velhos da religião. Uma pessoa que não credita fé e não confia em determinado seguimento religioso, dificilmente o adota como base para sua vida. Neste sentindo, segundo os sujeitos da pesquisa, no culto aos Orixás existe um devotamento singular, com total segurança e respeito às divindades. É por causa da fé que têm pelas suas deidades que os filhos de santo comungam com a referida formação religiosa e compartilham seus ensinamentos para além do Terreiro. Esses fatores – fé e confiança – são justificativas plausíveis e/ou determinantes na geração de valores entre o povo de santo. Nossa ressalva sobre esta questão se deu apenas para colaborar com o entendimento do processo de construção e difusão dos valores na religião de matriz africana. E para ampliar nossa compreensão utilizamos também do conceito de Certeau (2014), sobre crença:

> A título de primeira aproximação, entendo por "crença" não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas um investimento das pessoas em uma proposição, o *ato* de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma "modalidade" de afirmação e não o seu conteúdo. (CERTEAU, 2014, p. 252)

A concepção do autor acima de certa forma, não dissocia de Heller, pois em ambos vemos possíveis explicações para o comportamento humano, no que diz respeito ao que se toma como verdade para conduzir a própria vida. Acrescentado aos elementos apresentados pela autora, fé e confiança, está a crença de Certeau, três fatores que podem ser tomados como influenciadores na geração de valores nos indivíduos, e na condução de suas atitudes. Interessa-nos também partindo desses pressupostos, compreender como se processa a construção do conhecimento e dos saberes oriundos dos ancestrais entre tal agrupamento. No

Candomblé a aprendizagem dos fundamentos religiosos e seus valores são processados de maneira distinta, como tivemos informação no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá. É com a mediação da tradição oral que se ensina o conjunto de obrigações referentes à religião, em que se emprega poder à palavra dita e observância às praticas exemplificadas. Nesses momentos os membros do Terreiro recebem as lições originárias dos Orixás, mediante as instruções das Ialorixás, dos Babalorixás e dos demais integrantes que já ocupam um cargo que lhe possibilite orientar os mais novos. Assim, nos encarregamos de investigar sobre o processo educativo da religião, a formação de valores entrelaçados a este processo sob intermédio das tradições orais.

4.1 ENSINAMENTOS DOS ANCESTRAIS DIVINIZADOS: SABERES E VALORES COMPARTILHADOS ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO COM OS ORIXÁS

A perspicácia de aproveitar qualquer situação ocorrida para ocasionar um novo ensinamento, é uma estratégia utilizada pelos adeptos do Candomblé que vivenciam na prática os saberes orientados pelos ancestrais. Mediante, primeiramente, da tradição oral, e consequentemente da observação para a execução é que os conhecimentos e valores morais são construídos e difundidos. Com transmissão pela oralidade e na exemplificação prática dos procedimentos, os preceitos são ensinados e aprendidos, facilitados pelos mais velhos, independente da idade cronológica dos indivíduos. A experiência dentro do axé é que delega aos participantes a responsabilidade de direcionar e mediar os saberes oriundos dos Orixás. As Ialorixás e os Babalorixás são os primeiros responsáveis pela tarefa de promover a educação de Terreiro, sendo auxiliados pelos demais membros que já estão preparados para oferecer o suporte.

Para indivíduos habituados aos ensinamentos processados pela linguagem escrita, através de livros e apostilhas, talvez tenham uma resistência ao entrar em contato com a forma de efetivação do conhecimento própria do Candomblé. O fato de não ter o esteio livresco para estudar sugere complexidade no aprendizado do Terreiro, visto que a ausência de registros escritos pode causar estranhamento aos principiantes no axé. Todavia, ressalvamos que a princípio toda nova instrução pode ser concebida como difícil, é necessário algum tempo para que as lições dadas sejam aprendidas, porém, a inexistência das letras não implica necessariamente em impedimento para a efetivação do saber.

No Candomblé todos os participantes têm igual forma de inserção ao processo de ensino-aprendizagem dos preceitos litúrgicos da religião, assim tivemos informação no Ilê

Asé Iji Atí Oyá. Os sujeitos desta pesquisa asseguram que mesmo não havendo uniformidade entre os Terreiros, o principio é o mesmo, tenta-se manter os preceitos e tradições, respeitando a base que erigiu a religião, ou seja, ensinamentos através da oralidade, observação e prática, para todos os envolvidos. Aprende-se tudo e com todos, em qualquer situação, a todo o momento, em uma dinâmica de reciprocidade e interação coletiva. O mais interessante disto é que tudo se processa através da fala, pelo aparato oral, em que é dada valoração primaz ao que está sendo dito, pois, a palavra pronunciada é considerada "magnética", como algo que promove sentido e impacto ao ensino. A respeito disto Souza (2005, p. 86) reitera que "o poder da palavra garante e preserva o ensinamento, uma vez que ela possui uma energia vital, com capacidade transformadora do mundo", e por esse motivo é tão valorizada na vida dos candomblecistas.

Ao considerar a palavra como geradora do axé e propagadora da força vital para a construção do saber, o povo de santo se utiliza da oralidade para transmitir os ensinamentos que lhes foram dados pelos seus mais velhos, deixados pelas gerações anteriores. Em um movimento constante de troca de informações e experiências os adeptos do Candomblé perpetuam as lições emitidas pelos Orixás, com o esforço de não perder nenhum conteúdo oferecido. Então, se valendo das tradições orais os membros do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá estudam a religião no cotidiano e colocam em prática tudo que está sendo ensinado. O que pode parecer a principio difícil deixa de sê-lo quando há entrega e boa vontade em aprender, e quando há assiduidade nos rituais, momento de suma importância e de favorecimento da aprendizagem, isso deve fazer parte da vida, como assegura Santos:

> Viver é aprender. Isso não "desbanca" ninguém. Ensina quem pode e aprende quem for inteligente, humilde, sábio, e tiver boa vontade. Os velhos são arquivos vivos, testemunhas de fatos emocionantes. Aprender e ensinar são atos constantes da vida. Ensinamos e aprendemos sempre. É importantíssima a transmissão do conhecimento. Para que haja essa passagem, é preciso existir a frequência nos rituais. (SANTOS, 2010, p. 102)

Diante da assertiva da Ialorixá Stella Santos, inferimos que para realização do ensino-aprendizado no Terreiro é necessário que haja entrega à religião, dedicação ao culto dos Orixás. De acordo com tal afirmação, é no permanente exercício que as lições são consolidadas. Apesar de não dispor de registros escritos a transmissão dos saberes ancestrais é concluída, além de beneficiar na geração de energia, no compartilhamento do axé. Santos (2010, p. 90) ainda revela que: "não adianta aprender apenas com leitura de livros, assim como roubar anotações de quem as tem, pois na prática do roubo se perde Àsé e se ganha

baixo-astral.”. Assim, perder axé e ganhar baixo-astral assinala o compromisso que os adeptos devem ter com as divindades e que as ações podem ser geradoras de energias, boas ou ruins a depender das atitudes dos indivíduos.

A complexidade a princípio sentida pelos iniciantes aos poucos vai se desfazendo e o corpo de regras vai ganhando forma no cotidiano do Terreiro. Com a dedicação e o exercício diário, os adeptos do Candomblé vão percebendo a dinâmica da religião e desse jeito assimilam as instruções passadas pelas autoridades hierárquicas do núcleo religioso. Santos (s/d, p. 58) assegura que “a Mãe de Santo assim como os mais velhos de um modo geral, ensinam a cada instante, em situações do cotidiano. O aprendizado vai acontecendo naturalmente.”. Tal premissa confirma que os novos integrantes são amparados pelos que já faziam parte da religião, pelos que têm conhecimentos a serem transmitidos. Todavia, a tarefa mesmo sendo auxiliada, requer atenção, pois não há livros que ensinem os fundamentos do axé. “Na verdade o processo de aprendizagem de Axé é muito mais complexo, é muito mais difícil do que em uma escola regular. Afinal não temos programas, nem planejamento e nem teorias escritas. Não temos dogmas nem livros sagrados.” (SANTOS, s/d, p. 58)

Com base na afirmativa da Ialorixá Stella Santos, conferimos o quanto é importante prestar a atenção nos ensinamentos dados, cuja transmissão dispensa livros, e mantém a tradição oral perpetuada como no surgimento da religião. Nesse processo, toda lição requer um estado de alerta, que sugere a necessidade da dedicação para ser efetuada, e é na prática que o conhecimento é concretizado. Com o exercício da observação aos procedimentos e acontecimentos os novos adeptos do Candomblé são contemplados com a aquisição dos sabres e valores ancestrais. A aprendizagem da religião requisita prudência, solicitude, concentração e aplicação, para assim poder ser consumada. Aprender no Candomblé também envolve respeito aos Orixás, não adianta querer fazer parte de um complexo religioso e não obedecer a suas regras. Os integrantes da religião precisam compreender a dinâmica que sustenta o Terreiro e se dispor a exercer as práticas distintas da melhor maneira possível e assim manter a tradição dos ancestrais.

Fazer parte do Candomblé é integrar o complexo mundo de liturgias, crenças e concepções distintas, de fundamentos que somente pertence à religião dos Orixás e sua peculiaridade exige de seus adeptos dedicação. O individuo pertencente a esse culto afrobrasileiro vive consolidado com os preceitos religiosos que o acompanham em suas relações sociais, dentro ou fora do Terreiro, são responsáveis por viver a vida do axé, levando

consigo os ensinamentos que tiveram acesso. A pessoa não vive duas personalidades, mas sim, incorpora em seu caráter as características de seu santo, como filho que herda os traços dos seus progenitores. Em Prandi (2001) isso significa herdar dos Orixás, é o que Póvoas (2007) chama de arquétipos. Os participantes da religião assumem sua descendência ancestral.

Aprendemos durante as observações no Ilê Asé Iji Atí Oyá, que em contato com o conjunto de fundamentos próprios da religião afrobrasileira, os principiantes aprendem a lidar uns com os outros, a comungar com a natureza, a dar valor às palavras pronunciadas, a reservar-se e recolher-se em momentos ritualísticos e, sobretudo, compreendem a importância de seus Orixás em suas vidas. Passam a viver com base em seus ancestrais, e valorizam seus ensinamentos como imprescindíveis à manutenção de suas próprias existências. Atendem pelo novo nome dado, o nome do axé, consideram-se como irmãos pertencentes à família das deidades. Com a inserção no universo litúrgico dos Orixás, as pessoas comportam-se conforme os costumes da religião. É como nascer novamente, nascer para o santo, com renuncia às vicissitudes da vida e se permitir uma nova vida, mais dedicada aos princípios religiosos e em comunhão com o sagrado. São como recém-nascidos que aprendem a falar, engatinham até andar, e a cada instante podem aprender uma lição no cotidiano com a família. Vemos similar entendimento em Machado (s/d):

> Nossa ligação mitológica com o Orixá preserva a nossa integridade e individualidade. Somos “eu” e um novo “eu”, construído com um aparato cultural dinâmico e permanentemente estruturado. Atendemos pelo nome religioso que recebemos durante a iniciação. Este nome tem um significado para nossa vida, para nosso caminho enquanto religiosos e cidadão. (MACHADO, s/d, p. 110)

Com a asserção da autora acima, entendemos que o envolvimento com o Candomblé interfere no comportamento dos indivíduos, mas uma interferência que lhes garante um novo direcionamento de reservas e que repercute no seu convívio em sociedade. Já vimos que as lições aprendidas no cotidiano do Terreiro são levadas para os relacionamentos sociais, não se limitando ao interior do espaço religioso. Atender pelo nome de axé é uma das peculiaridades da religião que formam a identidade de seus adeptos, em que estes se reconhecem como descendentes dos Orixás e vivem conscientes disso, inclusive tentam honrar a respeitável missão de pertencer à família dos ancestrais divinizados.

É por acreditar que descendem dos Orixás que os adeptos do Candomblé passam a se comportar conforme as instruções compartilhadas na comunidade de axé. Por conceberem que são pertencentes dos ancestrais que os participantes da religião passam a comungar com a

natureza e todos os seus elementos; se identificam com a matriz negra de tradições africanas, como por exemplo, a valorização da palavra; agem de acordo com o que os Orixás orientam e até as vestimentas e indumentárias aderidas fazem parte do universo litúrgico do Candomblé.

Com os ensinamentos dados pelos mais velhos, os participantes da religião de matriz africana se posicionam no mundo de maneira diferente ao que viviam anteriormente a inserção ao núcleo religioso dos Orixás. Desenvolvem a consciência de pertencimento ao mundo físico e transcendental entrelaçados, e colocam-se como responsáveis pela manutenção do legado ancestral. Passam a viver em busca da plenitude com seus pares e com as divindades de que descendem e levam para os diversos espaços do convívio social essa integridade religiosa. Transmitem o que aprendem no interior do Terreiro para os que lhes estão próximos, nos contatos com outros indivíduos independentes destes serem da mesma crença religiosa. Sobre isto, Siqueira assevera que:

> O fato de pertencer ao Candomblé confere às pessoas uma identidade social diferente que os revaloriza entre si e diante da sociedade. A pessoa de Candomblé desenvolve uma busca de maior qualidade como ser humano, incorporando processos de aprendizagem na vida, e no trabalho e nas relações sociais. (SIQUEIRA, s/d, p. 73)

Diante da premissa de Siqueira compreendemos que pertencer ao Candomblé sugere um novo posicionamento na vida, um comportamento que não se limita ao Terreiro, mas se corporifica entre outras instituições pelas quais os adeptos da religião têm acesso. Na verdade, assim deveria acontecer em modo geral, levar os aprendizados relevantes para o convívio social do qual fazemos parte, estender os ensinamentos que direcionam nossas vidas e que formam valores em nós. É dessa forma que propagamos as lições importantes que nos são dadas, é no compartilhamento das experiências que perpetuamos ao longo de nossas existências os costumes e saberes gerados pelos nossos antecessores.

Os ensinamentos praticados no cotidiano do Candomblé são bem aceitos e aprendidos pelos seus adeptos e pelos que de alguma forma têm contato com a religião que, apesar de possíveis dificuldades, logo são incorporados. Na seção anterior relatamos o caso do assobio, em que fui advertida por uma criança a não assobiar no Terreiro, e isto nos mostrou que mesmo não sendo um iniciado, o individuo em contato com as instruções dadas no complexo religioso passará a proceder, ainda que parcialmente, em sua consonância. Na ocasião, pudemos compreender que as lições geradas são valorizadas e por essa razão passam a fazer parte do conjunto de regras adotado e vivenciado pelos participantes do Candomblé. Para

algumas pessoas de fora da religião talvez não tenha o menor efeito a orientação dos Orixás, mas para os integrantes do axé é um direcionamento imprescindível. Até mesmo para os que não têm vínculo com o culto, mas têm aproximação com sua liturgia, passa a ser relevante.

Na concepção dos adeptos do Candomblé, segundo as informações adquiridas no *lócus* da pesquisa, viver do axé é viver de acordo com os ancestrais divinizados e seu legado. Na concepção de pertencimento ao santo os participantes do Candomblé incorporam a energia, o fluido vital que vem de suas divindades. Para Souza (2005, p. 60) “os Orixás são forças da natureza. E cada pessoa tem uma natureza dentro de si – a força do orixá.”. Ao absorver esse principio, os indivíduos seguem suas direções e comportam-se de forma que agrade seus “pais e mãe” divinos, numa relação com o sagrado. Por isto que os ensinamentos gerados pelo universo do culto afrobrasileiro têm forte difusão entre sua comunidade, e embora não tenha anotações escritas, ficam registrados na memória dos integrantes, pois é na palavra e no exemplo que tudo acontece.

Com a oralidade latente as autoridades do Candomblé são incumbidas de ensinar e instruir os principiantes a se comportarem na religião e no mundo. A força da palavra conduz o processo de ensino-aprendizagem dentro do Terreiro e os valores construídos são mantidos no entendimento dos novos e velhos adeptos. As tradições orais, assim, são perpetuadas como dinâmica indispensável no convívio da religião e são os principais instrumentos de propagação do saber. A fala ensina, educa, orienta e auxilia os membros do complexo religioso, contendo um composto de ações que para Rosário (1989, p. 47) “farão parte da tradição oral valores culturais como *narrativas* propriamente ditas, a *canção*, os diversos *ritos*, etc. porque a sua transmissão é feita oralmente de geração para geração.”. Isto sugere que foi o partilhamento oral que intensificou a manutenção do Candomblé e os saberes dos ancestrais.

Em relação a importância da palavra e ao legado ancestral Silveira (2004, p. 22) concebe que: “Ela não só reflete o valor simbólico do sagrado, mas é ela própria um compromisso que une os membros da comunidade na guarda zelosa dos conteúdos que integram uma memória ancestral de conhecimentos.”. Dessa forma, a reminiscência atua conservando a essência dos preceitos do Candomblé e as lições deixadas pelos Orixás. Assim, os saberes vivenciados no Terreiro são fortalecidos mediante a valorização da palavra e o robustecimento da tradição oral que tem total influencia para a referida religião.

> Assim a cosmovisão africana é repassada na experiência da palavra, da interação com o outro, e esse caráter experiencial marca as relações com o saber, com a construção do conhecimento. Aprender e ensinar, no Terreiro, representam integrar-se à experiência da vivencia diária. (SILVEIRA, 2004, p. 23)

A afirmação de Silveira orienta que no compartilhamento da palavra e com a vivência grupal os ensinamentos são consolidados. Em grupo as lições são transmitidas, conservadas e repassadas, são acima de tudo experimentadas e praticadas. Na troca de experiência com o outro é que se aprende no Terreiro, um ensina e o outro apreende numa dinâmica recíproca de orientações que fazem parte da vida de todos os envolvidos. Toda comunidade de axé tem importante participação nesse movimento de construção e difusão dos saberes. Os Orixás nesse contexto são auxiliados pelas autoridades do Candomblé que repassam suas instruções e em seguida são substanciados pelos demais adeptos que dão continuidade a propagação dos conhecimentos ancestrais.

Sustentados pela oralidade os representantes do Candomblé seguem os preceitos da religião e fazem valer cada orientação transmitida pelos Orixás. Sem o aparato de apostilas e livros, a religião conseguiu ser instituída no Brasil e se mantém em dias atuais consolidada com a tradição que lhe originou, a oral. Mesmo com o advento da escrita os agrupamentos que concebem a palavra dita como primaz instrumento para a construção do conhecimento permanecem se utilizando da oralidade como fonte do saber. Há um significado empregado à palavra que dispensa os registros grafados mesmo que admitam sua importância, pois na fala compreende-se uma plenitude de proliferação dos saberes.

> Simultaneamente, assinale-se que, em muitas sociedades tradicionais, a comunicação fruía por intermédio da oralidade. Ademais, é necessário enfatizar que, em muitas das sociedades que conheciam a escrita, formas não-orais de comunicação eram entendidas como parciais e incompletas. (SERRANO E WALDMAN, 2007, p. 145)

Os autores acima inferem que o fator preponderante para a valorização da oralidade não se deve a ausência da escrita, pois mesmo nas sociedades que possuíam os registros gráficos, a fala se mantinha primordial por ser concebida como instrumento completo. O Candomblé conserva a tradição oral de matriz africana e com base no direcionamento das entidades ergue um legado sagrado que para seus adeptos é vital. A palavra dita não se perde e assim deve se manter eficaz no processamento dos conhecimentos gerados. É no aprendizado diário no qual a oralidade tem participação efetiva que se garante a conservação e concretização dos saberes oriundos dos Orixás.

As tradições orais se mantiveram vitais no Candomblé por garantirem o dinamismo de ações de que a religião precisa, tais como som, corpo, movimento, gestos, e tudo isso fazem parte da liturgia da religião de matriz africana. O culto aos Orixás se constitui de musicalidade, ritmos, danças, conjunto de palavras ritualísticas que promovem seu acontecimento. É responsabilidade de cada membro da comunidade de santo preservar a oralidade sem deixar que seu valor se perca, porque ela faz parte da interação do homem com o mundo. Com a palavra, a comunicação se concretiza e os saberes são compartilhados, em um complexo dinâmico que envolve todos os participantes e todas as ações vividas no Terreiro. Sobre tradição oral Souza endossa:

> A tradição oral pode ser vista como um reservatório de formulas de conhecimento que auxilia o homem a se integrar no tempo e no espaço. Ela não pode ser esquecida ou desconsiderada. Sendo assim, o ser humano é um ser de palavra, a sua voz e sua fala têm que ser respeitadas e a palavra não pode ser usada para ferir a dignidade humana. A oralidade é uma forma de registro, preservação e transmissão dos conhecimentos tão (ou mais) complexa que a escrita, pois emprega vários modos de expressão, tais como corporalidade, musicalidade, gestos, narrativas, danças, etc. (SOUZA, 2005, p. 87)

A dinâmica diária do Candomblé condiz com o dinamismo próprio das tradições orais que envolvem corpo, som, fala, performances e possibilita a interação no Terreiro. Se o homem é um ser de palavra como enfatiza Souza, é também responsável por perpetuar os ensinamentos que lhes são transmitidos e a oralidade faz parte desse compartilhamento. No convívio grupal os indivíduos constroem relações e interagem uns com os outros ensinando e aprendendo, sendo este um dos princípios da referida religião.

A oralidade assume o papel de transmitir os conhecimentos e preservar a concepção de um povo que acredita no poder da palavra como instrumento de interação com o sagrado. É na palavra que as relações são constituídas, e no compromisso de quem fala que os valores são formados. O individuo é avaliado pelo seu comprometimento e comportamento mediante a palavra proferida, que não pode ser dita à toa, nem negligenciada. A formação de valores mediante a utilização da tradição oral ganha força porque a voz tem o poder de emitir e propagar o som e a vibração que impacta nos indivíduos a energia vital.

A própria valoração dada à palavra já mostra que a formação de valores gerada no universo religioso dos Orixás é distinta e validada pelos seus adeptos, como algo sagrado. Se a palavra tem valor é porque ela produz alguma intenção, algum significado para a comunidade e revela o papel do indivíduo no mundo, o de agente responsável que deve honrar os compromissos firmados. Isto porque, para o povo de santo, a palavra dita é compromisso

assumido que não pode ser desacatado. Além disto, à fala é empregada grandeza e relevante significação por ser ela a transmissão do interior humano, ela pode favorecer as relações ou destruí-las dependendo de seu conteúdo. Bâ ressalva que:

> A fala pode criar a paz, assim como pode também destruí-la. É como o fogo. Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio. Diz o adágio malinês: "o que é que coloca as coisas nas devidas condições (ou seja, a arranja, a dispõe favoravelmente)? A fala. O que é que estraga uma coisa? A fala. O que é que mantém uma coisa em seu estado? A fala." (BÂ, 2010, p. 173)

Com a asserção de Bâ podemos entender o motivo da supervalorização dada à palavra para o povo do Candomblé que tem sua matriz africana e conservam sua descendência. Ligados aos princípios de respeito, reserva, cautela e dedicação aos ensinamentos sagrados os adeptos da religião também concebem na fala o poder criador da harmonia e gerador da discórdia. Seguindo as instruções encaminhadas pelos Orixás os integrantes da religião sabem o momento propício para o pronunciamento da palavra bem como o instante de se calar. Seja nos rituais ou nas simples atividades cotidianas da comunidade de axé, o respeito empregado à fala é indispensável para a preservação do convívio no complexo religioso.

4.2 O PROCESSO EDUCATIVO DOS PRECEITOS RELIGIOSOS DO CANDOMBLÉ

Toda religião tem seu corpo de atividades a serem seguidas pelos seus membros, que devem exercitar o conjunto de instruções. Algumas com encaminhamento de livros sagrados, nas escolas dominicais, catequeses, evangelizações, entre outras formas de compartilhamento dos conhecimentos próprios de cada uma. No Candomblé, a construção de saber, como já consolidado nesta pesquisa, não conta com o suporte livresco ou de qualquer registro escrito e se ergue com a sustentação das tradições orais. Nesta parte da nossa produção verificaremos como se dá o processo de ensino-aprendizagem dos rituais e preceitos da religião afrobrasileira de culto aos Orixás.

Com a peculiar forma de propagar o legado religioso que lhe foi orientado o candomblecista tem a missão de transmitir os saberes dos ancestrais divinizados e direcionar os novos integrantes à realidade do Candomblé. As religiões em geral reservam o momento de ensinar suas doutrinas aos seus seguidores amparados pelo aparato da escrita. Em diferente metodologia e sem um planejamento linear, a comunidade de santo se apropria da oralidade para efetuar os conhecimentos próprios, que acontecem a todo o momento. A transferência do

saber pode se suceder em qualquer situação, a cada eventualidade, na interação com os Orixás, com a natureza e com todo o grupo de participantes.

Sem a presença de um programa e planejamento comuns na educação formal, o Candomblé, instituição religiosa que também se ocupa em educar e formar valores entre seus adeptos aproveita as situações cotidianas para ensinar o corpo litúrgico que lhe é próprio. É importante salientar que a educação de que tratamos aqui não é a sistematizada nas escolas, mas sim a educação da vida, em que os valores morais estão entrelaçados e os preceitos da referida religião são difundidos. Como afirma Brandão (1992), ninguém escapa da educação e somos envolvidos por ela, aonde quer que estejamos. Por isto nossa proposta é conferir essa educação do Terreiro, verificar como se processa os ensinamentos dos fundamentos referentes à religião, como é o aprendizado no Candomblé com a utilização da oralidade. Vale destacar o conceito do autor sobre o que é educação, pois concebemos sua explicação valiosa para o entendimento do que é a educação do Terreiro:

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser, ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 1992, p. 7)

A orientação do Brandão nos ajuda compreender essa educação não formal que está além da escola e permeia toda vida humana, em diversos espaços sociais, em variadas situações. Quanto ao Candomblé, a Ialorixá Stella Santos (s/d, p. 59) assegura que “no Terreiro a educação é oral, a aprendizagem entra por todos os sentidos, há sempre algo a se aprender principalmente nos momentos de silêncio dos rituais.” É uma espécie de educação concretizada pela ação, pela prática e execução dos ensinamentos, na observação, na fala e escuta e no silenciar. Um tipo de instrução que exige atenção e aplicação, sobretudo, requisita o devotamento aos Orixás, pois vem deles as lições transmitidas e somente na crença de suas existências é que a orientação dada faz sentido. Vale ressalvar que os cargos hierárquicos dos membros da religião são importantes e fazem parte do processo de ensino dos princípios litúrgicos. Cada indivíduo tem considerável atuação na passagem de conhecimento.

> Na comunidade cada um tem seu papel bem definido, para desempenhar de acordo com os seus Orixás, cargos ou tempo de iniciação. É uma ordem estabelecida. É a essência da tradição que mantém viva a nossa religião. É a educação de Axé. É a passagem do conhecimento no momento exato. Isso significa dizer que educação, inclusive a educação doméstica, tradição e hierarquia andam juntas dando sentido à religião dos Orixás. Nossa vida dentro do Axé é totalmente diferente da vida lá fora

> e tradição neste sentido pode ser tomada até como sinônimo de resistência. (SANTOS, s/d, p. 59)

As palavras de Santos revelam a importância que cada indivíduo tem na educação de axé e que a responsabilidade de todos os envolvidos garante a transmissão dos conhecimentos ancestrais. Embora não tenha um planejamento, há uma ordem que possibilita a efetivação dos ensinamentos e isto significa organização. A falta de um programa não implica desordem, ao contrário, no Candomblé não se admite nenhum tipo de desorganização ou displicência, pois é exigido diligencia para que não se perca o que está sendo ensinado.

Sem a apropriação da escrita é reservada total abnegação às instruções passadas entre os participantes do Terreiro. Enquanto as instituições religiosas que se valem dos registros gráficos guardam nos apontamentos as lições transmitidas, no Candomblé é a memória quem garantirá o armazenamento dos saberes ministrados. Por isso mesmo é imprescindível que se dê atenção às palavras pronunciadas e aos exemplos dados. Com escuta e observação os principiantes da religião começam a aprender sobre o universo do axé que fará parte da sua vida após a iniciação. Na verdade, antes mesmo de se iniciar os adeptos do Candomblé são contemplados com os ensinamentos prévios do culto aos ancestrais.

Para os de fora do Candomblé pode parecer intrigante a forma de educação mantida na religião, pois, quem teve por toda a vida uma instrução grafada pode sentir dificuldades para absorver as lições via instrumento oral. Todavia, isto não determina impossibilidade de aprender, visto que com a palavra e o exemplo alguns povos africanos foram instruídos e o povo de santo também vem sendo assim orientados desde o surgimento da religião. Para Narcimária Luz (2000, p. 101), fica clara a metodologia dos Terreiros, e ela explica como se processa tal interação oral: “aqui estamos diante de outra forma de comunicação e expressão, para além da escrita do alfabeto fonético, ou melhor, que não utiliza o aparato da escrita para fins de apreensão e transmissão do conhecimento.” Isso indica a concretização do saber de maneira distinta e igualmente eficaz através da oralidade. Sobre as situações de aprendizagens e saberes Brandão (1992) destaca:

> O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas, envolve, portanto situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, vêem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados,

> corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem *fazer e ensinar*, com o próprio exercício vivo do fazer. Esparramados pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo – têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica. (p. 20)

Como relata Brandão, nas situações diversas do convívio humano, no cotidiano de um grupo, os ensinamentos são mediados e as aprendizagens acontecem, e isto pode ser conferido no agrupamento religioso de matriz africana, em que a fala é instrumento principal. Assim a aquisição dos conhecimentos e saberes ancestrais com a apropriação das tradições orais é consumada entre a comunidade de santo a cada situação. Com a observação feita no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá pudemos constatar tal fato, pois os membros de lá, crianças e adultos convivem com a transmissão oral de maneira fluida e ao mesmo tempo consistente. Conferimos no *lócus* da nossa pesquisa a execução dos ensinamentos orais entre seus adeptos que sem demonstrarem grandes dificuldades, e /ou superando-as evidenciaram a significativa forma de ensinar construída pelos seguidores do Candomblé.

Assim acontecem os ensinamentos dos preceitos da religião afrobrasileira, com o aparato vocal e no avançar das etapas em que os integrantes do Terreiro são designados. Os rituais religiosos são os "testes" que os participantes do Candomblé são convocados a exercitar, sejam os não iniciados, os já iniciados, os de maior tempo de iniciação ou os mais novos no axé. A iniciação é o grande momento de se aprender, pois é o nascimento de uma nova vida, a do axé, é a principal etapa a ser vivenciada para que o adepto do culto aos ancestrais aprenda de fato a religião, embora todas as fases sejam importantes. Para um melhor entendimento sobre essa relevante tarefa, Santos esclarece:

> Como a iniciação é feita praticamente por etapas: obrigação de três anos, obrigação de sete anos e outros, isto implica numa certa parcimônia no saber. A educação é lenta, entretanto, perfeita. O iniciado é visto como uma criança que cresce e caminha na proteção dos mais velhos, tenha este a idade cronológica que tiver. (SANTOS, s/d, p. 60)

Sem ultrapassar as etapas indispensáveis para obtenção dos conhecimentos e saberes próprios do Candomblé, em consolidação com os Orixás, os integrantes da religião experienciam a todo o momento a educação dos fundamentos sacros que compõem a comunidade de axé. Santos assegura no enunciado acima citado, em outras palavras, que embora seja vagaroso o ensino é magistral, ou seja, é no passo a passo, nas situações apropriadas do Terreiro, com moderação e prudência que se totaliza a aprendizagem. Tal afirmação sugere discernimento e acautelamento dos integrantes, tanto de quem está

aprendendo quanto de quem está ensinando, é uma troca recíproca de dedicação e desvelo entre os participantes.

O exercício é constante dentro do Terreiro, visto que além de oferecer um ensinamento por etapas, a religião afrobrasileira se sustenta através da oralidade, o que indica maior desprendimento para a abrangência e robustecimento dos conhecimentos transmitidos. O conjunto de procedimentos referentes ao Candomblé é variado e se resume nos rituais. Seja de iniciação, de colheita das plantas, da matança, do resguardo, dos banhos de folhas, abstenção de alimentos ou da relação sexual, da raspagem do ori (cabeça) quando necessário, das curas (cortes do corpo), dentre outras ações, cada procedimento tem um fundamento e corresponde aos Orixás. Tudo o que é feito para que uma pessoa se torne membro da religião tem uma razão explicada nos ancestrais divinizados e revelam suas orientações.

O corpo de fundamentos e obrigações distintos da religião afrobrasileira tem valoração para seus adeptos que ao se entregarem aos princípios da religião concebem estar se entregando aos Orixás. É assim que passam a fazer parte da família de axé e sentem-se pertencentes dos ancestrais, como filhos de santo que são. Todos os aspectos religiosos fazem do Candomblé um núcleo de educação distinta, uma educação moral, em comunhão com a natureza e todos os seus elementos, com os antepassados, com as divindades. Uma vez em contato com essa educação, seus integrantes reconhecem-se como responsáveis por manterem suas tradições erigidas e a forma como passam a se comportar é que aponta sua transformação.

Um integrante do axé não se permite mais a ter atitudes displicentes que tinham quando não conheciam a religião dos Orixás. Somente para exemplificar, um indivíduo que se baseia na concepção do Candomblé e que o adota como crença pessoal, não se permite mais agir de forma que desagrade seu ancestral. Por exemplo, não usa roupa preta nas sextas-feiras que é dia dedicado a Oxalá e sua cor é branca; não arranca um galho de uma árvore sem que haja uma utilidade necessária, não entra no mar sem pedir permissão a Iemanjá, a mãe d’água. São atitudes mínimas para quem não faz parte do culto aos Orixás, mas que para seus integrantes tem valor primordial. São os valores formados no complexo religioso.

Estes valores compartilhados no Candomblé não constam nos livros, fazem parte da liturgia perpetrada pelos seus agentes, e são realizados com base nas tradições orais. São as palavras ditas que ensinam todo o conjunto de preceitos da religião, e propagam os saberes

dos Orixás. A fala faz a transferência dos conhecimentos comungados entre as gerações, no transmitir dos mais velhos para os mais novos, entre os cargos hierárquicos. Quem tem mais tempo de feituria no santo partilha os saberes com os que estão chegando, e a clareza da oralidade é importante para a compreensão do que está sendo dito e ensinado. Silveira (2004, p. 22) destaca que, "como sociedade de tradição oral, no Terreiro, todo conhecimento é processado verbalmente, cada geração transmitindo à outra um patrimônio simbólico." Patrimônio este que corresponde os costumes e concepções da religião.

A tradição oral como instrumento de transmissão do saber carrega consigo a simplicidade da fala e ao mesmo tempo o peso que ela tem. É o pronunciamento que expõe os conteúdos e os sentimentos que se quer passar, bem como revela a responsabilidade de quem dita e o dinamismo para o compartilhamento do saber. Com a verbalização o conhecimento é transmitido e o gestual também faz parte desse processo, visto que o corpo explicita os sentidos das palavras. Assim a oralidade é uma eficiente forma de transferir saberes e pensamentos, de difundir conhecimentos e propagar os costumes de um povo.

> Considerando a situação de oralidade, a narrativa é um dos meios pedagógicos mais poderosos. O seu funcionamento como tal dá-se a dois níveis: por um lado, pelo facto de, através da narrativa, a memorização se tornar mais fácil por causa da curiosidade e do prazer. Assim a aprendizagem e compreensão são rápidas e o ensinar torna-se fácil. Chamaremos a isto de *função de nível explícito*. Por outro lado, a narrativa não é simples instrumento metodológico de transmissão de conhecimentos. Ela transporta dentro de si própria, através da exemplaridade, o próprio objecto de ensinamento que se quer transmitir. Chamaremos a isto *função de nível implícito*. (ROSÁRIO, 1989, p. 41)

Com a assertiva acima interpretamos que as tradições orais contribuem com a transmissão do conhecimento de forma abrangente, e sua utilização facilita a aprendizagem, pois no ato da verbalização é transmitido o objeto, a lição que se quer passar. Por ser ferramenta dinâmica de interação em que a escuta, a observação e a memorização são trabalhadas simultaneamente, o ensinamento torna-se acessível e fácil de compreensão. É dessa maneira que o povo de santo se utiliza da fala para transmitir os saberes recomendados pelos seus ancestrais divinizados, com o exercício da voz e da exemplificação prática. Essa execução fica registrada na mente dos adeptos ao serem incorporadas com significação por estes, ao serem vivenciadas por estes no momento em que estão sendo orientados.

A apropriação das tradições orais por parte do Candomblé tem sido sua fonte de conservação, de manutenção e propagação do legado religioso e também o mecanismo de interação entre seus integrantes. Com a oralidade a comunicação é estabelecida e as lições são

desenvolvidas no convívio do Terreiro, em que a reciprocidade dos pares é importante fator para manter o funcionamento e ordem da instituição religiosa. Enquanto os encarregados de transmitir os ensinamentos falam e demonstram como proceder na religião, um corpo de saberes é compartilhado, cujos fundamentos têm a ver com o axé dos Orixás. Então, cada palavra, cada ação indicam o cerne do conhecimento que se quer transmitir e sua origem no ancestral.

O aprendizado no Candomblé é ritualístico, é uma aquisição resultante da prática, no fazer das tarefas recomendadas. Para aprender os preceitos da religião com todos os seus significados, sentidos, na essência de sua liturgia, com apropriação de seus aspectos é preciso efetuar o que está sendo ensinado. Não há uma escola para se aprender ser candomblecista, assim veremos nas palavras da Ialorixá Stella Santos, como também não há apostilas que ensine os princípios do axé. É um tipo de preparação que não se esgota, há sempre o que se aprender e ensinar. Com intencionalidade ou com acontecimentos inusitados as lições são transmitidas e experienciadas, bem como a interação entre os participantes concretiza os saberes dentro do Terreiro.

> Bem verdade, é que há detalhes desta aprendizagem que só se aprende fazendo. Não há escola para Mãe de Santo. Não há receitas nem métodos nem programas. A Mãe de Santo aprende lá dentro do quarto do axé. Aliás, se aprende sempre. Eu sempre estou aprendendo. Aprendo com o filho de santo e até com Abiã. Aprende-se não se sabe como. Esta é a magia do Candomblé. É aí que se dá a transferência do saber de geração à geração. (SANTOS, s/d, p. 61)

A explicação de Stella Santos reflete sua experiência enquanto Ialorixá do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá em que ela é responsável por ensinar os princípios do Candomblé aos filhos de santo, mas como ela mesma relata acaba por aprender com eles. Essa é a dinâmica da religião, interação e compartilhamentos dos saberes e valores baseados nos Orixás, sem a presença de livros, sem que haja um curso doutrinário que ensine ser do axé. O conhecimento é construído no falar e no praticar com a ajuda mútua de todos os envolvidos na instituição religiosa, em cada ritual e no seguimento das realizações cotidianas. Todos os dias, ou nas datas de celebrações, em eventos específicos, no roncó (quarto de iaô), nas rodas de santos e xirês, acontece sempre um novo aprendizado, como uma espécie de estágio que prepara para exercer os ritos sagrados.

É nesse contexto de fazeres que as tradições orais auxiliam o povo de santo em participação prevalecente. Podemos constatar sua preeminência em todas as ocasiões e atividades do Terreiro, na movimentação dos participantes e desenvolvimento dos

ensinamentos. Na transmissão do axé a oralidade está presente ao proferir palavras sagradas, como também comparece na preparação das oferendas aos Orixás, enfim, em todos os rituais mesmo havendo o momento do silêncio. Aliás, até o silenciar anuncia uma performance oral, visto que a fala muitas vezes é acompanhada de pausas silenciosas para voltar a ecoar e transmitir alguma lição.

As tradições orais no Candomblé são acompanhadas de gestos e expressões corporais, de simbologias relacionadas às entidades. Erigida pela ancestralidade penetrante da religião, a oralidade faz valer os costumes deixados pelos africanos e continuados pelos afrobrasileiros. Essa forma de transmitir os saberes e valores ancestrais tem sido consubstanciada no Terreiro e o processo de desenvolvimento do axé faz parte dessa dinâmica. Para aprender o culto aos Orixás é necessário ficar alerta às palavras proferidas e observar cada passo dos mais velhos, dos adeptos que já têm mais tempo na religião. Até mesmo a maneira de dançar nas rodas de santo, os toques dos atabaques e as canções são detalhadas através das tradições orais e orientações das autoridades hierárquicas.

A transferência de conhecimentos no cotidiano do Candomblé não se finda, embora seja feita por etapas como detalhou a Ialorixá Stella Santos, anteriormente mencionada nesta parte da nossa pesquisa, o partilhamento não acaba. O que acontece é a concretização de cada uma das fases desde antes da iniciação até sempre, pois a referida mãe de santo asseverou que está sempre aprendendo. Isto sugere uma contínua dedicação aos ensinamentos e às orientações dos ancestrais. De certa forma é o que acontece em qualquer espaço de educação, formal ou não formal, aliás, a educação não se esgota, ela está sempre acontecendo e a todo o momento pode ser desenvolvido um novo aprendizado, em um exercício constante.

Com as tradições orais é possível suscitar as lições do axé e a prática da religião não tarda acontecer, é um movimento entrelaçado de conteúdos orais e execução dos procedimentos. No instante em que se ensina com a palavra, solicita-se que efetue o que foi ensinado, e os mais velhos mostram aos mais novos como proceder na religião. Não há espaço para distração e displicência no ato da transmissão dos saberes, a entrega é necessária, atitudes de prontidão e sagacidade facilitam a corporificação dos conhecimentos. Dessa forma aprende-se a magia litúrgica do Candomblé e a aquisição do axé é alcançada, é na interação entre os participantes que o axé é adquirido e vivenciado. Silveira destaca justamente esse aspecto:

> A interação verbal sintetiza o poder de troca que emana das relações que se dão na comunidade. A palavra emitida tem sempre em vista um interlocutor, por isso ela é, na dinâmica das relações do Terreiro, também interação. É por ela que se atinge o outro sujeito e, nessas relações, tanto aquele que emite quanto o que recebe a palavra se inserem num movimento de transformação. O sujeito que, pela palavra, transmite o axé, modifica o seu par e modifica-se ao fazê-lo, à medida em que o ato de transmissão verbal implica a movimentação e redistribuição dessa força. Colocar essa força em desenvolvimento se constitui regra do grupo, considerando que cada sujeito particular é receptor e impulsionador de axé. O princípio para que isso possa ocorrer está na compreensão de que a palavra pressupõe a existência do outro e da interação que através dela deve ser estabelecida. O outro, o interlocutor, é visto tanto como o sujeito individual quanto o grupo, a coletividade. (SILVEIRA, 2004, p. 61)

É fato consumado a relevância da interação entre os indivíduos praticantes do Candomblé e o enunciado acima facilita nossa compreensão. Interagir com o outro através da oralidade favorece o aprendizado, pois as trocas entre os participantes são indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem em qualquer ambiente social. Trocar experiências faz parte da educação do Terreiro, do ensinamento dos preceitos sagrados que envolvem a religião. As tradições orais estão nesse contexto para substanciar o aprendizado dos adeptos e estes cooperam entre si no momento da lição. É o ato da reciprocidade e união que deve permanecer no convívio dos membros pertencentes ao culto afrobrasileiro.

No constante exercício de partilhar os saberes ancestrais, o povo de santo se reúne no Terreiro como se adentrasse o universo particular dos Orixás, e talvez seja esse o acontecimento, inserem-se no mundo dos seus ancestrais e aprendem com estes a viverem do axé. As conexões que os adeptos fazem com as divindades através dos rituais e mediados pelas tradições orais garantem a construção e difusão dos saberes e valores próprios da religião. Todos os elementos dos fundamentos da instituição religiosa são ensinados, exemplificados e vivenciados por seus participantes que se incumbem de conservar e propalar os costumes e tradições do culto aos ancestrais. Dançar, orar, cantar, tocar e efetivar os rituais sagrados são ações ligadas ao fenômeno da oralidade. Foi assim que os candomblecistas se instituíram e assim dão seguimento ao Candomblé, com suas características distintas preservadas.

4.3 A NATUREZA É VIVA E A PALAVRA TEM PODER

O Candomblé é uma religião que conserva as peculiaridades de sua matriz africana e se propaga em meio social com a ajuda de seus adeptos ao levarem suas crenças por onde passam. Tanto é assim que dão continuidade aos ensinamentos ancestrais e fazem da tradição oral um bem precioso, como fazem os africanos. As convicções vivenciadas pelos membros

do Terreiro são mediadas pela forte presença dos Orixás em suas vidas e com base nessas divindades experienciam um comportamento marcante, próprio, que revela uma pertença de orientação sagrada.

Sustentados pelo sentimento de devoção aos Orixás é que os participantes do Candomblé constroem seu convívio social, compartilham os ensinamentos que lhes são ofertados e assim revelam as peculiaridades próprias da religião. As características são inúmeras e nesta parte da nossa pesquisa tratamos da ligação que o culto aos ancestrais divinizados tem com a natureza, que também se liga à palavra, como um dom que eles consideram sagrado. Esses dois aspectos – elementos da natureza e a fala – têm para eles uma origem sagrada, porque vêm do Pai Olorum.

A tradição oral nesse sentido, concebida como relevante e sagrada, é utilizada em todas as manifestações que dizem respeito ao Candomblé, e este complexo religioso, talvez, não sobreviveria sem a preservação desse bem. Essa afirmativa se baseia nos estudos sobre a referida religião e nos relatos de seus adeptos, que asseguram a necessidade de se valer do recurso oral em tudo que rege os Terreiros, como nos afirmaram os participantes do Ilê Asé Iji Atí Oyá. Durante as observações de campo tivemos conhecimento do quanto é importante a apropriação da palavra falada, através da qual toda aprendizagem dos ensinamentos, dos preceitos, das regras e normas da casa são ouvidas e cumpridas. Entendemos assim, que tal concepção talvez seja pautada na tentativa de fazer ecoar a força dos ensinamentos ancestrais.

Podemos ainda acrescentar que sem o contato com a natureza a religião ganharia outra dimensão, perderia seu aspecto transcendental que enxerga nos elementos da natureza a própria energia dos Orixás. Aliás, é necessário destacar a crença de que essas deidades são a própria natureza viva em nosso mundo. “Para os adeptos do Candomblé, preservar a natureza é preservar a religião e preservar a religião é preservar a natureza, pois é assim que se preserva a vida” (SETUB/SUSET, 2009, p. 41). Esse argumento sugere que os adeptos do Candomblé respeitam a natureza como respeitam suas divindades e a própria vida, num entrelaçamento coeso, uma fusão dessas unidades e consequentemente num fazer religioso singular.

Para o povo de santo uma folha não cai da árvore sem o consentimento do Ser Supremo Olorum e por isso quando não há necessidade não se deve arrancá-la. Vale destacar a concepção comungada pelos adeptos do Candomblé de que, com a utilização da palavra se

conecta com os seres divinos e com a natureza. A fala como um bem sagrado é proferida para acessar as energias elevadas dos Orixás e dos elementos naturais, como uma maneira de estabelecer comunicação terrena com dimensões sagradas, mediante palavras mágicas que compõem o repertorio de uma linguagem litúrgica compreendida pelas entidades. Em Machado (s/d, p. 113) conferimos importante premissa que nos revela a relevância da ligação coma natureza: "uma árvore no Terreiro está ligada a fenômenos biológicos, ao afetivo e ao religioso que se interpenetram formando um todo que dá identidade ao grupo que mantém viva uma cultura intermediada pela tradição oral." Dessa forma, verificamos que a concepção dos candomblecistas com a natureza é de fato sagrada e se efetiva a partir da transmissão oral. Relativo ao assunto, Bonvini também destaca:

> Parece-nos que existe, em primeiro lugar, o valor intrínseco à palavra. Em razão das forças ocultas nela depositadas, ela é considerada, na sua formulação e na sua proferição, como um agente ativo, eficaz. Citaremos um exemplo, aquele da colheita das plantas em vista da sua utilização para fins rituais. Cada planta deve ser colhida em condições particulares. A pessoa encarregada deve ter o "corpo limpo", ou seja, ela abstém-se de relações sexuais na noite precedente. Ela penetra, então na mata após ter cumprimentado a divindade masculina das folhas com palavras apropriadas. Em seguida, ela deve se abster de pronunciar o nome de certas folhas pois elas poderiam se esconder e seria impossível colhê-las. As horas de colheitas são, aliás, diferentes para cada planta, tanto que são necessários vários dias para se juntar todas elas. (BONVINI, 2001, p. 42)

O autor acima citado fez importante revelação dos procedimentos adotados no Candomblé, embora ele não tenha feito menção à religião, mas de fato, a colheita das folhas segue o ritual por ele descrito. A divindade de quem Bonvini faz referencia é o Orixá Ossain, o guardião das matas, que para o povo de santo tem relevante significado em relação à natureza. É por este motivo que os seguidores do culto afrobrasileiro não entram nas matas, nem tocam nas plantas ou colhem folhas sem pedir licença a esta entidade. Bem como não se permitem arrancar um fruto da natureza sem que este seja utilizado para fins necessários, pois a colheita deve ser feita para beneficio e não para desperdício.

O respeito à natureza confirma a devoção que os adeptos do Candomblé têm pelos Orixás e pela força que emana destas divindades – o axé – energia sagrada que também encontram nos elementos da natureza. A Ialorixá Stella Santos tem discorrido em suas publicações, sobre sua experiência enquanto pessoa pertencente à religião dos ancestrais divinizados. Ela relata os acontecimentos próprios da liturgia do Terreiro e de sua vivência nesse espaço, e explica claramente que "[...] para os iniciados do Candomblé, àsè significa, principalmente, força, poder, energia. E é este o objetivo maior do Iniciado, adquirir cada vez mais Àsè, para melhor praticar a Lei Universal do Serviço, para melhor servir ao mundo."

(SANTOS, 2010, p. 89). Utilizando da grafia iorubá, a Ialorixá ressalva sobre um elemento muito difundido na comunidade religiosa, o axé/àsè. Este bem permeia todo o mundo da religião afrobrasileira, é inerente aos Orixás e pode ser também encontrado nas plantas, nos mares, nos rios, nos raios, enfim, na natureza.

No contato com o axé dos ancestrais divinizados os adeptos do Candomblé também adquirem essa energia, são potencializados por esta força e como filhos que são das deidades se sentem revigorados. Do mesmo modo, quando entram em conexão com as plantas creem extrair o seu axé imanente, seja nos banhos preparados com ervas e folhas, seja na sua utilização em algum cômodo do Terreiro ou da própria residência onde vivem com suas famílias consanguíneas, acreditam serem beneficiados pela essência da natureza. No Ilê Asé Iji Atí Oyá, tivemos a explicação da Ekedi de que as plantas que ornamentam o Terreiro não são apenas ilustrativas, mas têm importante utilização, não são apenas enfeites para embelezar o espaço físico da religião. Este esclarecimento nos levou a entender que há uma ligação de sacramento entre a referida instituição religiosa afrobrasileira e a natureza. “A relação das folhas e ervas com o Candomblé é tão sagrada quanto a devoção dos seus adeptos às divindades.” (SETUB/SUSET, 2009, p. 42)

Em respeito às plantas a comunidade de axé pronuncia palavras rituais ou até silenciam. Há o momento da fala assim como o do silêncio, em um movimento de troca permanente dizem e calam conectando com os Orixás e com a natureza, no qual acreditam também obterem respostas de ambos. A palavra assume o poder de facilitar a conexão com o divino, de permitir licença para tal vínculo, de orientar o ritual da colheita para que nenhuma falha aconteça, e para que o guardião da mata Ossain não se desagrade. É no pronunciamento das palavras que conseguem extrair a energia que foram buscar, os fluidos salutares de que procuram para atender suas necessidades. Sem a expressão oral ritualística as plantas não liberam axé, não transmitem a força que possuem.

> Cada folha deve ser cumprimentada com palavras rituais especiais que as tornam sagradas. É pela virtude destas palavras que as folhas têm uma força. Sem elas, as folhas não podem ter efeito. Se por acaso, não for encontrada a folha do tipo desejado, pode-se, então, substituí-la por uma outra mais ou menos semelhante. Ela vai assumir a mesma força que a primeira, sob a condição de que as palavras rituais tenham sido pronunciadas. (BONVINI, 2001, p. 42)

A reflexão de Bonvini ajuda a compreender a sintonia mágica entre palavras e folhas nos rituais sagrados. Isso nos revela o quanto é importante o vocábulo pronunciado na dinâmica da colheita, mas não apenas nesse ritual, na verdade, sua relevância é inerente aos

devotos do Candomblé que lhe empregam força. O axé absorvido das plantas e de todos os elementos da natureza é irradiado pelo Terreiro e envolve toda sua comunidade, porém, são as palavras proferidas que fazem a "magia" acontecer. Isso tudo acontece mediante a crença particular originária dos pertencentes ao culto afrobrasileiro, que concebem absolutamente na força da voz, do verbo, o fluir de energias, que podem ser benéficas se ligadas ao vocábulo bendito ou podem gerar malefícios se o pronunciado for maldito. Palavra, assim, tem poder.

A dinâmica do Candomblé é concretizada pela tradição oral, como já asseveramos, e as transmissões dos ensinamentos litúrgicos acontecem nesse processo. Com a oralidade as gerações anteriores repassaram para as atuais o legado que lhes instruiu e assim será também repassado para as gerações vindouras. O importante é alimentar de forma permanente a tradição e as lições orientadas pelos ancestrais divinizados, e transmitidas pelos mais velhos, grandes sábios que se empenham em propagar o culto aos ancestrais divinizados. Foi através do incansável exercício de ensinar e aprender que os adeptos do Candomblé aprenderam a conviver em comunhão com a natureza, e lhe impregnar de valor. O que se torna sagrado para o povo de santo, não o deixa de ser de repente, passa a ser por toda a vida, então, a simbologia que envolve o Terreiro revela significados próprios desta comunidade, que podem não ter valor algum para os de fora.

É por acreditar na força da natureza que os adeptos do Candomblé a respeitam e concebem que seus elementos são sagrados. O significado dado aos componentes existentes no reino vegetal, animal e mineral são aceitos e valorizados pelos participantes da religião, que somente eles podem conceber o que as pessoas de fora do axé, talvez, sequer possam imaginar. O que para os alheios ao culto aos ancestrais é visto apenas como um objeto, para os candomblecistas é um objeto carregado de energia, assim é como se existisse "vida" e/ou força em seus objetos. Por exemplo, uma pedra utilizada em algum ritual ou associada a algum Orixá é cultuada como se fosse a própria divindade, tem com isso um significado sagrado.

> As pedras e árvores não são adoradas porque são pedras e árvores, mas porque são sagradas. Elas são acrescidas de significados simbólicos, isto é, quando um objeto ou acontecimento é visto como sagrado, ele permanece o mesmo, mas passa a ser e possuir uma outra força. (SOUZA, 2005, p. 85)

Com base na autora acima citada, compreendemos a importância que é dada aos símbolos sagrados no convívio do Terreiro, pois, o que pode causar estranheza aos de fora da religião, tem total significado para os seus adeptos. Como bem relatou Souza, pedras e árvores

são sagradas porque pertencem a esse universo de simbologias que impregnam o Candomblé. Isso é intensificado pela crença nos Orixás, tudo que é relacionado a essas entidades têm relevante valor para seus filhos, então se uma pedra passa a ter significado para os indivíduos da religião é porque tem ligação com algum ancestral. Essa importância é dada às árvores, plantas, aos animais, aos mares e oceanos, aos rios, a tudo que existe na natureza e que seja associado aos ancestrais divinizados. É bom salientar que independente da associação feita a algum Orixá, para o povo do axé, a natureza é respeitada porque é viva.

Na crença de que os reinos vegetais, animais e minerais têm relação com os Orixás, os seguidores do Candomblé comungam com essas três unidades bem como com seus Orixás. O axé que é retirado desses reinos alimenta espiritualmente a comunidade de santo e os aproximam cada vez mais das forças sobrenaturais de que acreditam. No contato com essas energias acessam o mundo sagrado onde habitam seus ancestrais, o Òrum, revelando um movimento cósmico de procedência transcendental, em que se pode fazer conexão com o tudo que é divino. Isso explica inclusive, o ritual de oferendas celebrado pelos adeptos da religião afrobrasileira, que ao ofertar algum elemento dos três reinos aos seus Orixás, acreditam agradar-lhes, e manter assim, maior interação com este. A esse respeito Souza considera que:

> Essa interação envolve os reinos mineral, vegetal, e animal e o mundo sobrenatural. Tudo se inter-relaciona, pois o espaço cotidiano dialoga com o espaço sagrado. Do mesmo modo, o universo possui duas dimensões, uma é o mundo onde vivemos e a outra é onde habitam as forças dos ancestrais. As oferendas são compreendidas nesse contexto como uma das maneias de estabelecer a comunicação entre as dimensões e obter a força dos antepassados. (SOUZA, 2005, p. 86)

Mediante Souza, entendemos que há uma forma de comunicação com o sobrenatural, com as divindades a partir da interação com os reinos vegetal, animal e mineral, com que os Orixás têm ligação. A dimensão das simbologias expressas no Candomblé tem haver com a crença que seus membros devotam aos ancestrais e tudo que lhes dizem respeito. No cotidiano do Terreiro os participantes comunicam-se com seus deuses através da apropriação dessas três unidades, que liberam os fluidos cósmicos, as energias imateriais que mesmo invisíveis são por eles perceptíveis. Luz (2000, p. 103) ratifica que "[...] a comunicação do sistema simbólico sagrado Nagô não se dá apenas no nível individual e social, ela é, também, essencialmente cósmica." É assim, uma comunicação mítica e transcendente, de valor divino.

A natureza tem presença significativa na vida dos seguidores do axé, que estabelecem relação com o sagrado e se beneficiam de suas energias. O contato com os bens naturais revigora as forças vitais e alimenta a suas crenças numa existência divina. Em comunhão com

a natureza o povo de santo também comunga com seus ancestrais divinizados, com os antepassados, com os seres invisíveis que lhes orientam. A concepção de pertencimento aos Orixás também sugere pertencimento à natureza, uma identificação com essas duas forças. Neste sentido, Machado (s/d, p. 110) anuncia: “carregamos no corpo todas as marcas da nossa ancestralidade e de nossa identidade cósmica. Somos todos filhos de orixás, filhos da natureza.” Tal crença indica o sentimento de pertença ao referido caráter divino.

Pertencer à natureza torna o participante do Candomblé um ser distinto que conversa com as plantas, com animais, com as águas, que se vale do axé ancestral para manipular as forças da própria natureza. Para tanto, a comunicação oral tem suma importância, pois ao conversar com as matas ecoam os sentimentos que lhes conduzem, como se a palavra dita acionasse um poder gerador da energia cósmica. É na verdade a palavra um dos elementos que favorece a relação ser humano e ser divino, pois aos pronunciar vocábulos sagrados nos rituais os membros do Terreiro adentram um mundo invisível de magia e de simbologias transcendentais. Luz ainda sugere que:

> Constatamos que, nesse nível cósmico, a palavra consegue estimular a relação entre os integrantes da comunidade-Terreiro e as entidades sagradas e míticas, os Orixás e/ou Elegun, desencadeando, desta forma, a expressão de movimentos. A palavra, quando expressada, atua, mobiliza e carrega um poder de realização para a energia mítica existencial de quem está proferindo. E o interessante é que esse poder de mobilização compõe todas as dimensões existenciais humanas. (LUZ 2000, p. 103)

A assertiva de Luz confirma o entendimento de que é através da palavra que as relações são iniciadas e mantidas no Terreiro de Candomblé. Com a fala não apenas acontece uma comunicação entre os indivíduos, mas é permitido o acesso às divindades e às forças da natureza, se estabelece a relação com o sagrado. As dimensões do humano se ligam, ou seja, matéria física, natureza, ancestrais divinizados, crença, fé, axé, tudo que envolve os adeptos da religião se interligam. Assim, designa um movimento contínuo em que as práticas dentro da comunidade de santo são potencializadas, com a participação de todos os seus integrantes e a presença indispensável das divindades.

A natureza ligada à palavra demonstra que, para se inserir nos reinos vegetal, animal e mineral é necessário praticar o dom da fala, especialmente dos vocábulos sagrados que são “senhas” de acesso que permite o vínculo com o divino. Como já citado, a tradição oral no Candomblé é característica marcante de total importância no desenvolvimento dos procedimentos inerentes à religião. Com a oralidade os participantes exercitam e propagam o legado religioso, e também transmitem os ensinamentos que foram compartilhados entre as

gerações, que também são consolidados na exemplificação da palavra, ou seja, na fusão fala-ação.

Em todo momento no Candomblé, seja nos rituais, na roda de santo, nos xirês, nas reuniões internas para os integrantes do grupo, a tradição oral é o método utilizado para robustecer as ações. Tais afirmações foram coletadas durante as observações de campo, e tivemos ainda conhecimento que, tem o instante do silenciar, mas até nesse ápice é como se destinasse a escutar o som dos ancestrais divinizados, que falam em silêncio. Esse é também o momento apropriado para ouvir a natureza, de o indivíduo perceber o próprio interior. O silencio e a fala estão interligados em consonância com os preceitos da religião. Então, o que sugere som em um determinado ato, em outro induz o calar. Isso pode ser visto nas manifestações de celebração aos Orixás, acontece o pronunciamento de vocábulos sagrados, os cânticos, as danças, o toque do atabaque, a gesticulação corporal, o silêncio e o curvar da cabeça em respeito a alguma entidade.

O povo de santo cultua suas entidades com o corpo todo, em movimentação performática e gestual, isso faz parte das tradições orais. Investigar o Candomblé torna-se instigante por todas as peculiaridades que o envolve e que lhe garante posição de distinção, já começando pelo fato de se constituir a partir da oralidade. Nessa religião, todos os procedimentos correspondem aos Orixás, aos ensinamentos e orientações dessas divindades, que também relacionam-se com a natureza. Os seus adeptos têm importante missão de praticá-lo o mais coerente possível aos princípios que o erigiram, na tentativa de conservar seus preceitos e manter as convicções que originaram os Terreiros. Dessa forma os integrantes do Candomblé passam a serem os propagadores do culto afrobrasileiro, repercutindo as instruções que recebem no cotidiano do Terreiro para além da comunidade de axé.

Conhecer a ligação do Candomblé com a natureza nos permitiu o entendimento da relação que seus adeptos fazem entre os Orixás, os elementos da natureza e o axé, energia que para eles são transmitidos pelas entidades e pelos componentes dos reinos vegetal, animal e mineral. Foi possível compreender também o porquê da palavra ter poder, cuja pronunciação pode realizar a conexão com o sagrado e gera forças invisíveis que são utilizadas de forma terapêutica, como a colheita das plantas, que dependem da palavra para ter ação. Nesta perspectiva dom da fala permite o contato transcendental.

4.4 VALORES AFRICANOS PRESERVADOS PELO CANDOMBLÉ

Como já mencionado em seção anterior, o Candomblé foi erigido no Brasil pelos africanos e afrodescendentes, e seus adeptos tentam conservar os costumes religiosos dos seus originários. A forte presença do pertencimento africano pode ser constatada nos diversos aspectos vivenciados na religião, especialmente na ênfase que toma como base suas tradições orais. O culto aos Orixás permanece na manutenção dos princípios deixado pelo povo da África que instituíram sua fé e crença em momento de resistência e necessidade de continuar seu legado, mesmo sendo reelaborado. Com o apelo de seguir suas tradições os adeptos da instituição religiosa tentam perpetuar os ensinamentos dos seus ancestrais.

Valores como respeito, solidariedade e união fazem parte do cotidiano do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá numa partilha de saberes entre seus membros, que segundo Ekedi D'Oxum são, entre outros sentimentos, princípios básicos da religião Candomblé. Sob regime oral a comunidade de axé persevera na continuidade da tradição religiosa afrobrasileira e guarda consigo as lições dos Orixás, propagando nas práticas diárias, dento e fora do espaço litúrgico. As peculiaridades compartilhadas pelos adeptos do Candomblé revelam sua herança africana, pois muitos traços culturais deixados pelos filhos da África permanecem no núcleo religioso. Não à toa que tem sustentação na oralidade e concebe a palavra como um bem sagrado. Assim também é para os africanos, como afirma Bâ (2010, p. 172): "a tradição africana, portanto, concebe a fala com um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente." Constatamos similar consciência no Candomblé.

Salientamos que, embora nos referimos à África, não queremos de forma alguma generalizar, visto sua abrangência territorial, pois trata-se de um continente. Quando mencionamos africanos e África, é na tentativa de demarcar sua presença e importância na construção do Candomblé no Brasil, ainda que apenas parte do referido território. É importante destacar ainda, que reconhecemos a amplitude que tem a religião de matriz africana e também não reduzimos tal religião ao Terreiro pesquisado, nos pautamos em informações cedidas pelos sujeitos da pesquisa que afirmam serem gerais os preceitos religiosos, mesmo diferindo a forma como são conduzidos entre os Terreiros. Tentamos também seguir as informações dos pilares teóricos utilizados neste trabalho.

Diante dos encaminhamentos baseados nos sujeitos pesquisados e no referencial teórico, entendemos que os candomblecistas fizeram uma "unificação" afrobrasileira que resultou na religião dos Orixás, reelaborando-o à realidade do Brasil e incorporando aos princípios herdados da África. Neste sentido, a cultura negra prevalece na correspondência

entre os dois povos, surge desse intercâmbio e continua sua propagação. Refletindo em Siqueira (s/d), compreendemos que os fundamentos do culto evidenciam sua matriz africana, isto porque a essência religiosa foi preservada, e perpetua-se no máximo que pode a ritualística de sua origem africana. A pesquisadora pontua importante percepção dessa unificação:

> [...] a essência do Candomblé mantém ligação com parte de onde eles são cultuados na África: os fundamentos, os nomes dos Orixás, os cantos em língua africana, revivendo histórias da mitologia africana; o ritmo dos atabaques e agogôs; a transmissão dos conhecimentos e valores através da oralidade; a importância reconhecida ao conhecimento, experiência e valor dos mais velhos; a saudação à porta, pedindo a benção aos ancestrais, tocando a terra e a fronte, no início das cerimônias; a louvação de cada Orixá, tudo isso representa uma volta à África ancestral. (SIQUEIRA, s/d, p. 69)

O que Siqueira enfatiza foi conferido no *lócus* da nossa pesquisa, o Ilê Asé Iji Atí Oyá, em que são preservados os traços da sua matriz africana, nas saudações, no pedido de benção, na valorização e respeito aos mais velhos e, sobretudo, nos ensinamentos através das tradições orais. O Terreiro pesquisado reverencia os Orixás e inicia suas atividades com uma prece que faz referência à sua descendência africana, mencionando inclusive seu contexto de resistência, mas veremos tal detalhe na próxima seção, em que nos encarregamos de apresentar o Terreiro e analisar os dados coletados.

Dentre os valores preservados no Candomblé que corresponde ao legado africano, a tradição oral é marcante. Essa alegação é percebida na valorização da palavra como dom sagrado e indica o pertencimento do povo de santo à cultura negra. Assim como na África os tradicionalistas (Bâ, 2010) utilizam a fala para transmitirem lições e acreditam ser um instrumento virtuoso que mantém relação com o divino, no culto aos ancestrais divinizados vemos igual concepção. A fala é tida como geradora do axé, da energia vital que conecta com as divindades e tem importante participação nos rituais religiosos.

Reconhecer a oralidade como ferramenta de transmissão dos saberes e valores ancestrais para a comunidade do Candomblé faz alusão à identidade afrobrasileira construída desde seu surgimento. Os adeptos da religião, como tivemos conhecimento, não se pautam em registros escritos, mas na histórias contadas pelos seus antecessores. As gerações anteriores tiveram relevante missão de transferir oralmente o conjunto de fundamentos do culto aos Orixás para as gerações posteriores e sem o aparato de livros ensinaram os princípios do axé. Essa sublime incumbência tem continuidade nos membros do complexo religioso, que seguem repassando o que aprenderam, o que aprendem e o que desenvolvem no Terreiro.

O enaltecimento em si conferido à palavra já denota um valor, cuja valorização tem a ver com sua ligação com o sagrado e é concernente ao povo africano que instituiu o Candomblé. A palavra é respeitada e carrega consigo o peso de promover o bem e em contrapartida, é também geradora da desarmonia. (SERRANO e WALDMAN, 2007). Ela pode curar e adentrar o universo sagrado em comunicação transcendente, como pode levar à ruína. Uma fala imprevidente é capaz de destruir a ordem e união do grupo, (BÂ 2010), é justamente isso o que o povo de santo evita, uma desunião entre seus integrantes. Por isso é exigido prudência no momento de dizer algo, de transmitir o conhecimento e tanto quem diz como quem ouve tem igual responsabilidade de manter a tradição viva.

A manutenção da transmissão oral é de suma importância para conservação do legado deixado pelos africanos e afrobrasileiros, pois foi através da oralidade que os adeptos do Candomblé conseguiram erguer a religião e deram seguimento aos ensinamentos dos ancestrais. Nesse sentido, o culto aos Orixás tenta perpetuar os preceitos deixados pelos mais velhos e até algumas saudações e alguns cânticos são entoados em língua iorubá. A figura dos mais velhos, detentores da palavra, deve ser preservada e suas lições e seus exemplos devem ser continuados. Essa reverência à tradição oral e à autoridade dos portadores da fala corresponde ao costume afrobrasileiro já consolidado na referida religião. Bonvini (2001) destaca fala de Carneiro (1937) sobre os guardiões da palavra reconhecidos como enciclopédias vivas, ao que conceberemos como depositários do saber:

> Aquele que entra em contato com um acalô – akpalô em yorubá – é obrigado a reconhecer nele uma enciclopédia viva: ele descreve a história de seu povo e relata sempre com as mesmas palavras, os mesmos gestos, a mesma voz, a mesma música, as mesmas cadências aquilo que lhe foi transmitido pelos mais velhos a outros acalôs. No Candomblé (culto afro-brasileiro) encontramos esses homens de memória prodigiosa... educados desde a infância como se eles tivessem nascidos na África, falando a língua paterna, conhecendo os mistérios do Feiticismo [...] (CARNEIRO, APUD, BONVINI, 2001, p. 41)

Conforme enunciado acima, os participantes da religião Candomblé se identificam de tal forma com a África que se comportam como se fossem oriundos desse continente, e assim pudemos perceber com os sujeitos da pesquisa, que afirmam pertencimento afrodescendente no cotidiano do Terreiro. Reconhecer a pessoa que fala e repassa o legado de seu povo como detentores e propagadores dos saberes é característica conferida no Candomblé, assim como em parte da África. As tradições orais revelam a pertença africana na religião dos Orixás e anuncia os valores e saberes constituídos nesta. Os sentimentos que envolvem a família religiosa e os significados empregados ao conjunto de fundamentos fazem alusão à herança

que o originou. O culto aos ancestrais é o complexo religioso que mantém ligação com o antepassado e essa forma de devoção e crença corresponde ao enlaçamento afrobrasileiro.

A identificação africana é perceptível em diversos momentos de interação no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá. No cotidiano da comunidade religiosa as marcas dessa herança não se perderam e continuam fazendo parte da vida dos integrantes do Candomblé. O sentimento de descendência dos Orixás é um aspecto da concepção dos povos iorubás, como vimos em seção anterior. Essa família extensiva também faz parte da crença negra, em que membros de uma comunidade podem ser conhecidos como irmãos mesmo sem os laços consanguíneos. O culto aos Orixás pode ser visto como instituição que agrega os valores e conhecimentos de pertencimento africano com reelaboração brasileira.

Assim como em parte da África o conhecimento é passado de geração para geração através das tradições orais, no Candomblé igual metodologia é vivida. A formulação e reelaboração da religião dizem respeito sua herança africana, e a identidade dos participantes são construídas com base nessa descendência. O povo do axé sente-se como filho dos Orixás e por isso, filhos da Mãe África, comungando com seus pares e com o universo, como assim nos revelaram os sujeitos da pesquisa. É como se houvesse, talvez aja mesmo, uma busca em conhecer as bases da cultura negra que lhes sustentam. Sobre isto, Conrado confirma:

> O Candomblé é fonte de busca permanente para aquele que querem aprender sobre a cultura negra, especificamente porque no Ethos Africanos, as relações sociais, a política, a tecnológica, educação e arte não se afastam da dimensão religiosa e dela retiram seus fundamentos, sua explicação, em forma de lição de vida, de aprendizado incorporado nos gestos do cotidiano. (CONRADO, s/d, p.202)

A premissa acima reafirma a influencia da concepção do afrodescendente na construção do Candomblé. As características são diversas e expressam esse entrelaçamento do Brasil com a África. Quando os filhos de santo são ensinados a determinado conhecimento do conjunto de preceitos da religião estão imbricadamente tendo acesso aos costumes negro. São incluídos assim, no processo cultural histórico africano e na dinâmica do Terreiro, em que um indivíduo aprende com o outro, com a troca constante do saber.

É importante ressalvar que os Orixás são as fontes de saber e os mais velhos repassam aos mais novos as orientações que recebem das suas divindades. Tudo o que é ensinado tem base e sustentação nos ancestrais e é mediado pelas tradições orais, na qual as autoridades hierárquicas têm missão de orientar. Detalhes da criação dada aos africanos são incorporados

ao Candomblé e isso pode ser presenciado pela Ialorixá Stella Santos quando pisou em solo africano, ela própria conferiu a fusão afrobrasileira:

> Gostaria de chamar a atenção para o fato de que aspectos que vivenciamos em nossa comunidade religiosa, tive a oportunidade de presenciar no dia-a-dia do africano. A forma de saudar os pais, os mais velhos e os mestres, a organização das tarefas diárias, a organização das festas e outras situações de algumas comunidades africanas lembram a vida no Axé. (SANTOS, s/d, p. 59)

Com o destaque da mãe de santo constatamos que os preceitos e as práticas diárias pertencentes ao Candomblé têm explicação em sua herança africana. Nada foi construído na religião de forma aleatória sem condizer com os povos que lhe originaram. Se em parte da África a tradição é oral, o complexo religioso afrobrasileiro, por ter sua matriz africana, segue seu regime tradicional e se vale da oralidade para seguir cultuando seus Orixás. Bem como, se um filho de santo saúda o mais velho, deita no chão para pedir a benção aos ancestrais e às autoridades do axé, estão seguindo semelhante ritual africano.

Os valores herdados da população africana são realidades vivenciadas e reelaboradas no Candomblé e o seu povo ao ter contato com parte da África percebe a forte ligação. Os adeptos da religião concebem o povo africano como descendente e assim constroem suas identidades na interação Brasil-África, o que comumente está sendo chamado de afrobrasileiro. Ao identificarem-se com os costumes afros, os praticantes do culto aos Orixás revalidam e reafirmam uma africanidade religiosa. Por isto que um simples pedido de benção, uma saudação peculiar remete ao agrupamento étnico que instituiu a religião no Brasil. Santos (s/d, p. 60) revela: “Lá os filhos ao amanhecer saúdam os seus pais como nós saudamos aqui os nossos mais velhos. Na Nigéria, os filhos se jogam no chão pedindo a benção. Homens e mulheres repetem cada manhã: “Motumbá”. Essa expressão significa inspecione-me.”

Se os integrantes do Candomblé seguem os mesmos preceitos e procedimentos vistos pela Ialorixá em passagem pelo continente africano, é porque têm um sentimento de pertença de lá. E dessa forma, preservam os ensinamentos que foram passados pelas primeiras Ialorixás que instituíram o Candomblé no Brasil, as senhoras do Terreiro de Casa Branca. Vale pontuar que há na religião variações de um Terreiro para outro, embora a base de preceitos seja a mesma. Ainda havendo distinções de uma casa para outra a essência religiosa permanece em todas, como reverenciar e devotar os Orixás, a ligação com a natureza, o reconhecimento aos mais velhos, e a primazia das tradições orais.

O que o povo do Candomblé concebe como valor é por eles perpetrado, e seus aspectos têm origem na formação religiosa africana. Quando parte da África veio ao Brasil, mesmo em situação desfavorável de escravização imposta, trouxe consigo suas crenças, costumes, tradições, religiosidade e assim instituíram o culto aos ancestrais em nosso país. Os membros da religião dão continuidade aos fundamentos que orientam a instituição religiosa e vivenciam os valores de que acreditam serem imprescindíveis para viver em sociedade. Por esta razão priorizam o respeito aos mais velhos; a comunhão com a natureza; a devoção aos Orixás, e especialmente a responsabilidade com a palavra, o compromisso empregado à fala.

No Candomblé, muitos são os traços da África presentes na vida do axé e as tradições orais são primordiais para manutenção do legado construído na matriz africana. Há na instituição religiosa uma espécie de educação não formal mais igualmente relevante que educa e forma valores em seus adeptos, sobretudo, lhes ensinam a viver em sociedade com responsabilidade de suas ações. Através da oralidade os saberes e valores ancestrais são edificados e difundidos pelos membros do Terreiro e assim também são propagados para além do espaço religioso. É dessa forma que o Candomblé instrui sobre os preceitos que lhes são próprios e contribui com a educação de seus participantes.

5 ILÊ ASÉ IJI ATI OYÁ: A FÉ RELIGIOSA E O COMPROMISSO COM OS ENSINAMENTOS ANCESTRAIS

Tratar do *lócus* da pesquisa é um ponto importante em uma produção desta natureza, onde as construções estão fundamentadas e forjadas em um coletivo, bem como vinculadas a um espaço específico. Neste momento de configuração metodológica, as apresentações do objeto, dos sujeitos e do percurso feito para obtenção das informações pertinentes à investigação, se juntam a uma descrição e exposição do recorte espacial e temporal da pesquisa. Nesta seção, apresentamos o Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá com os sujeitos, a descrição da técnica e mecânica da coleta de material e a análise dos dados extraídos durante a pesquisa de campo. Antes de expor os dados com base na análise de conteúdo, é indispensável que o lócus seja devidamente apresentado e que seja de fato explicada a razão da sua escolha.

Discorremos sobre a gênese e as peculiaridades do espaço investigado, destacando questões que tratam da fundação e da história do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, o compromisso com os ancestrais divinizados e com a comunidade onde está inserido. A pesquisa sobre o Candomblé privilegiou as vivências dos adeptos da religião, especialmente no que se refere à participação da tradição oral em sua forma de propagação religiosa e transmissão e difusão dos conhecimentos ancestrais. No que tange a análise de dados, usamos a analise de conteúdo enquanto método, com base nos estudos de Bardin (1977) e Baptista & Campos (2007), para categorizar as entrevistas feitas com os sujeitos da pesquisa. Vale ressaltar que as entrevistas foram semidiretivas e/ou semidirigidas, conhecida também como semiestruturadas. Em algumas oportunidades, na construção do texto utilizo o verbo na primeira pessoa do singular no sentido de enfatizar minha experiência pessoal.

5.1 A FUNDAÇÃO DO TERREIRO E OS FUNDAMENTOS NA ORALIDADE

O Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá corresponde originalmente à nação Ketu. O *lócus* fica situado no bairro Engenho Velho de Brotas na cidade de Salvador e foi fundado em Agosto de 1937 pelo Babalorixá Oluô, o senhor Domingo Queiroz do Nascimento. Este construiu sua residência já com a intenção de torná-la um Terreiro de Candomblé, e tal intento não foi por acaso, aliás, de acordo com os sujeitos da pesquisa, nada na referida religião é concebido como obra do acaso. Segundo informações da Ekedi D'Oxum, o Pai de Santo sabia que teria em determinado momento de sua vida a responsabilidade de receber o cargo de Babalorixá e desde que soube da sua missão, se preparou para assumir o compromisso a ele confiado.

A Ekedi D'Oxum nos informou que Pai Oluô era iniciado como filho do Orixá Omolú, (Orixá Regente do Terreiro), e seu trabalho enquanto Sacerdote do Candomblé foi substituído por sua esposa após o seu falecimento. Então, em 1991 o Ilê Asé Iji Atí Oyá foi assumido por Vanda de Iansã, iniciada como filha do Orixá Iansã, tornando-se a Ialorixá da casa. No princípio da sua liderança à frente do Terreiro, Mãe Vanda até pensou em não dar continuidade às manifestações com portas abertas, no qual recebesse o público em geral. Sua intenção inicial era seguir com a tradição, cumprindo as obrigações com os ancestrais divinizados, apenas com os filhos da casa. Todavia, por recomendação dos Orixás, ela seguiu as primeiras orientações e continuou tradicionalmente aberto ao público. Sua missão também lhe fora determinada desde a sua iniciação, naquele momento ela já sabia que teria importante cargo a cumprir junto à religião.

O Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá tem bases ancestrais em dois Candomblés de nação Ketu, o Terreiro de Ogunjá, situado no Baixão na cidade de Salvador onde Pai Oluô se iniciou e o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá situado em São Gonçalo, Salvador no qual Mãe Vanda foi iniciada. Por este motivo, assuas raízes religiosas estão diretamente relacionadas às tradições dos dois referidos Ilês. Quanto à quantidade de adeptos que fazem parte da casa, segundo informações da Ialorixá atual, não há um número preciso para quantificar seus filhos de santo, sendo estes Abiãs, Iaôs e Ogãs. Dentro da casa a quantidade de adeptos é irrelevante porque a movimentação é alternada entre dias intensos e dias brandos, tanto na procura por socorro espiritual, como no desejo de ajudar seguindo os ensinamentos da religião A Mãe de santo revelou não saber precisamente a quantidade, porque são inúmeros os seus filhos. É preciso ressalvar que o Ilê Asé Iji Atí Oyá atualmente é dirigido por Mãe Obá, filha do Orixá Xangô, que assumiu o Terreiro em Janeiro de 2014, substituindo sua mãe biológica, a Ialorixá Vanda de Iansã, após o falecimento desta. O Terreiro conta com a Ekedi D'Oxum, filha do Orixá Oxum, que ajuda sua irmã, Mãe Obá a administrar a casa de axé.

Quando Mãe Vanda de Iansã faleceu em Dezembro de 2013, o Terreiro ficou a cargo de Mãe Obá, que também, assim como seus progenitores, sabia que iria assumir grande responsabilidade no Ilê. Durante a entrevista, quando lhe perguntei sobre esse comprometimento e se em algum momento sentiu receio em responsabilizar-se, a resposta foi negativa, ela contou que não sentiu medo, ou receio, pois sabia desde o inicio que em dado momento se tornaria Ialorixá. Em suas palavras: "Não. Eu sempre fui muito certa do que eu queria, a única coisa que eu pedia a Deus e aos Orixás é que me dessem força, saúde e muita

inteligência[...]" (APÊNDICE B). A segurança de Mãe Obá pode ser atribuída ao fato de pertencer a uma família tradicionalmente seguidora do Candomblé, de ter sido preparada desde a sua iniciação sabendo que substituiria a sua mãe com o cargo de autoridade do Candomblé.

Em se tratando de cargos e autoridades, o Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá segue sob orientação religiosa das duas irmãs, Mãe Obá e Ekedi D'Oxum, que foram iniciadas em Ilês diferentes, mas cada uma nas matrizes de seus pais biológicos. Enquanto Ekedi D'Oxum teve sua iniciação ao primeiro ano de vida, no Terreiro de Ogunjá, o mesmo Terreiro em que seu Pai Domingos Queiroz (Pai Oluô) foi iniciado, Mãe Obá foi iniciada por Mãe Stella no Ilê Axé Opô Afonjá, aos 12 anos de idade, onde sua mãe Vanda teve sua feitura. Ambas deram prosseguimento a tradição da família. Seguir com os preceitos do Candomblé são responsabilidades assumidas pelas duas irmãs que defendem, sobretudo, a manutenção das tradições orais e as distintas maneiras de cultuar seus Orixás.

Cada Terreiro de Candomblé tem suas peculiaridades e funciona de forma particular, segundo relatos da Ekedi D'Oxum e Mãe Obá. Contudo, os preceitos básicos e primordiais são preservados, como por exemplos, manter guardados os segredos do axé, fortalecer o respeito aos ancestrais e às hierarquias, cuidar da natureza e conservar seu principio na oralidade. Tais procedimentos também são prioridades no Ilê Asé Iji Atí Oyá. Manter a tradição do Candomblé, que se constitui oral, é fator fundamental nos Terreiros, mesmo que suas formas de praticá-las se distingam entre estes e entre as nações, como explicaram as duas autoridades do *lócus* pesquisado.

Para entender melhor o que é o conjunto de tradições de base oral da referida religião, Gaudenzi (2008, p. 19) explica que "o corpo de tradições orais pode ser resumido por alguns detalhes sobre os elementos que o formam". O referido autor dá prosseguimento indicando que, tal corpo apresenta outros elementos: Odù (signo de Ifá) representando um conjunto de relatos ao culto da divindade Orumilá; a Ilàna (liturgia) que é um meio de comunicação entre os participantes e os seus objetos de devoção compostos por símbolos e ritos; o Orin (cânticos), narrativas de histórias dos antepassados, a exaltação aos ancestrais divinizados que revelam o pensamento dogmático; Ède (linguagem) que é a "língua-do-santo", usada costumeiramente no idioma original para impedir distorções nas tradições, um impedimento às influências sincréticas de outras religiões; Òwe (provérbios) sendo estes as preciosidades da língua yorubá, que transmitem os sentidos dos rituais quando citados, são os adágios que

ensinam e disciplinam. Todos esses elementos são indispensáveis formas de manter as tradições do Candomblé com sustentação oral e o Ilê Asé Iji Atí Oyá segue com rigor.

É importante explicar que as tradições apontadas acima foram reelaboradas no Brasil pelos africanos escravizados e pelos afrobrasileiros desde a implantação do Candomblé neste país no final do século XVIII, que deram significado ao culto aos Orixás. A forma como é praticada a religião na África se difere da sua prática pelos brasileiros. Suas peculiaridades não variam apenas entre as nações e entre os Terreiros, mas se distinguem da maneira como os Orixás são cultuados, da organização religiosa dos locais de culto. Talvez por esse motivo, muitos estudiosos defendem que o Candomblé existente no Brasil não existe na África. Todavia, sua matriz é africana e foi construído em solo brasileiro por uma negra africana alforriada como vimos em seção anterior. No caso do Terreiro Ilê Asé Iji Ati Oyá, segundo a Ekedi D'Oxum e a Ialorixá Mãe Obá, a concepção de que a referida religião é africana, tem sido validada e vivenciada cotidianamente, pois seus participantes fazem ligação Brasil-África como indissociáveis mesmo havendo diferença entre as formas de cultos.

Em uma perspectiva teórica, quando busca estabelecer essa distinção e constituição do Candomblé no Brasil, Bastide (1989, p. 90) destaca que:

> Na África, cada divindade, seja Xangô, Omolu ou Oxum, tem seus sacerdotes especializados, suas confrarias, seus conventos, seus locais de culto. No Brasil, mesmo nas cidades "negras" do litoral, era impossível para cada "nação", bem menos numerosa, reencontrar e reviver esta especialização. As seitas vão, pois, tornar-se reduzida imagem da totalidade do país perdido; quer dizer, cada candomblé terá, sob autoridade de um único sacerdote, o dever de render homenagens a todas as divindades ao mesmo tempo e sem exceção. (BASTIDE, 1989, p. 90)

A constituição do Candomblé no Brasil difere do seu culto na África, como esclarece Bastide, mas essa eminência não invalida o pertencimento e identificação africana que alimenta os membros do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá. Para seus adeptos o maior compromisso é manter as tradições religiosas do Candomblé, reverenciando os Orixás e assim conservar sua ancestralidade africana. Sobre isto, a Ekedi D'Oxum (APÊNDICE A) revelou na entrevista: "preservar os ancestrais que nos foram agraciados com a vinda deles da África para o Brasil." Esse mantenimento de tal concepção pode ser de fato observado durante as visitações. Os participantes do Terreiro têm o zelo pelos Orixás e o cuidado de tentar manter a presença da África Iorubá em seu cotidiano. Suas ações remetem à África, de tal forma que até a oração do Pai-Nosso é diferente da que corresponde à religião cristã. Pra começar pelo título – Olorum Nosso – e trechos que citam a África propriamente.

Outro fator é o trabalho de conscientização afrobrasileira feito com os seus adeptos e a comunidade, o Terreiro tem compromisso indispensável junto aos moradores do Engenho Velho de Brotas que culminou na criação da Associação Domingo Queiroz do Nascimento. Aliás, foi o fato de ter conhecido esse trabalho social desenvolvido no Terreiro que despertou o particular interesse dessa pesquisa. Sobre isto, a parte subsequente discorre com maiores detalhes.

Ao realizar o acompanhamento das atividades do Terreiro, observei que o trabalho é intenso mesmo nos dias mais tranquilos, pois a responsabilidade com os Orixás é constante, desde a limpeza do local, os preparativos das oferendas, como também, preparo de banhos, entre outras tarefas. A qualquer momento pode ser, também, solicitado atendimento individual no Candomblé e tanto a Ialorixá quanto os demais filhos de santo devem estar preparados para tal solicitação. Mãe Obá relata de maneira informal, que os Orixás mandam mensagens e que seus adeptos devem estar atentos para saber o que esses ancestrais querem transmitir, tudo tem um porque, ninguém bate à porta do Terreiro sem ter uma razão de ser, mesmo se por “engano”, tem um sentido.

No momento da entrevista, perguntei à Mãe Obá sobre o que é Candomblé, uma das respostas dada pela Ialorixá foi: “O Candomblé é amplo, é a religião mais complexa e completa.” (APÊNDICE B). Por isso, mesmo em dias que não está programado algo específico, o trabalho junto aos Orixás segue ininterruptamente. Ao acordar, já é dedicado o dia ao seu santo, aos ancestrais divinizados. Mãe Obá então continua sua concepção sobre a religião e explica: “Ele está presente da hora que você abre os olhos que é o seu momento do eu puro e verdadeiro, até a hora que você fecha os olhos que é o momento que seu Orixá está velando por você [...]” (APÊNDICE B).

É possível que a amplitude e a complexidade pelas quais se refere à Mãe de santo tenham a ver com o compromisso assumido pelos adeptos da religião, com a entrega que segundo os próprios deve ser integral, de confiança, respeito, mantenimento das tradições, e prontidão para o serviço religioso. Neste sentido, pelo que pude observar durante as visitações, e segundo os relatos dos sujeitos da pesquisa, no Candomblé deve haver uma entrega total de seus participantes, pois, os ancestrais divinizados, embora respeitem o tempo dos humanos, estão a todo o momento orientando-os e o trabalho religioso pode se solicitado em qualquer instante. Por este motivo a dedicação é total, e a preparação de seus membros para o atendimento das solicitações é constante. Na referida religião, segundo a Ialorixá e a

Ekedi do Ilê Asé Iji Atí Oyá, as pessoas que buscam o Terreiro solicitam desde tratamentos espirituais e físicos, como orientação para o comportamento humano. Esta demanda crescente gera entre os seguidores, a noção que o Candomblé é uma religião completa.

A concepção da Ialorixá congrega com a dos seus filhos de santo, com os membros do Terreiro, os sujeitos da pesquisa. Por exemplo, ao serem perguntados o que significa o Candomblé as entrevistadas responderam de forma parecida, a Ekedi D'Oxum diz (APÊNDICE A): "é tudo na minha vida e na vida de quem se dedica realmente a essa religião [...]". Para a Iaô de Oxóssi (APÊNDICE C): "Tudo na vida tem um porque e o meu sentido é o Candomblé." E para a Abiã de Iemanjá (APÊNDICE D): "[...] Candomblé, Orixá, para mim é tudo, tudo, tudo." Esse "tudo" enfatizado nas três falas corrobora com o ponto de vista de Mãe Obá quando se refere a "completa", visto que, a religião atende, na medida do possível, as solicitações de socorro nas áreas de saúde, comportamento, orientação religiosa, carências afetivas, como as próprias participantes relataram. Então, ao encontrar apoio e atendimento em diversos setores da vida humana, pode gerar a compreensão de que a religião seja "completa" e seja "tudo" para os que a seguem.

Nesse sentido, de interpretar a religião como a mais completa, e sendo tudo em suas vidas, os participantes do Ilê Asé Iji Atí Oyá se dedicam como podem ao Candomblé, conforme podem, diante das outras demandas da vida, tais como trabalho, família consanguínea, entre outras relações e atividades sociais. As ações no Terreiro são constantes, todos os dias são dias de compromisso com os Orixás, mas tem dias que são especiais, de maior concentração e de oferenda, no qual os filhos da casa se reúnem para uma ritualística específica. Assim sendo, na segunda-feira é feito o bukurú e/ou deburú em oferecimento ao Orixá Omolú, e esse ritual é mantido tradicionalmente neste dia da semana por ser um dia dedicado a este ancestral divinizado. Tal obrigação se explica pelo fato de ser este o Regente do Terreiro. Já nas quartas-feiras são feitos amalá e oferecido para Xangô por ser o Orixá de cabeça da Ialorixá e também é oferecido o acará para Iansã, pois ao agradar Xangô deve-se fazer um agrado para D. Oyá (nome pelo qual Iansã também é conhecida). Em dois momentos pude acompanhar, aliás, mais que isto, pude participar do ritual de oferenda das quartas-feiras. Indaguei se poderia assistir um momento mais específico, e tive o consentimento dado por Mãe Obá. O meu desejo era observar mais de perto os procedimentos e tentar compreender melhor como se processa os ensinamentos da religião nesses momentos especiais. Para minha

grata surpresa fui convidada a participar e assim tirar minhas impressões. Então ficou marcado que em dia oportuno participaria.

Chegado o dia fui devidamente preparada para acompanhar/participar do ritual de oferenda de quarta-feira para Xangô e Iansã. Segui as recomendações previamente orientadas pela Ekedi D'Oxum, tais como levar roupa de cor clara para usar no momento ritualístico. Antes de tudo é preciso tomar um banho preparado com folhas, naquela ocasião foi determinado o banho de aroeira. Após o asseio coloquei as roupas recomendadas e me dirigi ao barracão. É orientado que entre no local com os pés descalços e assim segui respeitando os preceitos do axé e podendo vivenciar a experiência que para os adeptos do Ilê Asé Iji Atí Oyá é algo consolidado. Antes mesmo de começar obrigação, a Ekedi e a Ialorixá me explicaram do que se tratava, e me deixaram a vontade para tirar dúvidas.

Quando começou o processo ritualístico, participei sendo auxiliada pelas crianças do Terreiro que faziam os procedimentos para que eu pudesse repetir suas ações. O que mais chamou a minha atenção, e tornou o ritual especial foi justamente ser orientada por crianças, eu estava literalmente sendo ensinada por menores de idade que já têm uma vivência relevante na religião e pela experiência puderam me ensinar, me orientar. Tal acontecimento teve enlevo e foi significativo diante da minha condição de professora, acostumada a orientar, a mediar o conhecimento para os indivíduos em tenra idade, naquele momento experimentei a posição inversa. Na referida ocasião, os facilitadores dos saberes foram sujeitos cronologicamente mais novos, mas na vivência do axé tornaram-se meus mais velhos. Enquanto nos acostumamos desde a infância ser direcionado por adultos, seja no seio familiar, na escola, e nas relações sociais diversas, na religião dos Orixás o fator cronológico não determina preponderância no que diz respeito o saber. Isto também é o Candomblé, a idade cronológica não revela o grau de entendimento do sujeito, é o tempo de vida no axé que determina sua experiência na religião. E devo destacar outros dois aspectos relevantes e indispensáveis: o silêncio e a prática da observação que compõem o conjunto da tradição oral. Tudo aconteceu em um exercício de escuta, resposta e prática ao que a Ialorixá solicitava.

Aprender sem o aparato de livros e anotações, observando ações para poder repeti-las, foi significativo para mim. Responder oralmente o que é solicitado também de forma oral, saber as ocasiões em que se curva a cabeça ou todo o corpo, em que se bate palmas, o momento certo de ajoelhar-se e levantar-se, foi no mínimo uma tarefa que exigiu atenção e concentração. Todos os sentidos do corpo foram solicitados, visto que, o Candomblé também

é uma religião performática, é dinâmica, e o aprendizado se constrói e se difunde em cada acontecimento do Terreiro. Participar das oferendas para Xangô e Iansã foi para mim um momento de aprendizado relevante, sobretudo pela entrega com que tudo é feito, pelo respeito dos participantes com a religião, pela forma como fui recebida e ensinada sutilmente.

Durante as observações de campo foi possível conferir que o Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá mantém as tradições de sua origem Ketu e buscam corresponder aos ensinamentos dos Orixás, sobretudo dando ênfase às formas de transmitir pela oralidade as lições dos ancestrais. Assim, as responsáveis imediatas, Mãe Obá e Ekedi D'Oxum dão continuidade à religião mesmo com o falecimento dos pais biológicos. Ambas demonstram a responsabilidade e o compromisso que foi firmado desde a fundação do Terreiro pelo Babalorixá Oluô, sucessivamente pela Ialorixá Vanda de Iansã. O comprometimento com os ancestrais não se finda, ao contrario, é preservado e perpetuado pela comunidade do Ilê Asé Iji Atí Oyá.

5.1.1 Compromisso com os ensinamentos dos ancestrais e ações sociais: propagação do legado sagrado no Terreiro Ilê asé Iji Atí Oyá

As diversas religiões existentes no mundo fundamentam-se em suas crenças particulares, nos seus dogmas, rituais, preceitos e assim propagam sua fé, dando segmento aos ensinamentos que as erigiram. No caso do Candomblé não é diferente, visto que seu legado é disseminado preponderantemente pelos seus adeptos, de forma oral, como pudemos ver até então neste estudo, com base nos teóricos e os sujeitos da pesquisa. Entretanto, cada Terreiro tem um modo próprio de agir conforme os princípios da religião. É recorrente também o papel social de algumas religiões, que atendem seus seguidores para além do intento religioso, fato sistematicamente presente em algumas casas de Candomblé. Bem como, é associada às instituições religiosas uma extensão da família e da educação, até porque o ato de educar antecede à escola, como vimos em Brandão (1992).

No Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá o compromisso com os ensinamentos dos ancestrais divinizados e com o legado religioso é a base de sua sustentação, segundo relato de seus participantes. Na tentativa de propagar suas origens e as lições emanadas pelos mais velhos que fundaram a casa de axé, as atuais responsáveis, a Ialorixá Mãe Obá e a Ekedi D'Oxum seguem conservando os princípios e preceitos litúrgicos e, sobretudo as tradições próprias do Terreiro. Com isso, administram o complexo religioso conduzindo seus frequentadores, adeptos iniciados e não iniciados, direcionando-os a uma vida religiosa de fé, respeito, responsabilidade e compartilhamento dos saberes ensinados pelos Orixás. A mediação dos

conhecimentos, a incorporação dos valores e concepções de moral é cumprida pelos participantes do Terreiro, desde a Ialorixá até os novos filhos-de-santo.

No Candomblé, como mencionado anteriormente nesta produção, os ensinamentos são compartilhados, bem como as tarefas são distribuídas. Todos são responsáveis por manter o bom funcionamento do Terreiro e como acontece em família ou mesmo na escola, é imprescindível que regras sejam estabelecidas e praticadas. Desta forma, os adeptos da religião aprendem e ensinam seus preceitos e contribuem com a propagação de sua liturgia, e é assim que o Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá funciona, com a participação de todos os membros da casa. Sobre isto, podemos conferir em Santos (S/D):

> A verdade é que num terreiro não é somente a Mãe de Santo que é responsável pelo bom andamento da comunidade. Todos são responsáveis, por isso há tantos cargos distribuídos entre pessoas especiais, conscientes da sua responsabilidade, do seu fazer e na orientação para os mais novos, isto é tradição. (SANTOS, S/D, p.61)

Observei durante a visita de campo que a situação apresentada no relato de Mãe Stella Santos está presente no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá. Existe uma forte interação entre os membros da casa, um senso de responsabilidade e um empenho em corresponder com os cargos que lhes foram confiados. Todos os envolvidos, adultos e crianças têm suas funções estabelecidas e as praticam em colaboração uns com os outros. Foi possível conferir muitas vezes os participantes auxiliando-se mutuamente, como por exemplo, quando precisava de alguém para ir à venda comprar algo que estava faltando, ou ajudando na cozinha, no momento de servir os alimentos, de limpar o barracão, entre outras atividades. Nesse sentido, a execução de tarefas e a realização do serviço são ações cooperativas que nutrem o sentimento de solidariedade entre os participantes fazem parte da rotina do grupo. Isto acontece dentro da casa, do Terreiro, mas é estendida a toda comunidade. Foi justamente a prestação de serviço solidário e a forma como são disseminados os saberes que influenciaram o desejo de pesquisar o Candomblé.

Em 2008 tive a oportunidade de ter contato com o Terreiro para desenvolver uma atividade profissional. Naquela ocasião, ainda alheia às atividades acadêmicas, percebi a importância da religião Candomblé na vida de seus seguidores, bem como o relevante papel social que desempenhava, ao assumir o compromisso de contribuição para a educação no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá. Quando fui auxiliar uma oficina, junto aos participantes da Associação Domingo Queiroz do Nascimento – ADQN como doravante será tratada – com crianças, adolescentes e adultos, conheci uma faceta do Candomblé: o compromisso social

que dificilmente é propagado. Embora o preconceito sobre as religiões de matrizes africanas ainda impere, eu estava conhecendo importante instituição religiosa que se preocupava, tanto em atender espiritualmente seus adeptos e aqueles que lhe pediam este tipo de socorro, como também se ocupava em educar a sua comunidade. Assim, eu tive conhecimento de um núcleo religioso que oferecia assistência social, arte, projetos culturais, instruções profissionais para os pais e mães que estavam desempregados, cestas-básicas, enfim, ajudas diversas na tentativa de supri-lhes.

Foi durante as oficinas que pude conhecer o trabalho social do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá que na verdade seguia também uma tradição familiar desde a sua fundação em Agosto de 1937, pois Pai Oluô tinha consigo a proposta de prestar serviço à comunidade onde estava situado. Este era um dos compromissos firmados com os Orixás, o de ajudar o próximo, aqueles que necessitavam de ajuda independente da sua religião. Tal intento foi alimentado e fortalecido por Mãe Vanda, que junto ao seu marido assumiu a tarefa de servir à comunidade do Engenho Velho de Brotas. Então eram diversas as prestações de serviços, desde angariar materiais de construção para pessoas que estavam construindo suas casas ou precisavam de reformas, distribuição de cestas básicas, tudo o que fosse possível para suprir às necessidades dos moradores do referido bairro.

No inicio o trabalho prestado não era vinculado a uma Fundação de caridade instituída, mas em 1991 foi realizado o grande desejo de Pai Oluô, então falecido e sua esposa Mãe Vanda de Iansã, com a criação e institucionalização da Associação Domingo Queiroz do Nascimento conhecida também como o Brejá. A partir desse ano o Terreiro foi adaptado fisicamente para receber em seus cômodos as crianças e adultos, moradores do Engenho Velho de Brotas como uma instituição de assistência social. Eram oferecidas oficinas de artesanatos, reforço escolar, atividades culturais (especialmente de conscientização da cultura negra), Artes culinárias (da qual eu tive oportunidade de prestar serviços e conhecer o Terreiro e a ADQN), que complementavam e estendiam os serviços dispensados à comunidade.

A Ekedi D'Oxum (APÊNDICE A) relatou que a ADQN surgiu da necessidade de sua família em educar as crianças do bairro: "em 91 nós resolvemos transformar em Associação porque nós precisávamos trabalhar com essas crianças internamente, devido à demanda, a necessidade mesmo, de ver se perder muitas crianças do bairro.". É possível que quando ela fala de perdas, esteja associada à criminalidade, pois, durante as observações ela deixava clara

a preocupação com os jovens que estavam se perdendo com drogas e com a violência que acomete as cidades grandes. É de suma importância para os membros do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá oferecer formação e instrução educacional e moral às crianças e adolescentes da região, ocupar suas vidas com atividades que complementem a educação escolar e lhes conscientizem sobre o mundo em que vivem.

O trabalho social que o Ilê Asé Iji Atí Oyá enquanto religião se ocupa, é também um compromisso com os ancestrais divinizados. Segundo a Ekedi D'Oxum (APÊNDICE A) "isso fortalece a intenção dos Orixás que é a caridade, é o amor, é o respeito, é a união." Pode-se dizer que é uma extensão dos trabalhos religiosos, de atender os seres humanos em suas necessidades, um serviço de doação que é orientado pelas entidades. Ainda de acordo com a Ekedi (APÊNDICE A): "Então a Associação tornou-se um braço do Terreiro que nós na nossa fé, na nossa leitura já sabíamos que um dia a gente iria ter esse trabalho também, que sempre alguma Entidade já nos avisava.". Ela fala que a prática de alimentar o povo, de reunir e agregar, promover a união entre as pessoas vem do Orixá Omolu, o Regente da casa. Como para o povo de axé, nada acontece sem ter um motivo importante, e tudo se processa através das orientações dos Orixás, o serviço social desenvolvido pelo Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá revela total interação de seus responsáveis com as entidades. Sendo uma casa religiosa, dirigida espiritualmente pelo Orixá Omolu, que segundo a Ekedi tem um princípio de suprir as necessidades do povo, as ações que o complexo religioso assume têm explicação, sobretudo, neste ancestral divinizado. Atender à comunidade, neste sentido, é acima de tudo atender uma orientação de Omolú e isto para o os membros da casa é um compromisso inquestionável, atender ao Orixá é uma honra, é um prazer.

Semelhante trabalho acontece em outros Candomblés que também prestam caridade, pois, a preocupação em ajudar o próximo, acolher e tentar suprir as necessidades da população circunvizinha é também uma tarefa religiosa. Tal serviço social pode ser visto em outros Terreiros, como por exemplo, o Ilê Axé Opô Afonjá, que sob responsabilidade da Ialorixá Stella Santos (Mãe Stella de Oxóssi) desenvolve ação análoga, ainda que de forma distinta à do Ilê Asé Iji Atí Oyá. A referida Mãe de Santo revela:

> Quando o Egbé Ogã criou a Associação da Juventude eu fiquei contentíssima. No dia em que foi criada era Dia dos Pais. E os Ogãs que de certo modo são pais da comunidade estavam dirigindo sua atenção para realizar o sonho da Ialorixá; só é possível uma pessoa "usar anel" através da educação integral. E o Egbé Ogã tem como principal meta a auto sustentação comunitária e a promoção de atividades educacionais e esportivas. Naquele dia eu tive a oportunidade de acompanhar todo o

> encontro e pude dizer para nossos jovens: é preciso que vocês sejam duas vezes cidadãos, cidadãos do Axé e cidadãos do mundo, consciente de seus direitos e deveres. Não basta o governo construir escolas, é necessário que cada um busque seu equilíbrio e construa a sua história de vencedor. (SANTOS, S/D, p. 58)

A reflexão e as recordações de Mãe Stella estão alinhadas com a concepção e as práticas exercidas por participantes do Ilê Asé Iji Atí Oyá, que enxergam na ação social uma forma de contribuir com ações educativas e formativas laboral, religiosa e moral da comunidade. Os dirigentes do referido terreiro campo desta pesquisa concebem que ao praticarem a religião Candomblé, estão também comprometidos em servir ao seu próximo como uma missão referente aos Orixás. Sentem-se responsabilizados em darem continuidade ao legado de seus ancestrais que é o de: fazer o bem, cuidar e socorrer como forma de reunir e comungar com as forças espirituais do bem. Por esses motivos a ADQN foi construída, para atender as orientações dos Orixás e o desejo mutuo de Pai Oluô e Mãe Vanda de servir aos necessitados.

Atualmente a ADQN atende internamente cerca de 50 indivíduos entre crianças e adolescentes, sem que estes sejam necessariamente adeptos do Candomblé. Inclusive, são atendidos menores cujas famílias são evangélicas, pois, não é fator preponderante ser seguidor do Candomblé para receber o auxilio da Associação. Ao contrário, não há uma determinação que restrinja a ajuda. Com isto, todas as pessoas que batem nas portas do Terreiro ou que lhes solicitam socorro são atendidas sem que suas religiões sejam questionadas. Além do atendimento interno, continuam sendo distribuídas cestas básicas e prestação de serviços conforme a necessidade dos que lhe procuram. Vale ressaltar que nem todas as solicitações são prontamente correspondidas, afinal, o Terreiro não tem condições de suprir tudo e a todos, mas quando isso acontece, há uma tentativa de encaminhamento para que outros Órgãos competentes possam atender. O fundamental é que não deixe o solicitante sem solução.

O sentimento de solidariedade e acolhimento que impregna o Ilê Asé Iji Atí Oyá é uma herança passada pelos seus fundadores, Pai Oluô e Mãe Vanda de Oyá, mas que parece ser uma tradição do Candomblé, uma determinação da religião, dos mais velhos para os mais novos. Uma dinâmica que comunga nos Terreiros, independente de terem fundada uma instituição de caridade. O principio de acolhida, de cooperação é fator relevante no convívio entre pessoas, entre uma comunidade, é inclusive o que lhes asseguram manter os valores que lhes foram ensinados. Quanto a isto Machado ressalta:

> Na convivência grupal é importante considerar o acolhimento como está implícito nos princípios e valores da comunidade. A sustentação deste acolhimento acontece pelo ensinamento dos "mais velhos" e pela correspondência no comportamento dos "mais novos". O confronto se faz pela hierarquia necessária para a manutenção dos princípios, valores e comportamentos adequados da comunidade. (MACHADO, S/D, p. 110)

Refletindo sobre as palavras de Machado fica entendida a importância da dinâmica grupal de acolhimento e de manutenção dos ensinamentos dos mais velhos. Conviver em grupo requer atitude de cooperação entre os envolvidos e um compartilhamento de sentimentos mútuos de respeito e por assim dizer, de solidariedade, pois esse convívio se torna prioridade para a preservação dos valores que erguem a religião. Nas observações que realizei no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá identifiquei configurações dessa prática que parecem fortalecer a relação entre participantes, que comungam da pretensão de continuar servindo uns aos outros e à comunidade onde o Terreiro está inserido.

É com base no respeito aos seus Orixás, seus mais velhos e tudo o que o Candomblé representa em suas vidas que os sujeitos entrevistados, membros do Ilê Asé Iji Atí Oyá seguem perpetuando os ensinamentos que lhes foram dados. Tanto o comprometimento com a religião, quanto com a ADQN, é uma forma de atender seus ancestrais divinizados, de cultuá-los e propagar a fé nestes que são seus Guias. Tais participantes deixaram explícitos durante as observações no campo e nas entrevistas, o valor que os Orixás têm em suas existências e a importância dos saberes que recebem destes cotidianamente, e que por esse motivo sentem-se comprometidos em dar continuidade ao seu legado.

5.2 O POVO DE SANTO: ADULTOS E CRIANÇAS NA TRANSMISSÃO DE SABERES NO TERREIRO ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ

As visitas ao Ilê Asé Iji Ati Oyá ocorreram tranquilamente, desde o primeiro momento, quando foi apresentada a proposta de pesquisa. A Ekedi da casa, Senhora D'Oxum, foi receptiva e acolhedora, concebendo prontamente a nossa intenção de investigar as práticas do Candomblé, se colocando disposta a facilitar a comunicação com a Ialorixá e com os participantes do Terreiro. O contato inicial se deu em Agosto de 2016 e o acolhimento foi imediato, antes mesmo de ser liberada a solicitação feita para investigação na casa de axé, a recepção foi hospitaleira. No primeiro dia a movimentação no Terreiro girava em torno da preparação da festa em homenagem ao Orixá Oxóssi que aconteceria no dia seguinte. Por esse motivo, os integrantes do Ilê Asé Iji Atí Oyá estavam organizados para atender as demandas próprias dos festejos, alguns no local, outros em ocupações externas. Naquele momento foi

também suspenso o atendimento na ADQN, que normalmente tem frequência diária. No mesmo dia acertei um retorno para ter a confirmação sobre a liberação da pesquisa, como aconteceriam as visitas de campo, bem como a apresentação aos membros da casa.

No retorno ao Terreiro, tive contato com as crianças que frequentam o Candomblé e também as da ADQN. Em meio a brincadeiras, estudos, descobertas, responsabilidades e obrigações é que se dão as vivencias cotidianas no espaço. As crianças de um modo geral vivem em sociedade aprendendo e compartilhando saberes. Inseridos em um contexto social em que interagem com seus pares desde a infância, seres humanos aprendem a viver e se comportar com base nos ensinamentos dados pelos mais velhos, pelos que os antecederam. No seio familiar, na escola, na comunidade em que residem, na religião, em diversos espaços sociais, os indivíduos convivem de acordo com exemplos e influencias do meio. Da mesma forma acontece com a realidade vivida dentro do Terreiro de Candomblé por parte das crianças, como se estivessem na extensão de suas casas, ou de suas escolas, o público infantil do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá vive suas experiências religiosas.

As crianças do Terreiro que também foram entrevistadas nesta pesquisa desde o primeiro momento, nas visitas para observação de campo, já mostravam que tinham muito a declarar sobre o Candomblé. Elas davam indícios que suas falas contribuiriam para uma compreensão relevante ao estudo sobre a religião e sua forma de se constituir no mundo. Com suas peculiaridades, por vezes de maneira tímida, outras vezes mais extrovertidas, as crianças do Ilê Asé Iji Atí Oyá acolheram a pesquisa com uma natural curiosidade da idade, e até mesmo pela novidade da presença de uma pesquisadora no local, mas com espontânea vontade de expressar seus pensamentos e práticas acerca da religião.

Meu acesso às crianças foi tarefa tranquila, pois se colocaram em todos os momentos dispostos a interagir. Contudo, obter delas quaisquer informações, embora não fosse difícil, demandou cautela, afinal estava diante de seres humanos em tenra idade, cheios de atitudes pueris, mas ao mesmo tempo, comprometido com preceitos religiosos. As contribuições se tornaram úteis, entretanto, exigiram da pesquisadora um posicionamento de respeito pelo campo e pelos sujeitos da pesquisa. E assim, foi se criando reciprocidade e um relacionamento de confiança e mútua vontade de fazer perguntas e obter respostas curiosas e instigantes com êxito.

As visitas ocorreram em horários alternados entre os turnos da manhã e tarde, em especial vespertinamente, adentrando pela noite em alguns momentos às quartas-feiras quando foi permitida a minha participação na oferenda para Iansã e Xangô. Nos demais dias da semana, foi possível verificar a rotina do Terreiro que era conciliada com as atividades da ADQN.

Quando se trata de cumprimento das obrigações do Terreiro, dos acontecimentos do Candomblé as crianças também têm importante participação. É importante destacar que a idade cronológica destas está entre 9 a 11 anos. Durante as visitas, foi observado o empenho e dedicação que elas empregam à religião e sem demonstrar expressão enfadonha ou mesmo sacrificante. A alegria era constante e típica da idade infantil, mas o respeito se fazia presente revelando o compromisso que haviam assumido. Vale ressaltar que tal comprometimento não parecia uma imposição, mas sim uma orientação iniciada pelos pais e que passara a fazer sentido em suas vidas e isto parecia uniforme entre as crianças, ainda que sejam sujeitos distintos com suas peculiaridades. As crianças do Ilê Asé Iji Atí Oyá vivem a religião com sentimento de pertencimento e isso foi percebido nas suas falas quando as primeiras indagações foram feitas a respeito de suas presenças no Candomblé. Na verdade, apenas com as observações silenciosas de suas práticas foi verificado comportamento de interesse próprio, de vínculo religioso.

Durante as observações percebi que as crianças assumiam suas tarefas rotineiras com o Candomblé ou mesmo na ADQN, conciliando as duas ações em meio a cantorias do universo do axé. Ao observar a realização de atividades simultâneas entre a Associação e o Terreiro, identifiquei quais eram as crianças que faziam de fato parte da religião e quais eram apenas assistidas pela Associação. Todavia, não era apenas o entoar das canções referentes aos Orixás que apontavam seus seguidores, mas o próprio comportamento frente ao Terreiro. Entre uma ação correspondente à demanda religiosa e a participação em uma oficina da ADQN foram entoados os cânticos aos ancestrais divinizados. Naquela ocasião foi possível perceber a alegria com que as crianças cantavam, faziam as tarefas de forma descontraída, porém, com muito respeito, sendo que o repertório musical fazia parte de suas vidas no cotidiano do Candomblé. Outros comportamentos indicavam com mais fidelidade o pertencimento: um menino que foi iniciado no Ilê Asé Iji Atí Oyá quando chegou ao local cumprimentou a todos os presentes, em seguida pediu a benção à Ekedi e dirigiu-se às portas

de entrada das casas dos Orixás, em absoluto silêncio, reverenciando-os com gestos. Tais atitudes indicam que as reverências revelam seu pertencimento religioso.

As crianças do Terreiro se destacavam pela forma espontânea com que demonstravam o compromisso com as atividades sagradas. Além de entoar as canções, em alguns momentos observei que também havia um clima de descontração nas danças do axé. Ao se locomoverem, de repente, faziam passos das danças dos Orixás, e quando percebiam que estavam sendo observadas sorriam e voltavam para seus afazeres. Essas situações tão descontraídas e autênticas revelavam: crianças no Candomblé. Ora, suas presenças e espontaneidades eram típicas da idade, da infância, que segue as obrigações com responsabilidade, mas também com alegria, graça, brincadeiras, que não poderiam lhes dispersar dos deveres. E assim seguiram-se as visitas para observação de campo, com graciosidade e compartilhamento das experiências e dos saberes religiosos.

Um acontecimento me chamou particularmente a atenção, entre tantos que pude observar, foi quando conversava com Mãe Obá para lhe explicar melhor como seriam feitas as visitas e ela me relatava informalmente a trajetória do Terreiro e sua responsabilidade frente à religião. Naquele momento um garoto de 11 anos de idade, em processo de iniciação, chegou ao barracão, pediu agô de licença e a benção da Ialorixá. Como eu já havia conversado com ele em alguns momentos, me dirigi a ele, mas este se manteve silencioso e continuou com seu ritual reverenciando os Orixás através de seus símbolos. Isso já havia acontecido em outra circunstância e eu sabia que o silêncio do menino era um comportamento respeitoso aos ancestrais e próprios dos rituais. Percebendo a minha curiosidade Mãe Obá explicou-me que ele não havia respondido não por falta de educação, mas porque naquele momento estava em contato com as entidades da casa que estão presentes mesmo sem a manifestação corpórea.

A situação vivida naquele dia revelou que desde a infância, atitudes e comportamentos dos adeptos do Candomblé exprimem o compromisso com a religião e o valor dado aos Orixás. Assim, tudo o que é feito, todas as suas ações refletem os ensinamentos ancestrais e são validados pelos seus seguidores cotidianamente. O garoto que se manteve em silencio para reverenciar primeiramente a Ialorixá e ao barracão com suas simbologias, logo após concluir seu ritual voltou-se a mim com respeito e cordialmente me cumprimentou como de costume, tendo o cuidado inclusive de explicar seu comportamento.

O registro acima mencionado foi um entre tantos que espontaneamente aconteciam durante as visitas de campo. Foram situações observadas, como o caso do assobio já revelado anteriormente em outra seção, como por exemplo, também, o momento de colher folhas de nativo para a utilização no Terreiro, em que o silencio se misturava ao balbuciar de palavras ou cânticos que somente os adeptos do Candomblé conhecem, e que é feito no instante da colheita. Teve também, as diversas vezes em que presenciei o pedido de agô quando os membros do Ilê Asé Iji Atí Oyá passavam na frente das casas de cada Orixá. Tais ocorrências me ajudaram a planejar ações para efetivar a pesquisa que estivesse de acordo com os princípios da religião, especificamente do Terreiro.

Sujeitos também da pesquisa, os adultos, assim como as crianças me mostravam nas suas práticas a dinâmica de um Terreiro. Assim a principal pergunta desta pesquisa aos poucos ia sendo respondida: como é o processo de ensino-aprendizagem, de transmissão dos saberes ancestrais do Candomblé a partir da tradição oral. Durante as visitas ficava cada vez mais clara a hipótese da importância da tradição oral como mediadora no processo de transmissão e difusão dos saberes e valores ancestrais, já que as ações dos participantes do Ilê Asé Iji Atí Oyá revelavam a preponderância da oralidade. A efetivação dos conhecimentos com base na fala, na escuta, no exemplo e observação era demonstrada no cotidiano do Terreiro, com seus adeptos praticando os ensinamentos dos Orixás orientados pelos encarregados de transmitir tais direcionamentos.

Entre as tarefas próprias da religião e o compromisso em ajudar no funcionamento da ADQN, os adultos do Ilê Asé Iji Atí Oyá efetivavam o Candomblé em suas práticas cotidianas sem se mostrarem incomodados com a presença de uma pesquisadora no local. Ao contrário, aparentemente suas rotinas não eram alteradas, pois suas responsabilidades com os Orixás lhes exigiam atenção. Algo que inclusive é atendido com tranquilidade por estes, adeptos, que desempenham suas funções naturalmente sem demonstrarem dificuldades. Em relação à Associação, os adultos prestam serviços voluntários, e isto também, segundo eles, é um compromisso com os ancestrais divinizados.

No momento das observações de campo, da dinâmica da religião, os adultos do Terreiro se disponibilizavam em tirar dúvidas espontaneamente, deixando-me a vontade para perguntar o que as observações talvez não pudessem explicar por si. O olhar de uma pessoa de fora das práticas religiosas de um Terreiro pode gerar diversas inferências que somente podem ser esclarecidas com a explicação de uma pessoa experiente no assunto. Portanto, os

questionamentos eram respondidos à medida que determinadas situações geravam curiosidades, inquietações e anseios em compreender aspectos sobre a religião. Por exemplo, um simples pedido de agô ou um curvar de cabeça diante das autoridades hierárquicas ou dos símbolos do axé tornavam-se ensinamentos e respostas para a pesquisa.

Os adultos do Ilê Asé Iji Atí Oyá, independente de seus cargos hierárquicos, colaboravam com a pesquisa dando explicações mesmo sem serem questionados, quando praticavam alguma ação mais específica. Revelavam os preceitos do Candomblé na medida do que é permitido ser divulgado, explicando o motivo de cada situação e acontecimentos e deixavam explicito e evidenciado que tudo era direcionado pelos Orixás. Isto indica o que os próprios participantes da religião enfatizavam: que tudo no Candomblé tem fundamento ancestral. Ialorixá, Ekedi, Abiãs, Iaôs e Ogãs reverberavam os saberes que tinham adquirido pela tradição oral sem perder seu conteúdo. Por exemplo, quando explicaram o fato de não se arrancar folhas da natureza após o baixar do sol, especialmente sem pedir permissão ao Orixá Ossain. Na medida em que surgiam duvidas ou mesmo quando faziam algum procedimento mais específico da religião, os adultos da pesquisa explicavam os motivos de tais ações, e isso enriquecia a investigação.

Com o passar dos dias observando o campo após ter conhecido os sujeitos da pesquisa, dirigentes, adultos e crianças, percebendo as rotinas e a dinâmica do Terreiro, comecei a planejar a forma como seria feita a coleta dos dados. Para dar continuidade à proposta metodológica da história oral, coletar mais informações ancoradas nas práticas inspiradas na ancestralidade religiosa e mediadas por tradições de oralidade conduzida pela Ialorixá e Ekedi, e para aprofundar o conhecimento sobre a transmissão dos saberes ancestrais, construir um roteiro semiestruturado para realizar as entrevistas.

Esse instrumento para obtenção das informações e revelações subjetivas precisava corresponder ao objeto do estudo e ao problema da pesquisa – transmissão de saberes e valores do Candomblé mediante tradição oral – e tinha que ser levado em consideração, especialmente, a faixa etária das crianças. Explicar a lógica de montagem do questionário é fundamental, pois sua elaboração foi com base no que estava sendo transmitido e observado durante as visitas. Contudo, foi imprescindível notar que qualquer juízo de valor em relação ao entendimento das perguntas por parte das crianças poderia levar à perda de conteúdo. Ou seja, o cuidado era para que as perguntas fossem claras, abrangentes, mas que evitasse

constrangimentos ou contradições no entendimento. E assim foi feito, partindo então para a efetivação da coleta de dados.

5.3 RESPEITO, PERTENCIMENTO E APRENDIZAGEM TRANSMITIDOS PELA TRADIÇÃO ORAL NO TERREIRO ILÊ ASÉ IJI ATÍ OYÁ

Como já advertido, para esta parte da investigação, foi escolhido o procedimento de analise de conteúdo para a compreensão dos dados obtidos e das observações feitas durante as visitas, pois permite que sejam apuradas de forma mais abrangente as informações concedidas pelos sujeitos da pesquisa. Bardin (1977, p. 14) ressalta que "por detrás do discurso aparentemente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar." Assim, seguindo esta concepção, foi feita a análise desta pesquisa. Bardin (1977, p. 19) ainda cita Berelson (1948) e corrobora: "A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação.".

Tentar desvendar os sentidos da abordagem metodológica proposta por Bardin (1977) não é tarefa fácil e requer atenção do pesquisador, e para tanto, é indispensável que o instrumento para coleta de dados seja também metodologicamente pensado. Por este motivo, na tentativa de viabilizar a melhor compreensão das informações adquiridas foi escolhida a entrevista semidiretiva e/ou semidirigida, semiestruturada, ou seja, que não é totalmente aberta, tão pouco é fechada. Esta permite que o investigador tenha possibilidade de novas indagações conforme as respostas dadas pelos entrevistados. A este respeito, Campenhoudt & Quivy (1992, p. 194) destacam:

> A entrevista semidirectiva, ou semidirigida, é certamente a mais utilizada em investigação social. É semidirectiva no sentido em que não é nem inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas na ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, deixará andar o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objectivos, cada vez que o entrevistado deles se afastar, e colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível. (CAMPENHOUDT & QUIVY, 1992, p. 194)

Neste sentindo, optando pela entrevista semidirigida foi possível indagar mais sobre o objeto de estudo: a transmissão de saberes e valores ancestrais a partir da tradição oral e

consoante a isto, os ensinamentos gerados e perpetuados pelos seus adeptos. Com perguntas-guias e deixando que as respostas gerassem novas indagações foram alcançadas informações relevantes para melhor conhecer algumas características próprias da religião e da vivência dos sujeitos da pesquisa. Os entrevistados foram fundamentais para a compreensão dos acontecimentos do Candomblé que instigaram e motivaram essa pesquisa.

A investigação é exploratória e quanto a essa natureza da entrevista, escolhemos como uma técnica de pesquisa para coleta de dados nos procedimentos que completassem as observações. Nesse sentido, por sua característica, é permitido ao pesquisador ter acesso ao universo pesquisado, sobre o objeto de estudo através do entrevistado, coletando suas experiências e vivências através das respostas concedidas, que muitas vezes são reveladoras. Por este motivo foi adotada tal técnica, com seu caráter semidirigido, o que subsidiou este trabalho. Quanto a isto, temos sustentação em Campenhoudt & Quivy, (1992, p. 67) que informam: “As entrevistas exploratórias têm, portanto, por função revelar luz sobre aspectos do fenômeno estudado, nos quais o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo, e assim completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras.”.

O roteiro foi cuidadosamente construído e analisado para a concretização da entrevista. Por critério de amostragem foram escolhidas quatro crianças, e quatro adultos e o principal motivo para a escolha foi o fato de os sujeitos entrevistados serem já iniciados, isto viabilizaria coletar informações próprias da religião que somente os iniciados poderiam me garantir. Primeiro foram feitas as coletas com os menores em uma única tarde, e posteriormente com os adultos em dias alternados.

Quando cheguei ao Terreiro, no dia marcado, observei que as crianças do Ilê Asé Iji Ati Oyá esperavam com certa ansiedade para este momento talvez inédito em suas vidas. Falar sobre a religião Candomblé, formalmente, para uma pesquisa indicava responsabilidade e esta qualidade lhes era costumeira. Ter responsabilidade é característica primaz para os adeptos do Candomblé, independente de sua idade. Então, diante dos risos ansiosos, da oscilação entre a timidez e a extroversão, concretizamos a entrevista. Vale lembrar que a timidez ainda não havia sido presenciada até o momento da coleta de dados, esta percepção me deixou atenta ao cuidado que devia então adotar, para deixar o entrevistado seguro e a vontade para participar da entrevista.

A princípio as falas foram em tom baixo, mas aos poucos os entrevistados foram se permitindo falar sobre algo que conheciam bem: o Candomblé. As quatro crianças, cada uma com suas características peculiares responderam as perguntas e evidenciaram suas vivências no Terreiro. Conforme eram feitos os questionamentos pareciam reviver as situações e a timidez dava espaço a explicações sobre sua experiência religiosa. Enquanto um respondia, os outros assistiam interessados, faziam questão de acompanhar, mas sem interferir ou influenciar no desenvolver da coleta de dados. É importante destacar que a entrevista foi feita com as crianças, cada uma por vez. Não foi uma entrevista grupal, uma de cada vez teve seu momento de ser entrevistado, e isto se deu, por ter o Terreiro e as famílias de cada criança, disponibilizado um dia para que a coleta de dados fosse efetivada.

As respostas dadas pelas crianças sobre o questionamento em relação ao Candomblé e sua forma de difundir valores e saberes revelavam o pertencimento destas, à religião. Aos poucos mostravam suas identificações com o universo do axé e a vontade de aprender e continuar seguindo os ensinamentos dos Orixás, sob intermédio dos lideres do Terreiro. Suas falas deixavam clara a apropriação que tinham sobre a religião e os seus preceitos, ainda que essa apropriação não se esgotasse, pois sempre se aprende algo novo ou se revisa o que já foi aprendido. Alguns dos aspectos revelados pelas crianças também foram evidenciados pelos adultos, entrevistados em outro momento, em dia alternado ao das crianças, tais como o processo de aprendizado, o sentimento pela religião, a dedicação empregada, o significado do Candomblé em suas vidas. E mesmo sendo feita em ocasiões distintas, o conteúdo se aproxima de forma coesa. Adultos e crianças, independente dos cargos e tempo de iniciação, corroboraram uns com os outros ao revelar suas concepções sobre a referida religião.

As falas das crianças e dos adultos foram analisadas e resultaram em categorias sob o critério da evidencia e significado do que foi dito. Como já explicado o referencial teórico, a base primaz desta seção é Laurence Bardin (1977) e por esse motivo, fez-se uma tentativa de analisar as entrevistas conforme sua contribuição, mas vale advertir que as inferências são próprias da pesquisadora diante das observações feitas. Refletiu-se sobre as palavras mais evidentes e o que estas significavam para os entrevistados e seu contexto. Consoante a autora citada utilizou-se o que ela denomina de Unidades de Registro (UR), que é a chamada unidade de significação a codificar e corresponde ao seguimento de conteúdo, uma unidade base, que nessa pesquisa resultou nas categorias. Bardin explica que unidade de registro:

> É a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e dimensões muito variáveis. Reina uma certa ambiguidade no concernente aos critérios de distinção das unidades de registros. Efectivamente, executam-se certos recortes a nível semântico, «o tema», por exemplo, enquanto que outros se efectuam a um nível aparentemente lingüístico, como por exemplo, «a palavra» ou «a frase». (BARDIN, 1977, p. 104)

Diante do que explica Bardin sobre a UR colocando seus níveis enquanto, tema, palavra e frase, nesta pesquisa percebeu-se que é mais apropriado o registro por tema, que segundo a autora, "fazer uma análise temática, consiste em descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido.". (1977, p. 105). Tendo a comunidade entrevistada um comportamento baseado em suas crenças, e sabendo que as palavras ditas nas entrevistas poderiam ter significados muito mais amplos do que suponhamos, ocorreu se valer da analise do registro por tema, mediante associação do que revela Bardin: "o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc." (1977, p. 106).

A autora ainda fala das Unidades de Contexto (UC) que são unidades bases para compreensão das unidades de registros, que refletem o contexto do que foi dito. Nesta pesquisa as UC foram ilações para que as UR resultassem em categorias da análise. Dessa forma, as palavras não foram analisadas soltas, mas foi percebido o seu contexto e o que poderia está implícito nas revelações, se é que algo ficou implícito, desde quando as palavras ditas foram reveladoras. De certa forma um pesquisador sempre tenta extrair o máximo que pode do que foi revelado, quando na fase de análise. Sobre as UC Bardin (1977, p. 107) esclarece:

> A unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são óptimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registro. Isto pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema.

Tendo a contribuição de Bardin, para melhor elucidação das categorias foi criado um quadro constando as UR, as UC e também a Frequência Aproximada (FA) da quantidade de vezes que algumas palavras foram ditas e com certa intensidade em determinadas frases na entrevista e que gerou as UC. Vale ressalvar que as UC foram analisadas correspondendo a compreensão das UR, que resultaram em categorias, devido ao sentido que era explicitada, a forma como era dita remetia a inferências que direcionava a uma palavra ou conceito de

significado abrangente. Depois da leitura atenta das respostas dos sujeitos, identificamos três categorias: Respeito; Pertencimento; Aprendizagem. Estas são referentes às práticas religiosas dos entrevistados, em relação ao Candomblé, significando o que a religião é para estes participantes, a forma como aprendem seus preceitos, com o que mais se identificam, e o que concebem como mais relevante. Abaixo segue o Quadro:

QUADRO DAS CATEGORIAS					
CATEGORIAS					
UR: RESPEITO		**UR: PERTENCIMENTO**		**UR: APRENDIZAGEM**	
UC	**FA**	**UC**	**FA**	**UC**	**FA**
Respeito	8	Orixás	10	Oralidade	8
Cuidado	3	Erês/Ibejis	3	Oferecer/ajudar	5
Licença	3	Vibração	3	Cotidiano	4
Respeitar o próximo	3	Atabaque/percussão	2	Facilidade	5
Respeitar os mais velhos	2			Dificuldade	3
Obediência	2			Cultura	2

O quadro acima foi elaborado como uma forma de demonstrar as categorias, o número e a quantidade aproximada de vezes que as UC foram citadas. Em relação às categorias, o sentido abrangente de cada uma orienta um melhor entendimento do que é o Candomblé para os sujeitos da pesquisa. Foi necessário refletir sobre os elementos das narrativas que apareceram nas entrevistas e que fizeram mais sentido para esta pesquisa, então, filtrou-se palavras e conceitos até chegar às categorias mais evidentes. Por este motivo, também, que elas foram geradas.

Antes mesmo de fazer as entrevistas, ainda nas primeiras observações foi percebida a presença de virtudes, tais como respeito, afetuosidade, cooperação, que permeavam o cotidiano do Terreiro, quando da efetivação da pesquisa de campo. Em se tratando da primeira categoria gerada, o Respeito, este é um atributo de grande valor e significado para os adeptos do Ilê Asé Iji Atí Oyá, sendo praticado com veemência. Não foi surpresa constatar essa categoria na fala dos entrevistados, visto que já tinha sido percebida empiricamente. Respeito, segundo os sujeitos da pesquisa, é um dos princípios básicos da referida religião, que, em tudo, seus seguidores colocam essa virtude como valor, qualidade indispensável a ser apreendida e efetivada. Tanto os adultos, bem como as crianças falavam de respeito quase que cotidianamente nos momentos das observações de campo e mais que simplesmente falar, agiam com tal singularidade. Em suas ações e praticas foi possível perceber a primeira categoria gerada, respeitar é fator indispensável para o convívio no Terreiro e para a

manutenção da religião Candomblé. Neste sentido, as UC mais frequentes foram: respeito, cuidado, licença, respeitar o próximo, respeitar os mais velhos e Obediência.

Durante as observações de campo, as atitudes dos frequentadores do Ilê Asé Iji Atí Oyá denotavam o quanto o respeito deve ser preservado, e que é uma virtude a ser consolidada por toda comunidade. Isto não quer dizer, no entanto, que não haja divergências entre eles, que não tenham situações de conflitos, mas que as praticas e o comportamento destes, no Terreiro, tinham que condizer com os princípios da religião. Princípios estes, segundo a Ekedi D'Oxum, de respeito aos Orixás, aos mais velhos, a natureza, bem como a solidariedade com o próximo, o atendimento possível às necessidades dos que chegam ao Terreiro, etc. Simples ações revelavam a forma como tentavam respeitar o Candomblé em sua totalidade. Por exemplo, o fato já mencionado nesta pesquisa, do Abiã que não me cumprimentou quando me dirigi a ele, permanecendo em silêncio e concentração enquanto cumprimentava seus Orixás e a Ialorixá, por si já revela respeito.

Um detalhe importante nesse ocorrido é que a criança entrou calado, se pronunciando apenas para pedir agô, que significa licença, e dada a permissão por Mãe Obá, se manteve silencioso em seu ritual, para também não atrapalhar a conversa entre pesquisadora e a Ialorixá. Uma atitude como esta não teve como passar despercebida. No momento em que o Abiã entrava no barracão e tinha que fazer seu ritual mantendo-se concentrado e discreto para não se perder nos seus preceitos religiosos, e para não atrapalhar a conversa que ocorria naquele local, o respeito estava sendo praticado. Respeito pelo Candomblé e seus princípios, pelos Orixás, afinal não se deixou desconcentrar com a presença de terceiro, respeito pela mãe-de-santo, pela pesquisadora e por si próprio. Essa foi uma das diversas situações em que se pode ser constatado um dos elementos básico da religião, o respeito, e que esteve presente nas falas dos sujeitos durante as entrevistas.

Muitas vezes os adeptos entrevistados do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, resumiam duas qualidades em apenas uma, ou fundiam virtudes e sentimentos nobres em um só, como quando falavam de amor, caridade e respeito como uma única qualidade, como um elemento único. Assim quando perguntados sobre os ensinamentos dados no Candomblé, os sujeitos da pesquisa foram coincidentes na resposta, se é que podemos chamar de coincidência o que poderia ser valor firmado entre eles. Então na fala da Iaô de Oxóssi (APÊNDICE C) temos: "Os ensinamentos dados do Candomblé eu vou falar pela vida cotidiana. Eu acho que se resume numa palavra só: amor ao próximo. É ajudar, é respeitar." E ainda continua:

“Respeito. Respeitar. Sem respeito não há nada...” Não diferente e tendo concepção parecida sobre a religião, de forma muito enfática a Ekedi D’Oxum (APÊNDICE A) responde*:* “Respeito acima de tudo, amor, união, fé, gratidão e atenção porque se você tem atenção você tem sabedoria.” E completa: “Respeito e educação.” A Abiã de Iemanjá (APÊNDICE D) revela: “Primeiro é o respeito pela Ialorixá e pelos demais que estão ali, pelas autoridades, a cultura, saber respeitar o limite dos outros, dos Orixás, saber o valor que tem a espiritualidade e o respeito também entre si...” E corroborando com seus filhos de santo a Ialorixá, Mãe Obá (APÊNDICE B) diz: “O respeito ao próximo. É a base de tudo.”

Em consonância com os adultos as crianças responderam, cada uma ao seu tempo, sobre a educação no Terreiro e os ensinamentos dados e praticados na comunidade religiosa. Com muita tranquilidade nas respostas disseram o que de fato entende sobre a religião e os valores transmitidos. Assim, a Abiã Erê de Iemanjá (APÊNDICE E) responde: “Respeitar o mais velho, respeitar o irmão, os tios, os outros da rua. Respeitar é ter educação.”, ao que o Abiã Erê de Oxalá (APÊNDICE F) disse: “Respeitar a todos, respeitar todo mundo, o próximo, em geral.”. Já a Abiã Erê de Nanã (APÊNDICE G) responde: “Respeitar os mais velhos” Enquanto que a Abiã Erê de Xangô (APÊNDICE H) fala: “De mais importante é o respeito, que é uma coisa que eu já pratico lá fora né? Respeito, respeito ao mais velho, respeito ao próximo, ao irmão.”. As crianças demonstraram nas falas o que tentavam revelar em suas práticas no Terreiro, em suas atitudes faziam o possível para corresponder com Respeito, que segundo a Ialorixá Mãe Obá, e a Ekedi D’Oxum, é um ensinamento primordial a seguir.

Outro elemento presente na religião entre os frequentadores do Terreiro é o Pertencimento e não foi por acaso que se transformou em Categoria. Pertencer é identificar-se com algo, alguém, é viver em correspondência com os princípios dos quais acredita. As UC mais frequentes que geraram essa UR foram: Orixá, Erês/Ibejis, vibração e atabaques. No Candomblé a identificação, o pertencimento já começa em relação aos Orixás, por isso os sujeitos da pesquisa, afirmaram sentirem-se como seus próprios ancestrais divinizados. É comum entre eles identificarem-se com as características de seus Orixás de cabeça, sentem-se como herdeiros das qualidades destes, e vivem como seus instrumentos humanos.

A profunda identificação dos adeptos do Candomblé com seus Orixás de cabeça, em atitudes, valores, desejos e restrições é denominado pelos estudiosos da religião como arquétipo. A este respeito, Verger (2002, p. 34) indica: “Gisèle Coussard observa que se

examinarem os iniciados, agrupando-os por orixás, nota-se que eles possuem, geralmente, traços comuns, tanto no biótipo como em características psicológicas.” Ainda de acordo com o autor:

> Podemos chamar essas tendências de arquétipos da personalidade escondida das pessoas. Dizemos escondidos porque, não há nenhuma dúvida, certas tendências inatas não podem desenvolver-se livremente dentro de cada um, no decorrer de sua existência, se elas entrarem em conflito com as regras de conduta, admitidas nos meios em que vivem. (VERGER, 2002, p. 34)

A asserção acima só reforça revelações dos membros do Ilê Asé Iji Atí Oyá, que se identificam com a personalidade de seus Orixás. Isto também é pertencimento, e essa característica foi constantemente presenciada, seja nas brincadeiras das crianças dançando como seus Orixás, nos cânticos do Candomblé, ou nas conversas informais, nas quais, uns diziam ao outro: você é assim por causa do seu Santo, ou você puxou a natureza de sua mãe (a mãe no caso é a Orixá de denominação feminina). Ou seja, o comportamento dos adeptos, independente da idade, corresponde ao seu Orixá de cabeça ou ao seu juntó (segundo Orixá).

Durante as entrevistas, em diversos momentos os sujeitos revelavam sua identificação com seus Orixás. As crianças deixaram claro o que mais gostavam, mostrando com o que se identificavam, revelando, ainda que sem intenção, o pertencimento com a religião. Igualmente, os adultos faziam questão de repetir o que e com o que se identificavam, o que conduziam suas vidas. Quando perguntados, por exemplo, sobre o que é o Candomblé, a resposta foi parecida quando disseram: é tudo na minha vida, é a minha vida, e quando se trata dos Orixás as respostas são as mesmas: é tudo. Isso infere pertencimento. A própria Ialorixá, Mãe Obá responde:

> É tudo. É minha vida. Eu fui gerada no ventre de Oyá, porque minha mãe biológica é de Iansã e Mãe Stella é a mãe espiritual, é a segunda. Candomblé é tudo na minha vida, é a minha vida, eu nasci para ser de Candomblé. Quantas vezes eu vier vou dizer ao Orixá que eu quero ser de Candomblé e ser de Xangô e ser mulher. Me completa. Eu visto roupa social, mas eu me sinto bem com roupa de Candomblé. (APÊNDICE B)

Quando Mãe Obá diz que foi gerada no ventre de Oyá, primeiramente ela se refere ao Orixá de cabeça da sua mãe biológica, é como se antes do ser físico/material estivesse o ancestral divinizado. Assim, é como se tivesse sido procriada por Iansã (Oyá) e sua mãe biológica fosse o instrumento humano dessa concepção. Ao dizer que o Candomblé é tudo na sua vida, é a sua própria vida, a ponto de sentir-se bem quando está vestida com a roupa do

axé, revela um pertencimento significativo, que talvez, somente as pessoas envolvidas nesse segmento religioso podem sinalizar.

O que é dito pela Ialorixá do Ilê Asé Iji Atí Oyá é também revelado pelos seus filhos. Assim, identificação com a religião, com os Orixás e com tudo o que lhe é próprio fica clara e o pertencimento é percebido não apenas nas falas, mas nas ações, até no não dito. Não foi preciso dizer que pertence ao Candomblé, mas ao dizer que a religião é tudo em sua vida, que voltaria em outras vidas para ser do Candomblé, é um fato revelador. Para a Iaô de Oxóssi (APÊNDICE C) não é diferente: “Mas meu Pai Oxóssi, Ave Maria, é um Orixá complacente, todos, mas o amor é o que fica não é? O dono da cabeça. Candomblé hoje é a minha vida, não tem outra...”. E continua: “Eu sou rígida, ou é 8 ou 80. É muito organizado, muito observador, invocado, eu tenho isso. Agora também gaiata, já não é a parte dele, já é parte de outro Orixá que eu tenho um pezinho lá também, Xangô. Ele gosta muito de alegria...”. Diante do pensamento da Iaô de Oxóssi, é possível identificar a presença do chamado arquétipo, a relação com as características dos Orixás e a interação com estes, a influência destes em sua personalidade e o prazer de ser assim, o sentimento envolvido. Isto pode ser interpretado como Pertencimento, como uma construção cultural para afirmação religiosa do Candomblé.

Outra participante do Terreiro que também mostrou um sentimento de pertencimento foi a Abiã de Iemanjá (APÊNDICE D), para ela suas características têm a ver com sua mãe Iemanjá: “eu sou muito grata por ser do santo que sou, Iemanjá, que Iemanjá é mãe, então eu tenho esse dom. Infelizmente eu ainda não sou mãe, eu não tenho filho, mas eu tenho esse dom de família.”. E perguntada sobre o que é Candomblé ela responde: “Candomblé, Orixá, para mim é tudo, tudo, tudo. Hoje em dia eu defendo minha religião com todas as forças.”. Temos aí mais uma fala que se refere à identificação com o ancestral divinizado, o sentimento pelo Orixá. A concepção de ter o próprio dom de seu Orixá acentua o Pertencimento que a Abiã de Iemanjá tem pela sua entidade, por quem tem gratidão, e para quem dedica a sua vida. Quando a Abiã diz defender sua religião, não por acaso, pois a mesma também revelou que anterior à sua entrada no Candomblé já tentaram influenciar para que não seguisse, e que atualmente, com mais conhecimento e tendo certeza do que quer para si, encara as criticas e se dispõe defender sua escolha religiosa.

Para a Ekedi D’Oxum (APÊNDICE A) a religião também significa pertencimento, visto que ela responde*:* “é tudo na minha vida e na vida de quem se dedica realmente a essa religião, que é um todo.”. A Ekedi continua respondendo: “você tem que abrir mão de muitas

coisas nessa vida, quem se dedica realmente como eu que inclusive moro no Terreiro é uma coisa bem mais forte, positivamente.". Ao responder a pergunta sobre os Orixás a mesma informa que: "Pai, Mãe, Tio, Avô, quer dizer, simbolicamente, porque para mim todos são Pais e todas são Mães.". Tais afirmações correspondem à dedicação que a Ekedi tem pela religião, que inclusive ocupa o seu tempo cotidianamente, na qual ela se disponibiliza atender as demandas do Terreiro que também é sua moradia. A Ekedi vive a religião Candomblé a todo o tempo de sua vida como ela, diversas vezes, fez questão de dizer durante a visita de campo.

É assim que os participantes do Ilê Asé Iji Atí Oyá concebem e contemplam o pertencimento religioso do Candomblé que é seguido pelo rigor da palavra e da tradição oral. Dizer que o Candomblé é tudo, que esta religião completa sua condição de humanidade, transforma as autoridades hierárquicas e filhos do Terreiro em defensores dedicados que recorrem a todas as forças, abre mão de regalias, sem queixas só para demonstrarem o significado que a religião tem em suas vidas.

As crianças também manifestam sentimento pela religião. Perguntadas sobre qual seria o momento mais especial no Terreiro, o que as crianças responderam indicou primeiro, o que condiziam com suas idades, afinal estão em fase infanto-juvenil, e também a leveza típica da infância. Então as suas respostas correspondiam às situações que poderíamos chamar de lúdicas. Sobre o momento mais especial a Erê de Iemanjá (APÊNDICE E) respondeu: "Na hora do barracão", e completa: "É, na hora que tocam os atabaques". Para ela esse momento é muito especial, é com o que ela mais se identifica e tentando explicar o que sente diz: "parece que tem alguma coisa assim dentro de mim, vibrando assim.". Foi inevitável constatar o brilho nos olhos dessa criança e a emoção com que falava sobre o seu momento mais especial, ela tentava demonstrar na fala a sensação que tinha ao ouvir o toque dos atabaques, momento em que saúdam os Orixás com os cânticos próprios para cada um dos ancestrais divinizados. Estar no barracão, poder participar dos rituais e xirês, é algo que faz com que ela se sinta pertencente, algo que talvez qualquer tentativa de explicação verbal fosse redundante, visto a emoção no olhar da criança.

Já o seu irmão biológico, o Erê de Oxalá (APÊNDICE F), que também frequenta o Terreiro e está igualmente em fase de iniciação revela sua identificação: "É quando os erês vêm.". E esclarece entre sorrisos, "é porque eu brinco com eles.". Duas situações que envolvem alegria e ludicidade, ainda que sejam efetivadas com seriedade e respeito, tais como

o toque do atabaque que requer concentração e o transe com a chegada dos erês, são para essas duas crianças o que elas mais gostam, o que mais as representam. Se identificar com a chegada dos erês revela um momento mais infantil, são essas entidades, denominadas crianças, que brincam, fazem graça e que parecem ser muito esperada pelos adeptos que estão ainda na infância.

Conforme informação da Ekedi D'Oxum, as crianças do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá aprendem já nos primeiros contatos com a religião Candomblé, que a sua presença ali tem grande relevância, que desenvolverão as práticas religiosas com dedicação, e será exigido respeito, bem como, assim também serão respeitadas. Sobre a presença de crianças no Terreiro, Caputo (2012, p. 66) ressalva: "as crianças do candomblé desempenham funções como os adultos. Muitas são iniciadas e algumas, depois de um longo aprendizado, estão preparadas para receber os Òrìsà.". De fato, suas funções são as mesmas que de um adulto, com responsabilidade e dedicação, porém, como estão em fase infantil, identificam-se com o que lhes é próximo à infância. Então, achar graça com a chegada dos erês, esperar por esse momento para brincar com essas entidades e se sentir a vontade, reforça o pertencimento à religião, especialmente em uma ocasião com que se identificam.

Continuando a investigação sobre a identificação das crianças no Candomblé, outras duas participantes também concebem o momento dos erês o que há de mais especial, assim, Erê de Nanã (APÊNDICE G) fala: "Na hora que toca para os Ibejis." e elucida: "Eu sinto uma alegria no corpo.". Essa sensação de alegria que também foi relatada pela Erê de Iemanjá e pelo Erê de Oxalá correspondem a uma ocasião de contentamento, de música, ritmos, dança, celebração, aspectos que podem ser encarados pelas crianças com responsabilidade, mas com diversão. Concordando com a concepção do momento mais especial e com o que mais se identifica, a Erê de Xangô (APÊNDICE H) relata: "é na hora da mesa fria, quando os erês chegam.". Esta última se mostra entusiasmada em falar e dispara a relatar como que enumerando diversos pontos a serem acrescentados: "E gosto também quando os Orixás estão dançando, é uma coisa tão boa, é uma energia de uma harmonia, sabe? Quando a gente tá dançando na roda, nós mesmo, quando toca pra Ibeji, é muito bom, eu amo.". E continua mencionando suas identificações dizendo que outro momento especial é quando toca para o Orixá Xangô: "Porque ele é o meu Orixá, da minha cabeça, eu amo ele. Me orgulho de mais de Xangô." (APÊNDICE H). Esta criança ainda revela que tem característica desta divindade: "Eu não gosto de injustiça, não gosto de injustiça. (enfatiza) É uma característica que eu tenho

do Orixá que é o dono da justiça.” (APÊNDICE H). Mais uma vez vemos uma fala que revela o chamado arquétipo e o pertencimento pelo Orixá.

Diante da idade em que se encontram as crianças entrevistadas, tornou-se ainda mais instigante, conferir seus comportamentos no Terreiro. Muitas vezes interpretamos a infância como uma fase de brincadeiras e imaturidade, mas apesar das características da idade, os sujeitos mirins da pesquisa mostraram que têm comprometimento com o Candomblé, e fazem parte de todo corpo litúrgico da religião. Elas aprendem os toques dos atabaques, as danças, as saudações e, sobretudo, como se comportarem no Terreiro, com uma forma de aprendizagem igual à dos adultos, através da transmissão oral, da observação e prática, muitas sendo iniciadas bem pequenas, como a Erê de Xangô que está em fase de iniciação desde os 4 anos de idade, atualmente com 11 anos.

Referente a isto, Caputo (2012, p. 66) comenta: “Os *Omo dé*– as crianças – estão nas rodas de santo do barracão, nas obrigações no terreiro e nas festas, Algumas mal largaram as fraldas e já tocam os atabaques na batida certinha para convocar os Òrìsà.” É assim o processo de iniciação no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, respeitando a idade dos iniciados, oferecendo-lhes atenção e suporte no aprendizado, e confiando-lhes as responsabilidades e cargos determinados pelos Orixás.

É importante destacar, que, como já explicado em seção anterior, a idade cronológica não tem maior importância que a idade iniciática. Portanto, as crianças são igualmente respeitadas e valorizadas na religião Candomblé. Ainda em Caputo (2012, p. 72) conferimos que: “As crianças estão misturadas aos adultos nos terreiros, devem, sim, muito respeito aos mais velhos, mas são igualmente respeitadas por eles. No terreiro, é o tempo que a pessoa tem de idade que conta.”. Esta assertiva condiz com a forma com que as crianças do Ilê Asé Iji Atí Oyá são tratadas, como membros pertencentes que têm os mesmos direitos e deveres de um adulto, ou seja, cumprem com suas responsabilidades, aprendem e ensinam, respeitam e são respeitados. Talvez, por este motivo, mediante a premissa de todos serem valorizados, é que o sentimento de pertencimento, de identificação com a religião seja fortalecido, e pelo cumprimento das obrigações, saber que têm um papel a cumprir na religião, que têm um Orixá e uma comunidade para zelar, ao menos, isto foi percebido nas observações de campo.

Independente da fase da vida em que se encontram, sejam adultos ou crianças, os sujeitos da pesquisa, que participaram na condição de entrevistados, pessoas que mantém

vínculos importantes com o Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, expressam em suas narrativas as concepções e valores do Candomblé e os aspectos com que mais se identificam. Cada um a seu modo e com suas convicções e identificações particulares, revelam um pertencimento á religião que somente quem prática pode sentir. No caso dos referidos entrevistados, o pertencimento é muito mais do que identificação formal, é também compartilhar do sentimento e da satisfação de ser e de viver com base nos princípios do referido complexo religioso. Assim sendo, o pertencimento é algo forte e consolidado em suas vidas, é o que lhes representam, é com o que comungam, com o que se sentem a vontade.

A última categoria que também emergiu das entrevistas é Aprendizagem, tão importante quanto as categorias Respeito e Pertencimento, pois teve grande destaque nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa. Desde o as primeiras visitas para observações de campo, um fator me instigava: como se dá o aprendizado em um Terreiro de Candomblé, aliás, este foi um dos principais motivos desta investigação. Com as frequentes visitas no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá persistia o intrigante desejo de desvendar a construção e difusão dos saberes e valores no ambiente religioso de matriz africana. Sobre a metodologia de ensino do Candomblé e a sua didática, Conrado ressalta:

> Não se aprende sobre os mistérios dos Orixás e suas relações através dos livros; a maior fonte do ato de conhecer é pela troca simbólica, o contato enérgico, a participação e a ação que qualificam essa forma de cultura. Visão e movimento expressos através do corpo que escreve e reescreve as lendas, os mitos, os rituais. (CONRADO, S/D, p. 200)

O processo de transmissão dos saberes, dos conhecimentos, como os preceitos são ensinados, e tudo o que envolve a liturgia, as manifestações, práticas e características materiais e simbólicas foram sendo revelados aos poucos no decorrer da pesquisa, confirmando o que Conrado e os demais referenciais teóricos utilizados nesta já anunciavam. Os adeptos do Candomblé Ilê Asé Iji Atí Oyá que foram observados e/ou entrevistados sinalizavam e ofereciam pistas que os saberes são gerados, transmitidos, processados e difundidos no dia a dia, no cotidiano do Terreiro. Acontecem nas ações, em cada ocorrência, nas atividades e experiências que vão circulando, em grande medida, dos mais velhos para os mais novos. Em relação a isto, a Ialorixá da casa, Mãe Obá, enfatizou que certas situações podem gerar aprendizado, e que são diversas as ações e circunstâncias vivenciadas no cotidiano do Terreiro.

> No nosso dia a dia, no nosso cotidiano. É uma simples questão de observação muitas vezes. Toda pessoa que entra no Terreiro de Candomblé, você adentrou agora, pode

> ser para se cuidar, para visitar, apenas por um descuido porque entrou no lugar errado, você entra de um jeito, você já sai de outro, porque se você entrou ali o ar é diferente, a terra é diferente, mesmo que você diga, ô de casa, alguém vai dizer ô de fora você veio a mando de quem? Você diz o que veio fazer, se for negócio no Terreiro você vai resolver ali, se não for, a pessoa vai lhe dizer ao sair Orixá que te acompanhe. Então você entende que na saída alguém pede para que Orixá zele por você e pelos seus passos na rua, você já aprendeu que não precisa dizer só Deus lhe acompanhe, Orixá também, são deuses filhos do Deus grande maior, não superiores, nunca. (APÊNDICE B)

O exemplo relatado por Mãe Oba revela que os ensinamentos no Candomblé não apresentam uma metodologia antecipada, porque as circunstâncias são geradoras de aprendizados. Se alguém entra em um Terreiro por descuido, como ela fala, e ao sair é cumprimentado com palavras de bênçãos, como é dito na religião, no qual se deseja que o Orixá o acompanhe, supõe-se um desejo de bem querer à pessoa. E quando ela esclarece que estes são deuses filhos do Deus Maior, nunca superior que Ele, infere-se, no mínimo, um conhecimento de que a religião comunga com um Ser Supremo, criador do universo. Isto pode servir ainda para desmistificar a demonização que permeia o imaginário equivocado de séculos do preconceito em torno da religião. Aí está um ensinamento, pois é assim que Mãe Obá concebe, que todas as ocasiões permitidas pelo Ser Supremo e orientadas pelos Orixás são valiosas para que um novo aprendizado seja transmitido. Então, tal exemplo foi apenas uma demonstração que a Ialorixá utilizou para exprimir que no cotidiano do Terreiro, devido à crença religiosa própria do Candomblé, nada acontece por acaso e que de tudo pode ser aproveitado para favorecer uma lição.

As UC que geraram a UR para a Categoria Aprendizagem foram: oralidade, oferecer/ajudar, cotidiano, facilidade, dificuldade e cultura. Quando se trata de conhecimentos, de ensinamentos dados e aprendidos no Candomblé, um leque de elementos é mencionado por seus participantes, tais como estes mencionados. Talvez por este motivo que essa Categoria precisou ser analisada buscando perceber o que teria maior significado na fala dos sujeitos, especialmente para ter uma melhor compreensão da forma de transmissão nesse processo.

Quando perguntados sobre os ensinamentos gerados no Candomblé foram constatados valores que para eles são indispensáveis para a manutenção da religião, a exemplo de respeito, que também virou categoria, cuidar do próximo, oferecer, ou seja, ajudar o próximo distribuindo alimentos, agasalhos e outros tipos de ofertas. Na fala, por exemplo, da Erê de Iemanjá (APÊNDICE E) sobre uma das lições importantes temos: “É, ter cuidado com o próximo.”. Outra questão levantada foi quanto a sua forma de transmissão, no que foi

confirmado: através da oralidade, sem o aparato de livros, apenas com a fala e o exemplo. Quanto ao momento em que se processa o conhecimento, foi afirmado que é no cotidiano, no dia a dia, a todo instante.

Perguntados se a forma de transmissão, a partir da tradição oral se processa com facilidade ou dificuldade, adultos e crianças revelaram suas experiências pessoais. Enquanto três crianças disseram ter sentindo um pouco de dificuldade no inicio em alguns elementos específicos, mas sem grandes prejuízos no aprendizado, apenas um adulto revelou sentir dificuldade. Por exemplo, a Erê de Iemanjá diz ter sentido mais ou menos dificuldade, porém sua revelação não foi propriamente quanto à forma de transmissão, mas ao que tinha que ser praticado: “É, na hora que tava ali no barracão, eu tive dificuldade na hora que teve o santo assim, sabe? Na hora que tinha que colocar ali o amalá, essas coisas, eu tive um pouco de dificuldade, só.” (APÊNDICE E). Ou seja, o procedimento nos rituais que eram a principio dificultoso.

Diante da narrativa acima, inferimos que o conteúdo, se assim podemos tratar, poderia por vezes sugerir complexidade, sendo aos poucos apreendido e contemplado, mas a transmissão através da oralidade não causava embaraço. Tanto, que quando perguntados sobre isto, as respostas entre todos os entrevistados foram negativa quanto à dificuldade, tais sujeitos afirmaram que o ensinamento oral é fácil, e revelaram com naturalidade como se fosse algo muito tranquilo para eles.

Quando a Abiã de Iemanjá menciona a dificuldade no aprendizado e fala com intensidade, a princípio dar a entender que a forma de transmissão do conhecimento era algo muito difícil, que a oralidade como ferramenta de construção e difusão dos saberes e valores ancestrais não facilitava sua apreensão. Contudo, a própria ratifica que na verdade não era o fato de ser transmitido oralmente, mas alguns detalhes na aprendizagem, como por exemplo, aprender a língua iorubá. Portanto, para ela, a dificuldade não estava na forma e sim num elemento a ser apreendido.

> Muito. Tive porque assim, a linguagem africana é totalmente diferente do nosso português. Então muitas coisas eu ainda fico muito perdida pela linguagem, até porque eu sou muito dispersa, não vou mentir, então é complicado, é juntar algumas letras, associar, um exemplo, Adupé quer dizer obrigado, entendeu? Então frases totalmente diferentes que você às vezes fala obrigado, desde quando você tem que trabalhar a linguagem africana. (APENDICE D)

Logo após falar das objeções em relação à língua africana, Abiã de Iemanjá (APÊNDICE D) assegura que em se tratando da forma oral de transmissão não há dificuldade: “Não por ser oral, era mais pela linguagem mesmo, africana.”. Assim como a Abiã, as crianças que revelaram terem dificuldades também admitiram que não era a oralidade que tornava difícil, que não tiveram dificuldades em aprender os preceitos do Candomblé de forma oral. Para estas, o que dificultava eram alguns procedimentos, como a maneira correta de pedir licença, de pedir a benção, de proceder diante dos Orixás e das autoridades, como se vestir adequadamente. Eram os detalhes mais precisos que lhes intrigavam, mas garantiram que aos poucos foram superando os “embaraços”. Então suas falas afirmavam a facilidade em aprender oralmente. A Erê de Iemanjá (APÊNDICE E) diz: “Não, não tive nenhuma dificuldade” e seu irmão Erê de Oxalá (APÊNDICE F) corrobora: “não”, a Erê de Nanã (APÊNDICE G), também concorda e diz: “Não. Eu não tive nenhuma dificuldade”, e a Erê de Xangô (APÊNDICE H) assevera: “Não. Não tive nenhuma dificuldade.”. Assim, a transmissão oral fica consolidada entre estes sujeitos como uma forma fácil de aprender os ensinamentos do Candomblé.

Em concordância com as crianças, a Iaô de Oxóssi (APÊNDICE C) ao ser perguntada sobre a tradição oral relata: “É bom, pra tirar as dúvidas, é bom”, e continua “Não. Não precisei de nada. Não tive dificuldade nenhuma[...]”. Outra que revelou como se processa o conhecimento e a importância da oralidade foi a Ekedi D’Oxum (APÊNDICE A), ela explica a tradição: “É, a tradição oral é aquela que é passada hierarquicamente do mais velho para o mais novo e de forma simplesmente oral porque nós não acreditamos em nada que é escrito dos ensinamentos do Candomblé, que está escrito em livros ou na internet.”

Questionada se sentiu em algum momento dificuldades com o aprendizado oral a Ekedi D’Oxum (APÊNDICE A) sustenta que: “Não, não dá, não tem necessidade de sentir falta, de sentir dificuldade na oralidade porque nossos mais velhos estão sempre dispostos a tirar todas as dúvidas que nós temos.”. São duas narrativas que garantem não haver obstáculo na forma oral de transmissão do conhecimento no Candomblé, visto que, conforme a Ekedi, os mais velhos se encarregam de tirar as dúvidas. Neste sentindo, os sujeitos da pesquisa afirmavam durante as visitas que seus mais velhos se colocam disponíveis a esclarecerem quantas vezes forem necessárias. Aprender com as tradições de oralidade passa confiança, segurança aos adeptos do Candomblé, pois a palavra que ensina é questão de hora, vem dos saberes ancestrais, e o exemplo praticado reforça a importância que esses seres têm para os

que seguem a religião, bem como os mais velhos são tidos como fontes de sabedoria e são eles que transmitem a tais ensinamentos, são eles que orientam os novos iniciados. Vale ressaltar que o exercício de observação também faz parte da prática de tradição oral, então o exemplo e a observância sustentam a palavra que ensina. Assim a Iaô de Oxóssi complementa:

> [...] quando eu entrei eu disse porque que não pode vestir preto, já que tem orixá que pega um pouquinho de preto? 'porque tal Orixá não pode comer isso?'. Tudo isso eu fui olhando, perguntando, observando, eu nem sabia de quem eu era, aí tudo eu olhava observava e perguntava: Ekedi porque isso? Mãe Obá porque isso? Minha Mãe me tire uma dúvida, por que isso? (APÊNDICE C)

E para respaldar as afirmações de seus filhos de santo, Mãe Obá (APÊNDICE B) resume: "[...] a oralidade é a melhor forma de passar o conhecimento. Nossa bíblia é o nosso conhecimento.". A Ialorixá continua e tenta explicar a importância da oralidade e completa: "Então eu não tive dificuldades. Prefiro a oralidade porque a gente segura dentro do possível o conhecimento, do que livros, porque livros, cada autor escreve o que interpreta e Candomblé não é escrito, Candomblé é vivido, é sentido, é mistério, é magia, é perfeição." (APÊNDICE B). Diante de tal afirmação, é possível compreender que a transmissão dos ensinamentos da religião Candomblé através da tradição oral é percebida, vivenciada e consolidada pela Mãe de Santo, como uma base que facilita e sustenta os saberes e conhecimento religiosos. Preferir aprender com a oralidade dispensando os livros, pode indicar que a referida religião tem uma dinâmica de movimentos que não se estaciona em páginas, pois é no momento que a palavra é dita, em que as ações são executadas, em que os olhares se encontram e as dúvidas são esclarecidas que o Candomblé é revelado.

Desde o início das observações no campo os sujeitos que participaram desta pesquisa, a todo o momento, expressavam com suas ações as formas como vivenciam o axé. Mãe Obá e seus filhos de santo revelaram e reafirmaram os significados que as praticas religiosas do Candomblé têm para suas vidas, adensado pelo sentimento de pertencimento e afinidade com a religião. Neste sentido o Candomblé torna-se constitutivo dos modos de ser e estar no mundo, de seus adeptos, como se identificam com o universo religioso orientado pelos Orixás, e esta torna-se referência ética e moral, mola propulsora e orientação para seguir as vidas. Assim, os sujeitos que possibilitaram a construção de registros sobre os quais se assentam esta pesquisa se posicionaram deforma a apontar os caminhos que os levaram à consolidação desta juntamente com seus pares. Mais que isto, revelaram que a forma de aprendizagem no Candomblé, mediante tradição oral, faz sentido e tem grande enlevo por

trabalhar todos os movimentos do corpo, da percepção e atenção, da interpretação e incorporação do que está sendo transmitido. Que o aprendizado envolve comunhão, partilhamento dos saberes, no dinamismo dos exemplos, das performances, na coletividade que começa desde o primeiro processo de iniciação. Para Luz:

> Trata-se de uma comunicação que dá corpo às *culturas de participação*, em que a apreensão do conhecimento e das informações do código grupal só tem significado quando incorporada, de modo ativo, dinâmico, Às relações interpessoais concretas que irão constituir um sistema iniciático, apreendido por meio de experiências vividas coletivamente. (LUZ, 2000, p. 101)

O enunciado acima, só corrobora com as afirmações ditas pelos sujeitos da pesquisa, pois é no cotidiano, nas vivências, observações, e participação grupal que os ensinamentos são apreendidos e efetuados. Conferimos em nossa investigação, que o Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá dá continuidade às tradições Ketu do Candomblé, especialmente reafirmam seu aprendizado com preponderância da tradição oral. Tal complexo religioso, ainda se ocupa em oferecer serviço social à sua comunidade, fazendo da ADQN uma extensão dos trabalhos inspirados pelos ancestrais divinizados. Neste sentido, não apenas o compromisso com a Associação tem a ver com as orientações dos Orixás, mas tudo que lhes movimentam, tudo o que diz respeito às suas existências. Tanto é assim, que os participantes do Terreiro deixaram claro em suas falas a importância que a religião tem para suas vidas, concebendo-a inclusive como um sentido para suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa investigação teve sua gênese motivada no desejo de investigar o universo da religião de matriz africana, o Candomblé, e a geração de conhecimentos e valores, conferindo a sua forma de transmissão e disseminação.

O intento desta pesquisa é compreender os saberes, preceitos e fundamentos da religião do candomblé praticado no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá cujos conhecimentos litúrgicos e mágicos não se pautam em suportes manuscritos e impressos a exemplo dos textos escritos que serviram para efetivar e consolidar religiões que se baseiam no cristianismo para se manifestarem em práticas culturais materiais e religiosas que se expressam em linguagens musical, corporal e performática constitutivas de tradições de oralidade. Considerando com Brito (2009) que as linguagens são constitutivas dos sujeitos, as manifestações de oralidade neste Candomblé se expressam mediadas por cantos, danças e incorporação dos orixás que divinizam os corpos dos filhos de santo.

Com o estudo de revisão de literatura desta dissertação, ou seja, com o suporte teórico utilizado, partimos da premissa que muitas informações, conceitos e valores são passados de gerações para gerações mediante tradições orais, visto que, nas consultas bibliográficas não identificamos nenhuma outra forma de disseminação do conhecimento religioso do Terreiro que não se manifestasse por circuitos da oralidade. Sobre isto, os sujeitos da pesquisa confirmaram que a tradição oral é a base para processar e professar o Candomblé. Para os adeptos do da referida religião a oralidade é uma linguagem indispensável para manter a tradição e para a conservação e a transmissão de saberes e práticas.

Diante da cautela de fazer uma pesquisa na religião de matriz africana de forma a evitar equívocos, houve a necessidade de investigar a formação e transmissão de valores no seio da comunidade, delimitando o *lócus.* Este procedimento enriqueceu nossa investigação, visto que, a melhor forma de conhecer o objeto é conferindo seus elementos principais e os adeptos do Candomblé são de suma importância para que conheçamos sua gênese. No campo investigado, o Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, tivemos o conhecimento das principais características do Candomblé, tais como a preservação da tradição oral como ferramenta primordial na transmissão dos preceitos e saberes da religião; a conservação dos valores como respeito e dedicação aos ancestrais, aos mais velhos e à natureza (ligações indissociáveis); mantenimento da cultura afrobrasileira em que as nações são praticadas; o exercício atento da

escuta e da observação para aprender e praticar os fundamentos religiosos, entre outros fatores.

Os conceitos e a fundamentação a partir de AGUIAR (2007), BÂ (2010), BASTIDE (1989), BONVINI (2001), CAPUTO (2012), CONRADO (s/d), GAUDENZI (2008), LUZ (2000), MACHADO (s/d), PRANDI (2001) (2002), PÓVOAS (2007), ROSÁRIO (1989), SANTOS (2010) (s/d), SERRANO e WALDMAN (2007), SETUB (2009), SILVA (2003), SILVEIRA (2004), SIQUEIRA (s/d), SOUZA (2005), VERGER (1997). CASTRO (1981), LIMA (1974), PARÉS (2007), sobre o candomblé, as tradições orais, os valores, ritualística, foram elementos importantes na formação de nosso construto teórico. Conferir os fundamentos teóricos nos deu sustentação para compreender o que estávamos observando no Terreiro: a forma como os saberes e valores são transmitidos, ao que se confirmou na tradição oral, A revisão de literatura possibilitou ter acesso a um conhecimento prévio sobre algumas dimensões do Candomblé.

Para realizar as entrevistas tomamos como referência a metodologia da História Oral dada a sua relevância neste tipo de pesquisa, na qual os sujeitos têm a oportunidade de contar, de revelar e transmitir oralmente o objeto investigado, e como vimos em Portelli, (1997) os relatos orais são fontes importantes para uma pesquisa dessa natureza, em que é dada a oportunidades da fala aos entrevistados, mas que, sobretudo, haja credibilidade por parte do pesquisador ao que está sendo respondido. O processo de escuta dos participantes da pesquisa favoreceu a construção dos documentos compartilhados. Conseguir respostas dos entrevistados para as perguntas requereu muito cuidado e atenção para não ultrapassar os limites exigidos pela ética porque se tratam de lembranças, impressões e experiências de vidas que são compartilhadas pelos sujeitos. Para realizar observações atentas e criteriosas no campo da pesquisa apoiamo-nos em procedimentos inspirados na etnografia.

Escolhemos o método de observação do campo para enriqueceras nossas inferências e indagações e a entrevista semiestruturada como instrumento para coletar informações produzidas oralmente. Foi realizada a interpretação dos dados com base na orientação da análise de conteúdo, sistematizado por categorias elencadas a partir dos significados apresentados pelos entrevistados sobre a importância da oralidade na transmissão de saberes, valores, princípios éticos, religiosos e mágicos no Candomblé Ilê Asé Iji Atí Oyá.

De posse de todas as construções feitas no desenvolvimento do trabalho através de investigações teóricas e práticas de observação em campo, podemos fazer algumas considerações parciais: existe preponderante ação da linguagem oral na transmissão e disseminação do conhecimento no universo investigado; existem valores como respeito e reverência a ancestralidade, aos mais velhos e à natureza; cooperação mútua entre os participantes da religião; valorização e conservação dos preceitos e liturgias, que são objetos identificados na transmissão das mensagens que transitam do grupo estudado.

Pesquisar os conceitos, a geração de valores, bem como as formas de transmissão e perpetuação no Candomblé foi uma tarefa que exigiu cuidado para se despir de estereótipos, de padrões culturais e educacionais engessados. Esta religião tem como forma peculiar uma cosmovisão do mundo cuja crença estabelece relações entre a vida humana com influência e/ou determinações regidas pela presença dos ancestrais divinizados.

É recorrente que a difusão da tradição de oral é uma característica primordial deste agrupamento religioso e é mantida desde a sua constituição no Brasil. em meado do século XVIII. Esta pesquisa no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá, e através de seus membros, entre crianças e adultos, tivemos conhecimento parcial do que envolve a religião Candomblé. Pesquisar a referida religião nos possibilitou enxergar suas peculiaridades, desmistificando o que vem sendo posto ao longo do tempo pela intolerância religiosa, algo que os adeptos do Candomblé combate historicamente, fazendo da religião também um símbolo de resistência contra a opressão da hegemonia branca. As lições construídas na pesquisa foram relevantes e indispensáveis para minha formação enquanto pesquisadora, permitindo-me conhecer aspectos da transmissão religiosa do Candomblé e sua abrangência no tecido social.

REFERÊNCIAS

AGUIAR de, Itamar Pereira. **Do Púlpito ao baquiço: religiões e laços familiares na trama da ocupação do sertão da ressaca.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Faculdade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, 2007.

BAHIA, Secretária de Turismo. SETUB. Superintendência de Serviços Turísticos – Suset. **Turismo Étnico-Afro na Bahia**./ A Secretária – Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2009.

BÂ, Amadou Hampanté. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO Joseph (Editor); **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. – 2. ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70 LDA; Lisboa / Portugal, 1977.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações**. Trad. Maria Eloísa Capelato e Olívia Krähenbühl; 3ª Ed – Livraria Pioneira Editora: São Paulo, 1989.

BONVINI, Emilio. **Tradição Oral Afro-Brasileira: as razões de uma vitalidade** – Projeto História, São Paulo, (22), Jun. 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 27ª edição; Editora Brasiliense; São Paulo, 1992.

BRITO, Gilmário Moreira. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: Inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade**. – São Paulo: Annablume, 2009.

CAMPOS, Daniel Corrêa de. **A análise de conteúdo na pesquisa qualitativa**; In: BAPTISTA, Makilim Nunes & CAMPOS, Daniel Corrêa de. **Metodologias de pesquisas em Ciências: análises quantitativas e qualitativas.** Rio de Janeiro: LTC, 2007.

CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond. **Manual de investigação em ciências sociais**; Tradução de Paulo Minhoto Marques e Maria Amália Mendes; Revisão científica de Rui Santos; Lisboa: Gradiva, 1992.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé.** 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Língua e Nação de Candomblé**. África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP. 4, 1981. Disponível em: www.revistas.usp.br/africa/article/download/90848/93518, em 27/07/17 às 16h52min.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 arte de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva – 3. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. **Simbologia Corporal do Candomblé: um caminho para concepção de corpo na visão afro-brasileira**. In: BOAVENTURA, Edvaldo M. e SILVA, Ana Célia da (Orgs.); **O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador**. – Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação UFBA. s/d.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Web Terreiros d'além-mar: ciberinformatização e transnacionalização das religiões afro-brasileiras**. Salvador: EDUNEB, 2014.

GAUDENZI, José Roberto. **Òrisà uma História**. Salvador: Omar G., 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução Vera Joscelyne. 14 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. – (Coleção Antropologia)

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder; 3ª edição; Editora Paz e Terra; Rio de Janeiro, 1989.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. In: ALBERTI Verena, FERNANDES, Tânia Maria e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.): **História oral: desafios para o século XXI** – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação da história social** – Projeto História. São Paulo. (22), Jun. 2001.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra** – I. 3ª edição; Ed. Publicações Europa-América, 1999.

LIMA, Vivaldo Costa. **Conceito de "Nação" nos Candomblés da Bahia**. Colóquio Negritude ET Amérique Latine, promovido pelo governo do Senegal e UNESCO, em Dacar, de 7 a 15 de Janeiro 1974.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Abebe: a criação de novos valores na educação**. SECNEB; Salvador, 2000.

MACHADO, Vanda. **Projeto Irê Ayó** – Em busca de uma pedagogia nagô. In: BOAVENTURA, Edvaldo M. e SILVA, Ana Célia da (Orgs.); **O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador**. – Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação UFBA. s/d.

MOREIRA, Walter. **Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção**. Janus, Lorena, ano 1, nº 1, 2º semestre de 2004

PARÉS, Luiz Nicolau. A **formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia**. 2ª Ed. rev. – Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. Ilustrações Pedro Rafael; São Paulo; Companhia das Letras, 2001.

_____. **Ifá, o Advinho: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica: Dea Ribeiro Fenelon – Projeto História, São Paulo, (14), Fev. 1997.

_____. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral** – Projeto História, São Paulo, (15), Abr. 1997.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco**. Ilhéus: Editus, 2007.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A Narrativa Africana de expressão oral; transcrita em português**. Lisboa; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Luanda: Angolê, 1989.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu Tempo é Agora**. 2ª edição – Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

_____. **Fé e Cidadania**. In: BOAVENTURA, Edvaldo M. e SILVA, Ana Célia da (Orgs.); **O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador**. – Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação UFBA. s/d.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memórias D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Roberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico; a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Ed. UFRJ, 2003.

SILVEIRA, Marialda Jovita. **A educação pelo silêncio; o feitiço da linguagem no Candomblé**. Ilhéus, BA: Editus, 2004.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **A Força que Anima**. In: BOAVENTURA, Edvaldo M. e SILVA, Ana Célia da (Orgs.); **O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador**. – Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação UFBA. s/d.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiro**. [et. al...]. – Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: fundação Cultural Palmares, 2005.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In: KI-ZERBO Joseph (Editor); **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. – 2.ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás, deuses iorubas na África e no Novo mundo**. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega; 5ª Ed. – Salvador: Corrupio, 1997.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A EKEDI

1 – Quem foi o primeiro Pai de Santo ou a primeira Mãe de Santo do Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá?

R. *O primeiro Pai de Santo, no caso se chamava Oluô, foi o meu pai biológico Domingo Queiroz do Nascimento. Ele já construiu isso aqui na intenção de ser um Terreiro mesmo. Então esse Terreiro foi iniciado por ele, foi primeiro ele, por sucessão minha mãe que coincidentemente quando eles se casaram já era iniciada. Então quando ele faleceu em 91 ela pensou até em deixar o Terreiro só de tradição, e não dar seguimento com portas abertas e tudo, mas o Orixá regente da casa que é Omolú disse que não, que a sucessora seria ela e que desse continuidade ao Terreiro. Como ela já sabia desde quando ela se iniciou com Mãe Senhora no Ilê Axé Opô Afonjá que ela teria o cargo de Ialorixá, então ela veio protelando isso que ela não queria, mas quando o Orixá determinou, ela teve que assumir em 91.*

2 – Seu pai era feito de qual Orixá?

R. *Omolú.*

3 – E sua mãe?

R. *De Iansã.*

4 – Em que ano foi fundado o Terreiro?

R. *Em Agosto de 1937.*

5 – E qual a nação do Terreiro?

R. *É Ketu, a nossa nação é Ketu.*

6 – Qual é o maior compromisso que o Terreiro tem?

R. *Preservar os ancestrais que nos foram agraciados com a vinda deles da África para o Brasil. Então a intenção do Terreiro é preservar essa raiz, não deixar morrer, com as tradições que foram passadas, porque existem pessoas que mudam de vertente, mudam até de nação, mas nós preservamos desde 1937 quando foi fundado.*

7 – E o Cargo que ficou para Mãe Obá, foi desde que ano, quando?

R. *É, oficialmente foi em Janeiro de 2014 porque minha mãe faleceu em Dezembro de 2013. Minha irmã é iniciada pelo mesmo Terreiro que minha mãe foi iniciada, que é o Ilê Axé Opô Afonjá, só que ela é Filha de Santo de Mãe Stella e minha mãe é de Mãe Senhora, a Mãe de Santo de Mãe Stella, no caso minha mãe biológica era Irmã de Santo de Mãe Stella.*

8 – E a senhora foi iniciada aqui no Terreiro Ilê Asé Iji Atí Oyá ou foi em outro Terreiro?

R. *Não. Eu fui iniciada no Terreiro que meu pai estava sendo o sucessor, no Terreiro de Ogunjá, no Baixão e completei as minhas obrigações aqui no Terreiro Ilê Asé Iji Aíi Oyá.*

9 – A partir da Obrigação de que ano? Com quantos anos começam as obrigações para cumprir, de quanto tempo? A primeira Obrigação, por exemplo, foi aqui ou em Ogunjá?

R. *Para ser mais exata, pra sua pesquisa, eu te digo assim, foram pessoas do Terreiro de lá, porém aqui. Com 1 ano de idade, de nascida o meu pai me iniciou, não pelas mãos dele mas por pessoas dele do Terreiro de Ogunjá.*

10 – Então desde 1 ano de idade a senhora já era iniciada como Ekedi?

R. *Sim*

11 – Fale sobre a religião Candomblé, o que é o Candomblé para a senhora?

R. *Para mim, pra resumir tudo, é educação, é cultura, é religião, é amor, é respeito, enfim, é tudo na minha vida e na vida de quem se dedica realmente a essa religião, que é um todo. É preparação, é fortalecimento, é prova de fé, porque Candomblé é uma religião que requer muito sacrifício, você tem que abrir mão de muitas coisas nessa vida, quem se dedica realmente como eu que inclusive moro no Terreiro é uma coisa bem mais forte, positivamente. Apesar de dizerem que é uma religião do diabo, nós criticamos muito isto, primeiro porque o diabo é uma invenção da Igreja Católica e segundo porque o mal está dentro de cada um, a religião não é do mal.*

12 – A senhora poderia dizer qual sacrifício que teve que fazer em prol da religião, mesmo que seja uma coisa positiva, a senhora abriu mão de algo, se é que teve algum sacrifício mesmo por causa da religião?

R. *Não. Para mim não existe sacrifício porque tudo eu faço com muito amor. Então que você pode dizer é assim, você ter determinados limites na sua vida quanto pessoa que mora no Terreiro. Então para mim não é sacrifício, é limite. Por ser direção da casa, aqui é um Terreiro de herança familiar, então isso pesa um pouco mais.*

13 – Quem são ou o que significa os Orixás na vida da senhora especificamente?

R. *Pai, Mãe, Tio, Avô, quer dizer, simbolicamente, porque para mim todos são Pais e todas são Mães.*

14 – Fale sobre a Associação Domingo Queiróz, como surgiu, o porquê, foi uma determinação de algum Orixá ou uma vontade própria da senhora ou de Mãe Obá, como foi?

R. *Não, a Associação, quanto Associação foi uma decisão nossa, eu, minha mãe e minha irmã, porque o trabalho já existia desde 1937, só que não era civilmente registrada, nós transformamos em Associação em 1991 com o falecimento de me pai, que antes ele já fazia todo esse trabalho, só não com o agrupamento das crianças internamente aqui, mas tudo pela comunidade, política publica, construção de igreja no bairro, então tudo isso já era feito dando assistência à comunidade, mas em 91 nós resolvemos transformar em Associação porque nós precisávamos trabalhar com essas crianças internamente, devido à demanda, a necessidade mesmo, de ver se perder muitas crianças do bairro. Aí ela resolveu porque ela já tinha um sonho, na realidade minha mãe tinha um sonho de ter um orfanato, como nós não tínhamos estrutura financeira, física, geográfica pra transformar em um orfanato, então criou a Associação.*

15 – E atualmente a Associação atende quantas crianças, quantos jovens?

R. *Atualmente nós estamos trabalhando com cinquenta crianças, entre crianças e pré-adolescentes e mais a comunidade, mais o aconchego com as famílias, mais proximidade, então esse outro trabalho que é uma vertente, e isso fortalece a intenção dos Orixás que é a caridade, é o amor, é o respeito, é a união. Então a Associação tornou-se um braço do Terreiro que nós na nossa fé, na nossa leitura já sabíamos que um dia a gente iria ter esse trabalho também, que sempre alguma Entidade já nos avisava, como é uma coisa que o dono da casa, Omolú, Orixá Omolú já pratica nas histórias que nós sabemos quanto matéria na África quando eles preexistiram, hoje em dia no Aiyê, então já sabemos que é a prática dele de dar muita comida ao povo, de agregar, unir, reunir, então nós estamos dando seguimento com a Associação.*

16 – Quais são os ensinamentos dados no candomblé?

R. Respeito acima de tudo, amor, união, fé, gratidão e atenção porque se você tem atenção você tem sabedoria.

17 –Em que momento os ensinamentos do candomblé são transmitidos?

R. No Candomblé, especialmente na nossa casa não existe um momento preciso. Algumas coisas a gente até passa, tira dúvidas nos dias de reunião, mas normalmente, por ser uma tradição oral, é no dia a dia, é vivenciando e aprendendo.

18 – De que forma esses ensinamentos são transmitidos? A senhora falou que é uma tradição oral, mas tem alguma forma que seja dada para facilitar, como é necessariamente transmitido?

R. Simplesmente na prática. Com a oral e a prática

19 – E com que prática esses ensinamentos acontecem? A senhora disse que é nas reuniões ou no dia a dia, mas tem especificamente um momento em que tenha essa prática determinada para ser transmitidos os preceitos do candomblé para os novos filhos, os novos integrantes?

R. Como você disse, para os novos integrantes é justamente, um exemplo que eu vou lhe dar bem prático, você chega para a Ialorixá, você não tem intimidade com ela, você dá bom dia ou boa tarde, aí nesse momento vem alguém mais velho que já sabe o ritual qual é, e ensina nesse momento, é coisa que acontece. O Candomblé na maioria é ensinado assim, de acordo com a necessidade do momento, então vem alguém e diz pra você: não, você não dá boa tarde pra Mãe de Santo, você primeiro toma a benção a ela e ensina como pede a benção.

20**–** Então é a ocasião que faz a transmissão de ensinamento acontecer?

R. Perfeito

21 – O que a senhora entende por tradição oral?

R. É, a tradição oral é aquela que é passada hierarquicamente do mais velho para o mais novo e de forma simplesmente oral porque nós não acreditamos em nada que é escrito dos ensinamentos do Candomblé, que está escrito em livros ou na internet.

22 – E a senhora quando sendo iniciada, a senhora disse que foi com 1 ano, mas ao passar da idade quando já tinha conhecimento, teve alguma dificuldade em aprender com a oralidade, sentiu falta de ter um livro, algo para recorrer?

R. Não, não dá, não tem necessidade de sentir falta, de sentir dificuldade na oralidade porque nossos mais velhos estão sempre dispostos a tirar todas as dúvidas que nós temos.

23 – Qual o ensinamento que a senhora considera o mais importante de todos os ensinamentos do candomblé?

R. Respeito e educação.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MÃE OBÁ

1 – Qual idade a senhora tinha quando foi iniciada no Candomblé?

R. 12 anos de idade

2 – Quem é o seu Orixá de Cabeça?

R. Xangô

3 – Em que Terreiro a Senhora foi iniciada e por quem?

R. No Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, que eu fui iniciada por Maria Stella de Azevedo dos Santos, mas conhecida como Mãe Stella de Oxóssi.

4 – Como foi para a senhora receber o cargo de Ialorixá?

R. Foi uma situação que pra mim não era surpresa. Desde quando eu fui iniciada eu sabia e estava sendo preparada duplamente para ter o encontro com o Orixá, para afirmar o Orixá Xangô em minha cabeça e para assumir a responsabilidade de um Terreiro, de cuidar de pessoas, receber mensagens, transmitir mensagens, enfim, dar ajuda a quem precisa, não adivinhar futuro.

5 – Em algum momento, desde quando a senhora soube que estaria sendo preparada para isso, para essa responsabilidade a senhora teve algum receio?

R. Não. Eu sempre fui muito certa do que eu queria, a única coisa que eu pedia a Deus e aos Orixás é que me dessem força, saúde e muita inteligência, porque se você tem tudo isso você consegue se acalmar para a sabedoria chegar e te conduzir até o instante que a gente vai ficar no mundo.

6 – Quais são os ensinamentos dados no Candomblé?

R. Ensinamentos para a vida pessoal, ensinamentos para convivência em comunidade grande, comunidade pequena, família, sexualidade, ensinamentos para viver na rua, desde situações de agregação a situações violentas. O Candomblé é amplo, é a religião mais complexa e completa. Ele está presente da hora que você abre os olhos que é o seu momento do eu puro e verdadeiro, até a hora que você fecha os olhos que é o momento que seu Orixá está velando por você, sem nada lhe pedir, se alimenta apenas da sua respiração, esse é o grande momento.

7 – Em que momento os ensinamentos são transmitidos?

R. No nosso dia a dia, no nosso cotidiano. É uma simples questão de observação muitas vezes. Toda pessoa que entra no Terreiro de Candomblé, você adentrou agora, pode ser para se cuidar, para visitar, apenas por um descuido porque entrou no lugar errado, você entra de um jeito, você já sai de outro, porque se você entrou ali o ar é diferente, a terra é diferente, mesmo que você diga, ô de casa, alguém vai dizer ô de fora você veio a mando de quem? Você diz o que veio fazer, se for negócio no Terreiro você vai resolver ali, se não for, a pessoa vai lhe dizer ao sair Orixá que te acompanhe. Então você entende que na saída

alguém pede para que Orixá zele por você e pelos seus passos na rua, você já aprendeu que não precisa dizer só Deus lhe acompanhe, Orixá também, são deuses filhos do Deus grande maior, não superiores, nunca.

8 – Com base nessa resposta da senhora, tem pessoas até que repudiam, talvez por ignorância, ou por puro preconceito e muitos acham que o Candomblé não é uma religião que admite Deus, que não tem uma fé em um Deus como criador, acham que tem vários deuses sem ter um Deus criador. Como a senhora observa isto?

R. Eu atribuo isso a ignorância, porque ignorância não é só quando você agride fisicamente alguém, brutalmente alguém, a ignorância vem também da falta de conhecimento, da obscuridade do conhecimento X ou Y. Muitas vezes se você for parar pra observar o que o Candomblé sofre hoje é a falta de informação do nosso passado, dos nossos ancestrais, da cultura, da história que foi contada de uma forma completamente diferente. Creio eu, que como Ialorixá Deus é negro e não branco. Quem foi o homem que escreveu a bíblia? Um homem como eu, sou mulher, mas digo homem pelo fato de está falando na língua portuguesa, não estou falando yorubá que é a língua que eu aprendi, um homem como você. Por isso que nossa religião tem a oralidade. Deus, Deus é amor, é alegria, é respeito, é igualdade, tem uma partícula dele dentro do meu coração, dentro do seu. Quem é o diabo? É a energia que lhe faz agredir, ferir, ultrapassar, suspeitar. Todas essas energias estão dentro do nosso coração. Os Orixás são deuses que entram no nosso corpo, então eles trazem o lado bom e o lado ruim.

9 – De que forma são transmitidos os ensinamentos do Candomblé?

R. Justamente como eu havia dito antes a você, no nosso dia a dia, no nosso cotidiano e quando a pessoa diz o sim para o Orixá através ou do jogo de búzios ou de uma manifestação no corpo físico de uma pessoa, porque não é obrigado todo mundo receber Orixá, a possessão, receber significa ter a possessão, existem pessoas que não têm a possessão mas o Orixá está de junto, tá vivo, tá presente. O que seria do Terreiro de Candomblé se não tivesse diversidade, tem que ter essa mudança. Então, o que é que acontece? Cada um filho de santo tem a sua posição na casa de Candomblé, mas todos iniciaram algum momento, naquela chegada, como a gente os ensinamentos do dia a dia nós temos em alguns momentos, quando a pessoa já tem a maioridade, é como se nós tivéssemos um momento mais fechado para que aquela pessoa aprenda junto com os mais velhos, cuidar dos mais novos.

10 – E tudo com base mesmo na tradição oral, não há outra forma?

R. Não, não. É tradição oral, até porque nós de Candomblé, viemos de senzala e principalmente daqui de Salvador, eu não estou falando do mundo, África, Nigéria, outro continente, estou falando daqui de Salvador, Bahia, Engenho Velho de Brotas, como viemos de senzala, eram os escravos que estavam com aquela resistência para que a religião não acabasse, então eles trabalhavam de dia para o meu senhor e de noite eles cultuavam os Orixás. Quando havia a necessidade de recolher um negro, 'meu senhor ele está doente, está com uma cólera, meu senhor ele está doente está com malária', era uma forma de criar uma mentirinha, uma falsa verdade para que o senhor tivesse medo de encostar naquele escravo, que era o período de resguardo de 21 dias que passava, depois aquele negro voltava pra civilização com os cabelos cortados, o que houve? Meu senhor ele ficou curado e teve que raspar porque ele tinha piolho, tudo mentira, ele tinha tido um encontro com o Orixá, pra ter esse encontro com o Orixá é preciso ter o recolhimento e como meu senhor não iria liberar

para isso então tinha que inventar doenças e fazer o altar de Santo Antônio, Santa Bárbara, São Roque, e embaixo Ogum, Oxóssi, Ossain e Orixás mais independentes como Iroko, Tempo era um Orixá da natureza, num canto bem misterioso e muitas vezes com segredos completamente secretos, diferentes de tudo que a gente ver hoje, que naquela época o senhor de engenho passava ou a senhora e não imaginavam que ali tinha um assentamento. Então, tempos modernos, hoje, 2018, pelo ao menos no meu Terreiro essa tradição continua oral, não tem porque escrever, não tem porque ter filmagem, tem que conservar a oralidade. Naquela época não existia filmagem, não existia, era assim que era feito, porque vamos fazer tão diferente? Vamos deixar sim o que a natureza nos oferece, que hoje temos, eu considero assim "vultos" da nossa pátria, pessoa que inventou luz, que descobriu a luz elétrica através do estudo, que inventou o avião, facilita a nossa vida, mas dentro do axé, dentro do quarto do santo não existe luxo, conservamos tudo da forma primitiva, você é testemunha disso, é a oralidade que chama o Orixá, a gente oferece o amalá de Xangô, quando a gente faz o santo é com a nossa voz, é a voz rouca, é a voz torta, é a voz bonita, é a voz feia, não importa, Orixá vem pelo encanto e não pelo luxo.

11 – A senhora teve alguma dificuldade para aprender os ensinamentos do Candomblé devido a sua forma de transmissão?

R. Não, porque acho que a oralidade é a melhor forma de passar o conhecimento. Nossa bíblia é o nosso conhecimento. Nós trazemos um pouco do que aprendemos na nossa casa e quando chegamos na casa de Candomblé, a gente percebe que tem muita coisa parecida, como, exemplo, o agô significa licença e na casa da gente aprende isso. Então eu não tive dificuldades. Prefiro a oralidade porque a gente segura dentro do possível o conhecimento, do que livros, porque livros cada autor escreve o que interpreta e Candomblé não é escrito, Candomblé é vivido, é sentido, é mistério, é magia, é perfeição. Por que perfeição? Porque Orixá é perfeito, imperfeitos somos nós que não compreendemos muitas vezes as mensagens que são trazidas, questionamos, choramos, ficamos alegres, detestamos algumas coisas, então nós não somos perfeitos, eles sim. Muitas vezes tem pessoas que são iniciadas, saem da religião e dizem não sou mais de tal Orixá, engano, bobagem, o Orixá acompanha a gente até o momento da passagem, a gente é que quando não quer mais, aí se desfaz deles mentalmente, a energia que você não pode colocar uma fita métrica, numa balança impossível você mandar nela.

12 – A senhora teve alguma dificuldade em aprender os ensinamentos do candomblé, com base nessa oralidade?

R. Não. Não tive dificuldade porque eu sabia que teria que ser desde iniciada. Então eu entrei menina, como dizem virgem de corpo e alma para o meu Orixá.

13 – O que é a tradição oral para a senhora?

R. É tudo. É começo, é o meio e é o fim. Quando uma pessoa de Candomblé dorme para o sono eterno nesse período na eternidade, nós estamos vivos, presentes e lúcidos, e nós cantamos para que aquela pessoa desperte para o mundo dentro daquela morada.

14– Tem até um ritual para isto?

R. É com um canto, é oralidade, não pode ser outra coisa, é o que eu disse a você, começo, meio e fim.

15 – Houve alguma situação dentro do Terreiro que a senhora considere como desafiadora para uma Ialorixá?

R. Sim. Se você permite dizer não só uma, várias. A questão da intolerância religiosa, a questão da dificuldade de alfabetização porque nem todo mundo no Terreiro é alfabetizado, pelo fato de ser uma religião que deixa portas abertas, então você recebe pessoas de vários níveis. Outra dificuldade, a aceitação dos órgãos públicos, então são diversos desafios, se eu fosse te enumerar todos nós iríamos amanhecer o dia, então eu estou enumerando, pelo ao menos os principais, que a gente vive isso sempre.

16 – E pessoalmente, em relação a senhora, houve alguma situação por conta desse preconceito em relação ao Candomblé, alguma situação com a senhora que tivesse que se conter ou brigar?

R. Sim. Pelo fato de ser mulher, de ser negra, de ser uma mulher acima do peso e pelo fato de eu pensar além do meu tempo, minhas propostas muitas vezes assustam. Tive embates sim, bastante, devido à minha simplicidade, por tudo isso que falei e a minha simplicidade. Uma vez eu estava aqui no Terreiro, era um dia que não tinha uma obrigação para todos, era apensas a minha obrigação do dia a dia e eu estava aí no barracão sentada com a Ekedi que é minha irmã, com a saia de Candomblé e uma conta de Oxum fina, um robe, porque aqui é minha casa, não tinha nenhum cliente para atender, eu não tinha que fazer nenhuma obrigação de santo e o barracão é a sala de visita do Orixá, se eu sou filha de Orixá eu tenho o direito de sentar nele. Então eu estava conversando com a Ekedi, e chegou um vendedor. Ekedi tinha saído, eu estava sozinha ele virou para mim e fez assim: eu quero falar com alguém daqui do Terreiro, mas porque que ele falou isso? Porque eu estava simples, estava como estou aqui nesse momento. As pessoas de fora imaginam que Candomblé você tem que está glamorosa 24 horas. Folclore. Mas alguns adereços têm a hora típica pra serem usadas. Nós mulheres de Candomblé não somos animais de estimação para serem apreciados num zoológico. Nós somos mulheres de axé.

17 – Dentro de tudo que a senhora viveu, de tudo que a senhora vem vivendo desde iniciação, sendo criada no Candomblé e dando continuidade a este Terreiro que é de família, tradicionalmente da sua família, qual o ensinamento que a senhora considera mais importante do Candomblé?

R. O respeito ao próximo. É a base de tudo.

18 – E qual é o compromisso deste Terreiro no mundo, na vida, qual é o compromisso do Ilê Asé Iji Atí Oyá?

R. O compromisso daqui é agregação e resistência.

19 – O que é o Candomblé para a senhora?

R. É tudo. É minha vida. Eu fui gerada no ventre de Oyá, porque minha mãe biológica é de Iansã e Mãe Stella é a mãe espiritual, é a segunda. Candomblé é tudo na minha vida, é a minha vida, eu nasci para ser de Candomblé. Quantas vezes eu vier vou dizer ao Orixá que eu quero ser de Candomblé e ser filha de Xangô e ser mulher. Me completa. Eu visto roupa social, mas eu me sinto bem com roupa de Candomblé.

20 – Em algum momento na infância, na adolescência ou nessa fase adulta a senhora pensou, fez uma reflexão, tipo, o que é que eu estou fazendo no Candomblé?

R. Sim. Isso é o meu dia a dia, quando eu acordo de manhã, é a minha vida, porque é tudo para mim, porque eu sou grata e a gratidão tem que ser eterna. Eu me pergunto todos os dias e a resposta é a gratidão e além da gratidão, o que eu todos os dias me pergunto e ao mesmo tempo eu pergunto ao Orixá será que eu estou conseguindo evoluir tanto quanto eu me comprometi quando deixei o orum, quando fui tirada do ayê para vir pra cá? Se eu não estiver evoluindo o suficiente que Nanã me traga sabedoria necessária pra evoluir cada vez mais de manhã, de tarde, de noite, de madrugada até respirando quando estiver dormindo. Isso eu falo sempre.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM IAÔ DE OXÓSSI

1 – Em que Terreiro a senhora foi iniciada e por quem?

R. No Ilê Asé Iji Atí Oyá pela Ialorixá Vanda de Oyá

2 – Qual é o seu Orixá de cabeça?

R. É Oxóssi

3 – Como foi a sua entrada no Candomblé? Já era de família ou foi espontâneo que a senhora quis conhecer?

R. De família já existe, mas o pessoal não quis saber, não sei por que. Porque o pessoal passa uma imagem para a gente, para mim passaram uma imagem que Candomblé matava galinha, que chupava o sangue, que botava, que matava, e não é nada disso. Quando eu entrei foi totalmente diferente do que passaram para mim. E entrei tarde, porque se eu entrasse cedo, Ave Maria, era uma maravilha para mim e de onde eu sou, os demais eu não posso responder, mas eu entrar teve muito empecilho, muito empecilho para eu entrar por parte do meu finado pai, ele não aceitava, então como eu já era de maior não tinha nada que me impedisse e eu nem era de Candomblé, eu frequentava uma mesa branca, eu estava com um Caboclo, eu estava sentada e do nada ele me puxou e disse a mim, ninguém aqui sabia, eu não conhecia o pessoal porque eu tinha medo, aí ele fez assim: você não é de mesa branca, você é de dendê, você é do azeite, eu nem conhecia, nem sabia por onde iria, mas não saio, não tenho o que dizer. Todo o meu povo de quando eu entrei sempre me acolheu e me acolhe até hoje, porque se não fosse o Candomblé hoje eu era uma alcoólatra.

4 – Então, além de uma religião, como todas as religiões que trazem um beneficio aos seus adeptos, o Candomblé teve também esse papel na sua vida?

R. Com certeza! De me resgatar das cinzas e me resgatou.

5 – Quais são os ensinamentos do Candomblé?

R. Os ensinamentos dados do Candomblé eu vou falar pela vida cotidiana. Eu acho que se resume numa palavra só: amor ao próximo. É ajudar, é respeitar. Eu só tive ensinamentos bons, então eu ajo durante o dia, durante o tempo da minha vida eu vou fazendo o que me ensinaram aqui tanto de seita como de vida, não tenho muito o que dizer porque são coisas boas. Apesar de ter gente que diz que Candomblé é isso ou aquilo, mas é totalmente diferente do que o pessoal diz, são só ensinamentos bons. Se puder ajudar não atrapalhe, sempre dando uma palavra de conforto, 'calma, Deus e os Orixás sempre sabem tudo na hora certa, sem alvoroço, você vai conseguir, o caminho tá estreito, mas vamos correr, vamos ver onde é que está, onde não está.' Não se faz nada de matar fulano, não existe isso. É ajudar ao próximo, ajudar a quem precisa e cuidar de quem queira ser ajudado também, porque as vezes tá precisando de ajuda, mas depende do querer dele, se ele não quiser a gente não pode pegar pelo braço e venha.

6 – Em que momento esses ensinamentos são transmitidos no Candomblé?

R. A todo momento da minha vida. É todo momento, no cotidiano. Em toda a minha vida e de sempre ajudar o próximo. Tudo, tudo é no cotidiano e eu levo o que aprendi aqui.

7 – De que forma são transmitidos esses ensinamentos?

R. É na prática mesmo. 'Olhe você não pode passar um pano de chão aqui por causa disso'. Tudo é no cotidiano, tudo o que eu aprendi aqui é no cotidiano, tudo foi ali no conhecimento, eu olhando, no exemplo, 'aquela vassoura não pode ficar ali', agora eu vou saber porque que ela não pode, aí eu perguntava, quando eu entrei eu disse porque que não pode vestir preto, já que tem orixá que pega um pouquinho de preto? 'porque tal Orixá não pode comer isso?'. Tudo isso eu fui olhando, perguntando, observando, eu nem sabia de quem eu era, aí tudo eu olhava observava e perguntava: Ekedi porque isso? Mãe Obá porque isso? Minha Mãe me tire uma dúvida, por que isso? Porque eu não posso comer caranguejo que é aranhola? 'Ó minha filha é por causa disso', ela aí me ensinava, então tudo isso aí eu fui pegando. Daí, quando eu soube quem eu era, coisas que eu não posso comer, que eu não posso, então, ali eu já vinha aprendendo, já vinha me educando pra quando agora depois de feita, tem coisas que eu me limito. Tem coisa que eu não posso comer, então aquele cardápio eu deixo, não vou contra a lei desde quando eu fui ensinada assim. Então eu vou sempre perguntando.

8 – O que você entende por tradição oral?

R. É bom, pra tirar as dúvidas, é bom.

9 – Você teve alguma dificuldade em aprender os ensinamentos do Candomblé a partir dessa prática da oralidade?

R. Não. Não precisei de nada. Não tive dificuldade nenhuma, foi aprendizado mesmo durante o dia a dia e tirando as dúvidas e sempre perguntando.

10 – Qual foi o ensinamento que você considera mais importante do Candomblé? O que o Candomblé te ensinou que você pode dizer que foi o mais importante e que leva pra sua vida?

R. Respeito. Respeitar. Sem respeito não há nada, sem respeito não se vive, sem respeitar o outro. Da minha vida toda é o respeito.

11 – O que você poderia dizer do seu Orixá que você percebe uma característica sua, ou não tem?

R. Tem. Eu sou rígida, ou é 8 ou 80. É muito organizado, muito observador, invocado, eu tenho isso. Agora também gaiata, já não é a parte dele, já é parte de outro Orixá que eu tenho um pezinho lá também, Xangô. Ele gosta muito de alegria.

12 – Então você poderia dizer assim, que sua vida é movida por esses Orixás e o Candomblé ou não?

R. Com certeza. Com certeza, eu não vivo sem de jeito nenhum. Se eu soubesse que era essa maravilha eu já tinha entrado. Eu disse a mainha, ô mainha por que a senhora já na barriga não tinha me feito. Eu já me encontrava aqui e tava tudo certo. Não me arrependo de forma alguma, não é porque eu entrei e se eu não entrasse iria ser alcoólatra não, é porque eu gostei. Não saio de jeito nenhum, só depois de morta. Ave Maria. Só não comi caviar porque

não come, só come comida africana. Para mim é uma maravilha, não tenho o que dizer. Agora tem pessoas que não tiveram a oportunidade que eu tive com minha Mãe. Eu sou discriminada o tempo todo, não estou nem aí, não vou deixar de usar a minha bela conta dia de quinta-feira, do meu Pai ou qualquer uma outra que eu vier usar, boto bem ela de frente. Sou muito discriminada principalmente pelos parentes, por minha tia.

13 – Foi difícil no inicio lidar com isso, como foi para poder lidar e hoje poder se assumir e dizer uso minha conta, estou feliz?

R. Foi muito difícil, mas nunca desisti. Teve muita rejeição de minha família. 'isso é coisa do satanás'. Então eu digo aos que criticam e não conhecem que venham conhecer, pelo ao menos que venha conhecer, que a nossa religião é a completa, é a mais completa é religião Candomblé, é a religião completa, não tem outra.

14 – Você diz completa em que sentido?

R. Em tudo. De ajudar, de tudo, em tudo, engloba tudo. Em várias coisas, tudo, educação, saúde, a da gente é completa, não tem outra igual a da gente não, não tem mesmo, tudo é nessa religião, eu não tenho muito o que dizer não, é só nosso premio.

15 – A quem você atribui ou a o que você atribui essa sua força de ter resistido a discriminação e a rejeição?

R. Quanto mais eles falavam mais eu seguia. Se eu estou viva é graças ao Candomblé, graças a Deus primeiramente que é o criador e aos Orixás eu tô viva.

16 – Então eu poderia dizer que pelo fato de estar conhecendo e vendo melhoras na sua vida era o que te fazia continuar?

R. Sim, exatamente. Em minha vida o Candomblé. Eu sei que se um dia eu sair, que eu não vou, eu sei que não vai ter sentido, nunca pensei assim, vou me matar, não. Pensei muito em desistir, mas depois eu disse não, eu tenho um pai maravilhoso, ele está olhando e vai olhar por mim, está vendo até onde vai a minha resistência, está vendo até onde vai a minha paciência, e até onde vai a fé nele e eu tenho muita. Mas meu Pai Oxóssi, Ave Maria, é um Orixá complacente, todos, mas o amor é o que fica né, o dono da cabeça. Candomblé hoje é a minha vida, não tem outra, e quando eu não era nunca fui pra igreja nenhuma, ia pra católica com minha mãe. Tudo na vida tem um porque e eu meu sentido é o Candomblé.

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ABIÃDE IEMANJÁ

1 – Qual é o seu Orixá de cabeça?

R. Iemanjá

2 – Você já é feita ou a iniciação ainda não foi concretizada?

R. Não. Eu sou oborizada ainda, que é um dos passos que damos para poder ter a iniciação de feitura.

3 – Você fazia parte de algum outro Terreiro ou sempre fez parte do Ilê Asé Iji Atí Oyá?

R. Não. Sempre desde pequena que minha mãe, na verdade minha mãe biológica e minhas tias já foram daqui. Por destino de vida não são mais. Então eu vim desde adolescente para aqui como aluna do Projeto Social que exerce aqui no Terreiro e acabei ficando. Então devido a rotina do dia a dia acabei me apegando a religião, gostei do aprendizado, das informações que passavam, das obrigações, dos preceitos e aí acabei gostando e comecei a me interessar. Tive meu primeiro passo de iniciação que são coisas pequenas, tipo limpeza, essas coisas, e me interessei em dar mais um passo que foi dar o meu borí.

4 – Quais são os ensinamentos dados no Candomblé?

R. Primeiro é o respeito pela Ialorixá e pelos demais que estão ali, pelas autoridades, a cultura, saber respeitar o limite dos Orixás, saber o valor que tem a espiritualidade e o respeito também entre si, entre os irmãos, aquele carinho, aquele respeito de está ali no dia a dia acompanhando o passo a passo. É isso que a gente aprende.

5 – Quando você fala em cultura, é especificamente que cultura?

R. A cultura de saber, a africana, porque a brasileira no dia a dia a gente sabe, é mais a parte africana, saber pra que serve cada Orixá, saber quais são as comidas de cada Orixá, como a gente deve saudar eles, todas essas informações.

6 – Em que momento esses ensinamentos são transmitidos?

R. Assim, eu considero todos os dias, porque agora não muito, mas eu já passei tempo de ficar aqui todos os dias, então a gente, cada dia vai aprendendo muito mais. É um pegar de um copo, é uma varrida, a gente vai aprendendo cada dia que passa no dia a dia, a gente vai aprendendo, mesmo que não esteja cultuando o Orixá naquele momento, mas a gente por está no Terreiro, então vai aprendendo.

7 – De que forma esses ensinamentos são transmitidos?

R. Basicamente assim, ela fala a Ialorixá, transmite para a gente a informação e a gente ali vai procurando praticar. Se houver algum erro, alguma coisa desse tipo ela de novo repete, reforça, tira as dúvidas para que a gente aprenda de forma correta de ouvir e de pronunciar também até para outras pessoas. Na observação e no exemplo.

8 – Com que prática esses ensinamentos acontecem?

R. Como eu falei são todos os dias. Mas tem os dias que tem as obrigações. Porque aqui no Terreiro tem obrigação praticamente o ano todo, então são as segundas e quartas que tem um ritual para o Orixá e aí nesse ritual acaba tendo o ensinamento.

9 – O que você entende por tradição oral?

R. O que eu entendo de tradição oral é que se ela não transmitir para a gente a informação oralmente, a gente não vai ter aquele aprendizado porque a gente não pode adivinhar que aquela folha serve para um banho pra fortalecer seu Orixá, a gente não pode adivinhar, então é ela que transmite essa informação pra gente, 'ó essa folha serve para isso, essa água serve para aquilo, esse azeite é pra tal' entendeu? Então eu creio que seja dessa forma.

10 – Você teve dificuldades de aprender os ensinamentos do Candomblé a partir da tradição oral?

R. Muito. Tive porque assim, a linguagem africana é totalmente diferente do nosso português. Então muitas coisas eu ainda fico muito perdida pela linguagem, até porque eu sou muito dispersa, não vou mentir, então é complicado, é juntar algumas letras, associar, um exemplo, Adupé quer dizer obrigado, entendeu? Então frases totalmente diferentes que você às vezes fala obrigado, desde quando você tem que trabalhar a linguagem africana.

11 – Então a dificuldade foi mais pela questão da língua africana e não por ser transmissão oral?

R. Não por ser oral, era mais pela linguagem mesmo, africana.

12 – Tem que seguir a língua da nação Ketu?

R. Na verdade nem é só o Ketu, porque assim, somos Ketu, mas a gente tem que aprender um pouco de cada nação, de cada doutrina, a gente tem que saber. Isso não é nem por saber, é questão de cultura, é questão de você ter um aprendizado a mais. Porque Terreiro quando tem alguma festividade acaba misturando várias nações, várias pessoas, então você tem que saber receber, por exemplo, tem que saber cumprimentá-la, você não falar, um exemplo, obrigada, ela vai está aqui você tem que saber responder em yorubá, tem que saber a nação dela pra responder no que ela aprendeu também, entendeu? É a minha visão.

13 – Qual é o ensinamento do Candomblé que você considera mais importante e que você leva para a sua vida?

R. O respeito ao Orixá. Eu acho que foi o mais fantástico, é o respeito, você se dedicar, ter aquele carinho, respeitar a sua religião. Então eu acho que o respeito foi mais forte. E eu digo não só pelo Orixá entendeu? Mas pelo seu Terreiro, foi o que eu mais me identifiquei.

14 – E você poderia dizer que existe alguma característica em você que seja especifica, típica, que associa ao seu Orixá que é Iemanjá ou não? Você percebe isso?

R. Sim, percebo. Porque assim, eu sou muito grata por ser do santo que sou, Iemanjá, que Iemanjá é mãe, então eu tenho esse dom. Infelizmente eu ainda não sou mãe, eu não tenho filho, mas eu tenho esse dom de família, de gostar de criança, de cuidar da criança, não gosto que maltrate, entendeu? Então eu acho que essa qualidade é a que mais se parece, se

remete ao Orixá, essa parte de ser mãe, ser família, cuidadora. Iemanjá sempre cuidou de seus filhos, sempre foi mãe, então eu acho que é a única coisa que eu me identifiquei.

15 – Você teve alguma resistência por parte de alguém ao se iniciar? Porque sua família já era daqui, você teve alguma resistência de alguém ou não, ou você resistiu em algum momento?

R. Resistência a gente sempre teve, porque na nossa família nem todo mundo é do Candomblé. E assim, minha tia que me criou, ela era do Candomblé e teve decepções da vida, por ela mesma, e acabou tendo aquelas ilusões, virou evangélica e aí começou a me influenciar, obvio. E aí assim, eu tive aquela resistência, e eu disse não, é cada um no seu cada um, a senhora escolheu e eu escolhi a minha até porque eu já sou maior de idade, a senhora me criou, ela me criou, foi minha mãe adotiva, então já cresci, eu já entendo o que é certo e o que é errado, já sei me defender um pouco. Então eu tive sim essa resistência, tenho até hoje por ela ser evangélica, eu tenho até hoje, mas continuo resistindo.

16 – O que é o Candomblé na sua vida?

R. Tudo. Tudo, tudo. Porque assim, eu estudava Testemunha de Jeová e como eu falei desde o inicio eu não era do Candomblé, não gostava de Candomblé, frequentava a Associação, mas não tinha muito apego. Mas devido ao dia a dia você acaba tendo outras ilusões, até muita gente fala uma coisa, fala outra. E você no dia a dia não, então assim, como eu falei, Candomblé, Orixá, para mim é tudo, tudo, tudo. Hoje em dia eu defendo minha religião com todas as forças.

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE IEMANJÁ (CRIANÇA)

1 – O que você aprende no terreiro de candomblé, com os ensinamentos do axé, da religião durante as obrigações?

R. Aprendi que quando a gente tá no barracão, que tá tendo obrigação, a gente precisa ter cuidado com o próximo no barracão, ter cuidado com os Orixás, é isso.

2 – Está sendo fácil para você aprender os ensinamentos do candomblé?

R. Mais ou menos

3 – Então teve algum ensinamento que você sentiu dificuldades, especificamente teve algum que você sentiu dificuldades em aprender?

R. sim

4 – Qual foi?

R. É, na hora que tava ali no barracão, eu tive dificuldade na hora que teve o santo assim, sabe? Na hora que tinha que colocar ali o amalá, essas coisas, eu tive um pouco de dificuldade, só.

5 – E essa dificuldade que você disse que teve na hora do barracão com o santo demorou muito para você aprender, como foi?

R. Mais ou menos

6 – Você pode explicar?

R. Demorou só um pouquinho, só esse tiquinho aqui. rs.

7 – E quando você sentiu essa dificuldade pediu ajuda, você falou pra alguém ou você não quis falar pra ninguém, como foi?

R. Falei pra minha mãe e ela me falou, me explicou

8 – Qual é o momento mais especial no Terreiro para você?

R. É,"peraê", rs. Na hora do barracão

9 – No barracão, mas que momento específico você acha mais especial no barracão?

R. É, na hora que tocam os atabaques

10 – O que você sente? Alguma sensação que você tem nesse momento que tocam os atabaques?

R. É, parece que tem alguma coisa assim dentro de mim, vibrando assim.

11 – O que você aprendeu de mais importante no Terreiro?

R. Éter cuidado com o próximo.

12 – E o que você aprendeu no Terreiro que você pratica mesmo quando está fora do Terreiro, seja em casa, na escola, em outros locais, na sua vida em geral?

R. Candomblé.

13 – Em relação à educação que você recebe no Terreiro, o que você acha que é parecido com a que você recebe em casa, na escola?

R. A mesma educação que eu recebo aqui, eu recebo em casa.

14 – E qual seria essa educação, um exemplo que você pudesse dizer?

R. Respeitar o mais velho, respeitar o irmão, os tios, os outros da rua. Respeitar é ter educação.

15 – Você teve alguma dificuldade em aprender os ensinamentos do Candomblé sem ter livros, só apenas com a prática da fala oral e da observação?

R. Não, não tive nenhuma dificuldade.

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE OXALÁ (CRIANÇA)

1 – O que você aprende no Terreiro durante as obrigações?

R. Pedir licença.

2 – Pedir licença a quem?

R. É... pode falar tia D'Oxum? (pede permissão pra Ekedi do Terreiro) Assim, quando peço agô é licença, pra tudo.

3 – Está sendo fácil para você aprender os ensinamentos do candomblé?

R. Sim.

4 – Para você, então, desde o primeiro momento não houve dificuldades, está sendo fácil?

R. No começo sim.

5 – No começo, então se você teve dificuldade na hora dos ensinamentos, como foi, qual foi o ensinamento que você teve mais dificuldades?

R. Estou com vergonha de falar. (pausa) Dançar a dança do Candomblé.

6 – Quando você teve essa dificuldade pediu ajuda pra alguém, como foi?

R. Eu ficava com vergonha de pedir ajuda no começo.

7 – Você teve vergonha no começo, mas depois você aprendeu, ficou mais tranquilo ou continuou com dificuldade?

R. Continuo.

8 – Qual é o momento mais especial no Terreiro para você?

R. Pode responder? É quando os Erês vêm.

9 – Você pode dizer por que gosta mais desse momento com os Erês?

R. Porque eu brinco com eles. rs.

10 – O que você aprendeu de mais importante no Terreiro?

R. Respeitar a todos, respeitar todo mundo, o próximo, em geral.

11 – E o que você aprendeu no Terreiro que você pratica mesmo quando está fora do Terreiro, seja em casa, na escola, em outros locais, na sua vida em geral?

R. Percussão.

12 – E já teve algum momento de você praticar a percussão fora do Terreiro?

R. Sim, na Associação da minha rua, na Santa Luzia.

13 – Você pode dizer que a educação que você recebe aqui no Terreiro é a que você recebe em casa ou na escola, que é parecida ou que é diferente?

R. Rezar nas horas das refeições.

14 – E essa educação que você recebeu aqui, tinha em casa e na escola ou você aprendeu aqui?

R. Não, é só aqui. Rezar na hora da refeição.

15 – Você teve alguma dificuldade em aprender os ensinamentos do Candomblé sem ter livros, só apenas com a prática do ensino oral e da observação?

R. Não

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE NANÃ (CRIANÇA)

1 – O que você aprende no Terreiro durante as obrigações?

R. Que não pode ficar olhando para o rosto do Orixá.

2 – Está sendo fácil para você aprender os ensinamentos do Candomblé?

R. Está.

3 – Você falou de um dos ensinamentos que é não poder olhar para o rosto dos Orixás. Você teve curiosidade em saber por que não pode, e perguntou?

R. Não.

4 – Tem algum ensinamento que é dado no Candomblé que você teve dificuldades para aprender?

R. Mais ou menos

5 – Você pode explicar qual foi esse ensinamento ou se foi mais de um?

R. Me arrumar e o momento certo de pedir a benção.

6 – E por que foram mais difíceis para você o momento de se arrumar e o momento certo de pedir a benção?

R. O de arrumar, na hora que bota o pano do peito, o laço, e a hora de pedir a benção eu não sabia qual era a hora certa de pedir a benção.

7 – Quando você teve essas dificuldades pediu ajuda pra alguém ou comentou com alguém do Terreiro?

R. Sim.

8 – E ficou mais fácil?

R. Aí ficou mais ou menos fácil.

9 – E hoje você ainda sente essas dificuldades ou ficou melhor?

R. Não. Ficou melhor.

10 – Qual é o momento mais especial no Terreiro para você?

R. Na hora que toca para os Ibejis.

11 – O que é tocar pra Ibejis?

R. Tocar para os Erês. Cantar pra Ibejis é na hora que os Erês vêm.

12 – O que você sente na hora que toca para os Ibejis, e quando os Erês vêm, pode explicar?

R. Eu sinto uma alegria no corpo.

13 – O que você aprendeu de mais importante no Terreiro que você pratica mesmo quando está fora do Terreiro, seja em casa, na escola, em outros locais, na sua vida em geral?

R. Respeitar os mais velhos.

14 – Qual a educação que o Terreiro lhe deu que você acha que é igual ou diferente da educação de casa e da escola?

R. Eu oferecia ao próximo as minhas coisas, antes de comer eu oferecia, é como eu faço aqui no terreiro.

15 – Então seria a educação que você vê que é a mesma de casa que o Terreiro também te educou é oferecer comida, ajudar a alimentar ao próximo?

R. É, sim.

16 – E na escola você tinha?

R. Não.

17 – Você teve alguma dificuldade em aprender os ensinamentos do Candomblé sem ter livros, só apenas com a prática da fala oral e da observação?

R. Não. Eu não tive nenhuma dificuldade.

APÊNDICE H – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ERÊ DE XANGÔ (CRIANÇA)

1 – O que você aprende no Terreiro durante as obrigações?

R. É, um exemplo quando o Orixá tá dançando no momento da festa da obrigação é, você abaixa a cabeça, e bota a mão assim em sinal de respeito. (mostra com gesto como faz com as mãos)

2 – E todos os momentos de obrigação têm essa prática ou é ou de vez em quando?

R. Não, só nos momentos das festas.

3 – Quando os Orixás chegam?

R. Isso.

4 – Está sendo fácil para você aprender os ensinamentos do candomblé?

R. Sim. Estou nesse terreiro desde pequena, há muito tempo, então eu tenho uma certa facilidade.

5 – Você tinha que idade mais ou menos quando começou, você lembra?

R. Quatro anos.

6 – E desde aquele momento com quatro anos de idade, até agora, você com onze anos, teve algum ensinamento que você teve alguma dificuldade?

R. Dificuldade? Não. Em aprender os ensinamentos não tive dificuldades não.

7 – Qual é o momento mais especial no Terreiro para você?

R. Tem vários. rs.

8 – Pode dizer quantos você quiser.

R. É na hora da Mesa Fria quando os Erês chegam.

9 – Mesa Fria? É o que?

R. É uma obrigação um dia depois da festa da obrigação em que os Erês chegam. E gosto também quando os Orixás estão dançando, é uma coisa tão boa, é uma energia de uma harmonia, sabe? Quando a gente tá dançando na roda, nós mesmo, quando toca pra Ibeji, é muito bom, eu amo.

10 – São os momentos que você mais gosta?

R. Sim. (a entrevistada gesticula como se tivesse mais algum momento a relatar)

11 – Tem mais algum momento que você queira falar?

R. Também quando toca pra Xangô.

12 – Especialmente pra Xangô é um momento que você gosta por quê?

R. Porque ele é o meu Orixá, da minha cabeça, eu amo ele. Me orgulho de mais de Xangô.

13 – O que você aprendeu de mais importante no Terreiro?

R. De mais importante, (pausa) é, o respeito, que é uma coisa que eu já pratico lá fora né. Respeito, respeito ao mais velho, respeito ao próximo, ao irmão.

14 – Você falou do seu Orixá de cabeça, o Orixá Xangô. Poderia dizer uma característica desse Orixá que você percebe em você ou que você se espelha nele?

R. Eu não gosto de injustiça, não gosto de injustiça. (enfatiza) É uma característica que eu tenho do Orixá que é o dono da justiça.

15 – O que você aprendeu no Terreiro, você até já respondeu, mas que pudesse exemplificar, que você pratica fora dele, em casa, na escola, na rua, em geral?

R. Fora o respeito, eu pratico a justiça. Tipo, se eu vejo que uma pessoa injustiçada, que ela tá sendo acusada de alguma coisa que ela não fez eu vou lá e defendo. Ou tipo se a pessoa está me acusando de uma coisa que eu não fiz eu vou provo, vou até pra provar que eu não fiz aquilo.

16 – A educação existe no mundo inteiro, mas a educação que você recebe no Terreiro, você considera que é parecida com a que você recebe em casa, na escola, ou tem alguma diferença, complementa uma à outra, você poderia explicar?

R. É, parecida, é com a educação que a gente recebe em casa, a obediência, quando a gente oferece todas as refeições, regras, regulamentos, etc.

17 – É uma educação que você vê no Terreiro, que é próxima a que você tem em casa e na escola, ou é diferente da escola, por exemplo?

R. Algumas são parecidas com o colégio sim.

18 – Qual seria o mais próximo, que você vê no Terreiro, em casa e na escola que é bem parecido?

R. A obediência.

19 – Você teve alguma dificuldade em aprender os ensinamentos do Candomblé sem ter livros, só apenas com a prática da fala oral e da observação?

R. Não. Não tive nenhuma dificuldade.

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tradições Orais do Candomblé: constituintes da construção e difusão dos saberes e valores ancestrais.

Pesquisador: JANAINA BASTOS ALVES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78075717.3.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.520.247

Apresentação do Projeto:

Submissão de Projeto de discente do Programa de Pós-graduação Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), nível mestrado.

A pesquisa pretende "[...] analisar as tradições orais constitutivas do Candomblé e sua predominância na transmissão, construção e difusão de saberes e conhecimentos dos ancestrais divinizados. A pesquisa objetiva problematizar através de analise os procedimentos de educação e formação de valores que são construídos através da oralidade, bem como conferir o conjunto ritualístico, os preceitos, e a forma como os adeptos da referida religião aprendem a viver do axé."

Portanto, o campo de pesquisa é uma Comunidade Terreiro de Candomblé, denominado: Ilê Asé Iji Ati Oyá.

Conforme foi destacado no Projeto de Pesquisa, encaminhado conforme arquivo: "PROJETOPESQUISA.doc", a Questão de pesquisa é: "O não reconhecimento das práticas e vivências dentro do Candomblé, que favorecem a construção de valores e que podem contribuir para o processo de educação dos indivíduos.."

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Nas Informações Básicas do Projeto o universo de pesquisa foi limitado a um grupo de 8 participantes e no detalhamento das intervenções de entrevistas e observação foram destacados somente 4 adultos e 4 Crianças como participantes.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos destacados no projeto de pesquisa encaminhado conforme arquivo "PROJETOPESQUISA.doc" e no texto constante das Informações Básicas do Projeto, lemos:

"Objetivo Primário: Analisar as tradições orais como um instrumento de construção e transmissão de saberes e de valores nas religiões de matrizes africanas.

Objetivo Secundário:

Identificar estudos sobre tradições orais, saberes e valores no Candomblé; investigar como as tradições orais presentes no Candomblé atua [sic] no processo educativo e de construção dos saberes; Identificar os ensinamentos dos ancestrais Ketu compartilhados entre a comunidade de Terreiro de Candomblé e analisar como os valores e saberes são mediados e assimilados pelos adeptos do Candomblé."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O texto que está nas Informações Básicas do Projeto que consta da submissão destaca :

"Os riscos que estão identificados na construção do trabalho é exatamente no teor e qualidade e forma da interferência que vamos ter dentro da comunidade investigada. O nível de interferência foi previamente analisado e a forma em que faremos as observações e questionamentos é sempre no intuito de ser o menos invasivo possível, considerando as rotinas e modus operandi [sic] de uma comunidade que tem seus ritos e práticas cristalizadas e definidas. Por ser uma religião historicamente discriminada e estigmatizada pode causar constrangimento e desconforto aos sujeitos da pesquisa durante as observações e entrevista. Por esse motivo, tentaremos ser o máximo possível cautelosos e discretos nas nossas abordagens, inclusive para não interferir na rotina do lócus. Teremos o cuidado de não fazer questionamentos sobre a vida intima ou que venha constranger os sujeitos da pesquisa, com lembranças que cause sofrimento ou tristeza, nem que os exponha a uma situação desconfortável. Nossa presença no lócus coleta apenas dados e informações sobre as tradições orais como instrumento de transmissão dos saberes e conhecimentos difundidos no Candomblé entre seus participantes e como se processa a educação

e formação de valores da religião."

Ao que parece, apesar de longa exposição, a equipe pesquisadora pensou nos riscos de suas ações de pesquisa e estão conforme a Resolução CSN 466/2012: "Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados." Apesar de não constar no texto das Informações Básicas do Projeto, os riscos foram pesados e constam dos TCLEs e do Termo de Assentimento Para o Menor Participante.

Recomendamos a leitura das resoluções 466/2012 e 510/2016 para basear a análise mais criteriosa de riscos, desconfortos e constrangimentos, apesar de às presentes no TCLE para adultos e no Termo de Assentimento já estarem de acordo com os requisitos mínimos, mas conforme alertamos uma análise criteriosa de todos os riscos, desconfortos e constrangimentos em todas as fases da pesquisa, assim como formas de minimizá-los protege muito mais a equipe de pesquisa de futuras ações e questionamentos.
Repetimos que apesar de já existir uma análise inicial de riscos que consta dos documentos já citados, nunca é demais tomar cuidados com os participantes das pesquisas protegendo também a equipe de eventuais processos.
O TCLE contém uma boa apresentação, bem resumida, apresenta riscos além dos inscritos nas Informações Básicas do Projeto, já relatados, assim como previu formas básicas de saná-los. Acrescenta no texto dos Benefícios para a comunidade terreiro dos desdobramentos da pesquisa.
O Termo de Assentimento do menor foi escrito em linguagem clara e adequada para utilização com crianças. Em seu texto são encontrados os riscos e formas de minimizá-los. Apresenta Benefícios para a comunidade terreiro.
O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis pelos menores contém em seu texto formas de minimizar os riscos das ações de pesquisa.

Benefícios:
Nas Informações Básicas do Projeto existe uma avaliação dos benefícios:
"Contribuir com o reconhecimento do Candomblé como instituição religiosa que educa e forma valores humanos, e que propaga o legado cultural e religioso de matriz africana. Espera-se como resultado do estudo pretendido, contribuir na percepção e visão positiva a cerca do Candomblé, revelando sua participação relevante na educação e formação de valores dos seus adeptos, a partir das tradições orais pertinentes na própria religião, com base nos saberes e valores ancestrais,

contribuindo para a superação de preconceitos e intolerâncias que têm vitimado a referida religião ao longo dos tempos."

Portanto, os benefícios destacados atendem as normativas, que preveem como benefícios de uma pesquisa contribuir para a melhoria da atividade estudada de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade fim. Podemos inferir do texto benefícios para o campo científico ou área foco principal da pesquisa, atendendo as resoluções 466/2012 e 510/2016.

Critérios de Inclusão e Exclusão
Os critérios de inclusão foram detalhados no arquivo "CARTARESPOSTA.pdf" e após análise acreditamos que não firam os princípios preconizados pelo CONEP de democratização de escolha.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Pesquisa relevante e exequível.

A pesquisadora apresenta um projeto reelaborado nesta nova submissão bastante conciso e não segue o padrão sugerido pelo Comitê de Ética da UNEB, porém isso não comprometeu à compreensão das ações de pesquisa.

A pesquisa será uma ótima contribuição para a academia sobre os processos formativos presentes nas Comunidades Terreiros e como os conhecimentos tradicionais transmitidos podem levar para uma apropriação de conhecimentos na educação formal. O desvendamento desse processo poderá ser muito útil para inserção de pessoas muitas vezes abandonados nos sistemas formais de educação, mas que trazem conhecimentos importantes para a sociedade que poderia se beneficia com isso.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável, encaminhado conforme arquivo: COMPROMISSOPESQUISADOR.pdf, apresenta texto padrão conforme modelo do CEP/UNEB, foi assinado pela autora do projeto e, como se trata de um projeto de Mestrado, foi também assinado pelo orientador, responsável acadêmico institucional pela execução do projeto.

Termo de autorização da instituição proponente, encaminhado conforme arquivo:

TERMOAUTINSTITUCIONAL.jpg, apresenta texto padrão e obedece as recomendações de elaboração em papel timbrado da unidade acadêmica onde será desenvolvido o projeto.

Termo de autorização das Instituições coparticipantes, encaminhado conforme arquivo: TIPART.jpg, apresenta texto padrão, não obedece as recomendações de elaboração em papel timbrado da instituição parceira do projeto, porém conforme justificativa da equipe, a Comunidade Terreiro não dispõe desse tipo de material impresso.

Termo de concessão, não foi encontrado na submissão, porém não existem informações nos documentos que atestem sua necessidade.

Termo de confidencialidade, encaminhado conforme arquivo TERMOCONFIDENCIALIDADE.jpg. Apresenta texto padrão conforme modelo do CEP/UNEB, obedece as recomendações de elaboração em papel timbrado da unidade acadêmica onde será desenvolvido o projeto, somente alertamos que o compromisso de guardar os formulários e qualquer outro documento gerado em uma pesquisa, deve sempre ficar a cargo institucional, que pode ser representada pelo orientador e nunca pelo aluno, cuja vinculação na universidade é somente no período ao qual está ligado ao curso.

Termo de Compromisso para Coleta de Dados em Arquivos, não foram encontrados indícios da necessidade desse termo.

Folha de rosto, encaminhado conforme arquivo: FOLHADEROSTO.pdf. Segue o padrão.

Termo de Concordância com o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa, encaminhado conforme arquivo DECLCONCORD.jpg. Apresenta texto padrão conforme modelo do CEP/UNEB, obedece as recomendações de elaboração em papel timbrado da unidade acadêmica onde será desenvolvido o projeto;

Projeto de pesquisa, encaminhado conforme arquivo PROJETOPESQUISA.doc. Não foi apresentado conforme padrão do CEP/UNEB, porém a falta das partes não comprometeu a compreensão da pesquisa e sua execução. Foi encaminhado o arquivo ENTREVISTASEMIESTRUTURADA.doc contendo roteiro de Entrevistas com adultos e crianças.

O Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser utilizado com ADULTOS, apresenta riscos além dos inscritos nas Informações Básicas do Projeto, já relatados, assim como previu formas de minimizá-los.

O Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser utilizado com PAIS DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES, apresenta riscos além dos inscritos nas Informações Básicas do Projeto, já relatados.

O Modelo do Termo de ASSENTIMENTO para ser utilizado com CRIANÇAS E ADOLESCENTES, apresenta riscos já relatados, assim como previu formas de minimizá-los.

Recomendações:
Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:
Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Continuação do Parecer: 2.520.247

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_874563.pdf	04/12/2017 12:20:02		Aceito
Outros	ENTREVISTASEMIESTRUTURADA.doc	04/12/2017 12:19:18	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPAIS.docx	04/12/2017 12:13:50	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	CARTARESPOSTA.pdf	04/12/2017 12:00:54	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	COMPROMISSOPESQUISADOR.pdf	04/12/2017 12:00:04	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODEASSENTIMENTODOMENOR.docx	04/12/2017 11:59:37	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEADULTO.docx	04/12/2017 11:59:12	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPESQUISA.doc	04/12/2017 11:58:46	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	04/12/2017 11:56:08	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MEMORIAL.doc	29/09/2017 14:39:18	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMOAUTINSTITUCIONAL.jpg	29/09/2017 14:31:41	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLCONCORD.jpg	29/09/2017 14:30:27	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMOCONFIDENCIALIDADE.jpg	29/09/2017 14:29:47	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TIPART.jpg	29/09/2017 14:28:42	JANAINA BASTOS ALVES	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

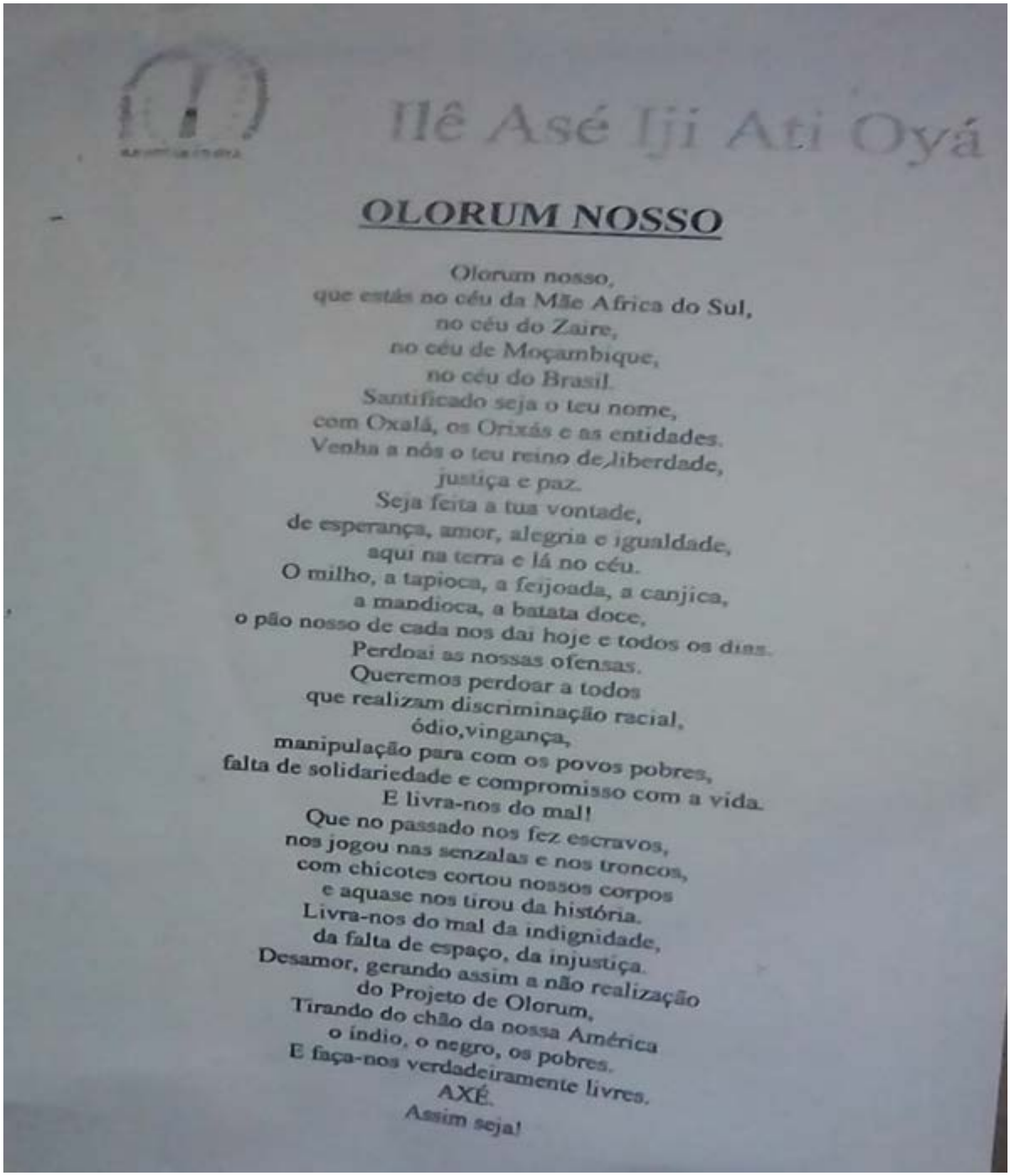
Não

SALVADOR, 01 de Março de 2018

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

ANEXO 2 – ORAÇÃO FEITA NO TERREIRO



Ilê Asé Iji Ati Oyá

OLORUM NOSSO

Olorum nosso,
que estás no céu da Mãe Africa do Sul,
no céu do Zaire,
no céu de Moçambique,
no céu do Brasil.
Santificado seja o teu nome,
com Oxalá, os Orixás e as entidades.
Venha a nós o teu reino de liberdade,
justiça e paz.
Seja feita a tua vontade,
de esperança, amor, alegria e igualdade,
aqui na terra e lá no céu.
O milho, a tapioca, a feijoada, a canjica,
a mandioca, a batata doce,
o pão nosso de cada nos dai hoje e todos os dias.
Perdoai as nossas ofensas.
Queremos perdoar a todos
que realizam discriminação racial,
ódio,vingança,
manipulação para com os povos pobres,
falta de solidariedade e compromisso com a vida.
E livra-nos do mal!
Que no passado nos fez escravos,
nos jogou nas senzalas e nos troncos,
com chicotes cortou nossos corpos
e aquase nos tirou da história.
Livra-nos do mal da indignidade,
da falta de espaço, da injustiça.
Desamor, gerando assim a não realização
do Projeto de Olorum,
Tirando do chão da nossa América
o índio, o negro, os pobres.
E faça-nos verdadeiramente livres.
AXÉ.
Assim seja!